

**UNIVERSIDADE ESTADAL DE CAMPINAS – UNICAMP**

**INSTITUTO DE ARTES**

Mestrado em Multimeios

**O DISCURSO GOLPISTA NOS DOCUMENTÁRIOS DE  
JEAN MANZON PARA O IPÊS (1962/1963)**

MARCOS CORRÊA

Campinas – 2005

**UNIVERSIDADE ESTADAL DE CAMPINAS – UNICAMP**

**INSTITUTO DE ARTES**

Mestrado em Multimeios

**O DISCURSO GOLPISTA NOS DOCUMENTÁRIOS DE  
JEAN MANZON PARA O IPÊS (1962/1963)**

MARCOS CORRÊA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em  
Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP  
como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Multimeios sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>  
Dr.<sup>a</sup> SHEILA SCHVARZMAN

Campinas - 2005

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA

*BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP*

*Bibliotecário: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283*

C817d

Corrêa, Marcos.

O discurso golpista nos documentários de Jean Manzon para o IPÊS (1962/1963) / Marcos Corrêa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador: Sheila Schvarzman.

**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.**

1. Manzon, Jean. 2. Documentário (Cinema).
3. Golpes de estado - Brasil. I. Schvarzman, Sheila.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes.  
III. Título.

Tradução do título e subtítulo da tese em inglês: The coupe discourse in the documentaries from Jean Manzon to IPÊS (1962/1963).

Palavras-chave em inglês (Keywords): Manzon, Jean, Documentary films, Coup d'etat – Brazil.

Área de concentração: Multimeios.

Titulação: Mestre em Multimeios.

Banca examinadora: Sheila Schvarzman, Nuno César Pereira de Abreu, Márcia Mansour D'Aléssio, Antonio Carlos Amâncio da Silva, Etienne Ghislain Samain.

Data da defesa: 26-08-2005.

Às minhas MÃES

Matamba,

Ruth,

Dango,

Jaunde

# AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Sheila Schvarzman, pela orientação, paciência e ajuda sempre constante nas diversas idas e vindas deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Fernão Ramos e Prof. Dr. Marcius Freire pelo apoio e ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Etienne Samain, igualmente pelos ensinamentos, mas sobretudo pelo carinho.

Ao amigo Aquiles Lazarrotto pelo incentivo e confiança.

À jornalista Denise Assis, pelas primeiras discussões.

Ao historiador Edson Luiz Nars pela cessão de documentos inéditos que compõe este trabalho.

Ao IRMÃO Francisco das Chagas Fernandes Santiago Junior, por horas de discussões e caminhadas.

Ao Alberto José Vieira Pacheco pela confiança, apoio e companheirismo.

Aos amigos e colegas pelo carinho.

A Márcia Regina Corrêa e meu sobrinho Kalyel Corrêa Gomes.

À família Inzo Musambo Hongolo Menha pelos ensinamentos e apoio espiritual.

Aos Mikisi.

# RESUMO

Nesta dissertação, buscamos estudar nos documentários financiados pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS inúmeras referências ao momento histórico e político no qual esses documentários surgem: o período anterior ao Golpe Militar de março de 1964. Esses documentários foram realizados por Jean Manzon e carregam características tanto do realizador quanto dos financiadores (que durante o período era feito principalmente pela iniciativa privada).

Representando principalmente os interesses dos setores industriais, o IPÊS utilizou seus documentários como forma de realizar a propaganda de suas atividades. Nesse sentido, enxergamos na produção do Instituto não apenas referências às suas principais teses, mas a conformação de uma imagem idealizada do Brasil. Essa imagem, idealizada em conjunto com as características da produção cinematográfica de Jean Manzon, deu materialidade ao pensamento do Instituto, apesar de não referenciar diretamente suas principais atividades.

# ABSTRACT

In this text, we seek to study in documentary sponsored for the Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS. innumerable references to the historical moment and politician in which these sets of documents appear: the previous period to the Military Blow of March of 1964. These documentaries had been carried through by Jean Manzon and in such a way load characteristics of the producer how much of the financiers (that during the period it was made mainly for the private initiative). Mainly representing the interests of the industrial sectors, the IPÊS has used yours documentary as form to carry through the propaganda of its activities. In this direction, we not see in the production of the Institute only references to its main thesis, but the conformation of a idealized image of Brazil. This image, idealized in set with the characteristics of the cinematographic production of Jean Manzon, has gave materiality to the thought of the Institute, although don't to refere to its main activities directly.

# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>01</b> |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 1</b>   |           |
| <b>CONFLITOS E FRONTEIRAS: INSTITUIÇÕES, GOLPE E FILMES</b>             | <b>07</b> |
| 1.1 O INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS SOCIAIS – IPÊS                    | 09        |
| 1.1.1 O que (foi) o IPÊS  | 12        |
| 1.1.2 Os grupos de pesquisa e ação                                      | 21        |
| 1.2 NO MEIO DO CAMINHO, OS FILMES                                       | 24        |
| 1.2.1 Os caminhos, os documentos e a “encomenda”                        | 28        |
| 1.2.2 Um duplo destino: cinemas e <i>boulevards</i>                     | 36        |
| 1.2.2.1 Pequeno público: empresários e industriais                      | 37        |
| 1.2.2.2 O grande público  | 42        |
| 1.3 O GÊNERO DOCUMENTÁRIO   | 44        |
| 1.3.1 Política e propaganda: a possível definição de um padrão estético | 50        |
| 1.3.2 A propaganda política no Brasil                                   | 56        |
| 1.4 JEAN MANZON E AS IMAGENS DE UM BRASIL URGENTE                       | 61        |
| 1.4.1 Do público ao privado   | 64        |
| 1.4.2 A conformação de uma sintaxe oficial                              | 66        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b>   |           |
| <b>PRA FRENTE BRASIL (BLOCO TRANSPORTE)</b>                             | <b>71</b> |
| 2.1 PORTOS PARALÍTICOS: A CONDUÇÃO PARA O PROGRESSO                     | 76        |
| 2.1.1 Em águas salgadas   | 79        |
| 2.1.2 O exemplo privado   | 83        |
| 2.2 A VIDA MARÍTIMA   | 85        |

|  |            |
|--|------------|
| 2.2.1 Uma classe privilegiada                                      | 88         |
| 2.2.2 O coletivo e o particular: a terra e o mar                   | 91         |
| 2.3 HISTÓRIA DE UM MAQUINISTA                                      | 96         |
| 2.3.1 Uma companhia exemplar                                       | 99         |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO 3</b>  |            |
| <b>SOBRE OS MALES DA NAÇÃO (PROBLEAS SOCIAIS)</b>                  | <b>105</b> |
| 3.1 DEIXEM O ESTUDANTE ESTUDAR                                     | 107        |
| 3.2 NORDESTE PROBLEMA NUMERO UM: UM PERSONAGEM EM<br>TRANSFORMAÇÃO | 113        |
| 3.2.1 Água, retorno e transformação                                | 117        |
| 3.2.2 A polarização das idéias                                     | 120        |
| 3.3 DEPENDE DE MIM   | 124        |
| 3.3.1 A imagem do trabalhador                                      | 127        |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO 4</b>  |            |
| <b>A NECESSIDADE DE SE PENSAR O BRASIL (AÇÃO SOCIAL)</b>           | <b>133</b> |
| 4.1 O IPÊS É O SEGUINTE  | 135        |
| 4.1.1 A questão da representatividade                              | 138        |
| 4.2 O QUE É O IPÊS   | 143        |
| 3.2.1 Imagens da liberdade   | 144        |
| 4.3 CONCEITO DE EMPRESA  | 149        |
| <br>   |            |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>155</b> |
| <br>   |            |
| <b>BILIOGRAFIA</b>   | <b>161</b> |
| <br>   |            |
| <b>ANEXOS</b>  | <b>167</b> |

## Lista de Figuras

|              |          |
|--------------|----------|
| Fig. 01      | Pág. 78  |
| Fig. 02 e 03 | Pág. 80  |
| Fig. 04 e 05 | Pág. 82  |
| Fig. 06 e 07 | Pág. 84  |
| Fig. 08 e 09 | Pág. 86  |
| Fig. 10 e 11 | Pág. 90  |
| Fig. 12 e 13 | Pág. 95  |
| Fig. 14      | Pág. 97  |
| Fig. 15 a 18 | Pág. 98  |
| Fig. 19 a 24 | Pág. 101 |
| Fig. 25 e 26 | Pág. 112 |
| Fig. 27      | Pág. 114 |
| Fig. 28 e 29 | Pág. 116 |
| Fig. 30      | Pág. 118 |
| Fig. 31      | Pág. 119 |
| Fig. 32      | Pág. 125 |
| Fig. 33 a 35 | Pág. 126 |
| Fig. 36      | Pág. 127 |
| Fig. 37 a 42 | Pág. 129 |
| Fig. 43 a 48 | Pág. 131 |
| Fig. 49      | Pág. 137 |
| Fig. 50 e 51 | Pág. 139 |
| Fig. 52 e 53 | Pág. 140 |
| Fig. 54      | Pág. 141 |
| Fig. 55 e 56 | Pág. 142 |
| Fig. 57 a 60 | Pág. 147 |
| Fig. 61      | Pág. 149 |
| Fig. 62      | Pág. 153 |
| Fig. 63      | Pág. 154 |
| Fig. 64      | Pág. 185 |
| Fig. 65      | Pág. 186 |
| Fig. 66      | Pág. 187 |
| Fig. 67      | Pág. 188 |
| Fig. 68      | Pág. 195 |
| Fig. 69      | Pág. 196 |
| Fig. 70      | Pág. 197 |

|          |          |
|----------|----------|
| Fig. 71  | Pág. 229 |
| Fig. 72  | Pág. 230 |
| Fig. 73  | Pág. 231 |
| Fig. 74  | Pág. 232 |
| Fig. 75  | Pág. 233 |
| Fig. 76  | Pág. 234 |
| Fig. 77  | Pág. 235 |
| Fig. 78  | Pág. 239 |
| Fig. 79  | Pág. 240 |
| Fig. 80  | Pág. 243 |
| Fig. 81  | Pág. 244 |
| Fig. 82  | Pág. 245 |
| Fig. 83  | Pág. 246 |
| Fig. 84  | Pág. 247 |
| Fig. 85  | Pág. 251 |
| Fig. 86  | Pág. 252 |
| Fig. 87  | Pág. 255 |
| Fig. 88  | Pág. 259 |
| Fig. 89  | Pág. 263 |
| Fig. 90  | Pág. 267 |
| Fig. 91  | Pág. 271 |
| Fig. 92  | Pág. 272 |
| Fig. 93  | Pág. 273 |
| Fig. 94  | Pág. 274 |
| Fig. 95  | Pág. 277 |
| Fig. 96  | Pág. 281 |
| Fig. 97  | Pág. 282 |
| Fig. 98  | Pág. 285 |
| Fig. 99  | Pág. 286 |
| Fig. 100 | Pág. 289 |
| Fig. 101 | Pág. 290 |

# INTRODUÇÃO

**E**ntre fevereiro e junho de 2000, enquanto assessorávamos o ex-deputado Gilney Viana pela Assembléia Legislativa de Mato Grosso, fomos convidados por sua esposa, Iara Xavier, para organizar alguns documentos que compunham sua biblioteca. Além dos livros, dedicados em grande parte à política e aos movimentos sociais, inúmeras pastas divididas por cores: azul, vermelho e amarelo. Essas pastas continham informações sobre os processos de indenização pagos pelo governo federal às famílias dos mortos e desaparecidos políticos durante o regime militar instalado em março de 1964. Bandeira pessoal de inúmeros intelectuais e políticos ligados aos movimentos de esquerda como o parlamentar e sua esposa<sup>1</sup>, as indenizações eram também resultado de uma longa batalha judicial travada pelos familiares desses desaparecidos e entidades representativas dos direitos humanos.

Nossa incumbência era organizar todos essas pastas, revendo, em cada processo, os documentos enviados pelos familiares das vítimas e verificar possíveis falhas e ausências. A organização das pastas em cores seguia um protocolo específico e pessoal, mas tinha a característica de facilitar o acesso aos processos deferidos (azuis), indeferidos (amarelas) e em curso (vermelhas). Cada uma com suas dores e gritos silenciosos que também nos contundiam. Inúmeras vezes

---

<sup>1</sup> Gilney Viana foi preso político por aproximadamente dez anos. Iara Xavier teve um irmão e o marido assassinados durante o regime militar.

tivemos que fechar a pasta de Iuri Xavier, ou de Carlos Mariguela, em busca de outra que pudesse ser mais amena ou menos traumática.

O nosso contato efetivo com o regime não havia sido tão forte quanto com o resultado dele contra os seus opositores. Em nossa memória, talvez, como resultado imediato das atividades militares, restaram apenas as aulas de filosofia, sociologia e educação moral e cívica que freqüentamos na escola militar.

Este trabalho reflete uma paixão e um incômodo. A primeira é o trato com a realização de vídeos. Desde a nossa saída da faculdade de comunicação social, aventuramo-nos na produção de vídeos documentário e ficção. Como realizações pontuadas para financiadores específicos, ou por iniciativa própria, esses vídeos constituíam um contato permanente com a produção profissional, apesar de, no período, não refletirmos detidamente sobre a mesma.

O segundo é o incômodo gerado pelo trato com o regime militar. O trabalho com a ditadura militar nasce exatamente das feridas abertas pelos inúmeros arquivos de pessoas que “desapareceram” durante esse período. Esse incômodo nos levava sempre a pesquisar sobre o tema até que, em 2001, nos deparamos com os documentos do IPÊS e com a sua produção fílmica. Depositados no Arquivo Nacional em 1972 os documentos do IPÊS, apesar de mutilados pelo seu depositante, o general João José Baptista Tubino<sup>2</sup>, tinham em mãos a inúmeros documentos, quatorze filmes em 35 mm. realizados pelo cineasta Jean Manzon. Foi sobre esses documentários que realizamos nosso trabalho.

Nosso projeto inicial propunha estudar unicamente os documentários realizados pela Jean Manzon Films para o IPÊS que constituía o universo documental da Instituição. Essa opção se mostrava necessária efetivamente pelo

---

<sup>2</sup> Em dezembro de 2004, realizamos entrevista com o Senhor Domício da Gama, ex-funcionário do IPÊS Guanabara, no qual o mesmo afirmou ter “selecionado” junto com o general, os documentos que seriam doados ao Arquivo Nacional. Na ocasião ele entregou cópia de um documento do Instituto, registrado em cartório no ano de 2002 reconhecendo sua autenticidade, que dizia ser do seu arquivo pessoal. Entrevista ao autor, dezembro, 2004.

interesse em correlacionar o discurso político do IPÊS com as asserções realizadas nos documentários. A efetiva análise desses documentários levou em consideração também o fato de eles não terem sido abordados em nenhuma análise anterior nem sobre o período e nem sobre as realizações da Jean Manzon Films. Ademais, a existência de cópias desses filmes unicamente na produtora (cujas atividades haviam sido encerradas um ano antes do início desta pesquisa) e nos documentos do IPÊS, nos aguçaram a necessidade de obter informações sobre os mesmos<sup>3</sup>.

Entretanto, a proposta de enxergar na produção do IPÊS somente o seu próprio discurso, articulando os estudos sobre suas atividades e os documentários, não se mostrava profícua. Compreendemos a produção dos documentários ipesianos não a partir de um processo de encomenda/prestação de serviço onde o produtor apenas colabora com a formatação das idéias propostas pelos financiadores. Manzon foi o que poderíamos considerar o “publicitário” das idéias defendidas pelo Instituto. A forma como os documentários foram realizados, a dinâmica de sua encomenda e a interferência pontual do Instituto, como apontaremos adiante, dão a dimensão da importância adquirida pelo produtor na realização dos filmes da Instituição. Desse modo, não compreenderemos o discurso do IPÊS e o discurso de Jean Manzon em separado, mas sim a partir de uma simbiose impossível de ser discernida dada a convergência do pensamento de ambos.

A realização dos documentários seguia apenas as linhas mestras gerais fornecidas pelo Instituto. Manzon tinha liberdade total na elaboração dos roteiros e na conformação da narrativa. Nesse sentido, recorreremos aos estudos que pudessem ampliar nossas análises sobre sua atuação como cineasta, uma vez que o acesso aos documentos da produtora tornou-se inviável. Essas informações foram

---

<sup>3</sup> Dos títulos disponíveis na Cinemateca Brasileira com produção ou direção de Jean Manzon, não encontramos nenhum dos títulos produzidos para o IPÊS.

fundamentais para compreender as características principais da linguagem adotada pela produtora e como seus interesses se casaram com os do IPÊS.

Entretanto, foi no mergulho nos documentos do Instituto que verificamos um uso singular dos documentários realizados pela Jean Manzon Films. Dessa forma, a proposição inicial deste trabalho em correlacionar o discurso político com o discurso fílmico foi adicionada de informações acerca da produção dos filmes, sua distribuição e utilização como instrumento de propaganda de suas atividades.

Este trabalho se divide em duas partes. Na primeira, a preocupação em mapear o caminho das realizações fílmicas do Instituto nos levou a percorrer também os caminhos do seu produtor e a utilização dos mesmos. Buscamos correlacionar, na história do Instituto e de Jean Manzon, a importância de suas atividades e de seus interesses e de que modo esses interesses se refletiam nos documentários realizados entre os anos de 1962 e 1963. Esse percurso foi delimitado a partir da recorrência aos documentos primários da Instituição. Também procuramos delimitar a importância da utilização dos documentários como um instrumento específico de estado na realização do que consideramos como “propaganda política”.

Na segunda parte, que engloba os três últimos capítulos, buscamos analisar, sob o ângulo dos filmes, o conturbado período político e social pré-golpe militar que vai da renúncia de Jânio Quadros a deposição de João Goulart da presidência. Partindo dos discursos e dos assuntos abordados nos filmes, que caracterizamos como golpista, dividimos os documentários por blocos de assunto. Sobre cada um deles, procuramos contemplar, elementos narrativos que pudessem refletir os principais pontos do discurso político da Instituição.

Nesse sentido, os blocos “Pra Frente Brasil”, “Sobre os males da nação” e “A necessidade de se pensar o Brasil”, fazem referência às principais teses defendidas pelo Instituto quanto ao seu papel no período. Eles solidificam a imagem de um

Brasil sempre moderno, excluem a presença de diversos problemas sociais vividos pelo país e pintam para as elites as cores de um país inexistente. A preocupação não está apenas em inserir a iniciativa privada na vanguarda do processo de crescimento do país. Antes de serem filmes que refletem a atuação de um grupo político com a condução do país, esses filmes refletem também o discurso de uma classe preocupada com a perpetuação de sua importância econômica e política.

# CAPÍTULO 1

## CONFLITOS E FRONTEIRAS:

### INSTITUIÇÕES, FILMES E GOLPE

No dia 11 de outubro de 1962 o Cine Rian, em Copacabana, Rio de Janeiro, exibia o filme *O Destino me persegue* (*The President's Lady*, 1953), dirigido por Henry Levin. No filme, Charlton Heston interpretava o papel de Andrew Jackson, presidente dos Estados Unidos entre os anos 1928/1936, casado com uma ex-prostituta, interpretada por Susan Hayward. O longa-metragem hollywoodiano seguiu sua trajetória de exibição pelo país e solidificou, um pouco mais, a imagem das estrelas que o protagonizavam. Entretanto, sua projeção cumpria uma função muito maior.

Como era de praxe no período, todos os cinemas do país exibiam, por conta do Decreto n.º 21.240 de quatro de abril de 1932, um filme de curta-metragem filmado, “revelado e copiado no país”. Desse modo, os frequentadores do Cine Rian que compraram seus ingressos para assistir ao filme hollywoodiano

assistiram também o filme *Nordeste problema número um*; um filme feito no Brasil sob encomenda de uma instituição chamada IPÊS.

Criado no ano de 1962 o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS surgiu devido à renúncia de Jânio Quadros em 1961. Sua origem está ligada às relações econômicas estabelecidas durante o surto desenvolvimentista da administração de Juscelino Kubitschek quando a economia nacional, como aponta René Armand Dreifuss (1981, 162), passando por experiências empresariais de caráter transnacional, mudou definitivamente seu caráter. A instituição surgiu como instrumento de ação política de empresários nacionais, ligados aos interesses do capital internacional, políticos, profissionais liberais e oficiais militares.

O IPÊS buscava consolidar o papel da iniciativa privada e elaborar estudos de viabilidade para investimentos financeiros. Tendo por base esse princípio, suas ações iam desde o financiamento de instituições educacionais, à realização de programas televisivos e filmes documentários. Essas atividades eram implementadas através da atuação do empresariado e do apelo a instituições como a família e a igreja.

Os filmes realizados pelo Instituto, treze curtas-metragem de oito a quinze minutos de duração, foram idealizados a partir da necessidade de se implementar instrumentos de propaganda política destinados não unicamente às massas, mas especialmente para a ordenação de suas ações políticas. O cinema foi escolhido para permitir a ampla divulgação de seus ideais, uma vez o alcance do cinema superava, conforme aponta Luiz Fernando Santoro (1981, p. 135), a TV<sup>4</sup>.

Esses filmes estabelecem uma relação particular com o as teses defendidas pelo IPÊS e com o período político da década de 1960. Buscavam o consentimento de sua classe e da população em geral para a implementação de suas demandas.

---

<sup>4</sup> SANTORO, Luiz Fernando. Tendências populistas na TV Brasileira ou As escassas possibilidades de acesso às antenas. In.: MELO, José Marques de (Coord.). **III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981.

Entretanto, para compreender o processo de realização dos documentários ipesianos precisamos entender como o Instituto surge no cenário nacional, ao que se propõe e como suas ações se contrapuseram a outros ideários em curso em um dos períodos mais significativos da história nacional: aquele que vai do seu surgimento à concretização do golpe de março de 1964.

## 1.1 O INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS SOCIAIS – IPÊS

Para entender o significado da realização dos documentários ipesianos, os temas, formas e assuntos abordados, é necessário retomar alguns aspectos da trajetória nacional a partir da década de 1940.

É entendimento comum que os embates políticos da década de 1960 refletem, em maior ou menor grau, os eventos que acompanharam a democracia brasileira desde a deposição de Getúlio Vargas em 1945. Segundo Jorge Ferreira (2003, p. 303), com a deposição de Getúlio Vargas em outubro de 1945, interrompe-se um ciclo, iniciado ao longo da década de 1930, no qual o Estado, fomentando políticas públicas de desenvolvimento e modernização, possibilitou a formação de uma burocracia estatal técnica, industrialização, ampliação da legislação protetora das relações de trabalho, e a valorização de uma estética “nacional”, que transformaram os valores e a percepção da sociedade daquele período<sup>5</sup>. Esses aspectos, entretanto, estavam inseridos num estado autoritário que reprimiu as

---

<sup>5</sup> FERREIRA, Jorge. Crise da República, 1954, 1955 e 1961. In.: FERREIRA, Jorge (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 303.

possíveis oposições ao seu regime através do controle da imprensa e do atrelamento dos sindicatos ao Estado.

Com o fim da censura à imprensa praticada pelo Estado Novo, a sociedade organiza-se, como aponta Ferreira (2003) para a ampliação de sua organização social e política.

Com o fim da censura à imprensa e a livre manifestação política nas ruas, nos primeiros meses de 1945, grupos organizados passaram a defender projetos de sociedade, de economia, de organização social e de cultura (Ferreira, 2003, p. 303).

Ainda segundo Ferreira (2003), sob muitos aspectos as idéias que ordenavam esse processo giravam em torno de dois pontos: a retomada dos valores liberais, especialmente os da não-intervenção estatal na economia, interrompidos com a Revolução de 1930, ou a continuidade das políticas públicas estatais intervencionistas. Para o autor, em termos sociais, o período de 1945 a 1954 representou um prolongamento da época do Estado Novo, especialmente durante o segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954) quando se aprofundaram as relações entre Estado, burguesia industrial e massa urbanas.

Para Ferreira, dois grandes projetos políticos passaram a fomentar e articular as disputas políticas do período. De um lado, o projeto inicialmente conhecido como getulismo – que mais tarde se definiria como “trabalhismo” e se institucionalizaria sobretudo no Partido Democrático Trabalhista (PDT) – defendia a adoção de políticas nacionalistas, industrialização com base em bens de capital, criação de empresas estatais em setores estratégicos. Travestido de nacionalidade, pois em oposição à conveniência estrangeira, tendo por base o fortalecimento do Estado e de empresas estatais, pode ser definido como “nacional-estatista” (Ferreira, 2003, p. 303/4).

Ainda segundo o autor, de outro lado, defendendo a abertura irrestrita a investimentos, empresas e capitais estrangeiros, ressaltando as virtudes das leis de mercado, negando a intervenção estatal na economia e nas relações de trabalho e desconfiando sobretudo dos movimentos populares, agregavam-se as elites empresariais (especialmente as que possuíam interesses estritamente ligados ao capital internacional, por associação ou acudindo suas demandas industriais), os militares (significativamente após a definição das fronteiras ideológicas implementadas pela Doutrina de Segurança Nacional na Escola Superior de Guerra – ESG) e parcelas da classe média (intelectualmente estruturada para gerir os interesses econômicos multinacionais) (Ferreira, 2003, p. 304). Para o autor, durante todo o período da primeira experiência democrática brasileira, o período de 1945 a 1964, esses dois projetos<sup>6</sup> disputaram a preferência do eleitorado e fomentaram as discussões políticas e as determinações econômicas nacionais.

É certo também, podemos afirmar, que essa disputa se configurou como pano de fundo das quatro grandes crises políticas desse período: a crise de agosto de 1954, cujo ápice foi o suicídio de Getúlio Vargas; o “golpe preventivo” de novembro de 1955, articulado pelo General Henrique Teixeira Lott; a crise da vacância da presidência gerada pela renúncia de Jânio Quadros em 1961; e o movimento cívico-militar que resultou na derrubada do governo de João Goulart. Como ápice desse processo, o Golpe Militar de 31 de março de 1964 interrompeu o curso de experiência democrática institucional que vinha sendo experimentado desde o fim do Estado Novo.

No cerne desse processo, as ações de uma entidade organizada pelo capital privado e pela conveniência de investimentos multinacionais, o Instituto de

---

<sup>6</sup> Nos termos elaborados por Vizontini, eles se consolidavam nos termos dos “entreguistas” e dos “nacionalistas”. VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS, teve um papel proeminente. Desse modo, a compreensão de sua organização interna, dos principais articuladores, seus grupos de ação, suas fronteiras ideológicas e as formas pelas quais o Instituto agiu nos fornecem informações importantes sobre suas ações. A própria idéia da realização de documentários está ligada a criação de instrumentos destinados especificamente às ações de propaganda como apontaremos a seguir.

### **1.1.1 *O que (foi) o IPÊS***

Preocupados em justificar as ações do Instituto e difundir seus conceitos políticos e sociais, os documentários ipesianos assinalam o posicionamento político do IPÊS sobre o momento histórico no qual emergem. O título de um dos seus filmes – *O que é o IPÊS* – indica como o grupo procurou se posicionar dentro do que podemos considerar um dos momentos mais críticos da história republicana nacional.

Após a renúncia de Jânio Quadros a crise política nacional que vinha se arrastando desde o suicídio de Vargas foi se agravando progressivamente. Liderada por Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, primo e cunhado do presidente João Goulart, a Campanha da Legalidade, mais tarde transformada na “Cadeia Radiofônica da Legalidade, centralizando as transmissões de cerca de 150 outras rádios do estado” (Ferreira, 2003, p. 328), assustou os grupos de direita ao garantir a recondução de Goulart, mesmo sob regime parlamentarista, ao cargo. Ainda segundo Jorge Ferreira, a “Cadeia da Legalidade” revelou, mesmo assintomaticamente, a força articuladora dos movimentos de esquerda (Ferreira, 2003, p. 330). A adesão do general José Machado Lopes (comandante do III

Exército com sede em Porto Alegre e que incluía também os estados de Santa Catarina e Paraná) ampliou significativamente a ação da resistência ao golpe pois o mesmo havia recebido ordens para bombardear o palácio Piratini, sede do governo gaúcho e foco central da resistência ao golpe.

Da Guanabara, generais instruíram o comandante do III Exército, general Machado Lopes. O bombardeio ao Palácio Piratini, inclusive, era uma das ordens recebidas (Ferreira, 2003, p. 328).

Com a adesão de Machado Lopes alastraram-se pelo país os movimentos de insubordinação militar à ação dos ministros militares contra a posse de Goulart. “No dia 31 [de agosto], a possibilidade de guerra civil tornara-se algo assustador” e por todas as partes do país surgiam manifestações de apoio à posse de Goulart, sobretudo por meio de greves de trabalhadores (Ferreira, 2003, p. 331/4). Segundo Argelina Figueiredo<sup>7</sup>, a solução a um possível conflito civil viria por meio das negociações que condenaram à adoção do regime parlamentarista (Figueiredo, 1993, p. 29).

Empossado sob o regime parlamentarista João Goulart se viu tolhido em seus poderes e não poderia por em prática qualquer mudança significativa que poderia advir de um plano de governo que sequer possuía. Seu governo foi seguido de perto pelos grupos de direita, entre outras questões, por ser visto como o herdeiro político de Vargas. Entretanto, o presidente também fora encurralado pelos movimentos de esquerda, liderados por Brizola, que, da euforia inicial com sua posse fruto sobretudo da Campanha da Legalidade, passaram a exigir que Goulart implementasse um amplo programa de reformas por eles proposto.

---

<sup>7</sup> FIGUEIREDO, Argelina. **Democracia ou reforma? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Após o sucesso do pleito que definiu o retorno do presidencialismo em janeiro de 1963, a situação política de Goulart se agravou violentamente. Devido à vitória nas urnas, Jango passou a transitar indiscriminado entre medidas políticas que descontentavam ao mesmo tempo os movimentos de direita e esquerda<sup>8</sup>. Tanto um como outro lado passaram a desconfiar do presidente e de suas medidas de saneamento econômico num momento em que o Fundo Monetário Internacional – FMI e o governo norte-americano limitaram os créditos concedidos ao país e exigiam o cumprimento dos acordos de investimento, estabilização econômica e pagamento dos serviços da dívida externa.

Segundo Jorge Ferreira, sob a pressão dos ministros militares – que exigiram do presidente o envio ao Congresso do pedido de “Estado de Sítio”<sup>9</sup> por se sentirem incomodados com os constantes ataques dos governadores da Guanabara (Rio de Janeiro), Carlos Lacerda, e Ademar de Barros, São Paulo – e politicamente cada vez mais isolado, Goulart, como último recurso, aproxima-se dos operários e dos movimentos populares.

Desarmado contra os governadores mais poderosos do país, sem o apoio da esquerda, atacado pela direita e perdendo o controle sobre os militares, o presidente saiu daquele episódio [do pedido do Estado de Sítio] bastante enfraquecido (Ferreira, 2003, p. 373).

Entretanto, como afirma o autor, o isolamento do presidente não advinha da sua incapacidade de negociação, mas da completa intransigência entre as partes.

---

<sup>8</sup> Wanderley Guilherme dos Santos faz um interessante trabalho relacionando o grau de instabilidade dos governos republicanos nacionais em relação à “dança das cadeiras” dos seus ministérios. Segundo Santos, o governo de João Goulart apresentou os mais baixos índices de instabilidade só comparado ao governo Getulista de 1937-45. SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Calculus of conflict**. Stanford: Stanford University Press, 1979.

<sup>9</sup> Segundo Ferreira, Goulart chegou a enviar o pedido de Estado de Sítio, mas o retirou em outubro de 1963 pois nem a direita e a esquerda (houve a união entre o PSD, PTB e a própria UDN) confiavam mais nas atitudes do presidente de seus assessores que buscavam com a medida fortalecer a autoridade do presidente. (Ferreira, 2003, p. 373).

A compreensão que podemos tirar o período era a de que tanto a direita quando a esquerda tinham como horizonte o golpe contra o executivo. De um lado, a esquerda acreditava-se fortalecida, com membros ativos, e pensava-se preparada para um embate com as forças de direita. Estas, entretanto, não possuíam a mesma organização dos movimentos de esquerda. Aparentemente encontravam-se desorganizados sem elementos que pudessem congregar, como no caso de Brizola, as ações e o pensamento dos grupos de direita. E é nesse contexto que surge o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPÊS.

Diversos grupos agiam de maneira descentralizada e arbitrária e, se comparados à organização da Frente de Mobilização Popular – FMP, não possuíam organização consistente. Os principais eram: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD; a Ação Democrática Parlamentar – ADP (liderada pelo udenista João Mendes); o Conselho das Classes Produtoras – CONCLAP; o Movimento Anti-Comunista – MAC; e, por fim, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS.

Dentre os grupos de ação política – aqui entendidos como grupos cujo trabalho tinha por finalidade influenciar através de financiamento direto a instituições públicas e privadas, campanhas políticas, doações, cursos, palestras etc, grupos políticos e civis e a sociedade para atender suas conveniências corporativas – O IPÊS surge como o mais articulado dos grupos de direita. A experiência desastrosa com o IBAD, cuja ação resultou em Comissão Parlamentar de Inquérito para vasculhar suas atividades, e a atuação radical do Movimento Anti-Comunista – MAC, serviram como parâmetros para sua criação e ações, além de determinaram sobremaneira sua atuação<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Numa das primeiras reuniões oficiais da Comissão Diretora da regional Rio de Janeiro o diretor ipesiano Glycon de Paiva afirma ser necessário diferenciar o IPÊS do Movimento Anti-comunista uma vez que sua relação poderia ser vista como “letal”. Antônio Galloti, também diretor do Instituto, propõe que “todo

O Instituto era coordenado por uma cúpula composta de empresários, funcionários da administração pública e membros reformados da corporação militar<sup>11</sup>. Em seu estatuto era definida:

(...) entidade sem fins lucrativos, de caráter filantrópico e intuições educacionais, sociológicos e cívicos cuja finalidade é: I) Promover e incentivar a educação cultural, moral e cívica dos indivíduos<sup>12</sup>

A instituição surgiu como instrumento de ação político-ideológica de empresários nacionais, ligados aos interesses do capital internacional, políticos, profissionais liberais e oficiais militares (Dreifuss, 1981, p. 161/2). Os membros militares que atuavam no Instituto eram, em sua grande maioria, oficiais reformados. Através do trabalho deles grande número de oficiais da ativa se juntou ao quadro do Instituto, resultando na articulação de interesses que deu o caráter militar ao golpe de março de 1964. Entre os principais articuladores do Instituto estão os generais Golbery do Couto e Silva, João Baptista Leopoldo Figueiredo, João José Batista Tubino, Heitor Aquino Herrera, Nelson Reynaldo de Carvalho, os empresários Israel Klabin, Antônio Gallotti, José Ermírio de Moraes e Gilbert Hubert Jr, além de profissionais liberais, como Mário Henrique Simonsen, Cândido Mendes, Jorge Oscar de Melo Flores e Paulo Assis Ribeiro<sup>13</sup>.

---

membro do IPÊS, acusado de pertencer ao MAC deve defender-se. Mas na defesa, nem positiva, nem negativamente, deve fazer a menor referência ao IPÊS". Anexo E; CD – RJ, 05/02/1962.

Quanto ao Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD, é certo que suas atividades foram contemporâneas. Entretanto, apesar da sugestão de René Armand Dreifuss (Dreifuss, 1981) de que eles agiam de maneira unificada, a ação do IPÊS após a instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou a ação do IBAD em 1963 foi de aniquilar qualquer aproximação com as ações do IBAD. Anexo E; CD – RJ, 08/10/1963; CD – SP, 16/04/1963; CE – RJ, 27/08/1963; CE – SP, 16/09/1963.

<sup>11</sup> Esses membros conseguiram agregar um número cada vez maior de membros militares no Instituto através de uma cautelosa ação de arregimentação coordenada por Golbery do Couto e Silva e Heitor Herrera, tendo como base ligações com a Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra – ADESG.

<sup>12</sup> Ata de fundação. 15 de dezembro de 1961. 4º Registro de Títulos e Documentos. Cartório Sebastião Medeiros. Arquivo Nacional. Fundo IPÊS.

<sup>13</sup> Ibidem.

Um dos mais importantes estudos sobre a o IPÊS e suas atividades foi realizado pelo cientista político René Armand Dreifuss. Apresentado originalmente em 1980 como tese de doutoramento à universidade de Glasgow com o título “State, class and the organic elite: the formation of the entrepreneurial order in Brazil, 1961-1965”, foi traduzido e publicado no Brasil em 1981 com o título de “1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe”. Dreifuss parte dos documentos da Instituição, doados ao Arquivo Nacional pelo General João José Baptista Tubino em 1974, três anos após a completa extinção do Instituto. O autor, utilizando aqueles documentos, sobre os quais este trabalho também se baseou, apresentou um dos mais complexos trabalhos sobre as atividades realizadas pela instituição no processo da concretização do golpe de março de 1964.

Dreifuss sistematizou seus participantes, contribuições financeiras, relações empresariais, fundos de investimento etc, que atuaram no Instituto durante todo o período que podemos caracterizar como “conspiratório”<sup>14</sup>. Esse vai desde as suas primeiras reuniões, seguidamente após a renúncia de Jânio Quadros, até o momento posterior ao golpe quando os dirigentes da instituição, caracterizados pelo autor como “elite orgânica”, passaram a ocupar postos chave na administração federal.

Segundo Dreifuss, o IPÊS estava organizado em escritórios regionais. Os principais eram os da Guanabara, atual estado do Rio de Janeiro, e São Paulo. Seus escritórios/representações estavam presentes também em Porto Alegre – IPÊSUL, Belo Horizonte – IPÊS Minas, Recife – IPÊS Pernambuco, Curitiba – IPÊS Paraná,

---

<sup>14</sup> Efetivamente podemos dividir a atuação do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais em três fases distintas. A primeira corresponde ao período de sua criação e vai até os momentos posteriores ao golpe de estado. Essa fase pode ser caracterizada pela ação de conspiração e de preparação de membros e estudos para a fase seguinte de ocupação dos cargos da administração pública. A segunda fase corresponde ao efetivo processo de ocupação dos cargos e aplicação dos estudos elaborados na fase anterior. Esse período vai do golpe de estado até os anos de 1968/1969 quando o grupo militar “linha dura” assume o controle político do golpe. A terceira fase vai do descrédito de suas iniciativas até o seu final em 1972.

Manaus – IPÊS Manaus, Santos – IPÊS Santos, e também com representações em Belém. Havia ainda o escritório de Brasília, coordenado pelo advogado Jorge Oscar de Mello Flores, que funcionava junto à Federação das Indústrias<sup>15</sup>. As decisões políticas, entretanto, centralizavam-se entre os escritórios da Guanabara e São Paulo (Dreifuss, 1981, p. 172/184).

Considerando que foi o Instituto que garantiu a articulação de interesses que culminou no golpe de março de 1964, Dreifuss sistematiza como se deu o caráter militar ao mesmo. A articulação de interesses que geriu o golpe ocorreu, essencialmente, em uma organização civil. Entretanto, como aponta o autor, essa articulação de interesses foi ganhando contornos militares a partir do momento em que os membros militares pertencentes ao quadro do Instituto fortaleceram o caráter da Doutrina de Segurança Nacional – ampliado nos cursos organizados na Escola Superior de Guerra pelo general Golbery do Couto e Silva como indica Elio Gáspari<sup>16</sup> (2003b, p. 130) – a partir dos interesses econômicos absorvendo-os como interesses nacionais (Dreifuss, 1981, p. 254).

Ainda segundo Dreifuss, o que unificava membros tão diversificados e de classes tão distintas eram suas “relações econômicas multinacionais e associadas, o seu posicionamento anticomunista e a sua ambição de readequar e reformular o Estado” (Dreifuss, 1981, p. 163). As relação entre os membros do IPÊS e suas atividades econômicas podem ser vistas no Anexo “A” deste trabalho<sup>17</sup>.

A partir de seus documentos, financiamentos e ações implementadas ao longo dos anos de 1961 a 1964 é possível considerar que, através da atuação político-social do empresariado e do apelo a instituições como igreja, família etc<sup>18</sup>, suas atividades buscavam neutralizar o que consideravam como avanço do

---

<sup>15</sup> Reuniões CD – RJ, 05/02/1962; CE – RJ/SP, 21/01/1963; CE – RJ, 08/04/1963.

<sup>16</sup> GASPARI, Élio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

<sup>17</sup> Ver também “Anexo B” em Dreifuss, 1981.

<sup>18</sup> Anexo E; CD – RJ, 12/02/1962.

comunismo no país. Segundo Dreifuss, a ação do IPÊS era estruturada em dois pontos: uma “doutrinação geral”, destinada a “estimular percepções negativas do bloco popular nacional-reformista” e uma “doutrinação específica” que “tencionava moldar a consciência e a organização dos setores dominantes e envolvê-los na ação como uma ‘classe para si’” (Dreifuss, 1981, p. 231/2).

Suas atividades, entretanto, estavam divididas por áreas que segundo Dreifuss foram agrupadas em cinco frentes de ação: Ação no meio estudantil e cultural; Mobilização das classes médias e apoio feminino; Contenção camponesa; Ação entre as classes trabalhadoras industriais; e a Ação política nos partidos e no Congresso (Dreifuss, 1981, p. 282/328). Por esses termos, todas as suas atividades, incluindo a realização de filmes, estariam respaldadas por essas grandes áreas de ação.

Conforme o documento “Definição de Atitudes”, o respaldo filosófico para suas ações era tirado da encíclica *Mater et magistra*, do papa João XXIII e do programa “Aliança para o Progresso”, organizado pela administração norte-americana de John Kennedy (Anexo N). Entre as entidades diretamente beneficiadas pelos recursos arrecadados pelo Instituto, estavam a Campanha da Mulher pela Democracia e o Movimento Universitário pelo Desfavelamento, ambos sediados no Rio de Janeiro, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas e São Paulo, Jornais, Sindicatos, Agremiações, etc (Anexo E).

Como aponta Dreifuss, o Instituto era coordenado nacionalmente por um Conselho Orientador – CO, um Comitê Diretor – CD e um Comitê Executivo – CE (Dreifuss, 1981, p. 184/203). O Conselho Orientador era responsável pela elaboração das diretrizes gerais que seriam executadas pelo Comitê Diretor e Comitê Executivo. Dentre os seus membros eram escolhidos os diretores que comporiam o Conselho Orientador Nacional – CON e eleito um presidente nacional e dois vice-presidentes, um do escritório da Guanabara e outro de São

Paulo. Reuniam-se pouco mais de duas vezes ao ano, em caráter ordinário. Era composto por quarenta membros, que também participavam como membros dos comitês regionais de direção, e tinham como especificidade eleger o Comitê Diretor nacional.

O Comitê Diretor nacional era composto por vinte membros; dez representantes do Comitê Diretor regional do escritório da Guanabara e dez do escritório de São Paulo. Reuniam-se semanalmente em caráter ordinário alternando-se entre os principais escritórios. Eram responsáveis pela escolha de membros do Comitê Executivo nacional e elaborar a programação das atividades dos Grupos de Estudos – GE e dos Grupos de Estudos e Ação – GTA. Era no Comitê Diretor nacional que se elaboravam as diretrizes políticas que seriam seguidas pelos GE, GTA e pelos Comitês Executivo nacional e regional. Dos Comitês Diretores regionais também faziam parte os líderes dos GTA. Esses membros eram responsáveis pela eleição dos associados que comporiam os Comitês Executivos regionais.

No Comitê Executivo nacional – CEN, elaboravam-se as diretrizes que seriam seguidas pelos Comitês Executivos regionais – CE. Eram nestas últimas que as decisões do CO e do CD, nacional e regional, e do CE nacional, eram executadas. Entretanto, também tinham por finalidade estudar, elaborar e submeter ao CD regional e nacional os programas e atividades que o IPÊS pudessem desenvolver; além de executar as atividades administrativas sob sua responsabilidade. Eram nos CE que eram tomadas todas as decisões e programação das linhas gerais de ação dos objetivos do IPÊS, bem como a discussão e aprovação de projetos e orçamentos. Os Comitês Executivos regionais eram compostos por um número pequeno de membros, entre quatro e oito, e se reuniam diariamente em caráter ordinário.

Grande parcela dos membros que compunham as esferas decisórias do IPÊS eram membros ativos de grandes corporações industriais no Brasil e exterior ou membros de entidades representativas de associações comerciais nacionais e internacionais (O Conselho das Classes Produtoras, CONCLAP, a Federação da Indústrias do Rio e São Paulo, o Business Group for Latin América – BGLA, sob liderança de David Rockefeller), advogados e profissionais liberais (Dreifuss, 1981, p. 169/171).

Pouco freqüentado pelos membros mais importantes, o Conselho Fiscal era coordenado nacionalmente por José da Costa Boucinhas e Eduardo Sampaio; advogados e contadores com reconhecida atuação nacional. A pouca importância organizacional do Conselho Fiscal da entidade, entregue a não-membros, é reflexo de uma prática do grupo que não precisava se preocupar com os custos operacionais de suas ações, haja vista a abundância de suas contribuições.

### **1.1.2 Os grupos de pesquisa e ação**

Os Grupos de Estudo e Ação eram “unidades operacionais” que tinham por finalidade aplicar e elaborar as “estratégias e táticas” adotadas a nível nacional pelo Conselho Orientador, Comissões Diretora e Executiva e o Grupo de Levantamento e Conjuntura (Dreifuss, 1981, p. 184). Eram nos diversos grupos de pesquisa e ação que se decidiam questões específicas de financiamento e se determinavam responsáveis pela execução de tarefas já indicadas pelas instâncias superiores do Instituto. As atividades de divulgação de livros, panfletos, campanhas e propagandas – e aqui se incluem os documentários realizados pelo Instituto – tinham suas realizações determinadas por esses grupos.

As reuniões dos grupos de estudo e ação, ao mesmo tempo em que serviam como preparadores das táticas a serem implementadas, também desempenhavam a função de instruir membros antigos e novos nas principais idéias do Instituto. Normalmente remuneradas<sup>19</sup> as reuniões dos grupos de estudo forneciam suporte técnico para as ações determinadas pelos Comitês Executivos regionais.

O IPÊS possuía seis grupos de ação divididos entre os escritórios do Rio e de São Paulo: Grupo de Levantamento e Conjuntura – GLC (liderado por Golbery do Couto e Silva, tinha a responsabilidade de elaborar diretrizes e avaliações políticas que seriam encaminhados aos demais grupos); Grupo de Assessoria Parlamentar – GAP (citado nos documentos como “escritório de Brasília”, era coordenado por Jorge Oscar de Mello Flores e atuava junto ao escritório da Federação das Indústrias em Brasília no assessoramento das atividades de políticos simpatizantes); Grupo de Publicação e Editorial – GPE (responsável pela elaboração, tradução e planejamento de material gráfico que acompanhava a atividade de grupos como o GOP, GED, GAP e o Integração); Grupo de Estudo e Doutrina – GED (responsável pela elaboração de estudos que serviriam como diretrizes a longo prazo e pela orientação e estudos de projetos e propostas apresentados pelo Escritório de Brasília); Grupo Integração – GI (responsável pelas atividades de recrutamento de pessoal tanto para os quadros do Instituto quanto de novos contribuintes); e o Grupo de Opinião Pública – GOP (responsável pela elaboração de publicidade e filmes destinados a manipulação da opinião pública).

Apesar da importância nas atividades dos demais grupos de ação, para este trabalho consideraremos apenas as ações dos grupos de Publicações e Editorial – GPE e Opinião Pública – GOP que tinham por finalidade disseminar materiais impressos (livros, panfletos, *papers* etc), visuais e sonoros com mensagens do

---

<sup>19</sup> Os principais coordenadores recebiam, a título de *pró-labore*, por suas assessorias na coordenação e/ou no desenvolvimento de estudos para os diversos grupos. Só Golbery do Couto e Silva recebia, mensalmente, duzentos mil cruzeiros, cerca de R\$ 7.000,00 em valores de maio de 2005.

Instituto. O GPE era responsável por traduzir e distribuir materiais de caráter antipopulista, anticomunista, realizando para tanto parcerias com escritores nacionais e estrangeiros. Do GPE faziam parte proprietários e diretores de companhias editoriais como Gilbert Hubert Jr, da Editora Agir<sup>20</sup>, o diretor da *Reader's Digest Publications do Brasil*, Tito Leite, e o proprietário da Editora Nacional, Otales Ferreira, entre outras<sup>21</sup>.

Do mesmo modo que o GPE, o Grupo de Opinião Pública – GPO era subordinado nacionalmente à coordenação de Golbery do Couto e Silva. Entre os diretores de maior projeção desse grupo destaca-se, no Rio, o escritor José Rubem Fonseca, e, em São Paulo, o advogado Luiz Cássio dos Santos Werneck<sup>22</sup>. Responsável pela “disseminação de literatura democrática” (Dreifuss, 1981, p. 195) o GOP editava documentos, mantinha correspondências com políticos e empresários, realizava palestras e promovia encontros como forma de fortalecer o contato do Instituto com seus associados, prestar conta de suas ações, fidelizar contribuintes e cativar novos membros.

Dentre os documentos e produções, elaboradas pelo grupos GOP e GPE, utilizados especialmente pelo Grupo Integração – GI num processo de arregimentação de novos membros<sup>23</sup>, destacam-se os filmes documentários realizados entre os anos de 1962 e 1963. Destinados a uma dupla função esses

---

<sup>20</sup> A editora publicou inúmeros livros da Igreja Católica durante o período. Como se auto definem, publicam “literatura brasileira e alguns dos principais nomes do pensamento católico, de acentuada preocupação humanista, foram as pedras fundamentais de um catálogo que é parte importante da história da edição no Brasil”. Disponível em: <<http://www.editoraagir.com.br/historico.asp>>

<sup>21</sup> Anexo E; CE – RJ, 16/04/1963.

<sup>22</sup> Ver participação desses membros no Anexo E.

<sup>23</sup> O Grupo Integração – GI foi o que poderíamos considerar a “energia” motivadora do Instituto. Criado com o objetivo de cativar novos membros e ao mesmo tempo promover as ações do Instituto a nível nacional o GI atuava com poucos integrantes. Esses integrantes, membros ativos do Instituto, tinham a missão de conseguir a adesão de novos associados. Segundo Dreifuss (1981, p. 199), sua estrutura se baseava na idéia de uma corrente, cuja armação dependia o sucesso da cadeia de empresários e associados que contribuía financeiramente com a instituição. Funcionando tanto no Rio quanto em São Paulo, o GI trabalhava com ações diretas de propaganda política apoiando-se nas produções elaboradas pelos grupos de Opinião Pública – GOP e Publicação Editorial – GPE.

documentários, inseridos no processo de propaganda e disseminação das idéias do Instituto, carregam em si inúmeras referências às teses defendidas pelo Instituto.

## **1.2 NO MEIO DO CAMINHO, OS FILMES**

Os primeiros contatos com os filmes ipesianos nos forneceram inúmeras referências sobre sua constituição como instrumento de propaganda. Eles ratificam e materializam as “idéias-tese” que estruturam o próprio pensamento político do grupo. Em seus documentos (atas de reuniões, documentos impressos, cartas, recibos de pagamentos, documentos avulsos etc), encontramos a complementação das idéias abordadas nos quatorze documentários realizados. Pudemos retirar desses documentos informações acerca da trajetória das realizações fílmicas e da sua utilização.

Se podemos considerar que as atividades do IPES se estruturavam em torno de duas modalidades de ação, corroborando as observações de Dreifuss, a primeira delas compreendia atividades efetivas de estudo, levantamentos, pesquisas e realizações (financiamentos pessoais, de entidades classistas e assessorias políticas). A segunda era destinada às ações de propaganda / disseminação de idéias com a finalidade de difundir os ideais do Instituto através da propaganda direta e indireta.

As primeiras visavam especificamente ações políticas que tinham duplo objetivo: promover estratégias para ampliação e implementação das demandas político-econômicas do grupo e seus financiadores. Trabalhando com elementos de sua própria base, essas ações estariam vinculadas à ampliação da esfera de ação do

Instituto a partir da arregimentação de novos membros. Já as ações de propaganda objetivavam atingir o público e implementar estratégias que deveriam ter reflexos em longo prazo no sentido de orientação social, política e econômica. Para este trabalho, consideraremos apenas as ações implementadas pela segunda das modalidades de ação: as ações de propaganda política e social<sup>24</sup>.

O IPÊS estabeleceu, especialmente por intermédio dos seus associados, uma intrincada rede de jornais, revistas, gráficas, editoras e agências de propaganda que dava suporte às suas atividades. Grupos de comunicação como os Diários Associados, a *Folha de São Paulo* (do grupo Octavio Frias, associado do Instituto), o *Estado de São Paulo* e o *Jornal da Tarde* (do grupo Mesquita, também proprietário da Rádio Eldorado de São Paulo), estavam entre os grandes grupos de comunicação que, direta ou indiretamente, se relacionavam com o IPÊS (ver Anexo E). Organizado como um grupo de pressão (Ramos, 1963), o Instituto soube utilizar do relacionamento financeiro com os grupos de comunicação estruturando-os de forma a agir para a efetivação e concretização de suas demandas.

Segundo Plínio de Abreu Ramos (1963, p. 52), outros jornais do país também contribuía com as atividades do IPÊS: o *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, de propriedade de Rafael de Almeida Magalhães, filho do associado Dario de Almeida Magalhães (IPÊS-RIO), o *Notícias Populares*, de propriedade de Hebert Levy, deputado udenista pro São Paulo, entre outros. Alguns desses jornais publicavam matérias através da intervenção de seus proprietários, sócios do

---

<sup>24</sup> Apesar do limite imposto pelo nosso próprio objeto nos circunscrever unicamente à segunda das modalidades de ação, somos obrigados a discordar do posicionamento de Dreifuss sobre uma delas. O autor, quando aponta que a segunda modalidade de ação, a ação política e militar, visava, através dos reflexos da primeira, “assaltar” o poder executivo federal (Dreifuss, 1981, 231), considera que o horizonte do golpe já era um patamar estabelecido desde os primeiros encontros do grupo. Apesar de reconhecer teses golpistas dentro do próprio Instituto, consideramos que essa estratégia, visando especificamente o golpe de Estado, não estava no horizonte político do Instituto nas suas primeiras investidas, mas foi uma determinação gerada no contexto cotidiano de suas ações.

Instituto<sup>25</sup>. Como aponta Ramos (1963, p. 53), jornais como *A noite* chegaram a receber dois milhões de cruzeiros<sup>26</sup> para publicar matérias de interesse do Instituto. Entretanto, entre as campanhas elaboradas pelo Instituto, as ações mais contundentes em termos de realização de propaganda foram feitas através de programas de rádio, televisão e pelo cinema.

A ação do IPÊS através da televisão foi, segundo Gabriel Priolli<sup>27</sup> (1985, p. 21), significativa como forma de semear e articular a insurreição contra o Governo Federal. Inicialmente pensados para interferir no processo político-eleitoral de outubro de 1962 os programas de televisão e rádio financiados pelo Instituto foram realizados pela Promotion S.A. e Denison Propaganda<sup>28</sup>. Houve também participações eventuais de outras agências menos significativas<sup>29</sup> na criação de programas televisivos.

É certo que, como afirma Santoro (1981, p. 135), até o início da década de 1960 a televisão ainda possuía um alcance limitado se comparado aos anos posteriores a 1964. No entanto, sua ação crescente durante o período a colocou como um veículo prestigiado e de informações atualizadas sobre os acontecimentos nacionais, especialmente voltada para as classes de maior poder aquisitivo. Como aponta Santoro,

Até 1964 (...) a utilização da TV pelas classes dominantes como instrumento de manipulação da opinião pública era pouco expressiva (...). Isso devia-se menos aos propósitos dos proprietários das emissoras do que ao pequeno número de aparelhos receptores existentes entre a população. Calcula-se em

---

<sup>25</sup> Anexo E; CE – RJ, 08/06/1962.

<sup>26</sup> Em valores de junho de 2005, R\$ 118.504,32.

<sup>27</sup> PRIOLLI, Gabriel; LIMA, Fernando B.; MACHADO, Arlindo. **Televisão & Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 2ª ed.

<sup>28</sup> Anexo E; CD – RJ, 20/05/1962.

<sup>29</sup> Ver Anexo C, livro de movimentações financeiras.

pouco mais de 1 milhão de aparelhos de TV em uso no Brasil no início dos anos 60, evidentemente distribuídos entre as camadas mais abastadas (1981, p. 135).

Essa característica aponta para a forma como o Instituto utilizou a TV como um instrumento de veiculação de suas idéias voltado para as classes média e alta. Uma dessas ações foi feita através do programa “Encontro de Democratas com a Nação”.

Conforme determinação da Comissão Diretora em vinte de maio de 1962, os programas seriam veiculados pela TV Tupi. O seu intuito era debater questões políticas e sociais “relevantes”. Em quatorze sessões semanais, de trinta minutos cada, foram discutidos os mais diversos assuntos. Nesses programas os assuntos debatidos buscavam sempre inserir a iniciativa privada como vanguarda no processo de crescimento do país. Alguns dos temas tratados pelo programa foram: “Democratização do capital”, “População e subdesenvolvimento”, “Prática Democrática pelo povo” etc.<sup>30</sup>.

Foi dentro desse contexto de diversas realizações visando atingir o grande público que o IPÊS se aventurou na realização de filmes.

Apesar dos documentários ipesianos terem sido idealizados para serem apresentados nas sessões de cinema como “complemento cinematográfico” pautado pelo Decreto n.º 21.240 de quatro de abril de 1932, eles também foram usados para a instrução específica dos seus próprios quadros. Tendo então um duplo destino, esses filmes transitaram de escritórios bancários, passando por fábricas e salões de igrejas, até as salas de projeção dos mais importantes cinemas das capitais brasileiras.

---

<sup>30</sup> Anexo E; CD – RJ, 20/05/1962; CD – RJ, 12/06/1962; CD – RJ, 03/07/1962; CE – RJ, 11/06/1962 e CE – RJ, 31/07/1962.

A ação do grupo IPÊS consistia na ampliação de sua neutralidade e a exploração indiscriminada do conflito existente entre os interesses da direita e da esquerda. As ações eram pautadas pela tentativa de mudança no cenário político e econômico nacional através de numerosos estudos, assessorias e ações aplicados ao longo dos seus dez anos de existência. Segundo Dreifuss (1981, p. 165), suas iniciativas transitavam entre ações de caráter oficial e não-oficial<sup>31</sup>.

Desse modo, compreendemos que seus treze documentários, realizados no ano de 1962, foram desenvolvidos a partir de um amplo processo que buscava abranger todos os problemas nacionais, influenciar no processo político e aplicar a visão do que consideravam a “essência” da nacionalidade. Ou, num outro sentido, ampliar o modelo social e econômico ideal com o qual seus interesses se casariam. Desses filmes, alguns se destinavam a “orientar platéias especiais (autoridades civis, militares, políticos, técnicos, estudantes etc)”<sup>32</sup>. Outros, serviam como instrumentos positivos de identificação e difusão de suas idéias à população.

### **1.2.1 Os caminhos, os documentos e a “encomenda”**

Dada sua característica como elemento de difusão das idéias propostas pelo Instituto, nossa análise sobre os filmes ipesianos não poderia ser feita seguindo unicamente o percurso estabelecido pelas imagens neles contidos. Desse modo, apesar de partirmos dos elementos visuais, consideramos como essencial à análise

---

<sup>31</sup> Havia uma caixa extra que na qual eram desviadas as verbas para ações secundárias e/ou as que não poderiam ser apresentadas como ações do grupo. Anexo E; CE – RIO, 17/5/1962. Dreifuss define que essas ações eram implementadas, particularmente, pelo IBAD. Também defende a idéia de que as verbas migravam na forma de pagamentos por publicidade para empresas de propaganda e/ou para entidades assistenciais, que retornavam o dinheiro investido para o Instituto. Tratava-se de uma lavagem de dinheiro institucionalizada da qual faziam parte inúmeras empresas e instituições. As contribuições de empresas estrangeiras chegavam até o Instituto via PUC – Rio que as recebiam sem recibo e repassavam para o grupo. Anexo E; CD – RJ, 27/03/1962.

<sup>32</sup> Anexo F.

fílmica o mapeamento de sua produção, veiculação e formas de utilização. Dito isso – reservadas as observações temáticas e a própria característica do documento visual, sobre as quais trataremos mais adiante – a nossa abordagem também se voltou para as fontes documentais que compõem o arcabouço da realização desses documentários: o acervo dos documentos do IPÊS e os documentos do cineasta produtor dos filmes, Jean Manzon.

Em “A ditadura derrotada”<sup>33</sup>, Élio Gaspari indica, dentro das atividades do “serviço de divulgação” do Instituto, a realização e a distribuição de quatorze documentários produzidos por Jean Manzon, o “épico da propaganda juscelinista” (Gaspari, 2003b, 158). É certo supor, pelos próprios créditos indicativos, que treze dos quatorze documentários encontrados nos documentos do IPÊS foram realizados pelo cineasta. Entretanto, o conflito de informações existentes entre o número de produções realizadas por Jean Manzon para o Instituto e as indicações bibliográficas, além da dinâmica de sua distribuição e realização, ainda não estava esclarecidos. Essas indicações nos levaram a verificar a autenticidade dessas informações.

Nosso ponto de partida foi a indicação de Dreifuss que afirmou que “alguns filmes também” foram realizados por iniciativa do escritório de São Paulo (Dreifuss, 1981, p. 250). Como os únicos documentos disponíveis do IPÊS pertencem ao escritório da Guanabara, recorreremos à movimentação financeira do mesmo entre os anos de 1962 e 1963 para verificar as rubricas específicas do financiamento fílmico<sup>34</sup>.

Contrariando a afirmativa de Dreifuss, não há nos lançamentos do escritório carioca nenhuma rubrica indicando o custeio de despesas relativas à produção de filmes de propaganda. Desse modo, é certo afirmar que a produção e

---

<sup>33</sup> GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

<sup>34</sup> O resumo das principais movimentações financeiras relacionadas aos filmes realizadas pelo Instituto pode ser observada no Anexo C deste trabalho.

financiamento desses filmes correram a expensas do escritório paulistano. Esse fato não excluiu, obviamente, a participação da regional Guanabara do custeio de pequenas despesas de produção como constam no Anexo C<sup>35</sup>. Obviamente pagamentos também foram realizados por empresas privadas com o intermédio do Instituto como aponta o Anexo G.

Outra recorrência documental foi a incidência do tema “filmes” nas atas das reuniões realizadas pelo Instituto ao longo dos anos de 1962 a 1964, conforme pode ser observada no Anexo E. Essa recorrência permitiu a confirmação de uma dupla suspeita.

A primeira foi o período da realização dos documentários. Em reunião da Comissão Diretora do Rio de Janeiro em sete de agosto de 1962, o senhor Glycon de Paiva (membro da Comissão Diretora e, segundo Dreifuss, um dos principais conferencistas da Escola Superior de Guerra – ESG), informa a finalização de seis filmes realizados pelo escritório paulistano.

Glycon = Telefonema de São Paulo: 6 filmes preparados por São Paulo estão prontos. Assistir amanhã no 'studio' [da cidade do Rio de Janeiro] de Jean Manzon. Hora a ser marcada por Jean Manzon. A melhor hora seria 18 horas. Falar também com Jorge Bhering de Mattos para saber se há semelhança com filmes da Conclap (Anexo E; CD – RJ, 07/08/1962).

A última referência foi realizada pela Comissão Executiva paulistana em dois de abril de 1963 na qual se cobrou a realização do “filme sobre modificação do conceito do homem de empresa”<sup>36</sup>. A partir desses dados compreendemos que os

---

<sup>35</sup> Há rubricas específicas para cobrir despesas técnicas como “Serviços Técnicos”, pagos à Hélio Barrono Neto; Cid Moreira, por serviços de “locução de um dos filmes realizados”

<sup>36</sup> Anexo E; CE – SP, 04/04/1963.

filmes foram realizados entre meados de 1962 e meados 1963; não ultrapassando esse período.

Essas informações ratificaram a delimitação temporal deste trabalho por duas outras razões. A primeira circunscreve o próprio período que privilegiamos para as nossas análises: o período de 1961, ano das primeiras reuniões que definiram a criação do Instituto, a março de 1964, data do golpe de Estado. A segunda está ligada à própria delimitação temporal proposta pelo nosso objeto, posto que não houve filmes realizados pelo Instituto após o ano de 1963.

A segunda confirmação, tirada das atas das reuniões, foi sobre os temas abordados pelos filmes. Não há referências imediatas a eventos políticos ou sociais contemporâneos nas produções. Os temas são apresentados unicamente de maneira ampliada (democracia, representatividade, eleição, comunismo, liberdade, movimentos sociais urbanos e rurais etc.). Essa limitação, proposta por Harold Polland (membro das Comissão Diretora e Executiva, proprietário da companhia Metropolitana de Construções e sócio do Banco Português do Brasil – Anexo A) buscou limitar os temas dos filmes de modo que sua abordagem não referenciasse diretamente os eventos políticos e sociais do período.

O IPÊS deve adotar uma postura de completa inatacabilidade..  
Dou ex. Um levantamento do Cais do Porto. O IPÊS jamais deve  
aparecer diretamente em tal assunto ou semelhante. Agirá nos  
bastidores (CD – RJ, 12/06/1962).

As primeiras impressões sobre os documentários ipesianos foram as de que eles teriam sido realizados em conjunto ou, no mínimo, a partir de uma produção em série. Essa suspeita foi confirmada pelos documentos fílmicos do acervo particular da produtora Jean Manzon Films; hoje Jean Manzon Produções Cinematográficas. Organizados pelo próprio produtor de acordo com o número da

produção de cada filme realizado, assegurando aos seus clientes o resguardo de informações de distribuição e exibição em circuito comercial dos mesmos, esses arquivos contêm inúmeros documentos. Esses vão de *papers* da produtora (com informações relativas à produção dos mesmos como scripts, pré-roteiros e decupagens), passando pelos registros de exibição cinematográfica e reação do público durante sua exibição, a documentos oficiais dos financiadores autorizando e sugerindo temas a serem abordados nos filmes.

Nos documentos referentes à ligação comercial com o IPÊS uma carta comercial elucida a forma como os documentários foram “encomendados” pelo Instituto. A carta, datada de quatorze de dezembro de 1961, foi enviada pelo escritório de advocacia de um dos diretores da regional paulista do Instituto, o advogado Luiz Cássio dos Santos Werneck, membro dos Conselhos Orientador e Fiscal. Esse documento solicita da Produtora “pronunciamento urgente” sobre a possibilidade de realizar filmes documentários baseados em quatro “séries”: Histórica; Descobrimientos e Conquistas; Social Positiva; e Social Negativa (Anexo B). A partir desse documento é certo afirmar que as produções dos filmes ficaram sob a responsabilidade do IPÊS São Paulo. Também é possível afirmar que foi por intermédio de Werneck que se estabeleceu o contato com a Jean Manzon Films mesmo antes da criação oficial do Instituto.

Ao que indica o contato de Werneck, a idéia da realização de filmes partiu do escritório de São Paulo. Como esse era o escritório que recebia as maiores contribuições financeiras, era natural que as despesas com altos orçamentos ficassem sob sua responsabilidade. Segundo Dreifuss (1981, 201), a dotação orçamentária para a realização dos filmes era de cerca de quarenta e cinco milhões de cruzeiros<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Em valores corrigidos esse valor corresponde a aproximadamente três milhões de reais em valores de junho de 2005 (R\$ 2.890.081,53).

Em outro documento, desta vez enviado oficialmente oficial pelo próprio Instituto, Werneck se dirige aos contribuintes do Instituto para justificar as despesas com a realização dos filmes e informar já teriam sido realizados os “sete primeiros filmes documentários elaborados por Jean Manzon Films”.

Neste momento, a melhor notícia é a de que já temos, prontos, os 7 (sete) primeiros filmes documentários elaborados por Jean Manzon Films Ltda, e que abordam os seguintes temas:

- 1) Apresentação do IPÊS, seus princípios, seus propósitos e seus fundamentos;
- 2) A crise das ferrovias nacionais e o problema do estatismo;
- 3) A educação pelo voto, no sentido de melhorar o nível dos representantes do povo;
- 4) O problema do Nordeste e o papel que poderá ser desempenhado pela livre emprêsa;
- 5) O que o país espera da UNE;
- 6) A situação dos portos brasileiros;
- 7) Os problemas e o déficit da Marinha Mercante;
- 8) A real situação dos marítimos, dos portuários e dos estivadores (Anexo D).

O documento aponta também para um contato “experimental” com a empresa “Produções Carlos Niemeyer Ltda” que estaria realizando um filme sobre a Força Aérea Brasileira – FAB. Indica a “intenção” de encomendar a realização de mais dois filmes, um sobre a Marinha Mercante e outro sobre o Exército. No entanto, dos quatorze documentários disponíveis nos documentos o Instituto, não há nenhum que aborde especificamente a FAB. Pelos créditos é possível encontrar apenas um único filme produzido por Calos Niemeyer: *A boa Empresa*.

Embora haja, no livro caixa das atividades realizadas entre os anos 1962 e 1963 (Anexo C), lançamentos específicos de pagamentos pela realização de filmes de propaganda para empresas como Persin e Perin Produções<sup>38</sup> e Denison Propaganda<sup>39</sup>, não há indicação de pagamentos realizados à produtora de Carlos Niemeyer e/ou Canal 100 (uma de suas associadas). Entretanto, há, no caixa de lançamento do IPÊS Guanabara, um pagamento realizado para Cid Moreira por serviços de “locução” em um dos filmes realizados pelo Instituto. A locução foi realizada para o documentário *A boa empresa*. Acreditamos que essa ausência indique que o efetivo pagamento pela realização do filme tenha sido realizada, como aponta Domício da Gama, pelo escritório paulistano ou tenha sido realizado por outras empresas<sup>40</sup>.

Entretanto, como afirma Denise Assis<sup>41</sup> (2001, p. 25), o Canal 100 e a Jean Manzon Films chegaram a realizar conjuntamente algumas produções. Apesar de Carlos Niemeyer negar a realização de filmes para o IPÊS, ele indica a possibilidade de alguns filmes realizados por Jean Manzon levarem a assinatura de sua empresa pois foram sócios. Essa informação entretanto, não foi confirmada por nenhum dos documentos do IPÊS. Desse modo, dentro da proposta deste trabalho

---

<sup>38</sup> Como aponta Antônio Amâncio (2001, 269/70), René Persin iniciou sua carreira nas Actualités Françaises. No Brasil chegou por intermédio de Jean Manzon em abril de 1952 e logo se associou à sua produtora. Realizou inúmeros trabalhos e chegou a documentar a construção de Brasília. Quando se separou da firma montada com Jean Manzon criou a PPP – Persin e Perrin Produções. Realizou centenas de documentários e filmes de publicidade.

Hubert Perrin, montador da FOX Movietone News de Paris, chegou ao Brasil na mesma época que seu conterrâneo Persin, julho de 1952, também convidado por Jean Manzon. Na produtora trabalhou até 1957 ano em que montou a produtora com René Persin. A produtora que montou juntamente com seu conterrâneo encerrou suas atividades em 1999. AMÂNCIO, Antônio. *Asas da Panair*. In.: RAMOS, Fernão et alli (Orgs.). **Estudos de cinema – SOCINE**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

<sup>39</sup> O senhor. Domício da Gama, ex funcionário do IPÊS não soube informar a quantidade das produções realizadas pelo Instituto. Informou que eram realizados tanto no Rio quando em São Paulo. Os assuntos eram acertados pela direção que repassava Jean Manzon como indicação. Ficava a cargo desse a confecção do roteiro e o estabelecimento da seqüência adequada dos temas abordados (Dez/2004). Conforme entrevista ao autor.

<sup>40</sup> O pagamento por serviços prestados e/ou a prática do recebimento de contribuições através de empresas que serviam como fachada, era prática comum nas atividades do Instituto. Assim, sugerimos que esse pagamento possa ter sido feito dessa forma conforme entrevista do senhor Domício da Gama ao autor em dezembro de 2004.

<sup>41</sup> ASSIS, Denise. **Propaganda e Política a serviço do Golpe (1961/1964)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

de analisar o discurso do IPÊS através dos documentários realizados pela Jean Manzon Films, não abordaremos o filme *A boa empresa*.

Ratificando nosso posicionamento, na reunião geral de vinte e três de novembro de 1963, o advogado Luiz Cássio do Santos Werneck informa já terem sido realizados pela Jean Manzon Films onze documentários, incluindo dois patrocinados por Jorge Bhering de Matos, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Um documento encontrado nos arquivos do Instituto elenca dezessete títulos como sendo realizações do Instituto<sup>42</sup>: *IPÊS Antigo*, *A noite mais triste* e *Sobre a criação do I. 25*. O décimo quinto tópico, embora numerado, não relaciona nenhum título. Entretanto, no universo documental atribuído ao IPÊS não encontramos nenhuma outra referência a esses filmes. É certo que o Instituto distribuía e exibia filmes produzidos por empresas associadas. Nesse caso, como não encontramos referência aos filmes sobre a Marinha Mercante, Exército e FAB, compreendemos que essa lista possa fazer referência a filmes e títulos transcritos de maneira diferenciada<sup>43</sup>. A correspondência entre a Jean Manzon Films e o IPÊS indica também a mudança de títulos de filmes no processo de finalização dos mesmos.

Desse modo, contemplando o recorte proposto pelo nosso trabalho de abordar os filmes realizados pela Jean Manzon Films para o IPÊS, analisaremos os seguintes filmes disponíveis no universo documental do Instituto: *O Brasil precisa de você*; *Nordeste problema numero um*; *História de um maquinista*; *A vida marítima*; *Depende de mim*; *Uma economia estrangulada*; *O IPÊS é o seguinte*; *Portos Paralíticos*; *O que é o IPÊS*, *Criando homens livres*; *Deixem o estudante estudar*; *O que é democracia*; e *Conceito de empresa*.

---

<sup>42</sup> Fundo IPÊS. Caixa 11, pacote 06. Arquivo Nacional.

<sup>43</sup> Um desses casos ocorreu com o filme *O IPÊS é o seguinte*, tratado nos documentos da Jean Manzon Film como “Apresentação do IPÊS”.

Um trabalho significativo para a compreensão das realizações fílmicas do Instituto foi elaborado pelo historiador Edson Luiz Nars<sup>44</sup>. Nars, tratando especificamente das produções da Jean Manzon Films, sistematizou todos os filmes realizados pela produtora desde o governo de Minas Gerais, então governado por Juscelino Kubitschek, chegando até as realizações para o governo federal do general presidente Costa e Silva. O historiador organizou os filmes realizados entre os anos 1954 a 1969 a partir da data de suas produções. Nesse período, o historiador tratou também dos filmes realizados pelo IPÊS.

Embora tendo sido criterioso com relação às fontes e ao período, baseado nos certificados de censura anexados aos documentos referente às produções, a sistematização proposta por Nars pode apresentar alguma incoerência visto que nem sempre os certificados de censura eram liberados na ordem dos pedidos de protocolo. Seus dados entretanto são os mais fundamentados para se abordar o período de realização dos filmes uma vez que as informações disponíveis quanto ao lançamento dos mesmos se perdem na despreocupação do registro de exibição dos “complementos” em favor dos filmes de longa-metragem<sup>45</sup>.

## 1.2.2 Um duplo destino: cinemas e boulevard

Em reunião ocorrida em três de janeiro de 1963 a Comissão Executiva de São Paulo indica a intenção do IPÊS de comprar um ônibus “cine-biblioteca” destinados à exibição de filmes.

---

<sup>44</sup> NARS, Edson Luiz. **Um olhar sobre o Brasil pelas lentes de Jean Manzon: de JK a Costa e Silva**. Araraquara: UNESP, 1996.

<sup>45</sup> A Distribuidora Severiano Ribeiro não tem registro de informações referentes a exibição desses filmes.

O Sr. João Baptista pede com urgência o plano do ônibus destinado a biblioteca e exibição de filmes que o Dr. Ricardo Cavalcanti de Albuquerque ficou de apresentar (Anexo E; CE – SP, 03/01/1963).

Como indica o Anexo H, a distribuição dos filmes era realizada pela Jean Manzon Films. Havia ainda a participação da cadeia de cinemas de Severiano Ribeiro<sup>46</sup>. Apesar da eficiente distribuição realizada pela produtora, o escritório regional da Guanabara elaborou um engenhoso processo para a exibição dos mesmos visando atender algumas atividades realizadas pelo Instituto.

Conforme indicam as atas das reuniões realizadas pelo Instituto (Anexo E) e os recibos de pagamento da regional Guanabara (Anexo C), seus filmes foram exibidos tanto para públicos específicos (industriais, empresários, estudantes, jornalistas etc), quanto para o público em geral. Se, como afirma Dreifuss, as ações do IPÊS eram destinadas tanto para uma “doutrinação geral” quanto para uma “doutrinação específica”, podemos supor que essa percepção também foi aplicada aos seus filmes. Dessa forma, compreendemos que essa dupla atividade pressupunha mecanismos adequados a cada uma de suas frentes de ação. E nesse sentido, a exibição fora do circuito comercial atendia ao que Dreifuss considerou como “doutrinação específica”.

#### **1.2.2.1 Pequeno público: empresários e industriais**

Em onze de maio de 1962, o associado Oswaldo Tavares Ferreira relatou seu trabalho junto a empresários, visando “adestrá-los”, e ressaltou a importância da utilização de filmes.

---

<sup>46</sup> Anexo E; CD – RJ, 28/08/1962.

Oswaldo Tavares Ferreira = Reuniões com empresários. Explica seu trabalho, junto com empresários, visando adestrá-los e transmitir-lhes uma correta imagem do IPÊS, etc. Filme. Integração do empresário com o IPÊS. 150 pastas (...) (Anexo E; CD – RJ, 11/05/1962).

Nesse sentido, como indicam diversas de suas reuniões, os filmes eram usados juntamente com cursos como os de “formação política” (Cursos de Atualidade Brasileira, a Universidade do Trabalho em Campinas, a distribuição de bolsas de estudo, publicações de livros etc)<sup>47</sup> que privilegiava a formação de “líderes”. O conceito era a de que esses líderes – também compreendidos pelo grupo como “formadores de opinião” – reproduziriam posteriormente os conceitos apreendidos aos seus subordinados ou entre a população<sup>48</sup>.

De maneira geral, os temas mais comuns nesses filmes giram em torno do papel da iniciativa privada na condução da economia nacional e da ameaça aos direitos de liberdade e propriedade. Eles pregam também a necessidade do engajamento do empresariado na defesa de seus próprios bens e de uma virtude maior: a democracia. Apontam também para as possíveis soluções para a contenção do avanço dos movimentos sociais (greves, reivindicações salariais etc), traduzidos como o avanço dos ideais comunistas.

Outra reunião em vinte e três de novembro de 1963, indica a idéia de utilizar os filmes elaborados pelo Instituto para a “educação do empresariado”.

João Baptista Leopoldo Figueiredo = Temos um projetor da McCann Erickson para transformar em filme, cogitado de educação do empresário (Anexo E; G, 23/11/1963).

---

<sup>47</sup> Anexo E; CE – RJ, 15/05/1962; CE – RJ, 05/06/1962; CE – RJ, 02/10/1962; CE – RJ, 18/12/1962; CE – RJ, 28/01/1963; CE – RJ, 08/04/1963; CE – RJ, 30/05/1963.

<sup>48</sup> O Instituto utilizou diversos jornalistas para divulgar matérias e opiniões (Anexo E; CE – RJ, 08/06/1962; CE – RJ/SP, 20/01/1963; e CE – RJ, 08/04/1963).

Apesar de não haver referências concretas à aquisição do ônibus-biblioteca, uma movimentação financeira incomum nos lançamentos contábeis do escritório da Guanabara nos despertou grande interesse.

Como o IPÊS possuiu escritórios em diversos estados, suas atividades nem sempre eram correlatas. A contabilidade apresentada pelo escritório do Rio de Janeiro é confusa, chegando a misturar pagamentos efetuados pelos dois escritórios<sup>49</sup>. Entretanto, nesses lançamentos, uma rubrica, “Material de Propaganda”, aponta para a forma muito específica na utilização dos filmes pelo escritório da Guanabara.

Entre setembro de 1962 e janeiro de 1963 o Instituto alugou quinze “filmes educativos” de Cid Homero Aguiar; certamente razão social de uma locadora de filmes. Intercalado entre os quinze pagamentos, o primeiro de dezenove de setembro de 1962 e o último de três de janeiro de 1963, constam quatro lançamentos realizados para cobrir despesas de “exibição de filmes de propaganda em bairros” feitas ao padre Pedro Velloso e ao padre Ponciano Dutra (Anexo C). É importante observar que esses lançamentos ocorreram após a aquisição das seis cópias de filmes, como consta da ata da reunião da Comissão Executiva paulista em 28 de agosto de 1962 (Anexo E), e da aquisição, em trinta de outubro de 1962, de um projetor Bell and Howell 16mm (Anexo C).

(...) Luiz Cássio dos Santos Werneck avisa que cópia dos filmes de 16mm estão prontas e estão na sede de SP (Anexo E; CE – RJ, 28/08/1962).

É certo que a exibição dos documentários ocorria, como afirmamos anteriormente, especialmente através do circuito comercial. Entretanto, paralela à

---

<sup>49</sup> Segundo Domício da Gama, a contabilidade das movimentações financeiras do Instituto era confusa, sendo por vezes realizada sem critérios profissionais. Entrevista ao autor, dezembro de 2004.

exibição nos grandes cinemas, o IPÊS organizou uma complexa estrutura para exibição de seus filmes transformando-os em mecanismo para angariar novos contribuintes e membros para suas atividades.

O IPÊS já principiava o trabalho de exibição de filmes através de instituições como a Pontifícia Universidade Católica – PUC (Anexo C), através do padre Velloso, e esboçava uma estrutura mais própria e audaciosa de propagação dos mesmos. Assim, utilizando-se de um dos mais proeminentes membros do Grupo de Integração do IPÊS Rio, o general Nelson Reynaldo de Carvalho, o Instituto passa a exibir os filmes a partir de “unidades moveis”<sup>50</sup>. Segundo Dreifuss,

O grupo Integração também estruturou ‘unidades móveis’, cujos objetivos eram levar o pedido de colaboração para com o projeto político do IPÊS, aos membros de fora das áreas centrais do Rio e de São Paulo e das outras cidades maiores onde o IPÊS mantinha escritório (1981, p. 200/1).

A ação do General Nelson Reynaldo Carvalho junto a empresários na região de Campos, estado do Rio de Janeiro, incitaria no Instituto a utilização dos filmes para ampliar ainda mais o seu quadro de contribuintes.

João Baptista Leopoldo Figueiredo = Pede a ida do Gen. Nelson R. Carvalho para São Paulo logo que seja possível para trabalhar na angariação de novos sócios (Anexo E; G, 23/11/1963).

O pagamento do projetor foi feito em nome do próprio general Nelson Reynaldo de Carvalho que passaria a utilizá-lo em suas viagens pelo interior dos Estados do Rio e São Paulo (Anexo C). Desse modo, trabalhando como um angariador de novos contribuintes e simpatizantes, o general Nelson Reynaldo

---

<sup>50</sup> Anexo E; CE – SP, 03/01/1963.

Carvalho passou a exhibir filmes em suas viagens. Além da exibição dos filmes em “unidades móveis”<sup>51</sup>, a sua projeção também se tornou uma prática comum nos encontros realizados pelo Instituto<sup>52</sup>.

A secretaria do escritório carioca iniciou, de trinta e um de outubro de 1962 a treze de maio de 1963, o pagamento constante a título de reembolso por “despesas de viagem ao interior do estado”, “despesas com viagem a nosso serviço” e “despesas com viagem de interesse do instituto”, para “Nelson R. Carvalho”.

Segundo Domício da Gama<sup>53</sup>, o Instituto exhibia constantemente filmes como forma de promover as atividades realizadas, reuniões informais, e também como tentativa de integração com o empresariado. Essas reuniões ocorriam em diversas cidades onde o IPÊS possuía membros e representantes. Os filmes eram exibidos em empresas, sindicatos, igrejas e associações de classe.

Desse modo, é incorreto pensar os filmes do IPÊS como destinados unicamente às camadas populares. A sua utilização nos eventos em que se buscava “educar”, como constam das suas reuniões, é significativa de sua importância como instrumento difusor das teses propostas pelo Instituto. Entretanto, é necessário entender como eles também chegaram ao grande público.

---

<sup>51</sup> Há indícios de que o Instituto tenha conseguido adquirir, através de patrocínios da Mercedes Benz e da CAIO, um ônibus que serviria como biblioteca e como sala de projeção para os filmes do Instituto (Anexo E; CE – SP, 03/01/1963).

<sup>52</sup> A primeira referência às reuniões utilizando os filmes foi feita por João Baptista Leopoldo Figueiredo que realizaria a primeira reunião em sua residência (CE – SP, 11/12/1962). Domício da Gama também nos confirmou essa operação. Entrevista ao autor, dezembro de 2004.

<sup>53</sup> Entrevista ao autor, dezembro, 2004.

### 1.2.2.2 O Grande público

O filme *Conceito de Empresa* possui uma seqüência que expõe significativamente as intenções do Instituto com a utilização do cinema. Incitando os empresários a propagar o “valor social” das empresas e sua contribuição para o crescimento do país, o filme sugere que os empresários utilizem as “armas dos seus adversários” se valendo da “força mais eficiente e direta da propaganda moderna: o cinema”. Alerta ainda o filme que para a utilização adequada do cinema os empresários deveriam realizar a “propaganda de imagens” mostrando “imagens adequadas” e utilizando linguagem direta. Obviamente, dada a própria característica do assunto abordado, o filme *Conceito de empresa* não foi distribuído para a exibição pública pela Jean Manzon Films.

Como aponta Denise Assis (2001, p. 24/5), os filmes realizados pelo Instituto possuíam um alto grau de manipulação das informações abordadas. Segundo a autora, o cinema foi um “grande aliado na propaganda política produzida pelo IPÊS”, realizando um verdadeiro “bombardeio ideológico” de suas ações. A autora justifica a realização dos filmes através do formato de programação cinematográfica já praticado no país (a exibição de um curta sempre antecedendo a um filme de longa-metragem). Afirma a autora ainda que o efeito dos filmes ipesianso sobre as “áreas mais pobres do país, com forte dose de analfabetismo e sem qualquer capacidade crítica, foi decisiva” para ampliar a idéia de um golpe gerado pela esquerda e que ameaçava o sacrossanto direito à família e à propriedade (2001, p. 25).

Como indicamos anteriormente, os filmes documentários realizados pelo IPÊS eram distribuídos pela própria Jean Manzon Films em parceria grandes redes de cinemas (circuitos Serrador e Verdi São Paulo; José Luiz Andrade; Emílio Peduti; circuito de Curitiba; circuitos Lívio Bruni; Severiano Ribeiro e Atlântida) e

salas exibidoras isoladas (Anexo H). Entretanto, o Instituto se encarregava também de distribuí-los estabelecendo parcerias com entidades religiosas, clubes, sindicatos e pequenas salas de exibição<sup>54</sup>. As exibições em entidades classistas, religiosas e assistenciais possuíam como característica o fato de serem dirigidas a um público pouco especializado se comparado ao público atendido pelo Grupo Integração.

Ainda segundo Assis (2001, 25), os filmes realizados pelo Instituto tinham sua atenção centrada no “caráter ateu do comunismo e na ameaça das idéias socialistas contra a família e a propriedade”. É certo que a característica de propaganda e da manipulação das informações contidas nos filmes, como veremos adiante, condicionava-os a apenas duas reações possíveis: aversão ou afeição aos temas abordados. Foi buscando uma possível “afeição” aos assuntos que o IPÊS instituiu a necessidade da exibição de boa parte de suas realizações cinematográficas no circuito comercial de exibição.

A preocupação com a aceitação dos filmes fez com que o Instituto encomendasse da Jean Manzon Films inúmeros relatórios com observação da reação do público no momento da projeção dos filmes (Anexo R).

De maneira geral, os assuntos dos filmes dirigidos ao público ratificam três noções comuns: a ameaça aos padrões econômicos e sociais já estabelecidos na sociedade brasileira (a democracia, o capitalismo e a liberdade), a banalidade das ações contrárias à democracia e a livre iniciativa (as idéias comunistas), e, por fim, as conseqüências desastrosas que o comunismo poderia trazer à população. Todos eles buscavam, entretanto, estabelecer um discurso onde se procurou atribuir à população a responsabilidade pela manutenção das garantias sociais, econômicas e o desenvolvimento social.

---

<sup>54</sup> Os padres. Ponciano Dutra e Pedro Veloso receberam por serviços de “exibição de filmes em bairros” e filmes de “propaganda” nos anos de 1962 e 1963. Também receberam por serviços de exibição e aluguel de salas, Silvio Santa Cruz, do Cinema Santa Cruz. Pancrácio Dutra recebeu, respectivamente, para exibição de filmes em “bairros proletários” e “exibição de filmes educativos” (Anexo C)

Segundo José Inácio de Melo Souza<sup>55</sup> (2003, p. 22), essa característica da utilização do cinema como um instrumento de propaganda política já era uma prática comum no país desde Getúlio Vargas quando o Estado, tomando para si o controle dos meios de comunicação, passou também a gerir sua própria imagem. É certo que, pelas dimensões do projeto político do Estado Novo, a necessidade de implementar instrumentos de controle e coerção da população se avizinhou como uma necessidade primeira. No entanto, essa característica aplicada a uma instituição privada ainda era algo inédito no país.

Apesar da complexidade de suas ações, o cinema para o Instituto teve um papel preponderante como elemento tanto agregador de suas teses e projetos, quanto como elemento de propagação de suas idéias. Nesse sentido, a opção pelo gênero documentário faz-se mais ou menos consolidada pela própria compreensão que o Instituto fazia sobre ele como um cinema que teria fins informativos e até mesmo didáticos como aponta a reunião geral realizada em vinte e três de novembro de 1962 (G, 23/11/1963).

### 1.3 O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

É possível definir algumas estratégias específicas para a abordagem dos estudos sobre o gênero documentário. Desconsiderando as teorias que indicam a não especificidade do campo, Fernão Ramos<sup>56</sup> defende a delimitação do campo tanto por aspectos referentes às imagens quanto pela própria estrutura narrativa.

---

<sup>55</sup> SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação**. São Paulo: Anablume, 2003.

<sup>56</sup> RAMOS, Fernão et alli (Orgs.). **Estudos de cinema – socine**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

Nesse sentido, Ramos pressupõe para a definição do campo documental a necessidade do deslocamento subjetivo como eixo central de análise. O autor estabelece a especificidade do campo ficcional a partir de dois conceitos centrais. O primeiro é o que estabelece o documentário como uma narrativa em imagens “composta por asserções que mantém uma relação (...) com a realidade que designam” (Ramos, 2000, p. 198/9); apesar de ressentir na abordagem analítico-formal os limites das discussões que reduzem o campo documentário a enunciados lógicos. O documentário dessa forma sempre traz a “voz”, como aponta Bill Nichols<sup>57</sup>, como elemento central dentro do que poderia ser considerado uma estilística documental.

As formas documentárias (do documentário clássico, passando pelo cinema verdade e direto, até os documentários em primeira pelas *web cam*) centram-se, segundo Nichols, no estatuto da voz. Sobre a “voz” podemos compreendê-la como

(...) algo mais restrito que estilo: aquilo que nos transmite o ponto de vista social de um texto, a maneira como ele nos fala ou como ele organiza o material que nos é apresentado. Nesse sentido, a ‘voz’ não se restringe a um código ou a uma característica, como diálogo ou comentário narrado. Voz talvez seja algo semelhante àquele padrão intangível formado pela interação de todos os códigos de um filme, e se aplica a todos os tipos de documentário (Nichols, mimeo).

Na medida em que podemos compreender o documentário como fazendo asserções sobre o mundo, o estatuto da voz é um elemento central. Desse modo, no sentido estabelecido por Nichols, podemos pressupor a voz como aquele fenômeno narrativo que contempla desde a voz “off” (a clássica “voz de Deus”), passando

---

<sup>57</sup> “A voz do documentário”, de autoria de Bill Nichols (mimeo), a ser editado.

pela voz “over”, onde o narrador não é identificável, até as cartelas dos filmes mudos e as vozes delegadas, entrevistas e testemunhos dos cinemas verdade e direto. Ou, recorrendo André Gaudreault, apud Costa<sup>58</sup> (1995, p. 70), a idéia de “meganarrador”; instância narrativa fundamental que realiza a fusão dos dois modos fundamentais da comunicação narrativa, a “mostração” e a “narração” e lhe estabelece sentido.

O segundo conceito que estabelece a especificidade do campo documental é dado pela própria imagem documental. Para Ramos, a imagem documental pode ser pensada a partir de estruturas recorrentes a sua própria composição. O autor estabelece a circunstância da tomada como essencial à especificidade do campo documental.

O cinema não ficcional é voltado para o instante da tomada, para o transcorrer da duração na tomada e para maneira própria que este transcorrer tem de se constituir em presente, que se sucede na forma do acontecer (Ramos, 2000, 202).

Essa tomada é retirada a partir de uma situação de mundo e da presença de um sujeito que sustenta a câmera: o “sujeito da câmera” (Ramos, 2000, 200). Nesse sentido, a definição ao campo aplicada pela imagem é sustentada pelo fato de a imagem ser constituída em uma situação de mundo, mediada por um sujeito que sustenta a câmera e impressa em um suporte. Esse suporte, segundo Ramos, ao fundar a relação espectral, tem o poder de “lançar” o espectador à “circunstância da tomada fundada pelo sujeito da câmera” (2000, p. 200).

No filme ficcional essa relação com a imagem é inexistente pela própria dinâmica de sua realização e construção como desvinculada de uma situação de

---

<sup>58</sup> COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**. São Paulo: Scritta, 1995.

mundo. Para Bill Nichols<sup>59</sup>, se referindo ao realismo latente na imagem documental, o estilo oferece indícios da presença de um realizador.

O realismo documental, portanto, testemunha uma presença. O diretor esteve ali, os indícios o confirmam. Em vez de conduzir a uma relação isenta de problemas com um mundo imaginário, nos oferece um pretexto no mundo histórico. Nos permite ver o que teríamos visto se estivéssemos estado lá, ver o que teria ocorrido ainda que a câmara não tivesse registrado: essas impressões da realidade nos lançam no mundo tal como ele é. Em vez de nos transportarmos sem esforços às distantes regiões da fantasia, o realismo documental nos leva ao mundo histórico do presente através da manobra da presença do realizador<sup>60</sup> (Nichols, 1997, p. 238)

Um outro elemento que podemos agregar à definição da narrativa não-ficcional é o conceito de diegese. Característica essencial do cinema ficcional, a diegese não encontra sentido no cinema não-ficcional posto o elemento narrativo documental não se sustentar sobre o enredo ficcional. Como indica Christian Metz<sup>61</sup>, o termo designa

(...) a instância representadora do filme (...) isto é, em suma, o conjunto da denotação fílmica: o enredo em si, mas também, o tempo e o espaço implicados e outros elementos narrativos, desde que tomados no seu estado denotado (Metz, 1972, p. 118).

---

<sup>59</sup> NICHOLS, Bill. *La representación de la realidad : cuestiones y conceptos sobre el documental*. Barcelona : Paidós, 1997.

<sup>60</sup> “El realismo documental, por tanto, atestigua una presencia. El director estuvo allí, las pruebas lo confirman. En vez de llevarnos a una relación exenta de problemas con un mundo imaginario, nos ofrece un asidero en el mundo histórico. Nos permite ver lo que habríamos vistos si hubiéramos estado allí, ver lo que habría ocurrido aunque la cámara no lo hubiera registrado: estas impresiones de realidad nos anclan al mundo tal y como es. En vez de transportarnos sin esfuerzo a las lejanas regiones de la fantasia, el realismo documental nos lleva al mundo histórico del presente a través de la manobra de la presencia del realizador”

<sup>61</sup> METZ, Christian. **Significação do Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

Nesse sentido, como aponta Ramos, estabelecendo um amplo espectro para a abordagem do gênero documental, é possível aproximar suas mais diversas formas que vão desde os films de viagens (travellogs), os cinejornais de tela (newsreels), as atualidades, como o “Atualidades Francesas”, até o “docudrama”, que tem seu horizonte imediato nas reconstituições de situações quotidianas ou momentos históricos. Mesmo nos documentários realizados com imagens de arquivo é possível estabelecer uma dimensão particular à tomada e sua relação com a voz.

Neste trabalho, o recorte para se pensar os documentários ipesianos está alicerçada nos conceitos estabelecidos por Ramos e Nichols. Entretanto, se precisamos aplicar uma caracterização mais específica aos mesmos, iremos compreendê-los a partir do modelo “clássico” estruturado especificamente sobre a voz “off”. Nesse sentido seu estilo remete ao padrão estabelecido pelo documentarismo inglês quando o cinema se vincula ao Estado. Seu vínculo com o poder público, entretanto, não se faz em termos unicamente de propostas econômicas, mas se estrutura pela própria convicção de uma escola, como aponta Nichols, de propósitos didáticos. Essa relação com a máquina estatal imprimiu no documentário um traço estilístico muito próprio que contempla o didatismo, a encenação e a voz over.

O estilo do discurso direto da tradição griersoniana (ou, em sua forma mais exagerada, o estilo ‘voz de Deus’) foi a primeira forma acabada de documentário. Como convém a uma escola de propósitos didáticos, utilizava uma narração em off supostamente autorizada, mas quase sempre arrogante. Em muitos casos essa narração chegava a dominar os elementos visuais (Nichols, mimeo)

Segundo Ramos, a escola documentarista britânica é o primeiro momento em que um grupo pensa sobre a prática documentária, concretizando o primeiro estilo do gênero. Essa escola domina a produção documentária dos anos 1930 a 1950, mas seu reflexo ainda pode ser observado (os documentários sobre a vida estilo National Geographic são um exemplo mais concreto da atualidade sobre esse estilo). Uma das questões mais relevante na utilização desse estilo de documentário e que estabelece, para os propósitos deste trabalho, seu vínculo com uma proposta didática é a possibilidade de enxergá-los também como um instrumento de “propaganda”. Nesse sentido, o estilo clássico narrativo do documentarismo britânico foi uma das mais significativas estratégias de utilização do gênero com propostas políticas.

Essa estética gerida pelo Estado parece ter se fundado enquanto padrão comum ao cinema de propaganda político como forma de obter consentimento público. Note-se que o ponto de partida para esta abordagem está na definição da propaganda política realizada unicamente através do documentário<sup>62</sup>. Um de seus eixos centrais está na idéia que se faz do outro; de uma estética e forma que nascem por conta do outro, do destinatário. Elegem-se as verdades que serão apresentadas (ou representadas) e conclui-se pela desqualificação de um possível opositor. Em essência, essa determinação da propaganda política reflete, com maior ou menor determinação, um padrão discursivo comum que se define em um conteúdo estético e de representação que leva em conta as características do período histórico no qual está inserido.

As atualidades inglesas durante a primeira guerra mundial, os filmes feitos no “fronts” de guerra, indicam que esses filmes serviram de propaganda ao Estado inglês por apresentarem a guerra apenas sob sua perspectiva. Mesmo significativo,

---

<sup>62</sup> Os filmes de ficção anti-semitas alemães e os filmes anti-comunistas norte-americanos não estão contemplados em nossa análise pois não se insere no campo não-ficcional.

o processo pelo qual a estruturação da linguagem da propaganda seguiu não é nosso objetivo. Entretanto não há de se desconsiderar que uma das vertentes adotadas tenha seguido mais intensamente a formulação eisensteiniana de montagem (o realizador/diretor como apto a conduzir seu expectador nos mínimos detalhes, a *montagem intelectual*, que considera todos os dados de todos os planos, a questão do impacto da imagem, etc).

### **1.3.1 Política e propaganda: a possível definição de um padrão discursivo**

Na Alemanha, até o início da década de 1930 o partido nacional socialista de Adolf Hitler possuía uma sessão destinada ao cinema na qual trabalhavam poucos funcionários. Segundo Roger Manvell<sup>63</sup> (1971, p. 68), essa sessão do partido, subordinado ao controle de Joseph Goebbels, publicava seu próprio jornal cinematográfico (*Der Deutsche Film*) desde 1932. Entretanto, ainda segundo o autor, quando Hitler se torna Chanceler em 1933 é criada uma estrutura de propaganda e controle dos meios de comunicação que ficou sob a jurisdição do novo Ministério da Propaganda e Instrução Pública controlado por Joseph Goebbels.

Ainda segundo Manvell, Goebbels adquiriu muita experiência sobre as potencialidades do uso de filmes documentários nos anos anteriores a 1933. Afirmando a influência do partido nazista sobre os meios de comunicação, especialmente os filmes, Manvell aponta para a ação da UFA (*Universum Film A. G.*) e pela Deulig Film que passaram a expor a marca do partido nacionalista em

---

<sup>63</sup> MANVELL, Roger. **The german cinema**. London: J.M. Deut & Sons Limition, 1971.

suas produções, realizando diretamente a propaganda do partido nazista (Manvell, 1971, p. 67). Juntas, as produtoras controlavam quase cinquenta por cento das produções de cinejornais alemães. Ainda segundo Manvell, nas reuniões do partido eram freqüentemente utilizados cinejornais produzidos por Alfred Hugenberg, proprietário da UFA, e ativo colaborador do partido nacionalista desde 1932 (Manvell, 1971, p. 67). Realizando a propaganda política do partido, diversos filmes como “A Alemanha desperta” (*Deutschland Erwacht*, 1933) e “Nosso Führer” (*Unser Führer*, 1933), foram lançados como forma de influenciar nas eleições nacionais de 1933 e no plebiscito para confirmar a assunção de Hitler como chefe de estado em 1934.

Segundo Leif Furhammar e Folke Isakson<sup>64</sup> (1976, p. 37), os congressos do partido nazista em Nuremberg, que se destinavam à edificação dos membros do partido, ganharam importância pela característica espetacular de como eram cuidadosamente organizados e como forma de propaganda das iniciativas do partido. Os documentários de Leni Riefenstahl, (“A Vitória da Fé”, *Sieg des Glaubens*, 1934 e “Sangue e Terra”, *Blut and Boden*, 1934), além das próprias produções do Partido Nacionalista como “Hitler voa sobre a Alemanha” (*Hitler’s Flug über Deutschland*”, 1933), levaram milhões de pessoas ao cinema. Segundo os autores, o Estado alemão decidiu dar grande ênfase à produção de documentários (Furhammar & Isakson, 1976, p. 39).

Conforme apontam os autores os filmes realizados pelo estado nazista, ou sob o seu patrocínio, se pautavam por uma atitude desdenhosa em relação à autonomia do povo alemão (a necessidade de alguém para conduzi-la contra um mal ao qual está exposta) e pelo anti-semitismo; prática comum nos filmes realizados pela Universum Film A. G. – Ufa, desde 1917. As declarações de Hitler são específicas nesse sentido: “a massa não tem consciência do terrorismo

---

<sup>64</sup> FURHAMMAR, Leif & ISSAKSON, Folke. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

espiritual a que está exposta, nem do escandaloso abuso de sua liberdade humana” (Furhammar & Isaksson, 1976, p. 35). Nesse sentido, cremos que foi na Alemanha, e sob o controle do III Reich, que os filmes de propaganda política atingiram seu ápice, seja em produção, em orçamento e técnicas utilizadas.

Referindo-se a seleção dos assuntos apresentados em documentários destinados à propaganda, Furhammar e Isaksson indicam que

A seleção e a meia verdade são os pontos fundamentais do documentário propagandístico, e é um fato psicológico que as meias verdades sirvam do mesmo modo que as verdades inteiras como base para ilusões cinematográficas do que é real (1976, p. 146).

Como apontamos no tópico anterior, um dos traços comuns do discurso da propaganda política está na concepção que se faz do outro; do destinatário. Um segundo aspecto diz respeito à estruturação dos campos opostos de bem e mal. Em face destes se delimitam os opositores, desqualificam-se suas ações e apontam-se seus cúmplices. Por fim, passa-se a elevação dos aliados que serão loureados com as virtudes do “bem”. Segundo Furhammar & Isaksson,

(...) os filmes de propaganda têm o bem e o mal tão bem ordenados, com seus personagens bem definidos e seus conflitos claramente desenhados, que há pouca escolha além de reagir com as violentas emoções que são provocadas (1976, p. 148).

Entretanto, essas características precisam, antes, se dirigir às emoções e ao mesmo tempo falar diretamente ao seu público. Sem um processo de convencimento e de envolvimento emocional a propaganda não convence. Manvell aponta que a propaganda necessariamente “exclui sentidos racionais” (1971, p. 66).

Foi o caso, por exemplo, da propaganda anti-semita fora da Alemanha. O envolvimento emocional do público fora dos limites germânicos não era tão intenso quanto o interno. Segundo Huxley (1936), apud David Welch<sup>65</sup> (1985), como elemento de convencimento a propaganda precisa direcionar suas ações para movimentos e sentimento já existentes no seio da sociedade.

A propaganda confere força e direção aos sucessivos movimentos dos desejos e sentimentos populares, mas isso não é o suficiente para criar esses movimentos. O propagandista é um homem que canaliza um sentimento já existente. Em um país onde isso não existe, essa ação é em vão<sup>66</sup> (Welch, 1985, p. 281).

Para Bartlett<sup>67</sup>, a simples referência aos assuntos nos filmes de propaganda política não é responsável pela simples adoção ativa dos seus propósitos.

A sugestão não cria nada, só pode despertar, combinar e dirigir tendências que já existem<sup>68</sup> (Bartlett, 1963, p. 57).

É certo, entretanto, que os filmes de propaganda nem sempre atingem conscientemente seus objetivos, mas quando o fazem atingindo uma plateia cujas emoções já estão sensibilizadas pelo objetivo do filme, oferecem um grau de êxtase emocional que nenhum outro gênero pode conseguir. Bartlett (1963, p. 15), ao tratar especificamente sobre a propaganda política realizada na década de 1960, indica que sua realização se deve a dois fatores precisos: o avanço da educação popular e a proximidade entre as classes sociais. O que Bartlett não se refere é que a noção do avanço educacional e a própria presença das massas urbanas

---

<sup>65</sup> WELCH, David. **Propaganda and the German Cinema. 1933 – 1945**. London: Clarendon Press, 1985.

<sup>66</sup> “Propaganda gives force and direction to the successive movements of popular feeling and desire; but it does not do much to create these movements. The Propagandist is a man who canalizes an already existing stream. In a land where there is no water, he digs in vain”

<sup>67</sup> BARTLETT, F. C. **La propaganda política**. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

<sup>68</sup> “La sugestión no crea nada, sino que sólo puede despertar, combinar y dirigir tendencias que ya existen”

condicionam, especificamente nos estados poucos consolidados, que os mesmos recorram à propaganda política como forma de se auto-legitimar. No caso específico do Brasil, os primeiros passos da propaganda política surgem ainda durante o período imperial<sup>69</sup> e se presentificam, em termos de amplitude e de alcance social, no período estadonovista.

Segundo Furhammar & Issakson, a motivação favorita nos filmes de propaganda política é a indignação, na medida em que ela proporciona uma experiência que não deixa lugar para a ambivalência moral. Ainda que a indignação seja um elemento central da propaganda política, ela se constitui como um caso particular de manipulação emocional. As emoções sobre as quais opera a propaganda não têm necessariamente que ser tendenciosas. Elas agem como um pano de fundo a partir do qual o envolvimento da platéia será trabalhado procurando-se ampliar a cumplicidade de suas ações com as idéias apresentadas. Outros fatores como poderes mágicos, sentimentos religiosos que se fundem com entusiasmo patriótico, também podem ser invocados junto com forças eróticas em diferentes níveis de sutileza.

Os autores estabelecem seis princípios sobre os quais a propaganda se estrutura: a questão da “estética”, que se baseia especialmente sobre a idéia da montagem, recuperando Eisenstein; o “culto à personalidade”, ou o recurso aos elementos sociais que são estruturantes (personalidades, símbolos nacionais etc); o estabelecimento do “local de onde se fala” (eu, nós, eles); a construção da “imagem do inimigo” (distorções, alterações físicas e a obscuridade de suas ações); a “defesa psicológica” através da deliberação de um “bode expiatório” e de personagens para os quais os rancores se direcionariam; e, por fim, o recurso a elementos estruturantes mais ampliados como religião, senilidade, maternidade, criança etc.

---

<sup>69</sup> Antecedendo à crise da maioridade os jornais lançaram campanhas pela manutenção do regime monárquico, reforçando a teatralidade das suas representações: a coroação de D. Pedro II, o casamento da Imperatriz, a distribuição dos títulos monárquicos, etc (Pinto, 1989, 31/2).

Excluindo-se a questão estética, a compreensão de Furhammar & Issakson acerca dos princípios da propaganda prescindem de uma característica que consideramos central na compreensão do formato que ele atribuiu como essencial à propaganda. Em geral, os filmes de propaganda possuem um princípio estruturante único que delimita todas as características apontadas pelos autores, mas que, também, compõe os elementos do seu discurso. Trata-se do estabelecimento da pessoa do discurso, quem fala e a quem; ou como os autores destacam, “a primeira pessoa do plural”. Esse princípio tem por finalidade, na delimitação da posição de onde se fala (eu, nós, eles), circunscrever o opositor e atribuir-lhe um espaço diferenciado. Essa delimitação institui os campos de oposição necessários à construção do discurso da propaganda: bem e mal, virtude e vício, eles e nós etc. Mas, ao mesmo tempo, também estabelece sob quais bases se dará a representação do campo ao qual o discurso faz limite; o(s) outro(s). Não se tratam de princípios tão delimitados, mas de elementos derivados de um único princípio. Esta circunscrição é sintomática da caracterização que se fará dos atores do discurso da propaganda.

Ainda segundo Furhammar e Issakson, na propaganda, normalmente não há um “eu” que se dirige diretamente a um espectador delimitado por outro “eu”. A propaganda não se dirige ao “meu” como ocorre nas comunicações publicitárias. Ela, quase sem exceção, se dirige a uma forma de egoísmo mais ampla: o de um grupo, coletividade, classe, nação ou povo.

O Sentimento do ‘nós’ é um objetivo por que lutar e uma arma a ser usada. Há uma tendência curiosa, mas muito útil no contexto, de estabelecer limites exteriores à noção de comunidade, estabelecer fronteiras contra os outros, e sugerir que além dessas fronteiras espreitam perigos e inimigos que ameaçam nossa comunidade. (...) A forma mais exaltada de companheirismo é a

do povo – a união metafísica de tudo o que é bom – de todos nós  
(Furhammar & Issakson, 1976, p. 175).

Nesse sentido podemos inferir que essa direção ao coletivo se propõe, através da cumplicidade da responsabilidade, expressar ao destinatário o valor latente da informação que se deseja transmitir; a relevância social, política ou econômica do que se está apresentando enquanto valor coletivo.

Delimitado o local de onde se fala no discurso, a forma com se dará a conformação do inimigo e as variantes que dele derivam vai depender, exclusivamente, do suporte – impresso, rádio, jornal – e do período no qual o discurso está inserido. Os exemplos do cinema germânico, seja documentário ou ficção, servem como parâmetro no qual se delimitou, de maneira mais agressiva, uma estética discursiva e de representação dos filmes de propaganda. Desse modo, a afirmação de Barlett (1963, 16), para o qual a propaganda política se desenvolve para o estado, dentro dele e para seus próprios habitantes, nos indica o valor estratégico que alcançou a propaganda política como instrumento de Estado; como estratégia usada primeiramente por estados que buscaram sua legitimação através da coerção social e política.

### **1.3.2 A Propaganda política no Brasil**

No Brasil que esse padrão foi reproduzido durante o Estado Novo e, mais especificamente, nos documentários produzidos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP.

A propaganda<sup>70</sup> como forma impessoal de apresentação e promoção de idéias e serviços, visando orientar o comportamento social no sentido de suas informações, era uma rotina pouco comum na sociedade brasileira até final da República Velha. Segundo José Inácio de Melo Souza<sup>71</sup>, as opiniões divergentes ao poder oligárquico que compunha o Estado brasileiro antes de 1930 eram tratadas como transgressões e, como tal, submetidas às medidas de coerção implementadas por um poder autoritário que adentrou “no domínio da violência contra a opinião pública livre” (2003, p. 22). O controle da imprensa era mantido igualmente por uma estrutura de subvenção financeira e controle através da força.

O cinema, enquanto veículo dirigido de comunicação, igualmente se vincularia ao Estado através da realização de documentários. Diferente do que ocorreu com o cinema documentarista britânico que articulou um pensamento pedagógico sobre o documentário, o vínculo do cinema com o Estado no Brasil ocorre basicamente por uma questão de financiamento. Como aponta Roberto Moura<sup>72</sup> (1987, p. 23), até o início da década de 1930 o Estado participaria da produção cinematográfica com realizações pontuais, especialmente patrocinadas pelos estados para a filmagens de festas comemorativas ou para satisfazer ambições pessoais de políticos. Em outros momentos, a relação entre o cinema e o Estado se baseava em uma “troca de gentilezas” com vistas a algum benefício político e/ou financeiro.

---

<sup>70</sup> É importante não confundir as noções entre publicidade e propaganda. Academicamente a publicidade é mais abrangente que a propaganda, englobando todas as formas de comunicação: merchandising, marketing direto, novos meios etc. Está relacionada ao produto, às formas e estratégias para se vender um produto ou serviço. A propaganda é a responsável pela imagem de uma empresa. É um instrumento que atua através dos meios de comunicação veiculando mensagens sobre produtos ou serviços. Está ligada também à promoção de idéias. No entanto, quando tem objetivos comerciais recebe o nome de publicidade. A publicidade visa despertar no público o desejo de compra, levando-o à ação (princípio de AIDA – Atenção, Interesse, Desejo e Ação). Apesar de suas diferenças podemos entender a publicidade e a propaganda como um conjunto de técnicas de ação coletiva, utilizadas no sentido de promover de produtos, serviços e conceitos.

<sup>71</sup> Souza, 2003, Op. Cit.

<sup>72</sup> MOURA, Roberto. A Bela Época (Promórdios – 1912), Cinema Carioca (1912 – 1913). In.: RAMOS, Fernão (Org.). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Art Editora, 1987.

Apesar de o documentário, ou o filme natural, ter sido o esteio da produção cinematográfica brasileira, prática observada por Jean-Claude Bernardet<sup>73</sup> (1979) como a institucionalização da “cavação”, sua utilização como instrumento de ação política era ainda uma prática pouco comum até o início da década de 1930. Se como afirma Souza (2003), os anos iniciais da República foram marcados pelo domínio da violência contra a opinião pública livre, a ascensão estadonovista em 1937 marcou um novo período. Os focos de oposição a Vargas no poder (cujo auge é o movimento constitucionalista de 1932) ratificaram, no Estado autoritário que se avizinhava, a necessidade de ampliação da sua intervenção na área de comunicação não só como um paralelo ao seu fechamento institucional, mas especialmente como suporte para a realização da propaganda do Estado. Nesse sentido, se retornarmos à implantação do Governo Provisório em 1930, é possível vislumbrarmos a importância estratégica que a propaganda política foi adquirindo, especialmente através da intervenção do aparelho estatal nos meios de comunicação<sup>74</sup>. O jornal, o rádio e depois o cinema foram os veículos privilegiados.

Em se tratando especificamente de cinema (e dentro do campo cinematográfico o documentário), o reflexo mais imediato da preocupação do Estado com sua utilização veio com a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural – DPDC. Segundo Souza, a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural está respaldada pelo Decreto 21.240, de quatro de abril de 1932, que previa a criação de um órgão “destinado à utilização do cinema e dos demais processos técnicos que pudessem servir como instrumentos de difusão cultural” (Souza, 2003, p. 84). Efetivamente, como aponta Souza, o DPDC não

---

<sup>73</sup> BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema Brasileiro: propostas para uma história**. São Paulo. Paz e Terra, 1979.

<sup>74</sup> As ações do Departamento de Imprensa e Publicidade, ligado ao gabinete interventor em São Paulo, a criação do Departamento Oficial de Publicidade e, posteriormente, as criações do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e do Departamento de Imprensa e Propaganda, dão conta do crescente interesse do Estado pela propaganda como forma de legitimação de suas ações.

avançou na realização da propaganda política através do documentário, atuando mesmo como uma “extensão da Imprensa Nacional”.

Entretanto, foi através da Divisão de Cinema e Teatro do DIP que o Estado passa efetivamente a produzir, controlar e censurar o cinema. Para Anita Simis<sup>75</sup>, a produção efetiva de filmes já havida sido tentada por Lourival Fontes no antigo DPDC. Essa experiência, entretanto, não foi concretizada por constantes cortes de verbas feitas pelo Congresso. O *Cine Jornal Brasileiro* só conseguiu ser realizado após o fechamento do congresso em outubro de 1938. Notadamente, um ano após o Decreto-lei 1.949 atribuiu ao DIP a “edição de filmes, contendo aspectos naturais e de atualidades, serviços públicos, iniciativas governamentais, recomposições históricas nacionais etc” (Simis, 1996, p. 64).

O processo de ampliação dos interesses do Estado pela propaganda, mas especialmente pelo cinema como veículo de propaganda, é indiciário do valor estratégico que esse instrumento ganhou para a promoção de ideais específicos de estado. Associados aos seus suportes – impresso, sonoro, visual – a propaganda ganha contornos e características específicos. Aqui, o percurso pelo qual o Estado foi tomando ciência – através da criação de órgãos como o DPDC, DNP, DIP – da importância estratégica que veio a ter a propaganda na prática educativa e de difusão de idéias se dá essencialmente pela ciência de como o cinema foi privilegiado nesse processo. E, mais adiante, nesse processo induzido pelo estado, como o cinema foi utilizado, numa trajetória que depois fará uso o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS.

Como aponta Maria Dora Genis Mourão<sup>76</sup> (1981, p. 149), apesar de meras demonstrações de poder e força, primitivos em termos de propaganda política, os

---

<sup>75</sup> SIMIS, Anita. **Estado e Cinema no Brasil**. São Paulo: ANABLUME / FAPESP, 1996.

<sup>76</sup> MOURÃO, Maria Dora Genis. O Cinema Brasileiro e o Populismo na década de 30. In.: MELO, José Marques de (Coord.). **III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981.

documentários do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP são indicativos do valor estratégico alcançado pelo cinema destinado à ação de propaganda.

Nesse sentido, no conjunto das suas ações específicas para a propaganda, o IPÊS se pautou pela utilização, nos moldes já estruturados pelo Estado, do filme documentário. Entretanto, e aqui reside o diferencial de suas ações, sua presença na área de comunicação/cinema se deu não através da intervenção direta e coerção como no Estado Novo – até porque se pautavam justamente pela tentativa de se diferenciar da “incompetência” do Estado e se aproximar da “competência” administrativa e financeira da iniciativa privada – mas através de atividades reguladas pelos seus próprios quadros<sup>77</sup>. Suas ações, desde as realizações de cursos, palestras, seminários, patrocínios etc, eram direcionados à suposta “solidariedade de interesses”, como apontou Dreifuss, gerada pela coexistência de interesses nacionais e investimentos internacionais (1981, p. 82).

Desse modo, estruturando-se sobre o conhecimento e experiência da produção de documentários como instrumento de propaganda política e balizado pelos trabalhos já realizados pela iniciativa privada surge a figura do cineasta francês, Jean Manzon; “esse moderníssimo Rugendas da fotografia”<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> É importante observar que os membros que compunham o quadro de financiadores do Instituto eram proprietários de grandes jornais, corporações de comunicação, altos funcionários das empresas de comunicação, proprietários de editoras e parques gráficos.

<sup>78</sup> Revista Manchete, 4 de outubro de 1952. Manzon passa pela revista *Manchete* rapidamente, dedicando-se em seguida ao cinema.

## 1.4 JEAN MANZON E AS IMAGENS DE UM BRASIL URGENTE

Jean Manzon começou como aprendiz do jornal “L’Intransigent”. Indicado para a “Agence Meurisse”, Manzon realizou inúmeras fotografias que alcançam sucesso na imprensa francesa. A carreira como fotógrafo se ampliou quando passa a colaborar com a “Vu” e “Paris Soir” a partir de 1934. Segundo Nars (1996, p. 12), ele é convidado para fazer parte dos fundadores da “Match” e foi apontado como um dos melhores jornalistas fotográficos do período.

Segundo o autor, um evento marcaria sua carreira. No início da Segunda Guerra Mundial Manzon fez parte da equipe de reportagem das tropas francesas e fotografou sua retirada de Dunquerque (Nars, 1996, p. 14). Obrigado a permanecer na Inglaterra por conta da ocupação alemã na França, e após o rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra, o fotógrafo prestigiado passou a trabalhar para o Serviço Cinematográfico e Fotográfico Inglês dirigido pelo cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti (Nars, 1996, p. 16).

Cavalcanti, um dos cineastas mais proeminentes no cinema documentarista inglês, conhecia o trabalho de Manzon pelas suas reportagens para a revista *Paris Soir*. Segundo Fernando Morais<sup>79</sup> (1994, p. 417), Cavalcanti propõe a Manzon sua ida ao Brasil, país neutro, a partir de onde poderia retornar à França, que era o que o fotógrafo mais desejava. Recomendado pelo cineasta a Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, Manzon chega ao Brasil em agosto de 1940<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> MORAIS, Luiz Fernando. **Chatô. O Rei do Brasil**. São Paulo; Companhia das Letras, 1994.

<sup>80</sup> Há diversas versões sobre a chegada de Manzon ao Brasil. Fernando Morais, indica o ano de 1942 após a recomendação de Cavalcanti. Maria Leandra Bizello (1995), o ano de 1941. Entretanto, o jornal *O Globo* (10 de agosto de 1940) aponta sua chegada em agosto: “Chegam ao Rio sobreviventes da Batalha de Flandres”.

Ao chegar ao Brasil, ainda segundo Nars (1996, p. 18), Manzon foi trabalhar no DIP como chefe do Departamento de Reportagens Fotográficas. Sua responsabilidade, além do treinamento dos fotógrafos brasileiros, foi realizar a cobertura fotográfica das atividades de Vargas o que lhe rendeu elogios por parte do presidente. Entretanto, suas atividades do DIP duraram até a demissão de Lourival Fontes em 1942.

Para Moraes (1994, p. 417), durante o tempo em que esteve no Rio, então capital federal, Jean Manzon conheceu Frederico Chateaubriant, diretor da revista "O Cruzeiro" e sobrinho de Assis Chateaubriant, proprietário dos Diários Associados, que o convidou para trabalhar na revista. Manzon trocou a cadeira de chefe do serviço de reportagem do DIP pelo trabalho de reestruturar a revista e torná-la a mais importante revista de variedades do período.

Em "O Cruzeiro" Manzon inovou a forma da apresentação das matérias. Queria introduzir o mesmo estilo das reportagens apresentada em "Match", "Vu" e "Paris Soir". Assim, com os contatos feitos no DIP Manzon convenceu Frederico a convidar o repórter David Nasser que trabalhava no jornal "O Globo". O primeiro trabalho da dupla Nasser / Manzon, "Enfrentando os Chavantes"<sup>81</sup>, reportagem fotográfica com dezoito páginas no qual apresentavam fotos inéditas de uma aldeia ainda não contatada, impressionou pelo apurado trabalho de relacionar a fotografia com o texto jornalístico. Segundo Nadja Pelegrino<sup>82</sup>, Manzon teve um papel pioneiro na revista "O Cruzeiro". Seu trabalho foi significativo e resultou numa transformação na forma de se fazer reportagem no país. Entretanto sua carreira como fotógrafo seria conhecida mais pelo seu apurado senso estético na composição da imagem, geralmente posada.

---

Isso é confirmado por Nars (1996) nos documentos disponíveis na produtora Jean Manzon Produções Cinematográficas que aponta o registro de desembarque de Manzon no Rio em 10 de agosto de 1940.

<sup>81</sup> "O Cruzeiro", 8 de janeiro de 1944.

<sup>82</sup> PELEGRINO, Nadja Maria Fonseca. **A fotografia de reportagem, sua importância na Revista "O Cruzeiro" (1944 - 1960)**. Rio de Janeiro: ECA, 1990. (Dissertação de Mestrado)

Como Jean Manzon raramente usava o flagrante, a pose era um elemento fundamental da sua sintaxe fotográfica. Em suas reportagens fica evidente que ele preparava antecipadamente as cenas a serem fotografadas onde mobilizava um grande aparato técnico: câmara, flashes e tripés (Pelegrino, 1990, p. 98).

“O Cruzeiro” teve um papel importante na conformação de um imaginário sobre o Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Nesse processo Jean Manzon teve um papel preponderante. A exaltação da natureza e da aventura, a atração pela caracterização dos “tipos nacionais” sem dúvida deve ser pensada dentro da perspectiva do olhar estrangeiro. Entretanto, a fixação pela idéia de progresso e um discurso muito próximo ao oficial, vai garantir ao cineasta um trânsito incomum entre os grandes interesses econômicos do período. Para Helouise Costa<sup>83</sup>,

Jean Manzon deu concretude visual a um conjunto de idéias pré-concebidas sobre o Brasil, provenientes de várias fontes: do programa do Estado Novo, das diretrizes da arte de cunho social e das idéias engendradas no seio da intelectualidade modernista. Idéias já incorporadas por uma parcela abrangente da sociedade e que, por isso mesmo, foram tão bem aceitos ao se tornarem palpáveis através de imagens estereotipadas. A grande penetração conseguida pelas fotografias de Manzon residiu justamente na sua capacidade de materializar essas idéias através de um meio expressivo, cuja veracidade era popularmente aceita sem questionamento (1998, p. 158).

---

<sup>83</sup> COSTA, Helouise. “Palco de uma história desejada: o retrado do Brasil por Jean Manzon”. In.: TURAZZI, Maria Inez (Org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.º 27. Rio de Janeiro: IPHAN-RJ, 1998.

Esses elementos (o posado, o discurso ufanista) o seguiram a produção de Jean Manzon quando este resolve montar, em 1952, a produtora Jean Manzon Films juntamente com René Persin, técnico da Garamound que trabalhava com os cinejornais *Atualidades Francesas*, o montador Hubert Perrin e o cinegrafista André Jules Cateyson (Nars, 1996, 30). Segundo Leandra Bizello (1995, 34), a produção cinematográfica da primeira fase da produtora foi fortemente influenciada pelas concepções desses técnicos que vinham dos cinejornais europeus; apesar da proposta ser a de realizar documentários publicitários e de reportagens.

#### **1.4.1 Do público ao privado**

Até final da década de 1950, boa parte dos trabalhos da Jean Manzon Films foi para o setor público. Fez filmes para o governo de Minas Gerais, então governado por Juscelino Kubitschek. Segundo Nars e Bizello, as produções de Jean Mazon para o governo mineiro contribuíram para forjar a imagem de grande realizador do governador mineiro em sua campanha presidencial<sup>84</sup>. Segundo Antônio Amâncio (2001, p. 270), Jean Manzon foi, juntamente com seu sócio René Persin, o cineasta oficial da construção de Brasília.

Os filmes da produtora tinham uma ligação forte com o poder público e com empresas encomendavam trabalhos para exaltar suas atividades e realizar sua propaganda. Para Nars (1996, p. 37), os filmes da Jean Manzon se caracterizavam pelo ufanismo, pela qualidade fotográfica, pelo didatismo, chegando normalmente à apatia gerada pelo maniqueísmo narrativo, e pelo roteiro sempre pronto a

---

<sup>84</sup> Os trabalhos de Maria Leandra Bizello e Edson Luiz Nars são exemplares na demonstração desse processo.

encenar uma história, seja ela sobre um personagem ou sobre uma fábrica, Ainda segundo o autor,

O que justamente marcou o início da produção da Jean Manzon foi o financiamento e patrocínio de empresas e fundação e de autarquias ligadas ao governo, como a Fundação da Casa Popular (Ministério do Trabalho), Ministério do Exterior, da Marinha, da Saúde e, mais tarde, das empresas privadas (1996, p. 35).

Entretanto, a partir do amplo processo de industrialização vivido pelo país durante a administração de Juscelino Kubitschek, a migração das encomendas passou para a iniciativa privada. Estes usavam o cinema como forma de difundir suas realizações e suas concepções de mundo para a sociedade brasileira numa tentativa de criar uma imagem positiva de si próprias já que. Nesse sentido, como aponta Nars, nos documentários produzidos por Jean Manzon para as empresas privadas,

(...) um dos temas mais presentes (...) será a glamourização da fábrica e do operário brasileiro, através da defesa do trabalho como gerador de riqueza para o país. Ao produzir essas imagens, Manzon ajuda a construir a idéia do progresso industrial brasileiro, com uma deliberada 'maquiagem' na produção desses filmes. (...) Seu objetivo era demonstrar que a empresa era produtiva e eficiente, evidentemente não se demonstraria as instalações da fábrica em mau estado de conservação (...) e a preocupação com a indumentária dos operários o que devia dar a impressão de que todos usavam macacões e trabalhavam uniformizados (1996, p. 39).

Foi dentro desse espírito que o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais delegou ao cineasta a coordenação e realização dos seus filmes de propaganda política.

#### **1.4.2 A conformação de uma sintaxe oficial**

A história de Jean Manzon se confunde com a própria história da imprensa no Brasil. Introduziu mudanças significativas no padrão das reportagens inaugurando o conceito de “reportagem fotográfica”. Esse conceito forçou mudanças significativas no parque gráfico das revistas e jornais que passaram a se preocupar mais detidamente com a qualidade dos materiais impressos.

Segundo Bizello, quando Manzon resolveu migrar para o cinema levou consigo a sintaxe de fotógrafo que ao longo da carreira se interessou pelos “tipos nacionais” (Bizello, 1995, p. 35); característica que lhe rendeu, como aponta a autora, o título de novo Rugendas na revista Manchete. Em sua produção cinematográfica é possível identificar algumas características de trabalhos desenvolvidos em “O Cruzeiro”. Ainda segundo a autora, sua sintaxe cinematográfica está estruturada de maneira muito próxima à fórmula como contava uma história em suas “reportagens fotográficas” realizadas em conjunto com David Nasser: a abundância de closes, o didatismo e a descrição das imagens. A descrição raramente é realizada por *trevallings*, mas por closes e panorâmicas e há sempre uma estrutura ficcional que é amarrada tanto pela encenação quanto pela constante presença da narração em “off” (Bizello, 1995, p. 36).

A utilização dos closes é um recurso significativo da narrativa manzoniana. Utilizando a câmera cinematográfica da mesma maneira que a fotográfica, Manzon

antecipa-se à própria noção de propaganda que será amplamente utilizada nas décadas seguintes: o uso de closes desprovidos de significados psicológicos, vazios, deslocados da relação com seu constituinte, e sujeito às intervenções dos publicitários. Dessa forma, carregando seus documentários com imagens passíveis de complementos narrativos, o cineasta as manipula, através da narração, de acordo com suas intenções.

Para Pelegrino (1990, p. 98), a estrutura ficcional, a encenação, está presente em todos os seus documentários. Carregando as características da sua sintaxe fotográfica do “posado”, Manzon raramente utiliza o flagrante em seus filmes. A preocupação em narrar uma história, seja sobre um homem ou uma fábrica, é o seu intuito principal. Sua narrativa ficcional constrói sempre uma história para mostrar um determinado assunto. Entretanto, como indica Bizello, os seus documentários se caracterizavam pelo didatismo descritivo das imagens; recurso que acreditamos ter sido utilizado para que seus filmes não tomassem feição de cinejornais (aos moldes do DIP e do Atualidades Francesas).

Era necessário que a narração potencializasse através da ficção e do didatismo, as imagens descritivas, não deixando que os filmes tomassem feição de cinejornal, como um agrupamento de imagens, que poderiam ser entendidas como desconexas, pois muitos filmes assistidos sem a sonorização parecem mais um desfile de fotografias sem conseguir contar, por si, uma história (Bizello, 1995, p. 37).

Apesar do apurado valor estético e da qualidade fotográfica de suas produções<sup>85</sup> os filmes realizados por Jean Manzon seguiu as características do

---

<sup>85</sup> Paulo Emílio Sales Gomes critica a produção de complementos de Primo Carbonari e de Jean Manzon. Entretanto, atribuiu inequívocas qualidades fotográficas a este último. (GOMES, Paulo Emílio. *O primo e a*

“cinema de cavação”. Os temas mais recorrentes nas realizações fílmicas de Jean Manzon foram a glamourização da fábrica e do operariado brasileiro, através da defesa do trabalho como gerador de riquezas, e a ampliação da idéia de progresso industrial tão cara aos seus financiadores. A maneira como o cineasta era requisitado para a realização de propaganda para as empresas privadas dão conta da relação de proximidade existente entre seus interesses particulares e a própria percepção do cineasta<sup>86</sup>. Foi a partir desses requisitos que o IPÊS delegou ao cineasta a coordenação e realização dos seus filmes de propaganda política. Ao recorrer ao documentário como instrumento de propaganda o IPÊS o faz balizado por uma relação já existente entre a produtora e a iniciativa privada. Nesse sentido, não poderia ter havido união mais perfeita.

Manzon não atendeu simplesmente os intentos de uma instituição. Ele deu visibilidade às suas demandas atuando mesmo como uma agência de propaganda. A encomenda não se limitou à execução de suas atividades como cineasta. Ademais, dada a característica da encomenda das realizações fílmicas, o instituto confiou ao cineasta a produção dos roteiros e sobre eles intervinha esporadicamente<sup>87</sup>. Nesse sentido não é possível enxergá-lo como um mero executor de encomendas, mas como um co-autor das teses e propostas apresentadas nos filmes realizados para o IPÊS. Desse modo, a sintaxe narrativa do produtor se preenche das informações e dos desejos dos financiadores.

Pensados pelo cineasta e por interesses particulares, os assuntos dos documentários ipesianos, ratificam o pensamento do grupo acerca dos destinos do Brasil. É sobre esse sentido, sobre uma instituição que pensou o Brasil que

---

*prima*. In.: CALIL, Carlos Augusto & MACHADO, Maria Teresa (Org.). **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.)

<sup>86</sup> Segundo Nars, Foram realizados duzentos e sessenta e sete filmes para empresas privadas (incluindo concessionárias de serviços públicos e organizações representativas de classe como Rotary, Jockey Club, IPÊS, SESI etc) (Nars, 1996, p. 284/300).

<sup>87</sup> O único momento em que isso ocorre foi na reunião geral ocorrida em São Paulo em oito de janeiro de 1963 (Anexo E; G, 08/01/1963).

analisaremos os filmes a seguir. Como aponta uma de suas produções: mostre ao povo “imagens adequadas”. Nesse sentido, quais seriam as imagens adequadas que o IPÊS mostrou à população? Quais foram os caminhos e opções nas suas tramas tão particulares?

## CAPÍTULO 2

### PRA FRENTE BRASIL (BLOCO TRANSPORTE)

*A* partir deste capítulo e nos seguintes, nos propomos a analisar os filmes do IPÊS. Para tanto, realizamos a divisão dos filmes a partir de blocos temáticos que levam em consideração a incidência de assuntos nos mesmos. Este capítulo, em específico, se dedica à análise de um dos blocos temáticos, a saber, os filmes que abordam o sistema de transporte público. Entretanto, antes, faz-se necessário expor a forma como organizamos essa divisão dos filmes.

De maneira geral os temas privilegiados pelos documentários ipesianos buscam condicionar a participação dos empresários na construção do país através de suas iniciativas econômicas. Ao mesmo tempo em que indica as soluções dos problemas apresentados, preocupa-se em consolidar as atividades da iniciativa privada como vanguarda do progresso econômico nacional. Os filmes fazem menção direta a problemas sociais e econômicos que, sob a ótica do Instituto,

deveriam ser sanados para que o país pudesse progredir. Uma outra característica é a delimitação dos grandes inimigos da nação (os comunistas e os demagogos) e a autopercepção do papel do Instituto como o grande guardião dos direitos democráticos adquiridos pelo brasileiro (liberdade, propriedade, voto etc).

Entretanto, uma característica relevante nos temas está na sua estruturação delimitada por grandes conjuntos de assunto. O primeiro é o sistema de transporte público e de mercadorias. Sobre eles 4 filmes criticam a administração do Estado. Considerados como pontos de estrangulamento ao desenvolvimento da nação, os filmes apontam os “descaminhos” do sistema de transporte nacional (marítimo, fluvial e ferroviário).

Uma segunda delimitação foi retirada das asserções acerca dos problemas sociais e políticos pelos quais passava o país. Cinco filmes apontam a delinquência juvenil, fome, seca no nordeste e a influência do comunismo, como os principais antagonistas ao desenvolvimento do Brasil. Nesse sentido, privilegiando o olhar que sempre caracterizou os tipos nacionais, resgatando novamente Costa (1998), o processo de transformação e a caracterização dos personagens envolvidos nos documentários dão a dimensão do discurso realizado pelo Instituto, ratificado pelas imagens do cineasta.

O terceiro está relacionado às conquistas sociais do povo brasileiro. Quatro filmes apontam temas como democracia, liberdade e direito ao voto como virtudes “inabaláveis”. Eles buscam também fortalecer as atividades do IPÊS como o fiel guardião desses valores.

Se a abordagem deste trabalho consiste em privilegiar os filmes ipesianos como reflexo dos seus estudos e ações, ocorreu-nos que utilizar dessa faculdade própria aos temas apresentados pelos filmes estaria mais de acordo com esses objetivos. Desse modo, a partir da incidência dos assuntos apresentados, dividimos os treze documentários em três blocos temáticos.

Apesar de separados em blocos de assuntos, cada filme trata de um objeto mais ou menos relevante de acordo com os interesses do Instituto. Assim, a despeito do risco de poder aferir o seu conjunto incompletamente, iremos abordar apenas os mais relevantes dentro de cada um dos blocos temáticos. A escolha foi realizada de acordo com a relevância do argumento levando em consideração também sua relação com as intenções das teses e ações realizadas pelo Instituto (os cursos de Atualidade Brasileira, os patrocinadores, as publicações, os financiamentos de entidades educacionais etc). Para cada filme também foram escolhidas as seqüências e planos mais significativos de acordo com o discurso apresentado.

O primeiro bloco temático recebeu o título de “Pra frente Brasil” e faz referência aos sistemas de transportes nacionais. Segundo as teses ipesianas, este seria um dos principais responsáveis pelo reduzido desenvolvimento econômico do país. Se durante a década de 1960 não se poderia fazer críticas aos investimentos estatais na construção de rodovias, uma das bases do processo desenvolvimentista da administração JK e mantido pelos governos que se seguiram, o mesmo não poderia ser dito sobre o transporte fluvial, marítimo e ferroviário. Foram sobre esses tópicos que se preocupou quatro dos treze filmes realizados pelo IPÊS: *Portos Paralíticos*, *Uma economia estrangulada*, *A vida marítima* e *História de um maquinista*.

O segundo bloco de assuntos, “Sobre os males da nação” (Resgate / Problemas Sociais), trata dos problemas sociais que, pela óptica do Instituto, ofereciam graves riscos de perturbações ao cotidiano social e econômico. Os documentários *Deixem o estudante estudar*, *Nordeste problema numero um*, *Criando homens livres*, *Depende de mim* e *O Brasil precisa de você*, fazem referência a problemas que ocasionavam instabilidade social (seca, analfabetismo, miséria urbana, miséria rural e violência) apresentando-os ora como causa da aproximação dos

movimentos sociais a idéias comunistas, ora como consequência destas. Nesse sentido, a luta pela consolidação da democracia passaria pela superação de diversos problemas sociais e pela boa formação da sociedade.

O terceiro bloco busca consolidar a tese de que, pela óptica do Instituto, a liberdade de que desfruta o brasileiro é o seu bem mais preciso e, por isso mesmo, deve ser mantido a todo custo. Os filmes apresentam a idéia de que o destino de progresso econômico e desenvolvimento social no país dependem da guarda de valores apresentados como “bem comum” (liberdade, democracia, prosperidade etc). Intitulado “A necessidade de se pensar o Brasil” (Bloco Ação Social), é composto por quatro filmes *O IPÊS é o seguinte*, *O que é o IPÊS*, *Conceito de empresa* e *Que é a democracia*. Todos buscam inserir o Instituto como o principal guardião dos valores democráticos nacionais. Os filmes buscaram também atribuir cumplicidade na guarda de uma suposta tradição desenvolvimentista nacional.

O título de cada um dos capítulos foi retirado da própria relação dos temas apresentados nas produções. Desse modo, um título geral introduz os seguintes que foram delimitados pelos próprios títulos dos filmes. Em dois deles apenas, *Nordeste problema numero um* e *Portos paralíticos*, tomamos a liberdade de inserir um sub-título que faz referência à forma como o filme se estrutura em termos de discurso.

Procuramos conciliar, dentro da gama dos assuntos abordados em cada um deles, suas asserções com as atividades políticas realizadas pelo Instituto ao longo dos anos de 1962 e 1963 quando os mesmos foram realizados. Também levamos em consideração a característica da produção de Jean Manzon na conformação das imagens nos filmes. Acreditamos que esse olhar duplo sobre a produção cinematográfica do Instituto, aliado à divisão por blocos temáticos acrescentou informações preciosas nas leituras e observações que poderíamos fazer sobre cada um deles.

Nesse sentido, é extremamente significativo que 4 dos 13 filmes realizados pelo Instituto tratem especificamente do assunto transporte. Os filmes desse bloco abordaram os transportes por via marítima, fluvial e ferroviária. A série transportes reflete uma das maiores preocupações do grupo no que tange ao estrangulamento dos serviços de transporte e comércio de mercadoria. Três dos quatro filmes, *Portos Paralíticos*, *Uma economia Estrangulada* e *História de um Maquinista*, apresentam uma estrutura comum. São realizados de forma a contrapor um “estado Ideal” (seja administrativo, seja de grandes realizações econômicas), recorrendo sempre a exemplos concretos de iniciativas “pioneiras”, com o que consideram “caótico”, associando este último conceito à esfera da administração pública. Trata-se, como a própria essência das propostas ipesianas, de inserir as empresas privadas como vanguarda do processo de industrialização do país.

Manzon, ao realizar esse conjunto de filmes, seguiu pormenorizadamente as orientações contidas no documento enviado por Werneck (Anexo B). A locução, realizada por Luiz Jatobá, chega inclusive a citar textos extraídos do próprio documento enviado pelo advogado.

O quarto filme, *A vida marítima*, trabalha em sentido inverso a outros filmes. Ao invés de apontar diretamente os problemas a que se refere, como fez os filmes anteriores, ele apela para a ironia como seu expediente discursivo mais evidente. Com o intuito de descaracterizar o movimento dos trabalhadores dos portos nacionais esse recurso é utilizado para apontar os problemas econômicos e sociais que o movimento dos operários causam à população. Em que pesem aqui as características da irreverência da propaganda nacional no sentido apontado por Ramos (1985, p. 127), esse recurso foi utilizado uma única vez nos quatorze documentários ipesianos.

Entretanto, a questão mais relevante nesse bloco são as diferenças entre as iniciativas públicas e privadas. Vistas sempre pelo prisma do vício, do arcaico, as iniciativas públicas, em qualquer setor em que estiverem atuando, estão sempre associadas à barbárie, à falta de condições estruturais para guiar adequadamente o destino primeiro do país: o progresso e o desenvolvimento. Esse pensamento se reflete na constituição das imagens descritivas das iniciativas econômicas dos setores privado e público. Enquanto as imagens da primeira se caracterizam pela nitidez, foco e boa iluminação, a última é sempre mal-iluminada e apresenta alto contraste.

## **2.1 PORTOS PARALÍTICOS: A CONDUÇÃO PARA O PROGRESSO**

*Portos Paralíticos* foi o primeiro documentário financiado pelo Instituto a retratar o comércio de mercadorias realizado entre os portos nacionais. Aponta sua importância como “alavancas do progresso nacional” e que seu abandono foi responsável pelo atraso econômico das regiões onde estão instalados. O filme parte de considerações genéricas sobre o funcionamento dos portos. Não há citações diretas às suas administradoras. Entretanto, a caracterização das imagens que as apresentam dão a ênfase à prioridade do discurso entre uma e outra.

Lançado em fevereiro de 1963 (Anexo I), o filme buscou apontar os responsáveis pelo abandono observado em alguns portos estratégicos do país: Santos, Rio de Janeiro e Manaus. Apontou também as administrações portuárias,

em sua maioria realizadas pelo governo federal, como as responsáveis pela situação de abandono. Referenciando esses conceitos em imagens, o filme expôs, como primeiro exemplo, a situação do maior porto da região norte do país: o porto de Manaus.

No final do século XIX o intenso trânsito de passageiros e carga provocado pelo comércio da borracha tornou evidente a necessidade da construção de um porto que pudesse receber os grandes navios a vapor e ampliar as relações comerciais da região. A construção do porto iniciou-se em 1902 pela firma inglesa *Manáos Harbour Limited*, que o administrou até o início dos anos 1960, quando foi entregue ao governo federal<sup>88</sup>. A construção do porto de Manaus simbolizava o progresso econômico de uma das regiões mais distantes do país e foi responsável pela sua integração econômica com o Brasil, mas especialmente com a Europa.

Na primeira parte do filme, a recorrência a um “passado glorioso” foi feita através dos exemplos concretos das iniciativas da elite do período que fomentou, através do comércio pelo porto, grande desenvolvimento econômico em meados do século XIX. Representando a idéia de progresso e contrapondo-se ao estado atual da administração portuária, caracterizado pelo filme como de “estagnação econômica”, *Portos Paralíticos* recorre ao exemplo máximo do período conhecido como a “época de ouro” do comércio da região: o Teatro Amazonas. A imagem do teatro serve como metáfora da idéia de prosperidade atribuída ao ciclo da borracha.

O Teatro Amazonas foi inaugurado em 1896 e a sua construção provocou inúmeras controvérsias. Todos os objetos necessários para a sua construção foram importados da Europa (lustres, mármore, adornos, assentos)<sup>89</sup>. Num período em

---

<sup>88</sup> BRASIL – MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Porto de Manaus. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/bit/portos/manaus/depomanaus.htm>>. Acessado em Janeiro / 2005.

<sup>89</sup> BRASIL – MINISTÉRIO DA CULTURA – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Teatro Amazonas. Disponível em:

que a cidade contava com apenas cem mil habitantes o Teatro Amazonas foi o símbolo do esplendor de uma cidade que, apesar de isolada no meio da Amazônia, conseguiu, através do seu porto, se destacar economicamente.



Fig. 01

Ora, se podemos compreender a construção do Teatro Amazonas como o símbolo máximo para simbolizar o progresso econômico da região, a recorrência a essa imagem em *Portos paralíticos* ocorre pela necessidade de se contrapor às imagens atuais do Porto de Manaus. Estas são caracterizadas já na primeira imagem do filme por uma pequena embarcação subindo o rio no crepúsculo.

Como afirmamos, a responsabilidade pela realização dos filmes ficou a cargo de Jean Manzon. O Instituto interferia apenas supervisionando os “charts” (maneira como se referiram ao roteiro de gravação que Jean Manzon encaminhava aos seus financiadores)<sup>90</sup>, apresentado pelo cineasta. Nas duzentas e cinquenta e seis reuniões realizadas entre os anos de 1962 a 1964 em apenas uma delas se

---

<<http://www.iphan.gov.br/bancodados/benstombados/mostrabenstombados.asp?CodBem=1016>> Acessado em Janeiro / 2005.

<sup>90</sup> CE – SP, 28/08/1962.

solicitou a realização de um filme. Na reunião de doze de fevereiro de 1962 a Comissão Executiva da Guanabara discutiu-se a necessidade da realização de um documentário que tratasse especificamente do “Cáis do Porto”. Dessa forma, supomos que a realização do filme tenha seguido alguma delimitação apresentada pela reunião e encaminhada à produtora por Luiz Cássio dos Santos Werneck. Refletindo uma das preocupações mais importantes da ação do Instituto, a realização de *Portos paralíticos* buscou confrontar a idéia de desenvolvimento proporcionado pela iniciativa privada com a administração portuária gerida pelo governo.

Nesse sentido, a forma como se caracterizam as imagens das organizações públicas e privadas são significativas do discurso praticado pelo grupo, mas sobretudo do dispositivo fílmico. O enquadramento dado à imagem do Teatro Amazonas é feito, segundo Jacques Aumont<sup>91</sup> (2002, p. 154), por um superenquadramento, em *contra-plongée*, delimitado pela copa de uma árvore e sua sombra. No limite oposto, as imagens que destacam o porto amazonense são quase todas realizadas em *plongée* e sem o uso de recursos de reenquadramento além do próprio recorte moldurar da tomada. Ideologicamente, o enquadramento do Teatro Amazonas propõe o descortinar de um palco idealizado que é apresentado como exemplo de ações econômicas concretas da iniciativa privada (a *Manáos Harbour Limited*) em oposição às tentativas equivocadas da iniciativa pública.

### 2.1.1 Em águas salgadas

Avançando sobre outras águas, *Portos Paralíticos* segue retratando a realidade dos portos do sul e sudeste. Dessa região apresenta os dois portos mais

---

<sup>91</sup> AUMONT, Jacques. 7ª ed. **A Imagem**. Campinas: Papyrus, 2002.

significativos: Santos e Rio de Janeiro. Deste último, são mostradas imagens que fazem alusão exclusivamente à administração portuária: burocracia, custos de serviços elevados, problemas operacionais etc. As tomadas mostram o uso de equipamentos que não correspondem às necessidades operacionais de movimentação e transporte de grandes navios: cais pouco profundos, equipamentos pouco precisos para o transporte de mercadorias, rebocadores e dragas antigas, equipamentos de mergulho inadequados etc. Atribuindo a mesma caracterização das imagens do porto de Manaus, essas imagens realizam um discurso próprio sobre o porto do Rio de Janeiro.



Fig. 02



Fig. 03

Desde a década de 1890 o porto da cidade do Rio de Janeiro, sempre foi administrado pela iniciativa privada. Nesse mesmo ano a *Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil* e a *The Rio de Janeiro Harbour and Docks* foram autorizadas pelo governo federal a construir um conjunto de cais acostáveis, armazéns e alpendres e explorar sua utilização. Em seqüência do aumento do comércio proporcionado pelas instalações o governo federal contratou obras de melhoramentos com a firma *C.H. Walker & Co. Ltda.*, em 24 de setembro de 1903.

A inauguração oficial do Porto do Rio de Janeiro ocorreu em 20 de julho de 1910 e sua administração foi entregue, consecutivamente, às empresas *Demart &*

*Cia.* (1910), *Compagnie du Port de Rio de Janeiro* (1911 a 1922) e *Companhia Brasileira de Exploração de Portos* (1923 a 1933). Esse regime de arrendamento – característica comum no sistema portuário nacional – não proporcionou ao porto carioca as melhorias acordadas nos processos de concessão. Desse modo, em 1936, a falta de manutenção e a contínua depreciação do patrimônio físico das instalações portuárias foram as responsáveis pela rescisão contratual entre a o governo federal e a Companhia Brasileira de Portos (cuja administração já estava subordinada ao governo federal desde 1934). Com a encampação, realizada durante o governo provisório de Getúlio Vargas, o Porto do Rio de Janeiro passou a ser um órgão de natureza autárquica, com personalidade jurídica própria e sob jurisdição do então Ministério da Viação e Obras Públicas<sup>92</sup>.

É importante perceber como essas características relacionadas às administrações portuárias foram significativas na constituição das representações imagéticas em *Portos paráliticos*. As imagens que retratam os dois portos administrados pelo governo federal, o Porto do Rio de Janeiro e o porto de Manaus, os caracterizam como portos cujas operações não são condizentes com as necessidades econômicas atuais: dragas obsoletas, transporte de mercadorias em condições inadequadas de higiene, estocagem deficitária, burocracia excessiva, rebocadores pouco potentes etc. São imagens escuras, com iluminação deficitária, cuja caracterização está sempre “manchada” por algum elemento interno: fumaças que cortam a imagem ao meio, navios recortados unicamente pela silhueta, armazéns pouco iluminados etc. Ambos os portos são apresentados como velhos e obsoletos. Nesse sentido, os filmes os indicam o governo, devido a uma suposta incapacidade administrativa, como responsável pelo estrangulamento e pelo isolamento das economias das regiões onde estão instalados.

---

<sup>92</sup> BRASIL – MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Porto do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/Modal/Portuario/Estatistica/anuario2000/Rio.htm>> Acessado em Janeiro / 2005.

Contrapondo-se a essas imagens que sugerem abandono, o documentário *Portos paráliticos* apresenta imagens de uma administração portuária considerada exemplar e condizente com o anseio econômico pregado pelo IPÊS: a Companhia Docas de Santos. As imagens que se seguem demonstram a diferença existente entre os portos públicos e o porto administrado pela companhia santista. As enormes pilhas de mercadorias do porto carioca, iluminadas precariamente, cedem lugar a instalações arejadas, bem iluminadas, de fácil circulação e que abrigam as mercadorias de maneira regular e adequada.

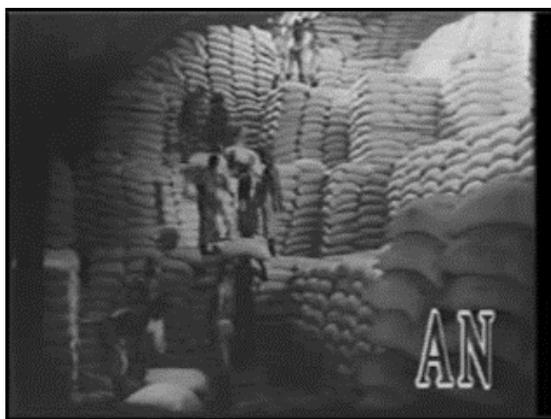


Fig. 04



Fig. 05

Apesar de a narração buscar aproximar a realidade do porto santista aos portos cariocas e amazonense, sua trajetória é bem diferenciada. Dentre as administradoras portuárias apresentadas pelo filme, seguramente a Companhia Docas de Santos era a que melhor possuía instalações para atender as demandas comerciais do setor. Ademais, a forma como foi caracterizada condiz precisamente com sua situação de maior contribuinte financeira do Instituto.

### 2.1.2 O exemplo privado

Com a inauguração em 1867 da *São Paulo Railway*, ligando a cidade de Jundiaí ao Porto de Santos por via férrea, ela logo se transformou no principal meio de transporte para o escoamento da produção cafeeira paulista. Construída com investimentos captados pelo Barão de Mauá, a “Inglesa”, apelido como ficou conhecida, desviou do Rio de Janeiro o escoamento da produção paulista de café. Privilegiando ao escoamento através do próprio estado, o antigo atracadouro de Santos que por mais de três séculos e meio, desde sua fundação em 1531, realizava pequeno comércio de mercadorias se transformou num dos mais importantes portos do país.

Desde 1870, o governo do Estado de São Paulo liberou concessões particulares para a exploração e melhoramentos na estrutura do porto. Entretanto, após duas concessões, em 1870 e 1882, sem efetivos melhoramentos na estrutura física e de serviços, o governo abre nova concessão. Em doze de julho de 1888, pelo Decreto nº 9.979, o grupo liderado por Cândido Gaffrée e Eduardo Guinle foi autorizado a construir e explorar, por tinta e nove anos, depois ampliado para mais noventa anos, o Porto de Santos. Com o objetivo de ampliar suas instalações, os concessionários constituíram a empresa *Gaffrée, Guinle & Cia*. Mais tarde a empresa foi transformada na *Empresa de Melhoramentos do Porto de Santos* e, em seguida, em *Companhia Docas de Santos*, presidida, na década de 1960, por Cândido Guinle de Paula Machado, um dos mais importantes membros e financiador das atividades do IPÊS.

É importante constatar como essa característica se apresentou no discurso que caracterizam os três portos apresentados. A idéia do público e do privado, ou, em outros termos, as ações de caráter público e privado, sempre

foram uma constante em todos os discursos ipesianos. Desde os Cursos de Atualidades Brasileiras, a idéia de que o setor público sempre mantém, regularmente, um caráter de precário nas atividades que desenvolve é rerepresentada aqui de maneira categórica.

As imagens do Porto de Manaus indicam o crepúsculo de uma atividade que, em outro momento, representou a alvorada do comércio da região, responsável pelo seu desenvolvimento. Não é gratuito que a imagem que simbolicamente representa o auge do desenvolvimento econômico da região, o Teatro Amazonas, seja posposta pela imagem de uma velha e pequena embarcação à luz do entardecer.



Fig. 06



Fig. 07

Quanto ao Porto de Santos, seu vínculo com o comércio cafeeiro desempenhou papel significativo no desenvolvimento industrial do Estado de São Paulo e do Brasil. A diferença entre ele e outros portos nacionais residia na agilidade com que transportava as mercadorias e na qualidade de suas instalações; sua principal característica frente aos portos administrados pela União (como apresentados em *Portos paralíticos* e *Uma economia estrangulada*).

As imagens que caracterizam o Porto de Santos, sempre fazem referência a agilidade no trato com as mercadorias comercializadas. Ora, essa caracterização

não é assintomática. Fruto das ações do grupo, essas imagens, quando se reportam às ações da iniciativa privada, sempre o fazem de maneira a atribuir-lhe características de grandiosidade. O contrário sempre é caracterizado como um estorvo. As imagens do porto do Rio de Janeiro, se comparadas às imagens do porto santista, dão a dimensão dessa característica.

## 2.2 A VIDA MARÍTIMA

*Aposentar-se jovem, com um excelente salário, e sem ter se desgastado em suas atividades profissionais. Privilégio de uma pequena parcela da população brasileira que através da firme atuação dos seus sindicatos conseguiu se sobrepor à maioria dos segmentos profissionais do país.*

É com esse argumento que o filme *A vida marítima* inicia apresentando imagens de marinheiros e trabalhadores da estiva. Seu roteiro traz asserções sobre a ação dos sindicatos dos trabalhadores dos portos nacionais e dos marítimos das empresas financiadas com dinheiro público. *A vida marítima* foi o último filme a retratar os problemas relacionados ao comércio e transporte de mercadorias. Entretanto, diferente da abordagem catastrófica dos dois filmes anteriores do bloco “Transporte” (*Portos paralíticos* e *Uma economia estrangulada*), suas asserções passaram ao largo das opiniões calamitosas e se centraram na ação dos movimentos sindicais de marítimos e portuários e no efeito dessas ações sobre a população. Os focos principais foram as empresas marítimas estatais, sindicatos e trabalhadores da estiva. Entretanto, uma das características mais relevantes do filme está no complemento inverso das imagens dado pelo áudio.

Apesar de ter sido realizado juntamente com os outros quatorze documentários ipesianos a estruturação do filme é reflexo da interferência da direção do IPÊS Rio que determinou a realização de um filme que fizesse um “levantamento do Cáis do Porto”<sup>93</sup>. O filme se inicia com a mesma seqüência de imagens que finaliza *Uma economia estrangulada*: o comandante atento ao mar e o marinheiro conduzindo o leme do navio. Em seguida são mostradas imagens do cotidiano dos marinheiros nas embarcações, dos trabalhadores em terra e suas organizações corporativas. A sugestão é de um clima de tranqüilidade e euforia. Não há imagens que remetam a um cotidiano árduo ou que indique tensão às suas atividades.



Fig. 08



Fig. 09

As imagens de marinheiros em embarcações equipadas com piscinas e acomodações confortáveis, que autorizam sonhos fantasiosos, mais referenciam embarcações destinadas ao lazer e transporte de passageiros que embarcações comerciais destinadas ao transporte de mercadorias e o comércio entre países. Nesse sentido, compreendemos que essas imagens ao invés de fazer referência à qualidade dos serviços oferecidos pela Marinha Mercante nacional aos seus trabalhadores, buscavam descaracterizar um ambiente rude sobre o qual inúmeras

---

<sup>93</sup> Anexo E; CD – RJ, 12/02/1962.

manifestações de marítimos e portuários, além da baixa oficialidade da marinha<sup>94</sup>, como aponta Jorge Ferreira (2003, p. 387), regularmente questionavam. Igualmente elas não oferecem qualquer indício de remeterem ao trabalho. E é sobre a exploração desse aspecto que o filme atua.

Enquanto a representação do trabalhador em filmes como *A boa empresa*, *Depende de mim* e *História de um maquinista*, é dada a partir da sua relação com ações efetivas de trabalho, em *A vida marítima* ela ocorre de maneira invertida; a partir da idéia de lazer. Nos demais documentários ipesianos as representações de trabalhadores são sempre dadas a partir de seu local / espaço de trabalho, de ações de transformação do cotidiano, dos objetos que manipula etc. Uma característica particular de *A vida marítima* está na idéia de tutelamento. O filme buscou sempre ao inserir imagem de trabalhadores, associar suas atividades à proteção exercida pelos seus sindicatos.

Quando apresentadas como ações de trabalho efetivo – a atividade dos estivadores e “bagrinhos” na carga e descarga dos navios – as imagens são contrapostas à narração que indica o despropósito de suas atividades. Pela narrativa, essas atividades são exercidas graças ao acréscimo de inúmeros impostos, incidentes sobre as mercadorias e serviços, que financiam seu trabalho. Essa característica narrativa da imagem apresentando uma informação e o áudio referendando-a pelo oposto perdura em todo o filme.

---

<sup>94</sup> Tornou-se comum entre a baixa oficialidade da Marinha, manifestações reivindicando a elegibilidade política (só possível para altos oficiais), a melhoria nos serviços internos (alimentação, acomodações, etc) e a diminuição das penas aplicadas por insubordinação hierárquica.

## 2.2.1 Uma classe privilegiada

Como apontamos, o tema mais recorrente no documentário *A vida marítima* é a idéia de tutelamento das atividades dos portuários. Nesse sentido, a maneira como se aponta a atuação do principal sindicato, o Sindicato do Estivadores de Santos, é fundamental para compreender a caracterização dada às suas ações pelo filme.

Com o desenvolvimento da cidade e das atividades desenvolvidas pelo Porto de Santos, várias categorias profissionais foram se organizando com o propósito de lutar por seus direitos, salários e diminuição da jornada de trabalho. Segundo Olga Rodrigues (1979), essas reivindicações resultaram em inúmeras greves, especialmente a partir da década de 1930<sup>95</sup>, ano da fundação do Sindicato dos Estivadores de Santos. Fundado em 03 de dezembro, suas ações estiveram amplamente ligadas às iniciativas de melhoria dos serviços prestados pelo Porto, a fixação de condições de trabalho adequadas e a ampliação das conquistas trabalhistas da categoria. Seu quadro de filiados era composto por estivadores, trabalhadores portuários e funcionários das administrações portuárias; no caso da Cia. Docas de Santos.

Entre as décadas de 1950 a 1960, especialmente durante o surto desenvolvimentista da administração de Juscelino Kubitschek, o Porto de Santos experimentou uma crescente ampliação na prestação de seus serviços. Como indica Carlos Pimentel Mendes (1992), essa ampliação ocorreu especialmente pelo incremento na comercialização de derivados de petróleo em função do criação das refinarias petrolíferas de Presidente Bernardes, em Cubatão, e União, em

---

<sup>95</sup> De 1920 a 1934 dez jornais sindicais circulavam entre os diversos sindicatos da baixada santista: Tribuna Proletária, 1920, Jornal do Chauffeur, 1921, O telegrafista, 1924, O Solidário, 1924, Ação Operária, 1925, O Comerciário, 1931, O Idealista, 1933, Estrela Azul, 1934, Ação Proletária, 1934 e O Estuário, 1934. RODRIGUES, Olga. **História da Imprensa de Santos**. Santos: A Tribuna, 1979.

Caçapava<sup>96</sup>. Igualmente, a opção pelo “rodoviarismo”, o aumento no tráfego de veículos automotores e a instalação da indústria automobilística paulista a partir de 1957, elevou a aquisição de implementos industriais para a instalação das novas indústrias que chegavam ao país especialmente pelo porto santista.

Em face do crescimento significativo da atividade portuária, o Sindicato dos Estivadores de Santos, solidificou sua presença junto aos trabalhadores ao oferecer à crescente demanda dos serviços portuários um elemento essencial em suas atividades: mão-de-obra. Ao mesmo tempo em que organizavam as relações de trabalho no porto, conseguia garantir a fixação de taxas e serviços que retornavam em forma de salário e benefícios aos seus filiados. Essas taxas, entretanto, incidiam diretamente sobre o preço dos produtos comercializados pelo porto. Entendida pelo IPÊS em termos de benefícios exclusivos da categoria e de prejuízos para as relações comerciais através do porto, as atividades sindicais foram alvo específico do filme *A vida marítima*. Nesse sentido buscou-se desautorizar qualquer ação reivindicatória da categoria na manutenção das taxas portuárias. Essas foram compreendidas como a inseridas no contexto das “regalias” de que disfrutavam os trabalhadores portuários. A recorrência aos “altos salários” percebidos pela categoria é indicativa dessa caracterização.

A classe dos trabalhadores da estiva foi a primeira a ter regulamentado um sistema de aposentadoria e pensões. Criado pelo Decreto 22.872 de 29 de junho de 1933, o Instituto de aposentadoria e Pensões dos Marítimos – IAPS representou um avanço nas relações sindicais e uma conquista significativa para a classe dos trabalhadores ligados ao comércio marítimo. Visto como o resultado das demandas de seus trabalhadores, o IAPS possibilitou uma efetiva elevação na qualidade de

---

<sup>96</sup> MENDES, Carlos Pimentel. **Dez fases históricas**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/porto/portoh06.htm>> Originalmente publicado pelo autor em 4/2/1992 no jornal *O Estado de São Paulo*.

vida dos seus beneficiários, refletido especialmente nas aposentadorias e pensões recebidos pela categoria.

Entretanto, para *A vida marítima*, os salários e benefícios recebidos pelos marítimos possibilitavam uma leitura incomum de suas ações<sup>97</sup>. O filme sustenta que os trabalhadores portuários estavam deslocados da realidade nacional e que seus salários e benefícios eram corrigidos acima da inflação do período e das expectativas dos trabalhadores comuns.

NARRAÇÃO: “O aumento médio da classe dos marítimos elevou-se a mil por cento em apenas nove anos”.

Numa inflação que atingia a marca de sessenta por cento ao ano, um índice de correção cumulativa como o dos pensionistas do IAPS soava à percepção ipesiana como um despropósito. Desse modo, a caracterização das imagens dos trabalhadores recebendo seus pagamentos, as pilhas de dinheiro amontoadas sobre a mesa, as notas sendo embrulhadas com papel jornal, se assemelham mais a um festim, cujo prato é o dinheiro público, do que a um caixa de pagamentos.



Fig. 10



Fig. 11

---

<sup>97</sup> O áudio reforça a diferença entre os trabalhadores comuns e os estivadores que chegavam a ganhar cerca de duzentos mil cruzeiros por mês; o mesmo valor pago à Golbery do Couto e Silva pelos serviços de coordenação do Grupo de Estudos e Doutrina.

Se isoladamente essas imagens poderiam supor uma apresentação que vangloriasse as iniciativas dos portuários, como sugere a narrativa do filme, na qualidade dos seus salários, no conjunto elas reforçam uma idéia contrária. Como apontamos, uma das principais características da propaganda política é a indignação. Nesse sentido, essas imagens buscam reforçar a noção de indignação da maior parte da população brasileira para a qual essas imagens apresentam uma realidade pouco comum com seu cotidiano. A narração faz asserções irônicas sugerindo que a noção de “felicidade”, comum para toda a classe de marítimos e portuários, é custeada pelos impostos incidentes sobre as mercadorias pagos pela população.

Entretanto, um dado relevante que observamos na análise desse filme foi o desconforto que o mesmo causou dentro do próprio Instituto. A característica irônica das asserções realizadas em *A vida marítima*, especialmente pela forma como abordou um assunto tão delicado como o comércio de mercadorias por via marítima, suscitou inclusive sua refilmagem. Em oito de janeiro de 1963, o Comitê Executivo de São Paulo, chegou a sugerir sua regravação; não realizada devido ao alto custo do intento (Anexo E; CE – SP, 08/01/1963).

### **2.2.2 O coletivo e o particular: a terra e o mar**

Como sugerimos anteriormente, a característica mais relevante de *A vida marítima* está na relação estabelecida entre áudio e imagens. Assim, se as imagens compunham um quadro festivo, o áudio adicionava às ações por elas apresentadas uma característica de usurpação; de uso indevido dos investimentos públicos em favor de interesses e benefícios restritos. Como aponta o filme,

NARRAÇÃO: *“(...) a tripulação dos navios brasileiros é numericamente o dobro dos que fazem o mesmo trabalho em navios de outras nações. Critério que onera o transporte, aumenta o preço dos produtos e sacrifica toda a nação”.*

Opondo interesses particulares e coletivos, o filme é estruturado de forma em que a crítica às empresas marítimas estatais, às ações dos portuários, sejam exploradas a partir da oposição entre “terra” e “mar”. Se, como afirma o próprio filme, “é da terra” que o país subvenciona as empresas marítimas estatais, não poderia ser em outro lugar que os marinheiros defenderiam seus interesses; reservando o mar para os momentos de ócio e lazer. Em terra, esses “interesses” eram defendidos pelos sindicatos e corporações de classe que não apenas organizavam a ação de seus membros, como garantiam, junto às classes patronais, a fixação de salários, taxas e pagamentos extras.

Segundo Mendes (1992), a mobilização dos funcionários da estiva portuária e dos funcionários da Marinha Mercante resultou num crescente aumento das manifestações e greves que paralisaram, especialmente durante a década de 1960, as atividades dos portos nacionais e, particularmente, as atividades do porto de Santos. Em 2 de julho de 1960, 53 sindicatos decidiam pela paralisação total do porto de Santos, fato que se repetiria no dia 18 de outubro daquele mesmo ano com o movimento paredista do Sindicato dos Estivadores de Santos. No ano seguinte, duas novas paralisações abalariam o porto. Em 10 de fevereiro, em protesto contra as más condições de segurança no trabalho, que levaram à morte três portuários e feriram gravemente outros quinze, e em 05 de agosto em protesto contra as ameaças de prisão feitas pelo comandante da Capitania dos Portos a

jornalistas e dirigentes sindicais, que se encontravam com sua atenção voltada às reivindicações da classe portuária<sup>98</sup>.

Ainda segundo o autor, a reivindicação pelo pagamento por produção seria o motivo principal da primeira grande greve no porto em 16 de março de 1962, organizada por empregados da Companhia Docas de Santos, com a colaboração de estivadores e outros trabalhadores do cais. Menos de dois meses depois, em 8 de maio, todos os sindicatos paralisariam não só o porto, mas toda a baixada santista. Nova greve geral ocorreu no dia 05 de julho. Novamente, em 23 de agosto de 1962, o porto voltava a paralisar, com os operadores das máquinas e motoristas da Companhia Docas de Santos reivindicando acréscimo referente ao pagamento do salário por produção. E, em 13 de setembro daquele mesmo ano, nova greve paralisaria a baixada durante cinco dias em protesto contra prisões de líderes sindicais. Essas manifestações prosseguiram até abril de 1964 quando o Golpe Militar coibiu definitivamente todas as reivindicações dos sindicatos ligados ao porto.

Apesar dessas manifestações indicarem a incontestável organização das atividades de portuários e marinheiros elas não foram, nem de longe, retratadas pelo filme *A boa empresa* da maneira como efetivamente ocorriam; e nem poderiam. Uma das mais regulares e importantes contribuintes do IPÊS era a Companhia Docas de Santos, concessionária para a exploração do mais importante porto do país: o porto de Santos.

A Cia Docas de Santos era presidida por Cândido Guinle de Paula Machado; um dos mais ativos líderes ipesianos. Ele era o responsável por uma empresa que começou suas atividades em 1888. Nos 129 anos em que esteve sob a responsabilidade do grupo o antigo atracadouro do porto de Santos se transformou no mais importante porto comercial do país. Nesse sentido, se o

---

<sup>98</sup> MENDES, Carlos Pimentel. **Dez fases históricas**. Op. Cit.

caráter principal da Companhia Docas era a agilidade com que atendia às exigências do comércio, essa característica deveria também estar relacionada às imagens que a simbolizava. Nota-se que sua imagem é contraposta apenas às imagens do porto carioca do filme *Portos paráliticos*. Empresa exemplar e, principalmente, uma das principais financiadoras do IPÊS, sua imagem não poderia ser maculada por uma associação indevida entre suas atividades e as ações de sindicatos tão próximos a ela.

Como indicou Luiz Cássio dos Santos Werneck (Anexo C), se a preocupação em *A vida marítima* era demonstrar a “real situação dos marítimos e portuários”, essa demonstração ocorreu de maneira invertida. Ao invés de se optar por caracterizar as manifestações dos trabalhadores ligados ao porto de maneira delitosa como apresentado em *Deixem o estudante estudar*, os baderneiros, *A boa empresa*, os demagogos, *Conceito de empresa*, os anarquistas etc, a opção em *A vida marítima* foi caracterizá-las pela defesa de privilégios e regalias.

É certo que a idéia da defesa de “privilégios” e “regalias” adquiridos poderia sugestionar precedentes e incitar outros agrupamentos de trabalhadores para ações de mesma ordem. Entretanto, a maneira como *A vida marítima* evidencia os motivos pelos quais os movimentos de marinheiros e estivadores reagem às ações de contenção de suas ações, caracterizam uma defesa singular de suas demandas e sublimam qualquer possibilidade de serem percebidos como trabalhadores comuns. Novamente, a forma como o áudio manipula as imagens é substancialmente contundente. Aliados à sintaxe manzoniana do “posado” – que descaracteriza as ações quotidianas simples como o recebimento de salários, os momentos de descanso, as reuniões do sindicato etc, em favor de uma imagem padrão construída – o áudio confirma a idéia de serem os marítimos e portuários um “mundo à parte na realidade brasileira”. Talvez a imagem que melhor retrate essa diferença entre a realidade nacional e uma realidade construída pela ação

sindical está na imagem da sede do Sindicato dos Estivadores. Recortada a partir de uma tomada em *contra-plongée* ela edifica uma catedral incomum às representações dadas em todos os filmes ipesianos às ações de movimentos sindicais. O plano da fachada da sede do sindicato pode ser comparado com a fachada da sede do partido comunista em Budapeste na Hungria a que faz referência o filme *Depende de mim* do bloco Resgate / Problemas Sociais.



Fig. 12



Fig. 13

Desse modo, na concepção de *A vida marítima*, antes de ser um movimento organizado em tornos de ideais políticos e ideológicos, o movimento dos marinheiros, portuários e estivadores era um movimento que primava por ações únicas de “retaguarda dos altos salários percebidos”. Segundo o documentário, esse critério, de caráter particular, onerava o transporte de mercadorias realizado pelo porto e sacrificava a “nação”. Definidos como inimigos da nação, as ações do movimento dos portuários simbolizavam um ponto de desequilíbrio às intenções do Instituto.

## 2.3 HISTÓRIA DE UM MAQUINISTA

Primeiro filme a retratar especificamente o transporte ferroviário, *História de um maquinista* procurou apresentar a realidade do transporte ferroviário nacional. Este documentário também pode ser caracterizado como um docudrama especificamente porque sua narrativa procura reconstruir uma história baseada em fatos reais: um narrador-personagem conduz a narrativa apresentando, passo-a-passo, uma história do qual também faz parte como protagonista. Esta é feita em primeira pessoa e é construída de forma a atribuir como pessoais as expectativas e frustrações do narrador-maquinista com o que considerou os “descaminhos do sistema ferroviário”. Outra característica diferenciada de *História de um maquinista* está no uso da voz *over* e não na voz *off* nas falas do narrador-personagem. Essa característica o diferencia substancialmente dos outros filmes realizados pelo IPÊS que usam substancialmente a voz *off* como nos outros documentários realizados pelo IPÊS.

O documentário se inicia com uma seqüência que mostra as arcaicas técnicas de construção de estradas de ferro: vários homens carregam trilhos que são assentados sobre dormentes com o uso de picaretas e martelos. O áudio afirma a intenção do personagem-narrador em contar uma “história lamentável”. Caracterizado como um homem indolente o narrador-personagem é enquadrado em plano médio lendo um jornal na porta de uma locomotiva. Descuidado e desleixado sua caracterização é utilizada como o próprio reflexo do sistema de transporte ferroviário ao qual o filme faz referência.



Fig. 14

Para ampliar o estado de descuido com as operações ferroviárias o documentário recorre a imagens que são supostamente de um acidente ocorrido no bairro do Méier, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, no final da década de 1950. Entre imagens de corpos e de vagões retorcidos o narrador começa a apontar para os problemas técnicos enfrentados pelo sistema ferroviário. Desse modo, dormentes podres, antigos vagões movidos a vapor, técnicas de comunicação obsoletas etc, ganham concretude na imagem para exemplificar como forma de induzir o espectador a concordar com os problemas apresentados. Entretanto, e aí está o específico do filme, essas imagens buscam referenciar um suposto estado de abandono pelo qual passa o sistema ferroviário coordenado pelo Estado desde a criação da Rede Ferroviária Federal – RFFSA.



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18

Apesar de não referenciar diretamente as atividades da RFFSA, sua indicação velada é feita através das imagens da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Anexada ao patrimônio da RFFSA, a Estrada de Ferro Central do Brasil – EFCB, era no período a que mais apresentava problemas especialmente pelo transporte de passageiros. A RFFSA foi criada pela Lei n.º 3.115 de 16 de março de 1957 e efetivamente implantada em setembro do mesmo ano a partir da unificação de vinte e duas ferrovias, algumas ainda administradas por suas respectivas companhias<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> As estradas de ferro que compunha a malha da RFFSA em 1957 eram: 1) EF Madeira — Mamoré; 2) EF Bragança; 3) EF São Luís — Teresina; 4) EF Central do Piauí; 5) Rede de Viação Cearense; 6) EF Mossoró — Souza; 7) EF Sampaio Correia; 8) Rede Ferroviária do Nordeste; 9) VF Federal Leste Brasileiro; 10) EF

É importante observar o caráter da realização do filme *História de um maquinista* sobre a situação da malha ferroviária pelo IPÊS. A implantação das ferrovias no Brasil foi iniciada em meados do século dezenove pelo Barão de Mauá. O trecho construído ligava o Rio de Janeiro (a partir de Magé) a Petrópolis, com extensão total de dezesseis quilômetros. Financiado com capital privado, as ferrovias nacionais se expandiram graças aos interesses de exportação ligados às atividades agrárias, em especial a cultura cafeeira que motivou a construção da maioria dos trechos das estradas de ferro paulistas.

As ferrovias se apresentavam como um potencial econômico a ser explorado pela iniciativa privada nos moldes de sua expansão no em meados do século XIX. Desse modo, *História de um maquinista*, privilegiando as ações de caráter privado atribuído às ferrovias, buscou apresentar exemplos que pudessem consolidar a diferença com a ação pública no setor. Eis que surge a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

### **2.3.1 Uma companhia exemplar e o declínio do sistema**

Fundada em 1868, a Cia. Paulista foi a maior operadora privada de estradas de ferro do país. Sua primeira linha em operação tinha por objetivo ligar as cidades de Campinas e Jundiaí, local onde iniciava o ramal da *São Paulo Railway*; concessão britânica de estrada de ferro cuja linha atingia o porto de Santos permitindo o escoamento da produção agrícola do interior paulista. A Companhia expandiu

---

Bahia – Minas; 11) EF Leopoldina; 12) EF Central do Brasil; 13) Rede Mineira de Viação; 14) EF Goiás; 15) EF Santos – Jundiaí; 16) EF Noroeste do Brasil; 17) RV Paraná – Santa Catarina; 18) EF Dona Teresa Cristina; 19) EF Santa Catarina (administrada pelo governo do Paraná); 20) Viação Férrea do Rio Grande do Sul (administrada pelo governo do Rio Grande do Sul); 21) EF Ilhéus (Regime especial de administração); e 22) EF Tocantins. (Regime especial de administração). BRASIL. MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Rede Ferroviária Federal S.A. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/bit/ferro/rffsa/inf-rffsa.htm>> Acessado em Fevereiro / 2005. (Mais informações em: [http://www.dnit.gov.br/ferrovias/hist\\_cap3.htm](http://www.dnit.gov.br/ferrovias/hist_cap3.htm))

seus ramais para todo o estado de São Paulo chegando aos estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul<sup>100</sup>. A Paulista manteve a condição de empresa privada até 1961 quando foi estatizada pelo governo do Estado de São Paulo<sup>101</sup>.

O maior problema apresentado por *História de um maquinista*, como apontamos anteriormente, refere-se ao transporte de passageiro. O filme preocupam-se em apresentar o sistema ferroviário das linhas de subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, pertencente à RFFSA, como a que mais apresentava problemas tanto de ordem administrativa (constantes greves, desvios de recursos financeiros, empreguismo) quanto no número de acidentes. A idéia do “pingente”, gíria carioca usada para se referir ao passageiro que viajava pendurado nas portas do trem, é utilizada para materializar os riscos oferecidos pelo serviço à população. Além do pingente, o documentário apresenta também cenas que remetem à barbaridade na utilização do transporte público ferroviário: plataformas de embarque lotadas e sem segurança, locomotivas antigas expelindo negras fumaças pela chaminé, trilhos corroídos, dormentes apodrecidos etc. Tal como em *Portos Paralíticos*, as imagens que caracterizam as atividades desenvolvidas pelas empresas administradas pelo governo são “manchadas” por algum elemento interno (fumaças, sombras) ou apresentam um alto contraste entre áreas escuras e iluminadas.

---

<sup>100</sup> BRASIL FERROVIAS. (Sítio Institucional). Disponível em: <<http://www.brasilferrovias.com.br/bf/brasil.ferrovias/historia.cia.paulista.html>> Acessado em Fevereiro / 2005.

<sup>101</sup> Posteriormente, em 1971, a malha ferroviária da Paulista foi anexada pela RFFSA, transformando-se na Ferrovia Paulista S.A. – Fepasa.



Fig. 19

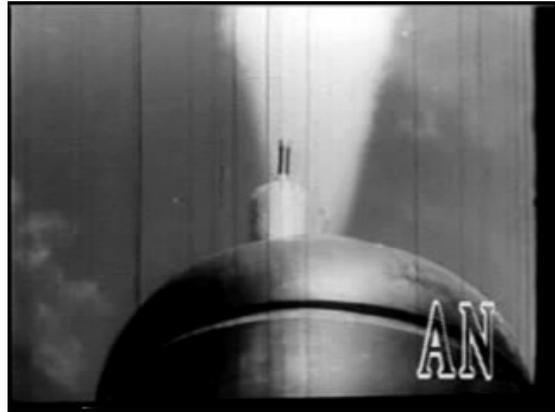


Fig. 20



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24

Essa caracterização não é gratuita. As imagens da Companhia Paulista sempre fazem referência à qualidade com que a empresa atendia ao transporte de passageiros. Elas buscavam reforçar a dicotomia existente entre a qualidade do serviço de transporte de passageiros oferecido pela Rede Ferroviária Federal e pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Entretanto, apesar de toda a qualidade de transporte oferecida pela companhia paulista, durante os anos do governo de Juscelino Kubitschek o Brasil iniciou um processo de acentuada industrialização. A grande abertura ao capital estrangeiro foi responsável, dentre outras coisas, pelo início das atividades das multinacionais da indústria automobilística. Foi também quando os governos, em sua maioria, passaram a adotar o rodoviarismo como opção de transporte. Essa opção determinou o declínio das ferrovias brasileiras.

A citação no documentário à “encampação” da Cia Paulista pelo governo de São Paulo é distorcida para se adequar ao discurso elaborado pelo grupo. Omitindo a questão da concorrência com as rodovias o filme aponta que o Governo de São Paulo realizou a estatização da empresa de maneira unilateral. As imagens do transporte de passageiros da malha da RFF no Estado do Rio e da Cia Paulista são significativas das intenções do IPÊS em atribuir qualidades inequívocas de competência às iniciativas privadas e de desqualificar as iniciativas da administração pública. Desse modo, a comparação com as imagens dos serviços de transporte de passageiros oferecidos pela RFF e pela Cia Paulista, precedidas da idéia de que, após a encampação pelo governo paulista, é difícil prever o futuro da companhia, reforçam essa oposição.

Assim como em *Uma economia estrangulada, História de um maquinista* finaliza utilizando-se dos mesmos temas: crianças, velhos e a idéia de “tomada de direção”. Aqui, o narrador-maquinista que foi caracterizado no início do filme como desleixado, é rerepresentado com características diferenciadas. Limpo, porque

capacitado, ele conduz sua locomotiva, metáfora da nação, para frente; em direção ao progresso.

# CAPÍTULO 3

## SOBRE OS MALES DA NAÇÃO (PROBLEMAS SOCIAIS)

Segundo Paul Singer<sup>102</sup> (1997, p. 18), os anos que precederam ao Golpe Militar foram caracterizados por três formas de “rebeldia” social muito evidentes: um movimento estudantil ativo, com grande impacto na opinião pública; um movimento camponês que invadiu terras e que não respeitava a propriedade privada; e um movimento de rebeldia operária com trabalhadores se organizando, tomando os sindicatos estatais, e se caracterizando como “autêntico e vigoroso” (Singer, 1997, p. 18). Esses movimentos, ao que se percebe, dilataram ainda mais as transformações políticas e sociais durante as décadas de 1950 e 1960.

A presença de capitais internacionais na economia nacional, o processo de industrialização vivido no governo de Juscelino (1956-1961), o crescimento desordenado das cidades (gerado sobretudo pelo êxodo do campo em direção às

---

<sup>102</sup> SINGER, Paul. *O significado do conflito distributivo no golpe de 64*. In: TOLEDO, Caio Navarro (Org.). **1964: visões críticas do golpe – Democracia e reformas no populismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

grandes cidades), o desnível do padrão de vida entre o campo e a cidade (mais da metade da população brasileira ainda vivia no campo em 1964), a ressonância da Revolução Cubana nos movimentos operários e sindicais, ecoaram significativamente tanto para a esquerda quanto para a direita. Foi no rescaldo desses eventos políticos e econômicos que o IPÊS realizou cinco filmes (*Deixem o estudante estudar*, *Nordeste problema numero um*, *Criando homens livres*, *Depende de mim* e *O Brasil precisa de você*) abordando temas sociais: movimento operário, movimento estudantil, delinquência urbana e movimento rural.

Buscando apresentar o “caminho certo” a ser seguido, o primeiro filme deste bloco, *Deixem o estudante estudar*, demonstra ao estudante que o “caminho certo” a ser seguido é a sua “dedicação ao estudo”. O filme procurou aplicar às ações do estudante a responsabilidade de quem seria o “herdeiro” das “riquezas da nação”. Essa “responsabilidade”, na constituição da imagem do estudante, agregou-lhe características diferenciadas do mesmo modo o filme *Depende de mim* onde se procurou atribuir responsabilidade aos trabalhadores “comuns”, evitando representá-los em ações que não indiquem sua “dedicação” ao trabalho.

Apesar de referendar a mesma idéia de progresso e responsabilidade social, o terceiro filme, *Nordeste problema numero um*, aborda o tema de maneira diferenciada. Em *Deixem o estudante estudar* e *Depende de mim* não há imagens “reais” da situação pela qual passavam trabalhadores e estudantes<sup>103</sup>. Já em *Nordeste problema numero um* as imagens do cotidiano do Nordeste e do nordestino buscam criar um elemento de oposição às ações para o crescimento econômico da região. Se nos filmes anteriores a imagem de trabalhadores e estudantes é uma imagem “irreal”, transformada na essência de sua representação,

---

<sup>103</sup> Aliás, como em todos os filmes realizados por Jean Manzon para o IPÊS, não há imagens que remetam à ação sindical dos trabalhadores urbanos. Estes são sempre caracterizados por sua relação única com o trabalho; com ações determinadas e relacionadas aos frutos colhidos pelo seu esforço individual. Não há a idéia de coletividade específica para os trabalhadores urbanos. A noção de coletividade é uma noção aplicada unicamente à nação brasileira.

em *Nordeste problema numero um* essa mesma imagem se transforma progressivamente. Neste bloco também não privilegiaremos as análises dos filmes *O Brasil precisa de você* e *Criando homens livres*, por acreditar que os mesmos ratificam o discurso apresentado pelos filmes do mesmo bloco.

### 3.1 DEIXEM O ESTUDANTE ESTUDAR

Com a duração de oito minutos e quarenta e dois segundos, o documentário *Deixem o Estudante Estudar*, como todos os filmes realizados por Jean Manzon para o IPÊS, foi realizado em preto e branco. A autorização para sua realização foi feita pelo Instituto em 29 de novembro de 1962 (Anexo J) e as filmagens foram realizadas no Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (Anexo K). O filme faz asserções sobre a formação universitária nas escolas financiadas pelo “poder público”. Trata também da importância dos universitários como “construtores” do país. Entretanto, sua preocupação principal está centrada na idéia de apresentar a massa dos estudantes, como distintos de um outro grupo, caracterizado como “agitadores” e “demagogos”.

A sintaxe cinematográfica de *Deixem o Estudante Estudar* é a encenação. A idéia de sua realização está ancorada na necessidade de se “apaziguar” o movimento estudantil em franca expansão e radicalização, como aponta João Roberto Martins Filho<sup>104</sup> (1997, p. 78), desde o ano de 1955 com a vitória do bloco

---

<sup>104</sup> MARTINS FILHO, João Roberto. *O movimento estudantil na conjuntura do golpe*. In.: TOLEDO, Caio Navarro (Org.). *Op. Cit.*

nacionalista sobre o bloco udenista<sup>105</sup> na União Metropolitana de Estudantes – UME. Segundo o autor, a UME tinha a prerrogativa de balizar as ações estudantis do período, chegando a determinar a direção que o movimento estudantil seguiria no nível nacional (Martins Filho, 1997, p. 78). Para compreender a forma como o filme aborda o assunto é necessário apreender o processo pelo qual se articulou o movimento estudantil durante o período.

Para Martins Filho, desde meados da década de 1950 o movimento estudantil vinha demonstrando uma hábil articulação política. Essa articulação resultou num processo gradual de politização – e ascendência mais nítida da esquerda – do meio universitário que não foi resultado dos movimentos socialistas do período, mas sim fruto de dois movimentos de tendência moderada: a Juventude Universitária Católica – JUC e a Juventude Estudantil Católica – JEC; organizações vinculadas à igreja com grande penetração no meio estudantil (Martins Filho, 1997, p. 79).

Conforme aponta o autor, ajustando suas tendências ao programa nacional-desenvolvimentista a JUC e a JEC tiveram um peso significativo no processo de politização do movimento universitário. Apareceram como porta-vozes das classes médias na universidade no início da década de 1960 e estiveram por trás do “Manifesto do Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica da Universidade Católica do Rio de Janeiro”; evento que marcou a radicalização do movimento universitário e que, mais tarde, resultaria na fundação da Ação Popular – AP. Para o autor,

(...) a ascensão da esquerda cristã representou sua capacidade de expressar a reivindicação pela reforma da universidade, bem

---

<sup>105</sup> O autor considera que até meados da década de 1950, havia uma certa homogeneidade nas ações realizadas pela UNE. O autor atribui a direção que enquanto o movimento esteve “nas mãos do que se chamou ‘direita’, isso não foi só o resultado de uma ‘manobra’, mas bem poderia expressar uma certa tendência que realmente existia na universidade”. Filho, 1997, Op. Cit.

como a intimidade desses setores com as reivindicações do estudante comum, da massa dos estudantes, não do estudante politizado, do militante (Martins Filho, 1997, p. 79).

Entretanto, conforme segue apontando o autor, dois eventos marcaram definitivamente o movimento estudantil e refletiram suas ações até o Golpe de 1964: a realização, em 1961, do Primeiro Seminário da Reforma Universitária em Salvador e, em 1962, a deflagração da “greve por um terço”, encampada nacionalmente pela União Nacional dos Estudantes – UNE e pela União Metropolitana dos Estudantes – UME (Martins Filho, 1997, p. 80). Esses eventos assinalaram dois movimentos distintos no seio do movimento estudantil: o primeiro foi a imediata retração do movimento de massa, até então em crescimento; o segundo, a ascensão da vanguarda estudantil, dos grupos militantes, principalmente a partir de 1963.

O movimento estudantil [participou], intensamente, de todo o processo de radicalização das lutas populares nesse período, mas não mais como um movimento de massa e, sim, por meio de seus setores militantes, de ‘vanguarda’, organizados, de direção (Martins Filho, 1997, p. 80).

Se for certo que a participação estudantil nas manifestações sociais do período esteve condicionada à presença do militante, ou, num outro sentido, uma ação não-massificada como indica Martins Filho, a campanha de desarticulação desse movimento movida pela cúpula ipesiana usou dessa característica de fragilidade do movimento para miná-lo definitivamente. Assim, posto que a característica da grande massa de estudantes era a de passividade diante das “agitações” sociais o filme *Deixem o Estudante Estudar* abusou da imagem do

estudante “ordeiro” para se contrapor àquele cujas ações conturbavam o cotidiano do país.

Para um grupo, como aponta Dreifuss (1981), de caráter modernizante-conservador que buscava na correlação de forças político-econômicas alterar a face da estrutura de poder – dos interesses públicos estatais para os interesses privados industriais (Dreifuss, 1981, p. 162) –, era necessário que seus interesses fossem também “encampados”, ou no mínimo não contestados, por movimentos como o estudantil. Ora, senso comum, o movimento estudantil aparecia como questionador das estruturas econômicas tradicionais, mostrando-se, por vezes, como ligados à idéias comunistas e socialistas. Essa ligação, amplificada pelo próprio Instituto em um documento intitulado “*UNE + UIE = Subversão*”, busca despertar a atenção dos “democratas” para “esse foco de subversão, duplamente financiado – por uma agência do Kremlin e pelo nosso Ministério da Educação” (Anexo L).

Como segmento que adquiriu dupla importância no processo de industrialização – de um lado eram instrumentos capacitados para a gestão e atendimento das demandas industriais e, por outro, organizados como movimento político-social, contestavam as bases do próprio regime capitalista – a preocupação com sua representação e ação foi uma das principais chaves de *Deixem o estudante estudar* para colaborar no desmantelamento do movimento.

Assim, se anterior à década de 1950, como aponta Martins Filho (1997), o segmento dos estudantes poderia ser considerado como um grupo elitista, a partir de meados desse mesmo período eles passam a agregar elementos das classes médias e a serem considerados como componentes da complexa sociedade de massas que surge com o processo de industrialização. Esse fator é essencial para compreender a maneira como a imagem do estudante é trabalhada em *Deixem o estudante estudar*. Mesmo com o número de estudantes na década de 1960

inferior à demanda nacional pela educação, há de se considerar, ainda como indica o autor, que o contingente de estudantes crescia em níveis jamais vistos (Martins Filho, 1997, p. 78).

Como todo grupo, inseridos ou não em contextos de embate político-sociais, a noção de identidade é um conceito muito significativo. Como aponta Tilman Evers<sup>106</sup>,

(...) Dentro dos limites de suas forças, nenhum movimento social pode ir além de tentar recuperar fragmentos muito específicos de identidade, lutando em um (...) dos muitos fronts possíveis de dominação e aceitando, assim, o status quo em todos os outros fronts. Exatamente por isso são inevitáveis as contradições dentro dos movimentos e também entre eles, o que lhes dificulta a coesão tanto prática quanto conceitualmente (1984, p. 18).

Foi exatamente sobre conceitos como identidade e contradição, própria aos movimentos sociais, que o documentário *Deixem o estudante estudar*, buscou atribuir suas asserções sobre o movimento estudantil buscando desestruturá-lo. O documentário foi o primeiro filme a retratar um movimento significativo do ponto de vista social. Dentre os grupos que estavam se radicalizando durante o início da década de 1960 o movimento da vanguarda estudantil era um dos que mais se destacavam. Note-se, como aponta Martins Filho, que se trata de um movimento de cúpula que, segundo o autor, tem pouca repercussão na base. A partir da derrota da “Greve por um terço”, esse movimento, já comprometido com grupos de esquerda e da própria Ação Popular, radicaliza suas ações engajando-se no processo da revolução e se tornando uma das forças mais radicais da Frente de Mobilização Popular – FMP.

---

<sup>106</sup> EVERS, Tilman. *Identidade – a face oculta dos movimentos sociais*. In.: **Novos Estudos Cebrap**. N.º 04. São Paulo: CEBRAP, abril, 1984.

A caracterização do estudante em *Deixem o Estudante Estudar* sugere uma figura de aparência séria. Essa caracterização está prenhe da tentativa de diferenciá-lo do que, como aponta Martins Filho, de seus representantes de cúpula.



Fig. 25



Fig. 26

Nesse sentido, formalizando uma imagem que se aproxime do estudante do cotidiano, a imagem do estudante no documentário se difere do estudante “baderneiro”, revolucionário e de esquerda do movimento estudantil. Descaracterizando a idéia do isolamento do estudante comum, o filme acrescenta a informação do convívio social, destacando-se imagens de indivíduos que, na relação com outros do seu grupo, é capaz de se associar com intuito de trabalhar em conjunto pelo desenvolvimento da nação.

Ora, se as ações do IPÊS se pautavam pela ampliação das atividades das indústrias como o principal esteio da economia brasileira, era natural que ao estudante fosse atribuído um valor significativo pois este deveria estar capacitado para atuar na consolidação daquelas. Não foi sem sentido que, como aponta Maria Inez Salgado<sup>107</sup> (1981), os estudos do IPÊS tenham servido como baliza ao projeto de reforma educacional promovido pelo governo militar.

---

<sup>107</sup> SOUZA, Maria Inez Salgado. **Os empresários e a Educação: o IPÊS e a política educacional pós 1964**. Petrópolis: Vozes, 1981.

As imagens dos estudantes no documentário estão sempre inseridas no contexto específico de suas ações. Não há imagens que referenciem ações exteriores às atividades de estudo.

### **3.2 NORDESTE PROBLEMA NUMERO UM: PERSONAGENS EM TRANSFORMAÇÃO**

O filme *Nordeste problema numero um* busca retratar a realidade da seca no nordeste e os mecanismos capazes de resgatar da miséria social seus habitantes. O documentário expõe os problemas sociais e ambientais da região e apresenta as soluções para os mesmos. Estruturalmente o filme pode ser dividido em cinco seqüências. A primeira caracteriza os personagens que serão apresentados; a segunda destina-se a apresentação dos problemas enfrentados pela região (miséria, seca, mortalidade infantil, emigração, atraso social, etc); a terceira seqüência demonstra ações paliativas de combate aos problemas sociais e econômicos (ações públicas e ações privadas, construção de açudes, canais de irrigação, água, etc.); a quarta seqüência demonstra exemplos de ações concretas para a solução dos problemas apresentados (instalações industriais, ações de plantio, construção de indústrias, trabalhadores em atividade); e, por fim, a quinta seqüência demonstra a paisagem transformada (instalações industriais, grandes áreas plantadas, campos irrigados etc).

Uma das características mais relevantes em *Nordeste problema numero um* está no processo de transformação da representação do personagem, o nordestino, e

seu ambiente. O filme se inicia com a seqüência de abertura das páginas da Carta Encíclica *Mater et Magistra*, escrita por João XXIII e apresentada pela Igreja Católica em 1961. Sobre a imagem da Encíclica, livro editado pelo próprio IPÊS em 1962, aparecem os créditos do filmes e realizadores. *Nordeste problema numero um, Deixem o Estudante Estudar, História de um Maquinista, O IPÊS é o seguinte* e *Criando homens livres*, são iniciados com o mesmo plano de abertura das páginas da Carta Encíclica.

A primeira seqüência do filme se inicia com um plano geral apresentando duas jangadas voltando de alto mar. Esse plano é recortado por um outro mais aproximado de uma das embarcações com seus cinco ocupantes. Esse plano apresenta o trabalho dos jangadeiros para manter a jangada em seu curso e introduz o seu personagem: o nordestino. A narração, em voz *off*, busca agregar um sentido épico à vida do nordestino:

NARRAÇÃO: “Nordeste, desesperada busca de alimentos. O nordestino é o herói do cotidiano”



Fig. 27

Essa seqüência é significativa do processo de transformação da representação do nordestino que ocorre ao longo do filme. Além de ser a primeira imagem dos personagens, a idéia da jangada, condução, e do retorno, através da água, indicam que os jangadeiros, metáfora do agrupamento “nordestinos”, regressam para a transformar a terra em que vivem. Se desde muito a água opera simbolicamente um sentido de fecundidade e limpeza, nesta seqüência sua associação à figura do nordestino – a concepção que se tem da vida no nordeste – vai facultar neste pseudo-personagem uma operosidade de agente de transformação do seu próprio habitat.

As primeiras seqüências do filme caracterizam o nordestino sempre em relação ao ambiente em que vive: catadores de coco / baixa remuneração; cortadores de cana / péssimas condições de trabalho; tecelagem e manufatura / não progresso social; mortalidade infantil / falta de higiene e ignorância; sobrevivência / emigração; permanência / morte; fome / ajuda externa. Associadas à paisagem, sua caracterização não poderia diferir de um personagem combinado com as “qualidades” do ambiente; com suas marcas: são pobres e inanes.

Essa caracterização, cuja raiz remonta os textos que desde muito tem sido fonte de inspiração à paisagem nordestina, reforça um discurso comum sobre o nordeste. Sobre ele, duas imagens são significativas: a primeira é um superenquadramento (Aumont, 2002, p. 154), a partir da moldura de uma janela, de uma paisagem do agreste nordestino e de uma mulher carregando uma bacia d’água sobre a cabeça. A segunda imagem é a do cortejo fúnebre de um infante.



Fig. 28



Fig. 29

Com intuito de trazer uma imagem brutalizada do sertão, reforçando suas características e livrando-se de discussões de origens, essas seqüências buscam representar o que havia de mais brutal na paisagem nordestina: a seca. O superenquadramento da imagem da mulher caminhando, tendo ao fundo uma árvore ressequida, busca nos apresentar uma realidade não construída; uma imagem retirada do real. Ora, se esse plano ratifica a paisagem brutalizada do sertão, o seguinte reforça o argumento de como essa paisagem age sobre sua população. Com a “fome assumindo o comando” esse plano vai se fundir com as imagens do cortejo fúnebre. Apesar de a relação entre seca/fome/morte apresentar um argumento comum, há de se considerar o intento dessas imagens como vinculadas ao próprio posicionamento político-econômico do IPÊS em relação à sua atuação e/ou posicionamento sobre o Nordeste.

Ora, após a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, em 1958, a região se tornou, pelo menos potencialmente, um campo propício para a implementação de novos parques industriais. Mão-de-obra barata, financiamento governamental, associada à idéia de ação social por parte das indústrias no auxílio ao “flagelo” das secas, abriram um campo excepcional aos interesses financeiros.

É certo também que o uso das imagens de um sertão brutalizado reforça um jogo de oposições entre a paisagem e seus habitantes fortificando a imagem do agreste como o palco de um jogo potencializado de vida e morte; como bem tem sido particularizado desde o texto euclidiano. Como aponta Santiago Jr<sup>108</sup>, essas representações estão inseridas

(...) num jogo de textos que há um século trabalham a mitificação do Sertão. De Os Sertões de Euclides da Cunha, passando por Vidas Secas de Graciliano Ramos e Grandes Sertões: Veredas de Guimarães Rosa até chegar nas peças de Ariano Suassuna, o sertão nordestino não só teve sobre si criada uma imagem do arcaico e da Barbárie, como também adquiriu, no curso dessas narrativas, um caráter de palco maior de degladiação das forças da natureza (...) (Santiago Jr., 2004, 04).

### 3.2.1 Água, retorno e transformação

Apesar da idéia de transformação ser principiada desde a primeira seqüência do filme – quando um agrupamento de canoeiros-nordestinos retornam a terra a partir da água – a efetiva modificação da representação do personagem do nordestino vai ocorrer somente após a associação entre as ações de transformação da paisagem do nordeste – os investimentos industriais e governamentais – e a água. Neste tempo, se as representações da figura do nordestino estiveram associadas à paisagem da qual emerge, a imagem que *Nordeste problema numero um* busca estabelecer do “novo” nordestino deveria prescindir dessa associação.

---

<sup>108</sup> SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes. *Cinema, narrativa e história: sobre a formação do sentido na 'periferia' cinematográfica*. EPAM – Encontro da Pesquisa em Artes e Mídias. Campinas: EPAM, 2004 (CD ROOM).

Assim, a representação que será dada ao nordestino a partir da seqüência que demonstra ações paliativas de combate aos problemas sociais e econômicos, está associada à presença da água, dos açudes, dos canais de irrigação, do plantio, das “técnicas modernas de irrigação”, da industrialização.



Fig. 30

Nas representações anteriores o personagem do nordestino era caracterizado a partir dos coletivos que o formam (os cortadores de cana, os emigrantes, os mortos, os miseráveis, os famintos etc.). A partir da presença da água, esse personagem irá se diferenciar substancialmente dos personagens recortados anteriormente. Essa nova caracterização se dará a partir de três pontos. O primeiro está associado ao momento na narrativa onde surge. Emerge, pois, associado à água e em oposição ao ciclo de vida/morte. Simbolicamente associado à fecundidade, surge como elemento de transformação do sertão nordestino.

O segundo ponto está associado à sua representação estética. Nas seqüências anteriores o porte físico dos personagens que serviam como representantes do nordestino eram sempre associados à paisagem da qual

tomavam parte. Filmados sob o sol, acentuavam-se as marcas em seus rostos, ressaltando os contrastes claro-escuro e contribuindo para torná-los ainda mais taciturnos. A partir de sua associação ao elemento de fecundidade água, sua constituição física é diferenciada; evidenciando a marca que o discurso fílmico estabelece entre a situação anterior de miséria e fome e a ação de transformação contida nas propostas do IPÊS para a região. Dessa forma, se nas seqüências anteriores o nordestino era caracterizado segundo a paisagem da qual emergia, a partir deste momento ele é apresentado com outras características: é branco, robusto e possui um semblante diferenciado.



Fig. 31

O terceiro ponto refere-se à ação de trabalho contida nessa imagem. Articulado de maneira inversa às imagens anteriores, nas quais o nordestino estava sempre associado a uma ação passiva, indolente, em relação a sua própria terra, aqui o personagem realiza uma ação direta sobre seu próprio meio. Aplica sobre ele uma ação de transformação não realizada nas seqüências anteriores. Essa seqüência edifica a imagem de um trabalhador ativo, laborioso, que se opõe às imagens anteriores. Há aqui, a preocupação especial com uma imagem que

pudesse edificar essa nova característica do personagem. Filmado em *contre-plongée* seu rosto recebeu iluminação de baixo para cima (provavelmente vinda de um rebatedor dada a intensidade da luz refletida em sua face); preocupação evidente em uma tomada profissional para se evitar o contraste de sombras provocado pela exposição ao sol.

Articulado sobre esses três aspectos, a maneira como o filme estabelece dois momentos distintos à imagem do nordestino ratifica um discurso cuja preocupação se centrava na necessidade de estabelecer uma imagem que deveria prescindir de qualquer aproximação com ideais comunistas / socialistas. No cerne dessa caracterização atribuída por *Nordeste problema numero um*, está a preocupação do grupo em se descaracterizar a ação das Ligas Camponesas que surge como um dos mais importantes movimentos sociais na década de 1960.

### 3.2.2 A polarização das idéias

O surgimento das Ligas Camponesas está ligado à ação de um grupo de agricultores do engenho “Galiléia”, no município de Vitória do Santo Antão, Pernambuco em meados da década de 1950. Para Antônio Torres Montenegro<sup>109</sup> (2003, 248), a criação de uma entidade de caráter associativo-assistencialista em vez de um sindicato que interviesse em favor do trabalhador rural nas relações trabalhistas é sintomático do controle político exercido pelas oligarquias rurais na região. A ação dessa oligarquia, através da Confederação Rural Brasileira, impediu qualquer iniciativa que oferecesse aos trabalhadores rurais as mesmas garantias

---

<sup>109</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. *Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução*. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

alcançadas pelos trabalhadores urbanos. Inicialmente pensada com fins assistencialistas, a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco – SAPPF foi o embrião de uma das mais importantes ações político-econômico-sociais da década de 1960.

A expressão “Ligas Camponesas”<sup>110</sup> foi atribuída pela imprensa por ocasião da cobertura do “1º Congresso de Camponeses de Pernambuco” organizado pela SAPPF e buscava apontar na organização um evidente caráter comunista. Segundo Montenegro (2003, p. 248), a presença de ideais comunistas na organização da SAPPF esteve ligada à participação de ex-militantes comunistas na fundação da Sociedade em 1954<sup>111</sup>. Um ano após sua criação, as ações da SAPPF, inicialmente ligadas ao município de Vitória de Santo Antão, se organizam de maneira mais efetiva. Entretanto, segundo Fernando de Azevedo<sup>112</sup> (1982) foi a partir da ação do deputado estadual Francisco Julião, eleito pelo PSB em 1954, que a entidade ganha organicidade, projeção e passa a ser conhecida nacionalmente como o movimento das Ligas Camponesas. Os dez anos que compreendem a criação das Ligas Camponesas e o golpe de 1964 transformaram o Nordeste num cenário privilegiado das lutas sociais; o meio rural o seu palco.

Ainda segundo Montenegro (2003, p. 255), as ações em torno dos interesses agrários e camponeses se tornaram tema central de reportagens nacionais e internacionais. Entre 10 e 23 de outubro e 29 de novembro a 02 de dezembro de 1959, o jornalista Antônio Callado realiza uma série de reportagens para o jornal *Diário da Manhã*, a pedido do Conselho de Desenvolvimento Econômico, nas quais

---

<sup>110</sup> Segundo Montenegro, a associação entre a SAPPF e a expressão “Ligas Camponesas” é resgatada de uma ação do Partido Comunista Brasileiro que durante nos anos de 1945 a 1947 instituiu um movimento de mobilização e organização dos trabalhadores rurais em diversos estados do país que recebeu o nome de “Ligas Camponesas”.

<sup>111</sup> Fernando de Azevedo, aponta Zé dos Prazeres, ex-militante comunista no período de 1946/7 e dirigente da “Liga Camponesa da Boa Idéia” (que reunia plantadores de verdura do bairro de Iputinga, Recife), e Paulo Travassos, ex-militante do PCB do Espírito Santo, como membros que influenciaram de maneira direta a formação da SAPPF (Azevedo, 1982, 55/6).

<sup>112</sup> AZEVEDO, Fernando de. **As Ligas Camponesas**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

denuncia a “indústria da seca”; nome dado à ação de latifundiários que transformam os problemas decorrentes da seca em negócio. Segundo o autor, essas reportagens geraram um movimento de apoio às iniciativas adotadas pelo executivo juscelinista, que buscavam atender à crise no Nordeste, agravada pela forte estiagem de 1958.

Outra reportagem que contribuiu significativamente para agravar esse cenário de disputas veio do jornal *The New York Times* em 31 de outubro de 1960. Ainda segundo Montenegro (2003, p. 262), a reportagem intitulada “Pobreza no Nordeste do Brasil gera ameaça de revolta”, do jornalista Tad Szulc, era recheada de falsas declarações anti-americanas realizadas por líderes do movimentos das Ligas Camponesas que reforçavam a idéia de que uma revolução sem precedentes estava se armando no país. Szulc reforça a idéia de que a pobreza da região contribui para que os ideais comunistas se propaguem com maior facilidade, tornando-se um espaço vulnerável à pregação revolucionária.

Nesse sentido, compreendemos que, imbuídos de um medo construído a partir do imaginário revolucionário, mas porque também real, as ações de significativas entidades da direita passaram a se interessar por medidas de contenção da “iminente revolução” que se projetava sobre o Nordeste brasileiro. É certo que, como aponta Montenegro, as opiniões do jornalista Antônio Callado e Szulc produzi4ram um efeito de verdade sobre significativas parcelas da opinião pública, políticos e da Igreja e contribuíram para solidificar a imagem do nordeste revolucionário.

Foi exatamente sobre essa fantasia que o documentário *Nordeste problema numero um* se estruturou. A dupla evidenciação do personagem no filme, um personagem que podemos compreender como igualado à paisagem criada por Szulc / Callado e um outro que emerge dos “bons exemplos”, faz coro com as opiniões “senso comum” sobre a miséria do Nordeste e os projetos de reabilitação

da região em voga no período especialmente após a estiagem de 1958. No entanto, essa polarização representativa se estruturou sobre imagens que buscavam trabalhar seus aspectos emocionais, apelando para a associação entre imagens “intensas” e seus jogos de oposição (pobre-atrasado / rico-moderno; miserável-faminto / nobre-saciado; morte / vida; branco / negro; claro / escuro; límpido / obscuro).

A idéia de desconstrução de um Nordeste em guerra – palco de conflito e local por excelência de contestação das relações de poder estabelecidas na sociedade brasileira – em favor de um cenário de paz foi pensado em oposição às concepções de esquerda que privilegiavam o Nordeste/nordestino como símbolos da luta contra a subjugação nacional. Se pensarmos unicamente no plano da cultura, como aponta Marcelo Ridenti<sup>113</sup> (2000, p. 128), movimentos como o Centro Popular de Cultura – CPC, o Teatro de Arena, o Grupo Opinião, o Cinema Novo, considerando suas diferenças<sup>114</sup>, comungavam de um mesmo pensamento artístico que girava em torno do resgate das “raízes da cultura brasileira no povo”<sup>115</sup>. Nesse caso, o privilégio foi dado à região onde a idéia do nacional, da essência de brasilidade, poderia ser encontrada em sua forma mais bruta.

Ora, se aos movimentos de esquerda o Nordeste seria um palco privilegiado no qual suas ações poderiam ganhar organicidade, foi exatamente sobre elas, na tentativa de desestruturá-las, que *Nordeste problema numero um* procurou agir. Estabelecendo dois “instantes” à imagem do Nordeste e do nordestino, o documentário desconstrói o cenário catastrófico, conflituoso, em favor de um estado “ideal” de progresso e desenvolvimento social e econômico. Ou, num outro

---

<sup>113</sup> RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: RECORD, 2000.

<sup>114</sup> Há de se considerar no movimento cinemanovista que sua desvirtuação dos ideais cepecistas ocorreu pela revisão aplicada por aquele do conceito de arte popular e do engajamento dos seus membros. Se num primeiro momento o movimento se articula com a idéia de arte popular cara ao CPC, logo ele vai revisá-la e se divergir dela. Ridenti, 2000, Op. Cit., p. 128.

<sup>115</sup> Ridenti, 2000, Op. Cit., 129.

sentido, ainda descaracterizando o cenário apocalíptico do Nordeste, o filme buscou, na exaltação do homem nordestino, ocultar não só o problema agrário, mas especialmente as ações das Ligas Camponesas.

### 3.3 DEPENDE DE MIM

A defesa da democracia é o mote principal do documentário *Depende de mim*. O filme foi realizado com a finalidade de influenciar nas eleições do outubro de 1962 quando, a exceção do cargo de Presidente da República, todos os demais cargos eletivos do país estariam sendo decididos. Como aponta a reunião Geral do IPÊS realizada em vinte e três de novembro de 1962, houve um “esforço máximo da projeção” dos filmes no mês anterior à eleição<sup>116</sup>.

Utilizando imagens de arquivo, provavelmente de um dos jornais cinematográficos com os quais Jean Manzon mantinha contato comercial, *Depende de mim* faz asserções sobre a atuação dos trabalhadores urbanos na construção e preservação da “frágil” democracia. Como exemplo, utiliza imagens das manifestações húngaras em oposição à intervenção armada do governo russo no país em 1956<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> Anexo E; G, 23/11/1962.

<sup>117</sup> É importante também mencionar a realização do filme *Que é a democracia* que, assim como *Depende de mim*, buscou influenciar nas eleições de 1962. Realizados em conjunto, os filmes apresentam uma estrutura semelhante: utilização de imagens de arquivo ocupando parte significativa do filme (mais de 40% dos mesmos) e no tratamento dos mesmos temas (democracia e eleições). A diferença entre ambos está na abordagem do tema secundário. Enquanto *Depende de mim* aborda a liberdade a partir da ocupação de Budapeste, *O que é a democracia* privilegia a construção do muro de Berlim. Para este, a “Terra da Liberdade” (Brasil) estaria correndo o risco de estar trilhando o destino anti-democrático aplicado sobre o povo alemão caso o brasileiro não “abra os olhos” e “examine no elenco de candidatos aqueles que podem de fato trabalhar para o Brasil sem quebrar a liberdade dos direitos democráticos”.

*Depende de mim* pode ser dividido em dois grandes blocos. O primeiro se inicia com imagens que representam o símbolo máximo dos regimes democratas, o voto. A elas seguem as imagens da reação húngara à invasão russa de 1956. São imagens de arquivo que demonstram situações de conflito, prédios destruídos e tanques avançando sobre a cidade. O áudio busca estabelecer de que maneira a resistência húngara se contrapôs à intervenção de Moscou. Referenciando as mesmas informações apresentadas pelas imagens, o áudio exaltava a ação dos cidadãos húngaros na defesa da democracia.



Fig. 32

Não é sem sentido que as imagens de votos sendo “depositados” em urnas eleitorais iniciem o filme. Este atribui à resistência civil dos húngaros a determinação de uma população que não se deixou intimidar nem pela investida criminosa e “covarde”, nem pela implantação de uma “doutrina exótica”, contrária à liberdade do regime democrático. Uma seqüência de imagens buscam demonstrar situações efetivas de insatisfação da população diante do regime

socialista implantado no país: estátuas derrubadas, sedes do partido russo depredadas, bandeiras queimadas e frases de repulsa à presença russa.



Fig. 33

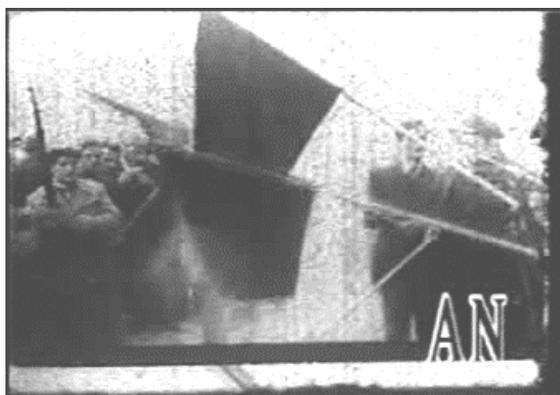


Fig. 34



Fig. 35

Representantes inconscientes de ações que visam restabelecer a democracia, essas imagens se contrapõem às seguintes que atribuem ao regime russo um caráter beligerante contra a “liberdade”. Prédios destruídos, pessoas mortas e amplas seqüências de tiroteios dão a tônica que o filme busca aplicar ao regime político russo.

Frágil, face às atrocidades cometidas pelos regimes anti-democráticos que destroem os “anseios de liberdade e determinação” dos povos onde se estabelece, a democracia sempre necessita de cuidados especiais. Desse modo, o discurso

estabelecido por *Depende de mim* procurou ampliar o conceito de fragilidade do regime democrático (sugerido pelas imagens da invasão russa) ao Brasil. Apesar das diferenças significativas entre Hungria e Brasil, a democracia brasileira estaria passando por dificuldades idênticas. Mesmo sem estabelecer nenhuma relação visual concreta entre os dois países, o documentário esforçou-se em emparelhar as ações brasileiras pela defesa da democracia (referência à própria atividade do IPÊS) às ações dos civis húngaros. Desse modo, a segunda parte do documentário delimita os responsáveis pela defesa da democracia no país.

### 3.3.1 A imagem do trabalhador

O segundo bloco de *Depende de mim* se inicia com a mesma idéia apresentada no início do primeiro: o voto. Símbolo máximo dos regimes democráticos, as imagens do direito cívico brasileiro ao voto e de sua inserção nas urnas eleitorais são as primeiras oposições às imagens que a precederam.



Fig. 36

A idéia contida nessas imagens não está apenas na referência ao direito do voto, mas na sua garantia outorgada pelo próprio Estado democrático brasileiro; sob a providência do brasão republicano exerce-se o direito do cidadão de eleger seus representantes. Ora, se como apresenta o documentário, a necessidade de nomear seus representantes políticos custou inúmeras vidas de civis húngaros, no Brasil essa realidade, apesar de distante, poderia vir a se repetir caso os ideais comunistas avançassem sobre as conquistas sociais brasileiras. Desse modo, estabelecendo um paralelo entre os civis húngaros e os brasileiros “conscientes”, apontam-se os responsáveis pela garantia da continuidade da “tradição democrática” brasileira: os trabalhadores.

Como aponta Gerard Leblanc<sup>118</sup>, o trabalhador é sempre um “herói positivo, um homem praticamente sem contradições” (Leblanc, 1986, p. 30). De igual modo o trabalhador exemplificado nos filmes ipesianos é um operário cuja ação política, se é possível falar dela, está na sua relação com o trabalho. Desprovido de qualquer contradição em relação ao regime político de onde surge, o trabalhador brasileiro em *Depende de mim* trabalha arduamente, sem contestar seu papel social, para garantir seu direito a uma vida tranqüila e “feliz”.

Como apontamos em *Nordeste problema numero um*, as imagens dos trabalhadores nos filmes ipesianos são sempre apresentadas a partir de sua relação com ações típicas de trabalho. Posadas, elas buscam retratar o trabalhador em ações quotidianas, isentas de qualquer ação política, apresentando-os a partir de seus respectivos ofícios: pedreiros, tintureiros, sapateiros, barbeiros, carpinteiros e metalúrgicos.

---

<sup>118</sup> LEBLANC, Gerard. *Le film d'entreprise, une fonction bien particulière*. In.: FERRO, Marc. *Film et Histoire*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études em Science Sociales, 1984.



Fig. 37



Fig. 38



Fig. 39



Fig. 40



Fig. 41



Fig. 42

Essa identificação do trabalhador a partir da execução de seu trabalho busca inseri-lo como uma peça significativa das ações sociais. Desse modo, as ações do trabalhador em seu cotidiano, a execução simples e responsável de suas atribuições, reforçam a própria democracia. Fortifica-se o conceito de trabalho enquanto atividade “dignificadora” que é executado em prol do bem comum; da democracia. A narração enfatiza o progresso, a modernização e os avanços sociais alcançados pela democracia brasileira como virtudes determinadas pela ação dos seus trabalhadores. Entretanto, apesar do trabalho gerar riquezas consolidadas na sociedade brasileira, a referência aos seus benefícios é atribuída à capacidade que os trabalhadores possuem em escolher corretamente seus representantes.

Nesse sentido, o filme aponta que associada à idéia de livre escolha dos seus representantes políticos, o brasileiro se torna o condutor não só do seu próprio destino, como do destino da nação. Recorrendo à mesma metáfora do Brasil utilizada na imagem que encera o filme *Nordeste problema numero um*, recorre-se novamente às imagens de trabalhadores comuns conduzindo o próprio país. Estruturado por esse viés, as imagens de pilotos, condutores e maquinistas estabelecem a diferença entre o Brasil, “país livre e democrata”, e as nações não-livres (Hungria, Alemanha, China, Cuba): o primeiro, apesar das ameaças, ainda pode optar por escolhas corretas.



Fig. 43



Fig. 44



Fig. 45



Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48

Buscando influenciar as eleições de setembro de 1962, *Depende de mim* defende a idéia de que a liberdade do povo brasileiro de eleger seus representantes

políticos e os benefícios alcançados pelo progresso econômico proporcionado pela democracia estavam ameaçados caso as urnas refletissem o avanço das idéias comunistas. Apesar de todo empenho em influenciar nas eleições de 1962, os resultados das campanhas realizadas pelo Instituto se refletiram de maneira negativa. O saldo de suas ações foi insuficiente para deter o crescimento significativo dos parlamentares do PTB e da sua consagração como a maior bancada na câmara federal.

# CAPÍTULO 4

## A NECESSIDADE DE SE PENSAR O BRASIL

### (BLOCO AÇÃO SOCIAL)

**A** prática política nos regimes democráticos pressupõe que distintos projetos políticos, sociais e econômicos disputem entre si a preferência e o interesse da população. Em que pesem aqui as considerações acerca do personalismo político brasileiro, são raros os momentos em que a disputa eleitoral se centra em discussões de projeto de nação oferecidos à população. É certo que consideráveis avanços são observados na política nacional desde o fim do Regime Militar em 1985. Entretanto, a necessidade de um tutor que amplie, conquiste ou garanta direitos é uma prática ainda comum na política nacional cujo ranço maior talvez esteja na imagem de Getúlio Vargas; “o pai dos pobres”.

Este bloco de assuntos está centrado basicamente nessa idéia. *A necessidade de se pensar o Brasil* é o motivo central dos filmes abordados neste capítulo. A discussão paira em termos de asserções realizadas pelos documentários do IPÊS nos quais a preocupação central é inserir o Instituto como um elemento

significativo no fomento do desenvolvimento econômico do país. No entanto, essa percepção não é dada ao acaso.

Uma das atividades mais contundentes do Instituto foram aquelas de caráter educacional. Os cursos de formação política, os seminários educativos, as palestras, o financiamento de instituições educacionais, refletem a preocupação do grupo em se inserir num contexto de ações políticas onde a educação – ou no sentido atribuído por Dreifuss (1981), a “doutrinação” – tem um papel fundamental. O Instituto sempre buscou em suas atividades realizar ações, ou pelo menos indicá-las, que pudessem servir como modelo a ser seguido pela população e pelo empresariado. Foram inúmeras as situações em que o Instituto se imputou o papel de agente de conscientização social. O que os filmes deste bloco buscam consolidar são essas características.

Desse modo, os filmes *O que é o IPÊS* e *O IPÊS é o seguinte*, ratificam essas asserções inserindo outros elementos que qualificam e apontam as principais referências políticas, econômicas e ideológicas do grupo. Já *Conceito de empresa*, destinado especificamente ao empresário, ratifica os mesmos conceitos apresentados nos filmes anteriores. Entretanto, dirige-se especificamente à membros da sua própria classe. Vistas pelo ângulo do excepcional, da grandiosidade, esse filme, apesar do caráter didático, tem ares contemplativos das grandes realizações da iniciativa privada. Deixaremos de lado o documentário *O Brasil precisa de você*, que também faz parte deste bloco, por compreender que suas asserções foram contempladas pelos filmes anteriores.

## 4.1 O IPÊS É O SEGUINTE

O documentário foi o primeiro filme realizado pela Jean Manzon Filmes para o IPÊS (Anexo M) e define as premissas doutrinárias que deveriam servir como norte às atividades desenvolvidas pelo Instituto e aponta para uma série de ações de ordem econômica, social e política que sob sua perspectiva deveriam ser implementadas para garantir o “pleno” desenvolvimento do Brasil. *O IPÊS é o seguinte* procurou inserir o Instituto como um instrumento idôneo cuja principal finalidade seria garantir a transparência e a plena execução de mudanças que recolocariam o país no caminho de crescimento. Por essa perspectiva dois temas, traduzidos em imagens, são evidentes: a democracia (e seu desdobramento na questão da representatividade) e a liberdade.

O filme congrega um pensamento muito particular englobando princípios elaborados pela *Carta de Punta del Este*, a *Mater et Magistra*, e o programa *Ata da Aliança para o Progresso*. Entretanto ele parece seguir pormenorizadamente as indicações apresentadas em um documento elaborado pelo próprio Instituto intitulado “Definição de Atitudes”, encontrado na pasta da produção número 291 – *Apresentação do IPÊS*, mais tarde *O IPÊS é o seguinte* (Anexo O) – da produtora Jean Manzon Filmes<sup>119</sup>. O documento contém inúmeras citações de textos extraídos da *Carta de Punta del Este* e da *Mater et Magistra*. Segundo seu texto, diversos países da América (entre eles o Brasil), “(...) elaboraram um documento – a Ata da Aliança para o Progresso – conhecida como *Declaração de Punta del Este* que se pode qualificar como um instrumento perfeito para a concretização, em nosso Hemisfério, dos princípios contidos na *Encíclica Mater et Magistra*” (Anexo N).

---

<sup>119</sup> Esse documento nos foi entregue pelo historiador Edson Luiz Nars em maio de 2005.

A “Definições de Atitudes” se estrutura sobre nove pontos específicos: fortalecimento das instituições democráticas, tendo por suporte a manutenção da propriedade privada; desenvolvimento econômico tendo por finalidade elevar o padrão de vida brasileira ao patamar “alcançado pelos povos dos países mais desenvolvidos”; uma política fiscal que defenda o poder aquisitivo do povo e que elimine as “calamidades da inflação ou deflação”; remuneração do trabalho adequada aos anseios da sociedade; um programa de reforma agrária que inverta a injusta propriedade privada em benefício de um sistema justo que a valorize, procurando provocar na agricultura um “surto idêntico ao que se verificou (...) no plano industrial”; erradicação da pobreza e do analfabetismo; execução de programas de higiene e saneamento “destinados a promover o potencial humano da Nação”; cooperação técnica e científica entre os países pobres e ricos; e, por fim, a ação por parte da iniciativa privada no desenvolvimento do país num ritmo que proporcione “oportunidades de trabalho e progressos para todos”.

O filme se inicia com imagens da abertura da carta encíclica. Sobre essa imagem incidem os créditos dos realizadores. Em seguida são inseridas imagens do Congresso Nacional referenciando a idéia da instituição democrática brasileira. O áudio acrescenta à noção de progresso econômico as prerrogativas de liberdade, democracia e religiosidade da população brasileira.



Fig. 49

Concebida em *contra-plongée* a imagem do Congresso Nacional aponta para uma supervalorização do conceito democrático atribuído pelo primeiro tópico do documento “Definição de Atitudes”. Antes de ser uma simples referência ao congresso nacional, a imagem referencia a própria grandiosidade que o documento atribui à democracia: a tomada em *contra-plongée*; o destaque dado à construção pela externa noturna que valoriza a iluminação do parlamento; o povo, anônimo, que pode eleger seus representantes, saindo do prédio etc.

Associada à própria confusão estrutural dos temas apresentados pelo documento ipesiano, o áudio ratifica os conceitos de liberdade, democracia e desenvolvimento como conceitos homólogos. Nesse sentido, justificando a necessidade de um organismo para colaborar cada vez mais com a própria imagem da democracia, foi fundado o IPÊS.

NARRAÇÃO = Brasil, capital Brasília. País livre, democrático, cristão. País em fase febril de desenvolvimento. Foi para colaborar com a democracia e o desenvolvimento que se fundou o IPÊS

### 4.1.1 A questão da representatividade

Uma das seqüências mais significativas em *O IPÊS é o seguinte* está em relacionar a participação do Instituto nos processos educacionais a fim de colaborar com a democracia brasileira. Pelos critérios apresentados pelo filme, somente através da “multiplicação de escolas” o brasileiro aprenderá a “ver, julgar e agir”. Equivocado do ponto de vista conceitual ao equiparar o conceito de educação à democracia, o filme busca questionar a noção de elegibilidade a partir do critério educacional.

A educação sempre foi uma das mais contundentes atividades do Instituto. Suas ações na área de educação não se restringiam unicamente ao financiamento de instituições como a PUC (Campinas e Rio)<sup>120</sup>, as atividades na Escola de Formação de Líderes<sup>121</sup>, e a publicação de livros<sup>122</sup>. Essas atividades, definidas nos termos ipesianos como “educação democrática” (Anexo P), visavam ampliar as idéias defendidas pelo Instituto junto a população e, concomitantemente, junto ao empresariado. Como aponta Glycon de Paiva em um documento intitulado “Educação Seletiva”,

Cheguei à conclusão de que o Comité Executivo tem pensamento comum a respeito da oportunidade de estabelecimento de mecanismos para a educação democrática não só da elite empresarial, como também dos elementos do meio estudantil e sindical. (Anexo P)

---

<sup>120</sup> Anexo E; CE – RJ, 02/04/1963; CE – SP, 16/04/1963; CE – RJ, 09/05/1963; e CE – RJ, 19/12/1963.

<sup>121</sup> A Escola de Formação de Líderes funcionava vinculada à Secretaria do Rio de Janeiro; Anexo E; CE – RJ, 05/06/1962.

<sup>122</sup> Anexo E; CE – RJ, 28/08/1962; CE – RJ, 05/09/1962; CE – RJ, 18/09/1962; e CE – RJ, 22/11/1962.

A partir desse documento é possível compreender a importância destacada pelo Instituto na constituição de uma plataforma educacional para a instrução de empresários, estudantes e trabalhadores. A ideia de que “instruído” o povo votará bem é referência em quase todos os seus documentos.

Entretanto esse conceito em *O IPÊS é o seguinte* não referencia unicamente a educação tradicional em seu aspecto formal, mas a própria conscientização do papel social adquirido por todas as classes na sustentação da democracia. Desse modo, os “legítimos” representantes do povo poderiam ser tanto aqueles trabalhadores que possuem consciência de sua participação na engrenagem social, quanto os estudantes que irrompem no contexto econômico capitalista como elementos significativos para a garantia das conquistas sociais e econômicas<sup>123</sup>. Ao caracterizar esses “representantes legítimos do povo” o documentário o faz a partir de suas respectivas atividades (estudantes, operários etc). Não há no filme uma imagem que apresente o trabalhador dissociado do contexto da realização de seu trabalho.



Fig. 50



Fig. 51

---

<sup>123</sup> Segundo Maria Inez Salgado (1981), a importância dada à educação pelo IPÊS resultaram no projeto que descaracterizaria o ensino universitário de formação humanística por um ensino voltado especificamente para o atendimento das necessidades econômicas. Souza, 1981, Op. Cit.

A tese defendida pelo filme é a de que intermediando o processo de construção democrática pela Educação, seja ela formal ou não-formal, está a participação do empresariado, da iniciativa privada; conceito que é ampliado pela encenação de um estudante solicitando “bolsa de estudo” para um empresário. Essas imagens propõem que a iniciativa privada contribua para o desenvolvimento cultural através de financiamento de estudos (referência à própria atuação do IPÊS que custeou inúmeros cursos, palestras e universidades) evitando a polarização de idéias.



Fig. 52



Fig. 53

Se a narração instiga a participação da iniciativa privada no auxílio de todas as “categorias de cultura” (sem se referenciar a uma noção específica da mesma, mas apontando para a necessidade de se educar para defender a “democracia”), a mensagem que é transposta pela imagem de uma placa de “Silêncio” concretiza um pensamento significativo do Instituto sobre sua própria ação.



Fig. 54

Preconizando o “equilíbrio”, suas atividades (que em última instância se confundem com a noção das atividades da iniciativa privada, pois sua representante) teriam reflexo sobre as manifestações de questionamento social e político que irrompem, como aponta o próprio filme, da “perigosa polarização esquerda direita que (...) tumultua a vida brasileira”. Convém afirmar que segundo os pressupostos ipesianos é o analfabetismo (associado à miséria) que determina possíveis questionamentos políticos e aproxima os movimentos que deles irrompem de idéias comunistas. Como indica um documento intitulado *O Brasil quer tranqüilidade*<sup>124</sup> (Anexo Q), também encontrado em meio aos documentos da produtora Jean Manzon Films, desses movimentos se aproveitam

(...) os fabricantes de desordem [muitos dos quais aqueles] aos quais o povo delegou a tarefa de manter a ordem, para que o país possa trabalhar e progredir em paz (Anexo Q).

---

<sup>124</sup> Esse documento certamente se destinava a publicação em jornais.

Nesse sentido, em conformidade com as *Definição de Atitudes*, base da realização do documentário, o IPÊS trabalha sob o signo da neutralidade. Sua finalidade é a de colaborar na transformação da sociedade através das atividades econômicas da iniciativa privada e da importância como agente social regulador das tensões políticas.

A atividade privada deve ser estimulada a promover o desenvolvimento do país em ritmo que possa proporcionar oportunidades de trabalho e de progresso para todos (Anexo N).

Se o progresso social e econômico, fruto da atuação da iniciativa privada em parceria com o trabalhador, resulta na sua perfeita harmonia com o todo social, essa característica é transposta nas imagens que transcrevem essa idéia. Ora, ao concretizar o discurso político ipesiano em imagens, *O IPÊS é o seguinte* desenvolve todos os seus atributos. Desse modo, a conscientização do trabalhador como membro de uma comunidade que se dedica à prática democrática resulta numa melhora substancial do seu padrão de vida. Em imagens essas melhorias são atribuídas ao próprio exercício da liberdade social, da possibilidade de constituir família, teto e propriedade.



Fig. 55



Fig. 56

A idéia do prazer (pelo lazer, pelo esporte, pelo ócio, pelo zelo e construção de uma família feliz) a que referenciam as últimas imagens do documentário não é dada fortuitamente. Elas não fazem referência ao esforço do trabalhador, mas sim à preocupação da iniciativa privada em proporcionar uma remuneração que leve em conta, segundo os conceitos pregados pela *Carta Encíclica Mater et Magistra*, o “(...) concurso efetivo dos trabalhadores para a produção (...) das empresas e as exigências do bem comum” (1962, 24)<sup>125</sup>.

## 4.2 O QUE É O IPÊS

A movimentação incomum dos movimentos sociais brasileiros na década de 1960 foi fruto, como aponta Jorge Ferreira (2003, 28), do “aprendizado democrático” pré-1964. Essa característica nunca foi uma realidade tão contundente para os interesses industriais e as camadas políticas anteriores a esse período. Influenciados sobretudo pela ressonância da Revolução Cubana, que imprimiu um novo fôlego aos movimentos de esquerda, essas movimentações se opuseram frontalmente aos interesses econômicos tradicionais que passaram a agir em oposição a eles. Como afirma Paul Singer, se por um lado as atividades da esquerda cresciam a tal ponto que chegaram a assustar os movimentos de direita, as atividades desta última, especialmente aquelas veiculadas pelos meios de comunicação, se tornaram quase uma obsessão pois quem lesse a imprensa, ouvisse o rádio ou assistisse televisão, especialmente um ano antes do golpe, teria a convicção do supremo poder atribuído à esquerda (Singer, *Apud*, Toledo, 1997, 19).

---

<sup>125</sup> JOÃO XXIII. IGREJA CATÓLICA. *Mater et Magistra*. Petrópolis: Vozes, 1962.

Certamente, foi ratificando pensamento semelhante que o filme *O que é o IPÊS* foi realizado.

O documentário se ocupa em caracterizar o Instituto como um elemento central para a resolução da “crise econômica que se desenvolve [por conta da] crise política”. Entretanto, como referenda o documentário, essa crise deveria ser resolvida dentro da democracia. Elevando o Instituto à categoria de defensor do estado democrático, o filme faz oposição formal a países cuja prática política difere da brasileira. Apontados como os principais inimigos da democracia, países como Rússia, China e Cuba sofreram ataque formal no documentário. No sentido atribuído pelo documentário, o Instituto teria a missão de evitar que as idéias comunistas pregadas por esses países se desenvolva no país.

#### **4.2.1 Imagens da liberdade**

As primeiras imagens de *O que é o IPÊS* são paisagens urbanas e naturais do Brasil. Combinada com as características que o filme atribui à população brasileira, essas imagens buscam afirmar o conceito de liberdade ao país onde a prática democrática até aquele momento não era um impeditivo social ou político.

As imagens paradisíacas que abrem o documentário buscam atribuir o conceito de liberdade ao cotidiano do brasileiro. Entretanto, elas servem como parâmetro primeiro para o confronto que o documentário busca atribuir às imagens do conceito de tolhimento da liberdade praticada por países como Cuba, Alemanha e Rússia na consolidação de seus respectivos regimes políticos. Desconsiderando a diferença política existente entre os países, *O que é o IPÊS* buscou atribuir em todos eles o conceito de não respeito à liberdade. Se a prática

da liberdade é a principal característica atribuída ao povo brasileiro, essa prática não era característica de países citados.

Embaraçando conceitos políticos, desfilam diante do espectador imagens de Fidel Castro (Cuba), Nikita Kruchev e Lênin (Rússia), Mussolini (Itália) e Hitler (Alemanha); todos caracterizados como “inimigos da democracia”. É significativo observar a ordem e o número de inserções das imagens dos estadistas realizadas pelo documentário. Fidel Castro aparece seis vezes, três dos quais em primeiro plano, e uma única vez ao lado de Nikita Kruchev que aparece, logo na seqüência, outras três vezes; Hitler aparece uma única vez.

Ora, a Revolução Cubana significou um abalo profundo para a hegemonia norte-americana na América Latina. Paraíso fiscal para investimentos norte-americanos, a ilha se tornou um “apêndice” dos Estados Unidos, sendo governada por ditadores partidários aos seus interesses. Segundo Ricardo Faria e Mônica Miranda<sup>126</sup> (2003, p. 34), no início dos anos 1950 os desmandos do ditador Fulgêncio Baptista, no poder desde 1933, agravaram a miséria da população. Esses fatores favoreceram o fortalecimento de um movimento de caráter nacionalista liderado por Fidel Castro que assumiu o poder em 1959.

Segundo os autores, o caráter nacionalista da Revolução Cubana compreendia, obviamente, a restrição às ações dos investimentos privados norte-americanos na ilha. A partir dessa restrição, a relação com os Estados Unidos começou a se deteriorar cada vez mais, uma vez que o país observava com total desconfiança o movimento revolucionário. O governo norte-americano respondeu às deliberações cubanas com embargos e boicotes, caracterizando o rompimento das relações diplomáticas. Ainda segundo os autores, a ameaça de invasão era significativa aos líderes da revolução que, grosso modo, passaram a manter estreita

---

<sup>126</sup> FARIA, Ricardo de Moura & MIRANDA, Mônica Liz. **Da Guerra Fria à nova ordem mundial**. São Paulo: Contexto, 2003.

relação econômica e política com a Rússia; única nação que poderia fazer frente aos Estados Unidos. Conforme apontam os autores, “foi assim que o movimento revolucionário, de caráter nacionalista passou a ser socialista” (2003, p. 35). Obviamente, esse evento, em pleno contexto da Guerra Fria, era um agravante significativo para os interesses norte-americanos para a América Latina pois o exemplo cubano poderia ser repetido em outros países. Como aponta Moniz Bandeira<sup>127</sup>,

(...) o que mais afetava, no hemisfério, os interesses de segurança dos Estados Unidos não era exatamente a luta armada pró-comunista (...), mas sim o desenvolvimento da própria democracia naqueles países, onde o recrudescimento das tensões econômicas e dos conflitos sociais aguçava a consciência nacionalista e os sentimentos antinorte-americanos, a envolverem a maioria do povo, passavam a condicionar o comportamento de seus respectivos governos (Bandeira, 1997, p. 90).

No Brasil, como afirmou o jornalista Tad Szulc, não houve influência direta do governo cubano e russo no governo de João Goulart. Entretanto, para os movimentos sociais do período era “inconfundível a influência psicológica e intelectual” da revolução cubana “transmutada em termos puramente brasileiros” (Szulc, *Apud*, Plank, 1968, 91). Ora, se para o Instituto (entendido como representante dos interesses privados) era clara a aproximação entre os movimentos sociais e o governo de Goulart, a preocupação, mesmo irrisória, de que o Brasil pudesse seguir o exemplo cubano os inquietava significativamente. A Revolução Cubana, pelas ações de estatização, pela proximidade geográfica na

---

<sup>127</sup> BANDEIRA, L.A. Moniz. O movimento estudantil na conjuntura do golpe. In: TOLEDO, Caio Navarro (Org.). *Op. Cit.*

América Latina e pela influência exercida sobre os movimentos sociais nacionais, era o inimigo mais próximo a ser combatido.

Entretanto, a recorrência aberta em *O que é o IPÊS* ao caráter anti-democrático do regime instalado na ilha cubana por Fidel Castro carecia de um elemento que o tornasse obscuro e perigoso. Essa caracterização se deu através da aproximação dos regimes cubano e soviético e pela recorrência ao caráter beligerante desse último.



Fig. 57



Fig. 58



Fig. 59



Fig. 60

Ora, afirmando o caráter perigoso do regime comunista russo, as imagens do arsenal nuclear nas manifestações cívicas do país afirmam o perigo da sua

proximidade com governo implantado na ilha cubana. Proximidade essa já caracterizada pela amizade entre Kruchev e Fidel Castro, expressa pela imagem dos estadistas abraçados. No conjunto discursivo do filme elas buscam afirmar que contra o regime democrático está disposto um imenso arsenal cujo mentor é o distante país russo governado pelo premiê Nikita Kruchev. Nesse período ainda vivíamos sob a influência de um dos mais tensos períodos da Guerra Fria quando em 1962 o governo russo instalava rampas para o lançamento de mísseis na ilha cubana. Daqui, para um discurso que aproxima o caráter nefasto do regime nazista, o filme simplesmente utiliza elementos retóricos.

Nesse sentido, para evitar a ascensão de regimes como o nazismo (colocado no mesmo patamar do regime comunista), o filme buscou afirmar que a conformação desses regimes políticos se dá unicamente por conta da omissão dos “democratas” (intelectuais pensadores da classe média) diante de inúmeras injustiças sociais. Como exemplos, a miséria do povo cubano diante dos “desmandos” do ditador Fulgêncio Batista, a não existência de uma classe média capaz de equilibrar a balança social na Rússia e a omissão das elites dirigentes alemãs diante do choque entre a direita e a esquerda, favorecendo a ascensão do nazismo, são as recorrências a que faz o documentário.

Essas recorrências são contrapostas ao período vivido pelo Brasil nos anos 1960 quando inúmeras manifestações políticas e sociais conturbavam o cotidiano e assustavam empresários e industriais. No filme, os questionamentos vão desde a ordem política do “regime híbrido” adotado por Goulart, aos problemas de ordem política, passando pelos desafios favorecidos pela inflação.

Compreendendo o período de manifestações sociais e políticas como indícios da miséria do povo e da incitação de “demagogos” (nunca de manifestações legítimas), o filme ergue o IPÊS como um elemento ponderador das “tensões sociais”. *O que é o IPÊS* buscou erigir o Instituto como o grande defensor

do regime democrático e dos seus benefícios. Benefícios esses que vão desde a manutenção dos sagrados direitos de propriedade à melhoria do padrão de vida da população através da aquisição de bens.

A imagem final da sigla do Instituto se fundindo com a bandeira do Brasil estabelece o intento contido nas asserções do filme. A defesa da democracia pregada pelo Instituto é resultado do emparelhamento dos seus interesses com os interesses nacionais. Nada mais contundente, até para camuflar interesses secundários, que se travestir de interesses nacionais.



Fig. 61

### 4.3 CONCEITO DE EMPRESA

A opção por reservar o filme *Conceito de empresa* como último filme nossa análise não foi gratuita. Trata-se do filme de maior duração das produções do

Instituto (quinze minutos e quarenta segundos) e que ratifica todos os conceitos apresentados nos documentários anteriores. O filme chega também a repetir inúmeras seqüências<sup>128</sup> de documentários anteriores. Destinado exclusivamente aos empresários o filme buscou consolidar a necessidade da realização de uma “propaganda de imagens” por parte das grandes empresas nacionais. Como aponta o documentário, essa propaganda deveria ser realizada tendo como finalidade a caracterização das empresas privadas como instrumentos essenciais para o progresso do Brasil.

A principal característica do documentário está no estabelecimento das ações adequadas que deveriam ser realizadas para que os empresários, agindo contra as ações dos “demagogos e agitadores”, garantissem a manutenção de suas empresas. Buscando equacionar uma imagem adequada ao empresário, a narração indica a necessidade de que tem o homem de empresa de realizar a propaganda de suas ações.

NARRAÇÃO: Comece desde já a divulgar para o Brasil que significa o seu trabalho, o seu esforço. Você que paga impostos. Você que é por isso mesmo uma das peças fundamentais de todas as grandes obras públicas construídas no Brasil, você precisa lutar pela demonstração agressiva da extraordinária utilidade social de sua empresa.

Essa demonstração deveria se estruturar, obviamente, como propaganda dos aspectos mais importantes da atuação das empresas para o país. Pelos critérios apresentados pelos filmes, essa propaganda consolidar imagens do que efetivamente as empresas contribuem no desenvolvimento do país. Esse conceito, obviamente estava ligado à idéia de progresso econômico.

---

<sup>128</sup> O filme repete imagens dos filmes: *Nordeste problema numero um*, *Depende de mim*, *Deixem o estudante estudar* e *A vida marítima*.

Como pudemos verificar nas atividades desenvolvidas pelo instituto ao longo dos anos de 1962 a 1964, a referência principal em todas elas foi o conceito progresso. No entanto, esse conceito se resume aos aspectos materiais que ele poderia trazer à população<sup>129</sup>. Em outro sentido, tratou-se de referendar apenas o progresso como consolidação do consumo de produtos.

Como conveio ao processo de industrialização realizado no país, o atendimento às demandas das classes mais altas provocou o surgimento de camadas sociais que passaram a gravitar ao redor dos interesses econômicos da classe industrial. Segundo Fernando Henrique Cardoso<sup>130</sup>, o que se observou no país foi um processo de crescimento econômico que não ocorreu de maneira a contemplar toda a população economicamente ativa, mas pautou-se, basicamente, no atendimento às demandas das classes da mais alta renda (Cardoso, 1975, p. 75). As classes mais baixas no entanto, precisavam ser inseridas no contexto econômico das grandes cidades, pois, gravitando ao redor dos interesses das classes mais altas, certamente contestariam sua posição social. Nesse sentido, a preocupação com a imagem do trabalhador nos filmes ipesianos, não se deu por uma conscientização da importância do seu papel na engrenagem econômica nacional, mas pela necessidade de contextualizar sua função.

A preocupação com a propaganda das atividades industriais buscava diminuir a diferença existente entre os interesses industriais e os interesses dos trabalhadores. Nesse sentido, as indústrias não seriam apenas máquinas a serviço dos interesses privados. É óbvio que elas não perdem seu caráter de instituição privada; especialmente porque um dos conceitos mais importantes para o IPÊS era o de propriedade privada, cuja referência ideológica mais forte é a *Mater et*

---

<sup>129</sup> O filme *O IPÊS é o seguinte* ratifica muito bem essa concepção ao utilizar grafismos para simbolizar o conceito de progresso social.

<sup>130</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e democratização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

*Magistra*. Entretanto, era necessário que esses interesses privados ganhassem uma roupagem que os inserisse como públicos.

Buscando referendar esse conceito, o documentário *Conceito de empresa* traz ao espectador inúmeras imagens de máquinas e instalações industriais que o coloca espectador diante do que Leblanc caracterizou como “catedrais dos tempos modernos” (1984). As empresas substituem os empresários e as máquinas os seus trabalhadores. Diferente do que é apresentado, por exemplo, em *Depende de mim*, onde as máquinas são apresentadas em conjunto com os trabalhadores que nelas operam, em *Conceito de empresa* elas aparecem como personagens próprias. Não estão condicionadas só às vontades de seus proprietários, mas estão a serviço do país. Essa característica dos filmes realizados pela Jean Manzon reflete um conceito que buscava inserir as máquinas – num outro aspecto, os meios de produção – como os elementos mais importantes a serem considerados. Segundo Bizello,

Apêndice da máquina, o trabalhador (...) não é o foco principal da câmera, o é a máquina, seu trabalho, seu funcionamento, o nível de sua tecnologia, sua praticidade para o homem, entendido como sociedade e não como trabalhador (1996, p. 97).

Esse fetiche pela máquina, tacitamente expresso pelas imagens do documentário, leva em consideração que grande parte das produções realizadas pela Jean Manzon Films foram encomendas pela iniciativa privada.



Fig. 62

Nesse sentido, tomando o conceito de Jean-Claude Bernardet (1979) sobre a “ritualização do poder”, o privilégio dado às construções empresariais pelos documentários realizados pela produtora, exprimem a contemplação da proeminência econômica das atividades industriais; do poder expresso por essas edificações. O trabalhador, diminuído perante as engrenagens das “catedrais modernas” (Leblanc, 1986), apenas contempla as engrenagens do processo produtivo. Como aponta Bizello (1996, p. 96), o espaço de atuação do trabalhador nos filmes de Jean Manzon é sempre delimitado pelo seu local de trabalho. Não há imagens de trabalhadores que os identifiquem fora desse contexto. Ainda como indica a autora,

Esse trabalhador, cujo espaço está restrito, limitado ao local de trabalho, é inteiramente subordinado a máquina que opera. Muitas vezes não o vemos por inteiro, mas apenas suas mãos e braços. As máquinas, o trabalho e todo o processo produtivo são as vedetes (Bizello, 1996, p. 96)

Esse foi o último filme realizado por Jean Manzon para o IPÊS. Meramente descritivo o filme aponta os meios que deveriam ser usados para a promoção da campanha em favor da imagem da empresa. Coincidentemente, todos os meios indicados (Rádio, Televisão, Jornal, Palestras e Cinema) foram os mesmos utilizados pelo Instituto no seu esforço de propaganda. Entretanto, um deles, ganhou um diferencial narrativo. Referendando ao próprio trabalho realizado com filmes, o documentário atribui o grande valor do meio mais “moderno da propaganda moderna: o cinema”.



**Fig. 63**

Utilizado em quase todos os eventos que realizada, o cinema foi um instrumento importante da propaganda política realizada pelo Instituto. Nesse sentido, antes de ser uma referência da própria produtora ao seu trabalho, essa imagem referencia o próprio conceito de modernidade. É uma máquina, como as máquinas das grandes indústrias, trabalhando em favor do país. Entretanto, ao invés de fabricar produtos, apresenta soluções e idéias adequadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**P**rocuramos apresentar neste trabalho a produção fílmica do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPÊS. Essa produção foi realizada por Jean Manzon, cineasta que desde a década de 1950 já realizava inúmeros filmes tanto para o governo quanto para a iniciativa privada. Esses filmes se destinavam, como aponta o próprio cineasta, à realização da propaganda e carregam as características tanto do seu realizador, dos desejos do financiador, e do período histórico do qual emergem. Partimos do conceito de que os documentários realizados para o Instituto se inseriam num contexto de ações que tinham como objetivo a promoção da sua imagem institucional e a ampliação de conceitos políticos próprios tanto para a população quanto para seus próprios quadros.

Para compreendê-los tivemos, primeiro, que contextualizar historicamente o surgimento do IPÊS. Como apontamos, foram os eventos políticos no início da década de 1960 que favoreceram seu surgimento como uma instituição ligada aos interesses econômicos de empresários e políticos. Em seguida, ao delinear a história do Instituto, procuramos fazê-la contemplando os caminhos percorridos para as realizações fílmicas. Para tanto, recorreremos aos documentos primários uma vez que, apesar da história da Instituição já ter sido visitada por outros pesquisadores, os aspectos específicos da realização dos documentários ainda não estavam esclarecidos. A recorrência aos documentos do IPÊS (de inesgotável valor

histórico, mas incompletos) nos apontou inúmeras respostas quanto ao número das produções e ao processo de realização dos mesmos.

Entretanto, esses documentos nos forneceram informações preciosas sobre a utilização dos filmes realizados pela Instituição. Como pudemos observar os filmes se destinavam tanto ao grande público (através dos cinemas comerciais e de exposições públicas visando a disseminação de seus interesses sociais e econômicos) quanto seus próprios associados (através de exposições dirigidas em encontros e cursos de capacitação profissional visando a consolidação de suas principais teses e a ampliação de seus quadros).

Quanto a Jean Manzon, procuramos em sua trajetória profissional delinear as características que motivaram o IPÊS a confiar nele a realização de seus documentários. A forma como o cineasta se relacionou com a elite brasileira estabeleceu o seu trânsito por todos os grandes feitos políticos do país. Desde sua atuação no DIP, passando pelas revistas *Cruzeiro* e *Manchete*, até fundar sua Produtora, a Jean Manzon Films, Manzon sempre cativou seus clientes pela forma como conseguiu transmitir em imagens as vontades dos seus financiadores. As imagens criadas pelo cineasta não só possuíam a característica de estarem próximas aos círculos do poder, como ofereciam uma imagem idealizada do país. Mercador de ilusões, o cineasta nunca escondeu, desde suas atividades como fotógrafo, seu interesse pelas imagens pitorescas do país. Aliada às produções patrocinadas, ele também se vangloriava de transmitir através de filmes próprios (*Samba Fantástico*, *O Brasil em 80 minutos*) uma imagem bonita do país no exterior.

A história de Manzon se confunde, como apresentamos, com a própria história da imprensa no Brasil. Trabalhando com documentários desde meados da década de 1950, o cineasta tinha trânsito tanto entre o governo quanto entre a iniciativa privada. Entretanto, foi com esta última que ele se estruturou durante a

década de 1960. Essa relação foi apresentada a partir da idéia da migração dos financiamentos que, por sua vez, esteve em consonância com a importância econômica adquirida pela iniciativa privada em contraponto ao Estado.

Quanto ao documentário, ao delimitarmos as principais características do gênero, procuramos observar o principal fator que fez com que ele se vinculasse ao Estado como porta de um processo de realização de propaganda que terá reflexo nas atividades desempenhadas posteriormente pelo IPÊS. Nesse sentido, a recorrência à experiência de realização de documentários pelo Estado alemão e brasileiro deram a ênfase necessária para compreender como o cinema ganhou importância como instrumento específico de Estado para a realização da propaganda. Essa propaganda se faz mais ou menos delimitada por estruturas comuns e que recorrem a discursos “padrão” como família, legalidade, propriedade etc. Foi sobre essas mesmas características que o Instituto consolidou sua produção documentária. Nesse sentido, abordamos os documentários ipesianos como um instrumento específico de propaganda pois compreendemos aí sua principal característica.

O caráter da realização de propaganda, e dentro dela o caráter da propaganda política, foi um aspecto importante para delinear a importância que os filmes ganharam nas atividades realizadas pelo Instituto. Desse modo, um outro aspecto que consideramos relevante em nosso trabalho foi procurar compreender o caráter da propaganda política através da utilização de filmes. A recorrência ao cinema germânico nos forneceu base para a compreensão da utilização dos temas mais recorrentes nesse tipo de produção. Ademais, permitimo-nos pensar que a propaganda política teve seu uso mais preciso quando aplicado aos interesses do Estado em consonância com alguma crise política mais evidente.

Quanto aos filmes, primeiro ocupamo-nos em delimitá-los especialmente pela recorrência dos seus temas; uma vez que a realização dos filmes ipesianos não

levou em consideração, por diretrizes próprias do financiador, suas atividades políticas mais direcionadas e deveriam centrar-se em termos mais abrangentes. Referendado por essa característica específica dos filmes ipesianos, dividimos os mesmos em três blocos de assuntos levando também com consideração as principais teses defendidas pelo Instituto.

Sobre cada um dos blocos recorreremos aos assuntos mais pertinentes abordados pelos filmes. A preferência pela análise por filme dentro de cada bloco foi pensada de forma a privilegiar os assuntos abordados em cada um deles; apesar de alguns apresentarem temas e imagens repetitivas. Dentro de cada filme em específico levamos em consideração também de que forma os assuntos foram apresentados e qual a importância dos mesmos ao pensamento político do Instituto e ao período histórico a que fazem referência.

Filmes como *Nordeste problema numero um* não trazem informações apenas sobre a situação miserável do Nordeste do país. No centro da discussão sobre o Nordeste está a preocupação em apaziguar um movimento social que causava aflição ao Instituto pois influenciava diversos outros movimentos sociais durante o período. Nesse sentido, o filme não realiza apenas asserções específicas sobre determinada região do país, ele busca se inserir no contexto dos embates políticos do período. Recorrendo às características do cinema de propaganda, a indignação, a não ambivalência moral, a delimitação dos opositores etc. esses documentários foram pensados como forma de desarticular possíveis opositores aos propósitos do Instituto.

De maneira geral, as imagens realizadas pelo IPÊS / Jean Manzon, não ratificam apenas o pensamento político do Instituto, mas um conjunto de temas e imagens que buscaram construir uma nova imagem ao Brasil. Imagens que se contrapõe a um estado anterior caracterizado pela ingerência e por soluções inadequadas aos problemas nacionais (normalmente atribuídas como

responsabilidade do Estado) ou a um futuro obscuro (dada a aproximação com idéias socialistas). Nasce daí seu caráter golpista.

Ao caracterizar todos os possíveis focos de oposição aos seus ideais, os filmes os fazem a partir de uma imagem idealizada; construída de forma a se contrapor aos exemplos atuais. Foi sobre algumas dessas imagens, como aponta Marc Ferro<sup>131</sup> (1992, p. 87), constituídas não somente por aquilo que representam, mas por uma abordagem sócio-histórica que autoriza, que realizamos diversas de nossas observações.

---

<sup>131</sup> FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

# Bibliografia

## FONTES PRIMÁRIAS:

### Arquivos Nacional

Fundo IPÊS. Código QL. Arquivo Nacional. (Documentação da Regional Guanabara dos anos de 1961 a 1972).

## OBRAS REFERENCIADAS:

- **Cinema / Documentário / Fotografia / Comunicação**

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papyrus, 2002, 7ª ed.

BARTLETT, F. C. **La propaganda política**. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema Brasileiro: propostas para uma história**. São Paulo. Paz e Terra, 1979.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**. São Paulo: Scritta, 1995.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURHAMMAR, Leif & ISSAKSON, Folke. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GALVÃO, Maria Rita Eliezer. **Crônica do Cinema Paulistano**. Coleção Ensaios 15. São Paulo; Ática, 1975.

GOMES, Paulo Emílio. *O primo e a prima*. In.: CALIL, Carlos Augusto & MACHADO, Maria Teresa (Org.). **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEBLANC, Gerard. *Le film d'entreprise, une fonction bien particulière*. In.: FERRO, Marc. **Film et Histoire**. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études em Science Sociales, 1984.

MANVELL, Roger. **The german cinema**. London: J.M. Deut & Sons Limition, 1971.

METZ, Christian. **Significação do Cinema**. São Paulo: Perpectiva, 1972.

MOURA, Roberto. *A Bela Época (Promórdios – 1912), Cinema Carioca (1912 – 1913)*. In.: RAMOS, Fernão (Org.). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Art Editora, 1987, (18-24).

MELO, José Marques de (Coord.). **III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981.

NARS, Edson Luiz. **Um olhar sobre o Brasil pelas lentes de Jean Manzon: de JK a Costa e Silva**. Araraquara: UNESP, 1996.

NICHOLS, Bill. **La representación de la realidad : cuestiones y conceptos sobre el documental**. Barcelona : Paidós, 1997.

PELEGRINO, Nadja Maria Fonseca. **A fotografia de reportagem, sua importância na Revista "O Cruzeiro" (1944 - 1960)**. Rio de Janeiro: ECA, 1990. (Dissertação de Mestrado)

PRIOLLI, Gabriel; LIMA, Fernando B.; MACHADO, Arlindo. **Televisão & Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 2ª ed.

RAMOS, Fernão et alli (Orgs.). **Estudos de cinema – socine**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

RODRIGUES, Olga. **História da Imprensa de Santos**. Santos: A Tribuna, 1979.

SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes. *Cinema, narrativa e história: sobre a formação do sentido na 'periferia' cinematográfica*. In.: EPAM – **Encontro da Pesquisa em Artes e Multimeios**. Campinas: EPAM, 2004 (CD ROOM).

SIMIS, Anita. **Estado e Cinema no Brasil**. São Paulo: ANABLUME / FAPESP, 1996.

SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação**. São Paulo: Anablume, 2003.

WELCH, David. **Propaganda and the German Cinema. 1933 – 1945**. London: Clarendon Press, 1985.

- **História**

ASSIS, Denise. **Propaganda e Política a serviço do Golpe (1961/1964)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

AZEVEDO, Fernando de. **As Ligas Camponesas**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e democratização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

EVERS, Tilman. *Identidade – a face oculta dos movimentos sociais*. In.: **Novos Estudos Cebrap**. N.º 04. São Paulo: CEBRAP, abril, 1984.

FARIA, Ricardo de Moura & MIRANDA, Mônica Liz. **Da Guerra Fria à nova ordem mundial**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIGUEIREDO, Argelina. **Democracia ou reforma? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GASPARI, Élio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORAIS, Luiz Fernando. **Chatô. O Rei do Brasil**. São Paulo; Companhia das Letras, 1994.

RAMOS, Plínio de Abreu. **Como agem os grupos de Pressão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: RECORD, 2000.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Calculus of conflict**. Stanford: Stanford University Press, 1979.

SOUZA, Maria Inez Salgado. **Os empresários e a Educação: o IPÊS e a política educacional pós 1964**. Petrópolis: Vozes, 1981.

TOLEDO, Caio Navarro (Org.). **1964: visões críticas do golpe – Democracia e reformas no populismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

- **Fotografia**

COSTA, Helouise. *Palco de uma história desejada: o retrado do Brasil por Jean Manzon*. In.: TURAZZI, Maria Inez (Org.). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 27. Rio de Janeiro: IPHAN-RJ, 1998.

- **Outros textos**

JOÃO XXIII. IGREJA CATÓLICA. **Mater et Magistra**. Petrópolis: Vozes, 1962.

- **Jornais, revistas e magazines**

XAVIER, Imaíl. *Significado de Jean Manzon*. In.: **O ESTADO DE SÃO PAULO**. São Paulo: 17/10/1964, Suplemento Literário.

- **Dicionários**

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe (Orgs.). **Enciclopédia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: SENAC, 2000.

- **Sites da Internet**

BRASIL – MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Porto do Rio de Janeiro. Disponível em:  
<<http://www.transportes.gov.br/Modal/Portuario/Estatistica/anuario2000/Rio.htm>>  
Acessado em Janeiro / 2005.

MENDES, Carlos Pimentel. Dez fases históricas. Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/porto/portoh06.htm>> Originalmente publicado pelo autor em 4/2/1992 no jornal *O Estado de São Paulo*.

Editora Agir. Disponível em: <<http://www.editoraagir.com.br/historico.asp>>

## LEITURA COMPLEMENTAR

AUMONT, Jacques & MARIE, Michel. **Análisis del Film**. Barcelona: Paidós, 1990.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

COSTA, Helouise. **Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo**. São Paulo: FAU/USP, 1998. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – USP).

FICO, Carlos. **Além do Golpe. Versões controversias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FIORIN, José Luiz. **O Regime de 1964**. São Paulo: Atual, 1988.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

GOMES, Sérgio. *Jean Manzon*. Profissão: Otimista. In.: **FOLHA DE SÃO PAULO**. São Paulo: 17 de novembro de 1977.

IPÊS. **Análise da Encíclica Populorum Progressio de SS o Papa Paulo VI**. Rio de Janeiro: IPÊS, 1968.

LATIN AMERICAN SPECIAL STUDIES. **The Church in Brazil: an instrument of social change or stability**. Washington: Central Intelligence Agency – CIA, 1961.

MORAES, João Quantim de. **Liberalismo e ditadura no Cone Sul**. Campinas: IFCH, 2001. (Coleção Trajetória 7).

MORAES, Denis. **A esquerda e o golpe de 1964**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

OLIVEIRA, Eliézer R. Forças Armadas: pensamento e ação política. In.: MORAES, Reginaldo. **Inteligência Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SOARES, Gláucio. **21 anos de Regime Militar**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

STARLING, Heloísa M. Murgel. **Os senhores das gerais. Os novos inconfidentes e o Golpe Militar de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1986, 5ª Edição.

STEPAN, Alfred. **Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

SCHVARZMAN, Sheila. **Humberto Mauro e as imagens do Brasil**. São Paulo: UNESP, 2004.

VANOYE, Francis & GOLIOT-LETE, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

# ANEXOS

## Anexo A

Síntese de empresários e ligações empresariais de membros do IPÊS

Tabela 01

| NOME / Fundação  | LIGAÇÃO   | OUTROS |
|--|---|--------|
| <b>Membros do IBRE</b>   | Presidente: Eugênio Gudín / Vice-Presidente: Octávio Gouveia de Bulhões / Comissão Diretora: Roberto Campos e Alexandre Kafka / Direção do Centro de Análise de Conjuntura José Garrido Torres / Supervisão da Equipe de Renda Nacional: Julian Magalhães Chacel  |        |
| <b>Membros da FGV</b>  | Presidente e Chefe da Comissão Diretora: Luiz Simões Lopes / Vice-Presidente: Eugênio Gudín / Diretores Executivos: Rafael da Silva Xavier e Alim Pedro / Membros Executivos: Jorge Oscar de Mello Flores, João Carlos Vital, Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Rubens d'Almada Horta Porto (executivo do SESI e da Cia. Vale do Rio Doce) e Joaquim Sá Freire Alvim (em 1963 foi presidente do IBGE) / Tecno-empresários membros do Conselho: Brasília Machado Neto (Federação Nacional do Comércio e Federação Comercial de São Paulo), Ary Frederico Torres, César Reis Catanhede e Almeida e Carlos Alberto de Carvalho Pinto. |        |
| <b>Empresários e Ligações Empresariais / ligações com o IPÊS</b> |   |        |
| <b>Antônio Gallotti</b>  | Light (presidente)<br>Enviou carta à Costa e Silva propondo demantelamento do poder civil do governo João Goulart (abril, 02, 1964)<br>PRINCIPAIS ARTICULADORES DO INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS SOCIAIS  |        |
| <b>Ney Peixoto do Valle</b>                                      | American Chambers of Commerce   |        |
| <b>Augusto Trajano de Azevedo Antunes</b>                        | Indústria e Comercio de Minérios (Icomi) – proprietário / Tethlehem Steel, Hanna Mining (sócio) / Amigo de David Rockefeller<br>PRINCIPAIS ARTICULADORES DO INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS SOCIAIS   |        |
| <b>Cândido Guinle de Pala Machado</b>                            | Docas de Santos / Jockey Club / Banco Boavista / Editora Agir   |        |
| <b>Gilbert Huber Jr.</b>   | Listas Telefônicas Brasileiras (proprietário).  |        |
| <b>Jorge Bhering Mattos</b>                                      | Associação Comercial do Rio de Janeiro (diretor)  |        |
| <b>Bento Ribeiro Dantas</b>                                      | Cruzeiro do Sul   |        |
| <b>Jorge Oscar de Melo Flores</b>                                | Presidente do Sindicato dos Bancos do RIO   |        |
| <b>João Baptista de Leopoldo Figueiredo</b>                      |   |        |
| <b>Israel Klabin</b>   | Magnata do aço  |        |
| <b>Paulo Reis Magalhães</b>                                      |   |        |

|   |   |
|---|---|
| <b>João Baptista Pereira de Almeida Filho</b> | Unem Carbide do Brasil (Union Carbide Corp / Electric Furnace Production) / Kibon S.A. Indústria de Alimentos Gerais (General Foods) / S.A. White Martins (Union Carbide) / National Carbon do Brasil S.A. Ind. e Com. (Unem Carbide, Eletric Furnace Production) / Bendix do Brasil / Beeder Rootes / Laboratório Leo do Brasil S.A. / Laboratórios Miles do Brasil S.A. (Miles Lab Panamericana Inc.) / Eletrometalúrgica Abrasivos Salto S.A. (Carborundum Co. N.Y.) / Carborundum S.A. Indústria de Abrasivos / Tri-Sure S.A. Ind. e Com. (American Flange Manufacturing Delaware, Grupo financeiro e industrial / Bueno Vidigal) / Cardo Brasil S.A. Fábrica de Cardas (Comagri S.A.) / Equipamentos Ind. Villares S.A. (Grupo financeiro industrial Villares) / Indústria de Alimentos Gerais / Indústria Lages Comercial e Agrícola (Olinkraft, Squibb) / Distribuidora Paulista Lavadoras Automáticas / ESBIC / Cia. Agrícola de Fazendas Monte Alto / Cia. Agrícola Rancho Queimado / Fazenda do Sul / John Powell S.A. / Sta. Adelaide / Sifco do Brasil S.A. Ind. Metalúrgica (The Steel Improvement and Forge Co. / Estados Unidos, American Brake Shoe Co.) / Tampico / Ascoval S.A. Automatic Switch / Robert Shaw Fulton Controles do Brasil / Olinkraft S.A. Celulose e Papel (Linson S.A. Ind. e Com., Squibb Mathiesson Ind. Corp.) / Lutchter S.A. Celulose e Papel / Brasmac Ind. e Com. S.A. (Wickman Machine Tools Ltda. - Grã-Bratânia) / Sherwin Williams do Brasil S.A. Tintas (The Sherwin Williams Co. Cleveland) / Ideal Standard S.A. Ind. e Com. / Dowdell do Brasil (Dowdell e Co. Ltda., London) / Agência Marítima Dickinson (Dickinson Brothers) / Ideal Standard S.A. (American Standard) / AMF do Brasil S.A. (American Machine e Foundry Co.) / Fruehauf do Brasil (Fruehauf Corporation) / Companhia de Molas No-Sag (Lear Stegler Inc.) / Intelcom Eletrônica (Motorola Inc.) / Relógios do Brasil (Talley Industries, Eduardo Garcia Rossi) / Squibb Indústria Química (E. R. Squibb & Sons, S.A., Beechunut) / |
| <b>João Pedro Gouveia Vieira</b>              | Companhia Brasileira de Fórforos (Bryant & May Ltd. - British Match Corporation): J.P. Alcântara, Eduardo G. Rossi / Indústrias Elétricas e Musicais ODEON S.A. (Columbia Gramophone Co. EMI Ltd. Electrical Musical Industries) / Phoenix Brasileira de Seguros Gerais (Phonenix Assurance Co. - London) / Wilson Sons S.A. Comercio Ind. e Agência de Navegação (Ocean Wilsons - London) / Induselet S.A. - Ind. de Material Elétrico Charleroi (Ateliers de Constructions Electr. de Charleroi / Eestinghouse Electric Corporation) / Cia Produtora de Vidros Providro (Boussois-Souchon Neuvesse/Coimbra S.A. Dreyfus Group) / Cimento Portland Bains S.A. (Empreendimentos Brasileiros de Cimento S.A./Cia Mineira de Cimento Portland COMINCI (Établissements Cimbra Vaduz-Liechtenstein Ciments Lafargue S.A.) Lucien Marc Moser, César Sabóia pontes / BRASCOPAR (Comp. Brasileira de Participações S.A. Brasileira de Comércio e Representações - BRACOREP / Mecânica Pesada S.A.A (...)) / Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.: Francisco Martins Bastos, Carlos Fagundes de Mello / Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.: Paulo F. Geyer, F. Martins Bastos, Miguel Monteiro de Barros Lins / Moinho Fluminense S.A. (Bunge & Born): L. Simões Lopes, João de Mello Franco / Berliet do Brasil S.A. Ind. e Com. / RHODIA Ind. Química e Têxteis S.A.: Paulo Reis Magalhães, Octávio Marcondes Ferraz / TUBEST Ind. de Tubos Elétricos S.A. Indústrias Reunidas Franco-Brasileiras de Máquinas Automotores / Radiobrás Agrícola S.A. (Compagnie Française Thomson-Houston Hotchkiss-Brandt S.A.), ligada à RCA USA, English Electric London, Italcable - Itália e Western Telegraph London / Estabelecimentos Ch. Lorilleux S.A. Tintas (Lorilleux-Lefranc S.A.) / Lautier Fils do Brasil S.A. (Rhone-Poulenc): Paulo Reis Magalhães / Banco Francês e Brasileiro S.A.? Roberto Morreira, Américo Oswaldo Campiglia, Jean Marc Rousseau, A. A. Ferreira.   |
| <b>Manoel Ferreira de Guimarães</b>           | Banco de Minas Gerais S.A. / Cia. Força e Luz de Minas Gerais (Bond &Share, Grupo Morgan) / Philips do Brasil, Organizações Ferreira Guimarães / Cia. Estanho São João D'el Rrei / Cia Siderúrgica Belgo-Mineira / Cia Cruzeiro do Sul Capitlização / Panair do Brasil / Banco Lowndes / Mesbla S.A. / Cia Imperial de Seguros / Cia Tecelagem e Fiação Mineira / Cia Tecelagem e Filiação Barcelona / Siderurgia Mannesmann<br>Associação Comercial do Rio de Janeiro (Líderes)  |
| <b>Jorge de Souza Rezende</b>                 | Cia Brasileira de Armazéns Gerais (Sanbra, Bunge & Born) / Serrana de Mineração S.A. / Quimbrasil S.A. (Bunge & Born) / Carborundum S.A. / Cia. de Máquinas Hobart-Dayton do Brasil / Equipamentos Clark Piratininga S.A. (Clark Equipaments Co. Máquinas Piratininga S.A.) / Linkbelt - Piratininga Transportadores Industriais Ltda. (máq. Piratininga, Linkbelt Engenharia Ind. e Com. Ltda.) / Máquinas Piratininga S.A. / Automatic Sprinklers S.A. (Joaquim H. Nasciento / A. Gama, Automatic Sprinklers da Venezuela) / Brinquedos Bandeirantes S.A. / Asdobra Instalações Contra Incêndios S.A. / Pirelli S.A. Comp. Ind. Brasileira / Henry Simon do Brasil S.A. Ind. e Comercio (H. Simon Holdins, Grã-Bretanha)<br>Conselho Nacional de Economia – CNE   |

### Oficiais Militares e Diretores de Corporações Privadas

Filiações políticas e ideológicas consolidaram o grupo dos militares como um dos grupos mais ativos na implantação e difusão dos ideais do grupo multinacional associado. Desses militares, os principais foram: Golbery do Couto e Silva / Orlando Geisel / Ernesto Geisel / Aurélio de Lyra Tavares / Jurandir Bizarria Mamede / Heitor de Almeida Herrera / Edson Figueiredo / Geraldo de Menezes Cortes / Idálio Sardenberg / Belfort Bethlem / João Bina Machado / Liberato da Cunha Friederich / Ademar de Queiróz / Gen. Cordeiro de Farias e Juarez Távora

|   |  |
|---|--|
|   | Eletônica Kruel Ltda.  |
| <b>Gen. James Masson</b>                    | Eletônica Kruel Ltda.  |
| <b>Gen. Paulo Tasso de Resende</b>          | Moinhos Rio-grandenses Samrig S.A. - Grupo Bung & Born   |
| <b>Brig. Eduardo Gomes</b>                  | Kosmos Engenharia S.A.   |
| <b>Gen. Joaquim Ribeiro Monteiro</b>        | Cia. Carbonos Coloidais CCC - grupo Wolney Attalla   |
| <b>Gen. Edmundo Macedo Soares e Silva</b>   | Volkswagen / Mesbla S.A. / Banco Mercantil de São Paulo / Light S.A. / Mercedes Bens                 |
| <b>Gen. Euclides de Oliveira Figueiredo</b> | Indústrias Químicas e Farmacêuticas Schering S.A. - Shoering Corporation / Grupo Assis Chateaubriand |
| <b>Gen. Moziul Moreira Lima</b>             | Máquinas Morreira S.A.   |
| <b>Alm. Álvaro Alberto da Motta e Silva</b> | Rupturita S.A. Explosivos / Sociedade Financeira Portugal  |

### Escritórios Técnicos / Tecno-empresários

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| <b>Juan Missirlan</b>            | TOC - Técnica de Organização e Consultoria  |
| <b>David Beatty III</b>          | Técnica de Avaliações e Pesquisas VALIT Ltda. (Deltec S.A.)   |
| <b>Otávio Pereira Lopes</b>      | IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho   |
| <b>Lélio Toledo Pizza</b>        | IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho   |
| <b>Paulo Ayres Filho</b>         | BORA - Bureau de Organização Racional Aplicada Ltda. (Instituto Farmacêutico Pinheiros)   |
| <b>Augusto Frederico Schmidt</b> | Estudos Técnicos Europa Brasi S.A. (S.A. des Chaux et Cements de Lafargne et du Teil, Société des Gérances et Participation Financières, Worms et Co., Potasse et Produits Chimiques S.A., Soc. Générale Maritime, Fabrique de Produits Chimiques de Tham et Mulhouse, Société des Produits Chimiques des Terres Rares) |

|   |  |
|---|--|
| <b>Eduardo Caio da Silva Prado</b>                                      | Technical Assistance & Administration (Grace Mercantil Ltda.)  |
| <b>João Batista Isnard de Gouveia</b>                                   | ETA - Estudos Técnicos e Administração S.A. (Cie. Financière et Industrielle Intercontinentale COFICO, Société d'Études de Participations et d'Enterprises Industrielles SEPES, N.V. Handel Industri Transport Maatschaftig HTMA)  |
| <b>Ary Frederico Torres</b>   | IPT. Instituto de Pesquisas Tecnológicas   |
| <b>Luis Simões Lopes</b>  | CETAP - Comp. De Estudos Técnicos, Administração e Participações (Banque de l'Indochine - holding das Companhias de Estanho São João d'el Rei, Cia Estanho Minas do Brasil)  |
| <b>Lucas Lopes</b>  | CETAP - Comp. De Estudos Técnicos, Administração e Participações (Banque de l'Indochine - holding das Companhias de Estanho São João d'el Rei, Cia Estanho Minas do Brasil)  |
| <b>João Baylongue</b>   | JRB Administração e Organização  |
| <b>Paulo Mário Cerne</b>  | Cia. Aliança Comercial e Industrial e Serviços Técnicos  |
| <b>Oswaldo Zanelli</b>  | Cia. Aliança Comercial e Industrial e Serviços Técnicos  |
| <b>José Carlos Leone</b>  | José Carlos Leone e Associados - Consultores Industriais   |
| <b>Aníbal Villela</b>   | BRASTEC - Sociedade Brasileira de Serivços Técnicos e Econômicos Ltda. Escritório Técnico de Aplicação ao Brasil do Ponto IV (Veja Engenharia e Comércio S.A., Investidor na Companhia Mineração de Amianto S.A.) S.A. Brasil Europa Estudos e Participações (Ind. Bahamas, The Royal Bank of Canada)  |
| <b>Multon César</b>   | CONSEMP - Consultores de Empresas  |
| <b>Efraim Tomas Bo</b>  | CONSEMP - Consultores de Empresas  |
| <b>CBP - Consórcio Brasileiro de Produtividade (escritório técnico)</b> |  |
| <b>MEMBROS</b>  | Roberto da Silva Porto / C.T. Javes / Humberto Porto / Oswaldo Zenelli / Paulo Mário Cerne / Fernando Lacerda de Araújo / Mário Lorenzo Fernandez / Luiz da Rocha Chataignier / José Gomes Coimbra Jr. / Pedro Velho Tavares de Lyra / (incorporados por sugestão de Paulo Assis Ribeiro) Wanderbilt Duarte de Barros / Carlos de Assis Ribeiro (irmão de P.A. Ribeiro) diretor da General Electric do Brasil  |
| <b>Membro / Umbrella Organization</b>                                   | Alfredo Goulart de Castro Filho - ORGAMEC S.A. / Afonso Campiglia - diretor do Departamento de Produtividade da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro / Álvaro Porto Moitinho - da Racionalização - Administração - Auditoria e diretor do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial / César Catanhede - Organização Serviço Hollerith (ligado a Valentim Bouças) - presidente da Organização de Engenharia S.A. e executivo da FGV / João Carlos Vital (e sua equipe técnica também ligado à FGV / Paulo de Assis Ribeiro (e sua equipe técnica) / Paulo Accioly de Sá - diretor da Organização, Racionalização e Planejamento ORPLAN (também foi presidente da CBP) / Rubem d'Almada H. Porto - executivo da FGV, membro do IDORT e co-fundador da Agir Editora (que viria a ser o principal publicador dos impressos do IPÊS) |

**CONSULTEC - Sociedade Civil de Planejamento e Consultas Técnicas Ltda.**

**Membros**

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| <b>Roberto Campos</b>                | Presidente do BNDE / Membro do GEMF (Grupo de Exportação de Minério de Ferro) / Membro do CDE, embaixador itinerante durante o governo Jânio Quadros e embaixador nos Estados Unidos durante o governo João Goulart / Conferencista da ESG. Manteve contatos com a Hanna Mining, Bond & Share, Camargo Correia Construtores, Mercedes Bbenz e Banco de Desenvolvimento Comercial. Após 1964 fundou os grupos financeiros INVESTBANCO e INVESTCRED |
| <b>Vitor da Silva Alves Filho</b>    | Diretor do BNDE   |
| <b>Miguel Osorio Almeida</b>         | Ministro para Assuntos Econômicos da Embaixada do Brasil em Washington e membro do quadro diplomático do Itamaraty  |
| <b>J.O. Mello Flores</b>             | Executivo da FGV e diretor do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, Sul América Seguros, Mecânica Pesada S.A. (Westinghouse) / Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira / Schneider et Cie. / S.A. de la Challeassière e Sulacap   |
| <b>Frederico Heller</b>              | Editor Econômico do Estado de São Paulo (jornal paulista de Júlio Mesquita Filho)   |
| <b>Edmar de Souza</b>                | Chefe do setor administrativo do BNDE   |
| <b>J.L. Bulhões Pedreira</b>         | Consultor do BNDE / Diretor da COPLAN - Comissão de Planejamento do governo / Diretor da Rede Ferroviária Federal - RFF e do Complexo Hanna Ming / Cia. Mineração Novalimense / Mineração Hanna do Brasil Ltda. / Mineração Curral D'El Rey Ltda. / Mineração Águas Claras  |
| <b>Eduardo Silveira Gomes</b>        | Consultor da SUMOC / Diretor da Conjuntura Econômica (Revista publicada por _____)  |
| <b>Alm. Aniceto Cruz Santos</b>      | Lloyde Ney York e Comissão Marinha Mercante   |
| <b>Dênio Nogueira</b>                | FGV / Conjuntura Econômica / Chefe de Gabinete de Gouveia de Bulhões / Conferencista da ESG   |
|                                      | continua outro dia p. 88  |
| <b>Jhon Cotrim</b>                   | Diretor das centrais Elétricas de Furnas  |
| <b>Gabriel Ferreira Filho</b>        | Advogado do BNDE  |
| <b>Mario Henrique Simonsen</b>       | Chefe do Conselho Econômico da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), executivo e professor da FGV   |
| <b>Augusto Tito de Oliveira Lima</b> | Parente de Roberto Campos   |
| <b>Harold Cecil Polland</b>          | Cia. Metropolitana de Construções / Banco Português do Brasil / Unitor S.A. Com e Ind. De Soldas Elétricas  |
| <b>Jacinto Xavier Martins</b>        | RFF   |
| <b>Teodoro Onega</b>                 | Instituto Nacional de Tecnologia (sediado no Rio)   |

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| <b>João Batista Pinheiro</b>         | Membro do corpo diplomático do Itamaraty / GEMF / Diretor do BNDE   |
| <b>Mário Abrantes da Silva Pinto</b> | Diretor do Departamento de Produção Mineral / Assessor técnico da CACEX e do GEMF / membro da Comissão de Estudos e Projetos Administrativos da Presidência   |
| <b>Alexandre Kafka</b>               | FGV / Fundo Monetário Internacional / Conselho Nacional de Economia / conferencista da ESG  |
| <b>José Garrido Torres</b>           | SUMOC / BNDE / FGV / Conjuntura Econômica / Banco Interamericano de Desenvolvimento e Conselho Nacional de Economia / Banqueiro / conferencista da ESG  |
| <b>Hélio Schlittler Silva</b>        | Assessor da diretoria do BNDE   |
| <b>João Alberto Leite Barbosa</b>    | Editor do Boletim Cambial / Editor econômico de O Globo / Vice-Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro   |
| <b>Glycon de Paiva</b>               | Companhia Vale do Rio Doce / BNDE / conferencista da ESG e da ADESG   |
| <b>Mauro Thibau</b>                  | CEMIG - Centrais Elétricas de Minas Gerais  |
| <b>O. Gouveia Bulhões</b>            | SUMOC / GEMF / conferencista na ESG   |
| <b>A. Abreu Coutinho</b>             | GEMF / Conjuntura Econômica / Chefe de Divisão da SUMOC   |
| <b>Jorge Schilling</b>               | Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil   |
| <b>Lucas Lopes</b>                   | CEMIG / CVRD / BNDE / Ministro dos Transportes (Café Filho) / Ministro da Fazenda (JK) / conferencista na ESG / Diretor da Hanna Mining (Linha de Frente) / também diretor da Alumínio do Brasil S.A. (Aluminium Ltda. Alcan) / Alumínio Minas Gerais / Cia de Mineração Novalimense / Lanari S.A. Indústria e Comércio / ALCOMINAS (Alcoa-Mellon Group) / Mineração Brasileira / Cia. Financière Eternit / Philbro-Miner   |
| <b>Rodrigo Pessoa Lopes</b>          | Filho de Lucas Lopes e genro de Juscelino   |
| <b>Aldo Franco Maciel</b>            | CACEX / Chefe da SUMOC  |
| <b>Arthur Bernardes Filho</b>        | Mineração Hannaco / diretor da Eletromar Indústria Elétrica Brasileira / ligações com o First National City Bank of New York / Royal Bank of Canada / Cia. Empreendimentos Administração e Investimentos / IBEC / DELTEC / Banco do Comércio / Westinghouse   |
| <b>Alberto Torres Filho</b>          | Cia. de Mineração Novalimense / Mineração Hanna do Brasil Ltda. / Pesquisas Mineraias Meco Ltda. / Mineração Curral D'El Rey Ltda. / Mineração Águas Claras / Grupo Morgan: All American Cables, Cia. Rádio Internacional do Brasil, Grandes Hoteis S.A., Sabin St. Germain Inter America Inc. / Orwens Illinions Glass Co.: Cia. Industrial São Paulo e Rio - CISPERS / Cia General de Minas (Group A. Byngton) / Brazilian Bauxite Co. Inc. & Southwestern Metals inc. / Cia. Meridional de Mineração (siderurgia americana) / Badcock & Wilcox Caldeiras S.A. (Grã-Bretanha) / Cia. Eletroquímica Pan Americana (Grupo Matarazzo) / Naegeli S.A. Ind. Químicas (Marietta do Brasil, Martin Marietta Co. e Comapa S.A. do grupo Naegeli). |

**APEC - Análise e Perspectiva Econômica**

**Membros** Constituição primeira. Direção Roberto Campos / Membros: Mário Henrique Simonsen, Octávio Gouveia Bulhões, J. Garrido Torres, Aldo B. Franco, Almirante A. Cruz Santos, Glycon de Paiva, Lucas Lopes (Presidente em 1964), F. Heller, A. Kafka, V.A. da Silva Filho, D. Nogueira, T. Onega, Edmar de Souza, Gabriel Ferreira Filho, A. Pessoa, J. O. Mello Flores, J. Batista Pinheiro, J. L. Bulhões Pedreira, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Sérgio Pinho Mellão. E membros do governo e da administração pública como: Raul Fontes Cotia (BNDE), Ernane Galvêas (BNDE), João Paulo dos Reis Velloso (EPEA), Iberê Gilson (Diretor da COSIPA e Vice-Presidente da RFF) e Mircea Buescu.

**ASSOCIAÇÕES DE CLASSES**

**FIESP**

|                                     |                   |   |
|-------------------------------------|-------------------|---|
| <b>Rafael Noschese</b>              | Presidente        | Empres de Mineração Esperança   |
| <b>José Ermínio de Moraes</b>       | 1 Vice-Presidente | Grupo Votorantim  |
| <b>Mário Toledo de Moraes</b>       | 2 Vice-Presidente | Cia. Melhoramentos de São Paulo Ind. de Papel / Cia. Universal de Fósforo British Match |
| <b>Lélio Toledo Pizza e Almeida</b> |                   | VEMAG S.A. Auto Unem Gmbh / Banco Novo Mundo  |
| <b>Edmundo Garcia Rossi</b>         |                   | Reila Refratários   |
| <b>Oscar Augusto de Camargo</b>     |                   | Duralex S.A. / Grupo Maluf  |
| <b>Jorge Duprat de Figueiredo</b>   |                   | Nadir Figueiredo Ind. E Com. S.A.   |
| <b>J. Soares do Amaral Netto</b>    | Secretário        | Centrais de Concreto do Brasil  |
| <b>Nelson de Godoy Pereira</b>      | Tesoureiro        | Cia. Força e Luz Santa Cruz   |
| <b>Daniel machado de campos</b>     |                   | Associação Comercial de São Paulo   |
| <b>Egon Félix Gottschalk</b>        |                   | S.A. Moinho Santista Ind. Gerais  |
| <b>Georges Schnyder</b>             |                   | Cia. Bras. De Construção Fichet & Schwartz-Hautmont                                     |
| <b>Gilberto Wack Bueno</b>          |                   | Sociedade Técnica de Materiais S.A. - SOTEMA  |
| <b>Joaquim Gabriel Penteadó</b>     |                   | Ind. E Com. Dako do Brasil S.A.   |
| <b>Luiz Rodovil Rossi</b>           |                   | Auto-Comércio e Indústria / ACIL Ltda.  |
| <b>Humberto Reis Costa</b>          |                   | Cia. Fiação Pedreira  |
| <b>César Augusto de</b>             |                   | Andersn Clayton Co. - ACCO  |

|   |  |
|---|--|
| <b>Cmargo Pinto</b>                           |  |
| <b>Peter Murany</b>                           | P. Murany Ind. E com. S.A.   |
| <b>Francisco de Paulo Machado de Campos</b>   | SANBRA / Bunge & Born / Banco Geral de Finanças  |
| <b>Mauro Lundberg Monteiro</b>                | Refinaria Nacional de Sal S.A.   |
| <b>Hernani Azevedo Silva</b>                  | Cia. Bras. De Estireno / Cia. Comercial Brasileira S.A. - Grupo Simonsen / Eletro Metalúrgica Abrasivos Salte S.A. / Carborundum Internacional |
| <b>Waldemar Clemente</b>                      | Walita S.A. Eletro Industrial  |
| <b>Francisco de Salles Vicente de Azevedo</b> | Porcelite S.A. Cerâmica Sanitária  |
| <b>Antônio Carlos Pacheco e Silva</b>         | Armações de Aço Probel S.A.  |
| <b>Luiz Antônio da Gama e Silva</b>           | Cia. prada Ind. E Com  |
| <b>Manoel da Costa Santos</b>                 | Arno. S.A.   |
| <b>Paulo Rreis Magalhães</b>                  | Cooperativa Central de Produtores de Açúcar e Álcool - COPERSUCAR  |
| <b>CIESP</b>                                  |  |
| <b>Rafael Noschese</b>                        | Presidente   |
| <b>A.C. Pacheco e Silva</b>                   | Conselho Diretor   |
| <b>Lucas Nogueira Garcez</b>                  | Conselho Diretor   |
| <b>Luiz Dumont Villares</b>                   | Conselho Diretor   |
| <b>Luiz Eulálio Bueno Vidigal</b>             | Conselho Diretor   |
| <b>Othon Alves Barcellos Correa</b>           | Conselho Diretor   |
| <b>Paulo Quartim Barbosa</b>                  | Conselho Diretor   |
| <b>Sebastião Paes de Almeida</b>              | Conselho Diretor   |
| <b>Gen. Edmundo de Macedo Soares e Silva</b>  | Diretoria  |
| <b>Luiz Antônio da Gama e Silva</b>           | Diretoria  |
| <b>Paulo N. Albright</b>                      | Diretoria  |
| <b>Paulo Ayres</b>                            | Diretoria  |

|  |  |   |
|--|--|---|
| <b>Salim Abdalla Ghamma</b>                            | Diretoria                              |   |
| <b>Humberto Reis Costa</b>                             | Presidentes Honorários                 |   |
| <b>José Erminio de Moraes</b>                          | Presidentes Honorários                 |   |
| <b>Rafael Noschese</b>                                 | Diretores Executivos                   |   |
| <b>José Erminio de Moraes</b>                          | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Manoel da Costa Santos</b>                          | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Lélio Toledo Pizza e Almeida Filho</b>              | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Oscar Augusto Camargo</b>                           | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Jorge de Souza Rezende</b>                          | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Jorge Duprat Figueiredo</b>                         | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Eduardo Garcia Rossi</b>                            | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Theobaldo de Nigris</b>                             | Diretores Executivos                   |   |
| <b>João Soares do Amaral Netto</b>                     | Diretores Executivos                   |   |
| <b>Federation of the American Chambers of Commerce</b> |  |   |
| <b>Paul Norton Albright</b>                            | Presidente 1964 / Vice-Presidente 1963 | Diretor do Comitê de Assuntos Econômicos / E.R. Squibb & Sons   |
| <b>Frank N. Aldrich</b>                                |  | First National Bank of Boston   |
| <b>Richard S. Aldrich</b>                              |  | Ind. Metal Forjaço S.A. / IBEC - Cia. Brasileira de Participações   |
| <b>G. David Monteiro</b>                               |  | McCann Erickson Publicidade   |
| <b>João Nogueira Lotufo</b>                            |  | Associação Cristã de Moços  |
| <b>João da Silva Monteiro</b>                          |  | COBAST / Light S.A.   |
| <b>Trajano Puppo Neto</b>                              |  | First National City Bank N.Y.   |
| <b>Fernando Edward Lee</b>                             |  | Cia. Química Duas Âncoras / S.A. Marvin-anaconda / Fios e Cabos Plásticos do Brasil - Anaconda Co. / Goodrich do Brasil |
| <b>David Augusto Monteiro</b>                          |  | Multi Propaganda Soc. Ltda.   |
| <b>Humberto Monteiro</b>                               |  | RCA Eletrônica Brasileira S.A. / CIBA S.A. Produtos Químicos  |
| <b>Fábio Garcia Bastos</b>                             |  | Liquid Carbonic Ind. S.A. / General Dynamics  |
| <b>Hélio Cássio Muniz</b>                              |  | American Marietta S.A. Tintas   |
| <b>J. Bastos Thompson</b>                              |  | Cia. Patiz de Inversores / Grupo Patiño   |
| <b>Herman Moraes Barros</b>                            |  | Banco Sul-Americano do Brasil S.A.  |
| <b>G.E. Strickland</b>                                 |  | USABRA S.A. Liquid Carbonic   |
| <b>Audley Gammon</b>                                   |  | Bank of America   |

|   |  |
|---|--|
| <b>Luiz Biolchini</b>                   | Banco Boavista   |
| <b>P.H.Weisskopf</b>                    | Pneus General  |
| <b>Paulo Barbosa</b>                    | Esso Brasileira de Petróleo S.A.                                       |
| <b>Vcente de Paula Ribeiro</b>          | Dominium S.A. / Cia, Patrimonial Serva Ribeiro                         |
| <b>Américo Oswaldo Campiglia</b>        | Fiação Brasileira de Rayon / Cimento Santa Rita                        |
| <b>Jorge Assumpção</b>                  | Tecelagem Assumpção  |
| <b>Luiz de França Ribeiro</b>           | Cia. Brasileira de Caldeiras e Equipamentos Pesados                    |
| <b>Manoel da Costa Santos</b>           | Arno S.A. Ind. E Com.  |
| <b>Wswaldo Trigueiro</b>                | Viação Aérea Riograndense - VARIG                                      |
| <b>Edward Francis Munn</b>              | First National Bank of Boston  |
| <b>A.O. Bastos</b>                      | Perfumes Dana do Brasil S.A.   |
| <b>Gustavo W. Borgoff</b>               | Joseph Lucas do Brasil   |
| <b>Guilherme J. Borgoff</b>             | Remma S.A.   |
| <b>Eledino da Fonseca Brancante</b>     |  |
| <b>Juan Clinton Llerena</b>             | Moore McCormack  |
| <b>Nelson Monteiro de Carvalho</b>      | Grupo Matarazzo  |
| <b>Henrique Bayma</b>                   | Cia. Brasileira de Rolamentos SKF - Suécia / Rupturita S.A. Explosivos |
| <b>Odilon Egydio do Amaral Souza</b>    | São Paulo Alpagartas   |
| <b>Aldo Campos</b>                      | Mobil Oil do Brasil  |
| <b>Carlos Augusto Botelho Junqueira</b> | Procun Engenharia Ind. E Com. Ltda.                                    |
| <b>Júlio C. B. de Queiroz</b>           | Procun Engenharia Ind. E Com. Ltda.                                    |
| <b>Lucien Marc Moser</b>                | CIBA S.A. Produtos Químicos / Swiss Bank Corpotarion                   |
| <b>Luís Alberto Penteadó</b>            | Esso Brasileira de Petróleo S.A.                                       |
| <b>Fernando Alencar Pinto</b>           | F.A. Pinto S.A. Importação e Exportação / Westinghouse Electric Int.   |
| <b>Geraldo Danneman</b>                 | Banco da Bahia S.A. / Cia. Telefônica da Bahia S.A.                    |
| <b>Fernando Mbielli de Carvalho</b>     | Cia. Gas Esso-Standard Oil   |

|   |  |
|---|--|
| <b>Mário Antunes Azevedo</b>  | AMF do Brasil S.A. Máquinas Automáticas  |
| <b>Willian Monteiro de Barros</b>   | Cia. Federal de Fundação / Parsons & Whittemore  |
| <b>Borge Lundgren</b>   | Bates do Brasil S.A.   |
| <b>CONCLAP – Conselho das Classes Produtoras</b>  |  |
| <b>APOIO TRANSNACIONAL</b>  |  |
| Segundo relato de Edward Korry, apud Dreifuss, p. 120, o presidente americano John Kennedy persuadiu David Rockefeller a organizar um grupo de empresas para uma cruzada anti-Castro formando o Business Group for Latin América. Esse complexo era formado por mais de 224 empresa que representavam cerca de 85% dos investimentos americanos na América Latina |  |
| <b>Grupos</b>   | American Economic Foundation – AEF / Committee of Enterprises for the Implementation of the Alliance for Progress / Latin American Information Committee – LAIC / Business Group for Latin América – BGLA / Committee for Economic Development – CED / Foundation for Economic Education. O LAIC, CED e o BGLA se se fundiram entre 1964 e 1965 sob o nome de Council of the Américas – CLA-Council for Latin América, sob a presidência de David Rockefeller. Organizador a ADELA – Atlantic Community Development Group for Latin America.   |
| <b>GRUPOS DE AÇÃO</b>   |  |
| <b>GRUPOS</b>   |  |
| <b>IBAD</b>   | O grupo inicial constituiu-se do ex-integralista Mar. Inácio de Freitas Rolin (instrutor da ESG), empresário Jorge Behring de Mattos (Presidente da CONCLAP), empresário Alberto Byngton Jr. (Presidente da CONCLAP em 1963), empresário G. Borghoff (Associação Comercial do Rio de Janeiro e Federation of the American Chambers of Commerce) e Ivan Hasslocher, integralista, diretor geral do IBAD.  |
| <b>(ADP) / (ADEP) - Organizados e criados pelo IBAD</b>   | Líder Nacional: João Mendes / Colegiado Nacional: Ivan Hasslocher / Antônio Silveira Leopoldino (ADEP Minas e auxiliar do Gab. de Jânio Quadros) / Gal. João Gentil Barbatto / Vicente Barreto (Cad. Brasileiros) / Raimundo Padilha (UDN Rio) / Gal. Edmundo Macedo Soares / Mário Castorino de Brito / Hélcio José Dmingues França.  |
| <b>Ativistas do Complexo</b>  | Padre Leopoldo Brentano (organizador dos círculos operários e das marchas religiosas de 1964) / Senador Pe. Calazans (UDN-SP) / Pe. Veloso / Fábio Alves Ribeiro / Fractuoso Osório Filho / Carlos Lavinio Reis - Promotiion S.A. / Adeido Coutinho Beltrão / Luiz Carlos Mancini (sociólogo) / Gabriel Chaves de Mello (Marquis - publicação de direita) / Gladstone Chaves de Mello (deputado pelo PDC e diretor do Centro Dom Vidal - Ig. Católica) / Dênio Nogueira (economista) / Floriano da Silveira Maciel (sindicalista) / Fernando Mbielli de Carvalho (empresário) / José Cândido Moreira de Souza / Peter Murany (secretário da ADEP-SP) / Nilo Bernardes (secretário da ADEP-SP) / Yukishigue Tamura / Hamilton Prado (Cia Antártica Cervejaria) / Arruda Castanho / Angelo Zanini / Fúlvio Gentil / Wanderbilt de Barros / J. Irineu Cabral (Federação Rural Brasileira) / Arthur Oscar Junqueira (Pres. Caixa Econômica Federal da Guanabara) / José Arthur Rios (sociólogo, professor da PUC e Sociedade de Pesquisa e Planejamento) / Eudes de Souza Leão (SANABRA, ADESG e ESG) / Armando Fillardi / Cláudio Hasslocher (gerente da Promotion-SP) / Herculanio Carneiro (advogado) / Edgard Teixeira Leite (Escritório Técnico Agrícola) / Eugênio Gudín / Gal. Menezes Cortes (líder da UDN Câmara dos Deputados) |
| <b>ATA DA ALIANÇA</b>   | Empresas: Grace Line / Cartepillar Tractor Co. / Godfrey L. Cabot / The Anaconda Co. / Standard Oil / Marshal Erdman / Koppers Co. / University of North Carolina / Sears, Roebuck & Co. / Willis Motors / Aluminium Co. / Ford Motors Co. / James C. Morelland & Son Co. / Johns-Manville International / Intern. Minerales & Chemical Corporation / Food Machinery / General Foods Cord. / Whirlpool Corp / World Airways / American Machine / The First Boston Corp / First National City Bank N.Y.   |

Fontes: René Armand Dreifuss / Atas das Reuniões do IPÊS (1962/1964)

Anexo B

Carta de Luiz Cássio dos Santos Werneck a Jean Manzon Films (1961)

MANOEL M. DE FIGUEIREDO FERRAZ  
JOÃO NEGRINI  
LUIZ CASSIO DOS SANTOS WERNECK  
LUIZ FERRAZ DO AMARAL  
ADVOGADOS  
RUA 3 DE DEZEMBRO, 21 - 1.º ANDAR  
SALAS 21 - 22 E 23 - TEL. 24-014 - 24-028

São Paulo, 14 de dezembro de 1961

À  
Jean Manson Films S/A  
Rua 24 de Maio nº 104 - 9ª andar  
Em mãos

Presados Senhores:

Complementando os entendimentos verbais que tive a oportunidade de manter com VV.SS., é a presente para solicitar um urgente pronunciamento dessa Organização a respeito da possibilidade de efetuarem a confecção de filmes de caráter documentário e que obedecerão as seguintes séries:

- I - HISTÓRICA - Filmes que versarão sobre as origens, formação étnica e geográfica dos seguintes povos e países: Hungria, Polónia, Rumania, Estonia, Letonia, Lituania, Alemanha, Tchecoslováquia, Yugoslavia, Finlândia, Albania, Ucrania, Mongólia, Coreia, Georgia e Tibet. Numa fase posterior, essa organização deveria estar preparada, outrossim, para apresentar filmes do mesmo genero sobre as Ilhas Kurilas e de Sacalina, bem assim sobre Tannu Tuva, Vietnam, Laos, Cuba e Russia.
  
- II - DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS - Os filmes desta série versarão sobre os grandes descobrimentos a partir do Século XVII e a formação dos Impérios Britânico, Francês, Português e Espanhol. Dentro da mesma série seriam focalizados os movimentos armados que representaram as conquistas de Nações já formadas, independentes

Fig. 64

independentes e plenamente desenvolvidas, objetivando-se, mais precisamente, o Império Napoleônico, o Império Austro-Húngaro, o Império Prussiano e o Império Russo.

III - SOCIAL POSITIVA - Filme sobre as realizações já alcançadas pelo Brasil nos mais variados setores de desenvolvimento social e de aumento da produção, quer em obras públicas como, especialmente, no setor da iniciativa privada.

IV - SOCIAL NEGATIVA - Filmes abordando os aspectos negativos da organização brasileira, especialmente no setor da Marinha Mercante, no setor Ferroviário e Portuário, no que diz respeito as Autarquias, Institutos de Previdência Social e Sindicatos.

A orientação para os filmes acima é a seguinte: na parte história a que se referem os dois primeiros itens deverá ser estabelecida a diferença existente entre os regimens de - força que dominam os Países lá assinalados e o Brasil, com relação - ao seu regime e sistema de vida. A destacar em taes filmes: pressão policial e militar, ausência de liberdade, derrocada dos símbolos nacionais (emblemas, escudos, bandeiras e hinos nacionais), domínio total por parte de uma minoria organizada, submissão ao Poder Estrangeiro, negação dos direitos de greve e quaisquer outros direitos públicos e civis, ausência de vida democrática, imposição de um só Partido, farça eleitoral e impossibilidade de comunicação normal com outros povos. Este o aspecto negativo a ser focalizado em taes Países. De outro lado, deve ser estabelecido o confronto entre a vida anterior dos mesmos povos, o seu apogeu e a sua presença no enário mundial como Nações livres e independentes.

Fig. 65

MANOEL M. DE FIGUEIREDO FERRAZ  
JOÃO NEGRINI  
LUIZ CASSIO DOS SANTOS WERNECK  
LUIZ FERRAZ DO AMARAL  
ADVOGADOS

RUA 3 DE DEZEMBRO, 42 - 2.º ANDAR  
SALAS 21 - 22 E 23 - TELAS. 32-4214 - 32-8238

Na parte destinada a apreciação dos descobrimentos e conquistas deve ser ressaltado o aspecto benéfico da primeira fase na qual os descobridores levaram à Países desconhecidos, selavagens todos e de antropofagos alguns os benefícios da civilização, o progresso, enfim. Na segunda fase, o espírito de expansão dos povos através das grandes conquistas militares deverá ser apreciado sobre dois prismas diversos: primeiramente, os resultados dos primeiros movimentos assinalados, no que êles tiveram de positivo com relação às artes, à educação, o desenvolvimento, à cultura, salientando-se, também, os seus aspectos negativos. Com realce especial deverá ser considerada a expansão Russa, demonstrando-se a nenhuma diferença entre o espírito de domínio daquele País, quer na fase Tzarista, quer na fase atual, salientando-se o fato de um povo de raça branca, eslava, dominar territorial e politicamente, de forma nacional, povos de raças e característicos completamente diversos: mongóis, tártaros, persas, kurdos, etc.

Na terceira série de filmes é de ser destacada a progressão do povo brasileiro no sentido de obtenção de melhor nível de vida, exemplificando-se com o que já foi conquistado no terreno da casa própria, da propriedade em geral, na escala dos melhores e cada vez maiores salários que ora se concedem aos operários especializados e na possibilidade que têm, todos, de continuarem melhorando e subindo na escala social dentro da mais ampla liberdade, da democracia, enfim.

Na última série, finalmente, o objetivo a alcançar é o de demonstrar o descalabro reinante em tais setores e que resulta, simplesmente, da péssima administração dos dinheiros, públicos, da demagogia, dos interesses eleitoreiros. No que se refere à Marinha Mercante, o problema insolúvel que é representado pelas leis vigentes e que fazem com que os salários pagos constituam uma verdadeira aberração, fator de inflação e de injustiça social entre os próprios trabalhadores. Outros pontos: o risco de vida que é

Fig. 66

MANOEL M. DE FIGUEIREDO FERRAZ  
JOÃO NEGRINI  
LUIZ CASSIO DOS SANTOS WERNECK  
LUIZ FERRAZ DO AMARAL  
ADVOGADOS  
RUA 1 DE DEZEMBRO, 45 - 3.º ANDAR  
SALAS 21 - 22 E 23 - TEL. 30-2014 - 30-2022

atribuído a quem escolheu, de vontade própria, o tipo determinado de vida no mar; o excesso clamoroso de tripulantes nos barcos nacionais em confronto com barcos iguais de países estrangeiros. Salientar e - provar que um marinheiro de petroleiro (cozinheiro de bordo), recebe como salário, duzentos mil cruzeiros mensais! No setor ferroviário e nas autarquias e Institutos, o aspecto das nomeações que só servem - para onerar essas instituições e a entrega delas a políticos corrup- tos que as devastam, tudo isso, com base nos fatos já comprovados e de domínio público. No que se refere ao setor portuário, a mesma dis- paridade que se encontra no setor da Marinha Mercante e, finalmente, deve ser demonstrada a influência que tais acontecimentos exercem co- mo fator de encarecimento de vida, alterando para mais os preços dos generos de primeira necessidade. A focalizar, ainda, como aspectos - negativos, a indústria da seca no Nordeste.

A ideia principal é desenvolver o civis- mo, a noção de Pátria, de obrigação social, de respeito e de dedica- ção ao País. De independência com relação a terceiros e de intransi- gente defêsa da Nação. Demonstrar que, o Patriotismo nada tem a ver - com o nacionalismo existente e que o Brasil somente poderá prosseguir em seu caminho de progresso e ascensão, dentro da liberdade, da demo- cracia, do respeito aos direitos alheios.

Estas as ideias básicas que VV.SS. po- derão desenvolver com mais propriedade, apresentando-nos um esboço do programa que poderá ser traçado para execução imediata. O orçamen- to que nos deverá ser apresentado deve ser considerado em termos de distribuição completa para todo o Brasil, abrangendo todos os circui- tos de distribuição cinematográfica e de televisão. Ao mesmo tempo, - desejamos obter uma garantia de exibição imediata dos filmes das úl- timas séries e que não dependem de montagem tendo em vista que VV. - SS. já possuem, em seus arquivos, todos os elementos necessários.

Certo de que a matéria está bem escla- recida e na expectativa de uma sua resposta, apresentando as minhas melhores saudações, subscrevo-me,

cordialmente



SW/mg

Fig. 67

Fonte: Fundo IPÊS. Arquivo Nacional.

Anexo C

Contabilidade / Mapeamento das realizações dos filmes do IPÊS Guanabara  
(1962/1963)

Tabela 02

| Data   | Pago               | Descrição  | Valor (Cr\$) | Rubrica                 |
|--------|--------------------|--|--------------|-------------------------|
| 1962   |                    |  |              |                         |
| 6/fev  | Jorge Xavier       | Despesas com produção de um filme de propaganda              | 4.050        | Desp. Propaganda        |
| 27/abr | Denison Propaganda | Pela Eaboração de Tablóide e filme de Propaganda             | 420.000      | Desp. Propaganda        |
| 12/jul | Denison Propaganda | Confecção de Filme de Propaganda                             | 93.420       | Bancos c/ Mov. Folhetos |
| 18/jul | Denison Propaganda | Parte de Fatura por publicidade autorizada                   | 170.880      | Publicidades            |
| 19/set | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 26/set | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 9/out  | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 11/out | Pe. Ponciano Dutra | Serviços prestados por exibição de filmes em bairros         | 36.000       | Serv. Terceiros         |
| 16/out | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 23/out | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 30/out | Nelson A. Carvalho | Aparelho projetor 16mm Bell and Howell - 50%                 | 140.000      | Móveis e Utensílios     |
| 31/out | Nelson A. Carvalho | Despesas com Condução e Hospedagem por serviços ao Instituto | 63.000       | Desp. Viagens           |
| 31/out | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 6/nov  | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 12/nov | Nelson A. Carvalho | Despesas com Viagens no Interior do Estado do Rio de Janeiro | 39.000       | Desp. Viagens           |
| 13/nov | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 14/nov | Pe. Pedro Veloso   | Exibição de filmes de propaganda                             | 60.000       | Desp. Propaganda        |
| 21/nov | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 27/nov | Nelson A. Carvalho | Aparelho projetor 16mm Bell and Howell - 50%                 | 140.000      | Móveis e Utensílios     |
| 28/nov | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 4/dez  | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 10/dez | Pe. Veloso         | Exibição de filmes de propaganda                             | 60.000       | Serv. Terceiros         |
| 11/dez | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 18/dez | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 28/dez | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |
| 1963   |                    |  |              |                         |
| 3/jan  | Cid Homero Aguiar  | Aluguel de um filme educativo                                | 2.500        | Mat. Propaganda         |

|        |                         |  |         |                     |
|--------|-------------------------|--|---------|---------------------|
| 9/jan  | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagem de interesse do Instituto                            | 40.000  | Desp. Viagem        |
| 22/jan | Nelson A. Carvalho      | Despesas com vaigem no interior do Estado do Rio de Janeiro              | 45.000  | Desp. Viagem        |
| 22/fev | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagem no interior do Estado do Rio de Janeiro              | 53.000  | Desp. Viagem        |
| 28/fev | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagem a nosso serviço                                      | 47.000  | Desp. Viagem        |
| 5/mar  | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagem no Estado do Rio de Janeiro e São Paulo              | 100.000 | Desp. Viagem        |
| 14/mar | Pe. Veloso              | Exibição de Filmes Educativos  | 60.900  | Prog. Educativo     |
| 29/mar | Cid Homero Aguiar       | Aluguel de um filme educativo (Reclassificação Contábil)                 | 2.500   | Mat. Propaganda     |
| 29/mar | Enio Mais               | Conserto do aparelho de filmar   | 1.200   | Desp. Diversas      |
| 1/abr  | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagens no interior do Estado do Rio de Janeiro e São Paulo | 70.000  | Desp. Viagem        |
| 9/abr  | Silvio Santa Cruz       | Serviços de Exibição de filmes em Bairros Proletários                    | 51.712  | Prog. Educativo     |
| 19/abr | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagem no interior do Estado do Rio de Janeiro              | 30.000  | Desp. Viagem        |
| 30/abr | Magnus Produções        | Programa de televisão sobre o plebiscito                                 | 400.000 | Prog. Educativo     |
| 3/mai  | Nelson A. Carvalho      | Despesas com viagem no interior do Estado do Rio de Janeiro              | 50.000  | Desp. Viagem        |
| 7/jun  | Denison Propaganda      | Pago por publicidade autorizada  | 800.000 | Publicidades        |
| 7/jun  | Filme Virgem 16mm       | Filme para a máquina de filmar   | 2.005   | Prog. Educativo     |
| 7/jun  | Silvio Santa Cruz       | Serviços de Exibição de Filmes educacionais                              | 107.120 | Prog. Educativo     |
| 11/jun | Persin Perrin Produções | Produção de um filme educacional - 50%                                   | 420.000 | Prog. Educativo     |
| 27/jun | José Rubem Fonseca      | Cabine do Santa Cruz p/ viagem de JRF                                    | 6.200   | Desp. Viagem        |
| 27/jun | Pancrácio Dutra         | Despesas com exibição de filmes educativos                               | 69.018  | Prog. Educativo     |
| 3/jul  | Correa Souza Filmes     | Instalação de uma tela para projeção                                     | 15.000  | Prog. Educativo     |
| 4/jul  | Rio Publicidade Ltda.   | Publicidade autorizada   | 200.000 | Publicidades        |
| 8/jul  | Técnica Murray Ltda.    | Divisão em aço para sala de projeção                                     | 25.000  | Móveis e Utensílios |
| 31/jul | Técnica Murray Ltda.    | Divisão para sala n.º 2734   | 30.800  | Móveis e Utensílios |
| 5/ago  | Persin Perrin Produções | Saldo de um filme encomendado  | 420.000 | Prog. Educativo     |
| 4/set  | Técnica Murray Ltda.    | Divisão em aço para Grupo Educação Seletiva                              | 30.840  | Móveis e Utensílios |
| 19/set | Helio Barroso Netto     | Gravação de um filme educativo   | 25.000  | Prog. Educativo     |
| 23/set | Cid Moreira             | Locução de um dos filmes realizados                                      | 10.000  | Prog. Educativo     |
| 9/out  | Helio Barroso Neto      | Gravação do filme "O IPÊS precisa de voce"                               | 25.000  | Serv. Técnicos      |

Fonte: Fundo IPÊS. Arquivo Nacional.

Anexo D

Carta de Luiz Cássio dos Santos Werneck aos contribuintes do IPÊS (1962)

São Paulo, 21 de Julho de 1962.

Prezado Contribuinte:

Iniciamos hoje, com a apresentação deste relatório, uma prestação de contas que passamos a fazer aos nossos amigos, afim de mantê-los perfeitamente a par - na medida do possível - das nossas atividades e do seu custo.

Neste momento, a melhor notícia é a de que já temos, prontos, os 7 (sete) primeiros filmes documentários elaborados por Jean Manson Films Ltda. e que abordam os seguintes temas:

- 1) Apresentação do IPES, seus princípios, seus propósitos e seus fundamentos;
- 2) A crise das ferrovias nacionais e o problema de estatismo;
- 3) A educação pelo voto, no sentido de melhorar o nível dos representantes do povo;
- 4) O problema do Nordeste e o papel que poderá ser desempenhado pela livre empresa;
- 5) O que o país espera da UNE;
- 6) A situação dos portos brasileiros;
- 7) Os problemas e o deficit da Marinha Mercante;
- 8) A real situação dos marítimos, dos portuários, dos estivadores.

Por outro lado, estabelecemos, também, um contrato experimental com Produções Carlos Niemeyer Ltda. para o mesmo fim. Esta firma está filmando, no momento, um documentário sobre a Força Aérea Brasileira e é nossa intenção encarregá-la de mais dois filmes, um sobre a Marinha e outro, sobre o Exército. Os preços são idênticos.

Fig. 68

Como se verifica, os assuntos são atuais e de grande relevância. Cada um dos filmes custou ao IPES a importância de Cr\$1.700.000,00 e, de cada um deles, estão sendo tiradas 20 (vinte) cópias, ao preço de Cr\$18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) cada uma para distribuição em todas as redes distribuidoras do país. Além dessas cópias, mais 23 (vinte e três) serão tiradas de cada filme para projeção em todas as emissoras nacionais de televisão. Cada uma dessas cópias nos custará a soma de Cr\$12.000,00 (doze mil cruzeiros).

Assim, como resultado, verifica-se que já em pregamos na fase inicial do programa de filmes os seguintes valores:

|                     |                          |
|---------------------|--------------------------|
| 9 Filmes            | Cr\$15.300.000,00        |
| 180 Cópias de 35m/m | Cr\$ 3.240.000,00        |
| 207 Cópias de 16m/m | <u>Cr\$ 2.484.000,00</u> |
| T O T A L           | Cr\$21.024.000,00        |

Trata-se de um custo elevado de produção. Entretanto, os resultados deverão ser altamente compensadores se considerarmos a penetração das mensagens que serão acessíveis a todas as camadas da população brasileira, atingindo, inclusive e especialmente, a grande massa de analfabetos e aquela que não lê jornais.

Quanto à parte técnica, não deixa ela possibilidades de reparos uma vez que as firmas contratadas não deixam margem a quaisquer críticas.

No que se refere aos assuntos em si, contamos com a preciosa colaboração do Eng. Rubens Rodrigues dos Santos, jornalista e estudioso dos problemas nacionais que, colocando-se a disposição do IPES, trouxe-nos os roteiros e forneceu-nos os elementos necessários.

A partir do momento em que os filmes sejam lançados, estarão à disposição dos senhores contribuintes algumas cópias para projeções particulares em suas fábricas e es-

Fig. 69

critérios. Pedimos aos interessados que se comuniquem com a nossa Secretaria afim de acertarmos os detalhes de projeção, encarecendo a necessidade de tais sessões privadas atingirem o máximo de audiência possível.

Finalizando, comunicamos que é nossa intenção passar a promover reuniões semanais com grupos de 20 a 30 pessoas para o fim de expôr aos nossos contribuintes outros assuntos que, dada a sua relevância, somente poderão ser tratados pessoalmente.

Nessas oportunidades, serão dados a conhecer alguns detalhes de inúmeros trabalhos já realizados e que não puderam - dado o seu caráter - ser divulgados.

Agradecemos, mais uma vez, a sua colaboração que nos tem permitido - somente ela - desenvolver as nossas atividades.

E subscrevemo-nos, com tôda a consideração.

Cordialmente

Luis Cassio dos Santos Werneck  
Secretário-Geral

Fig. 70

Fonte: Fundo IPÊS. Arquivo Nacional.

## Anexo E

Síntese das reuniões do IPÊS Guanabara e São Paulo (1962/1964)

Tabela 03

| TIPO  |      |  |  |
|---|------|--|--|
| x Assunto: Cinema +++ G = Comissão Diretora e Comitê Executivo / CE = Comitê Executivo / CD = Comissão Diretora |      |  |  |
| REUNIÕES COMISSÃO DIRETORA (62-64)  |      |  |  |
| Data  | Foro | Presentes  | Assunto  |
| 1962  |      |  |  |
| 5/2   | RJ   | Jorge Bhering de Mattos / Glycon de Paiva / José Luiz Moreira de Souza / Antônio Galotti / Gilbert Hubert /  | § As próximas etapas da expansão devem ser: Recife, Fortaleza, Salvador, P. Alegre, Curitiba e Belo Horizonte § Galotti = <b>Proposta dos banqueiros: Recolhimento por intermédio do Sindicato dos Bancos.</b> Parece que desejam disfarçar as doações ao IPÊS. Se possível atender. - Somente através da Associação de Banqueiros, pois os sindicatos não aceitarão. § Glycon = <b>Equação letal: IPÊS - MAC</b> (Movimento Anti-Comunista) (...) Galotti = Põe em discussão assunto sério a propósito do MAC: "Todo membro do IPÊS, acusado de pertencer ao MAC deve defender-se. Mas na defesa, nem positiva, nem negativamente, deve fazer a menor referência ao IPÊS" § Garrido Torres = <b>Já temos um Coordenador em Brasília:</b> Prof. Melo Flores. § <b>Grupo de Brasília = Gilberto Hubert = (...) Manterá um escritório em Brasília,</b> com assessor, para presença. A verba é de 1 milhão de cruzeiros. <b>O escritório é junto ao da Fed. das Industrias de São Paulo.</b> M. Flores fará relatório, à sua cehgada. O escritório está sendo montado.  |
| 12/2  | RJ   | x<br>Glycon de Paiva / Harold Polland / Gilberto Hubert / Antônio Carlos / José Luiz Moreira de Souza / Tavares / I. Klabin / Ney P. Valle (convocado) / José Rubem Fonseca / Jorge Bhering de Mattos                | § Agenda 1 - <b>Filme sobre o IPÊS</b> (...) § Polland = Viagem de 4 representantes, Gilbert Hubert, Garrido Torres, Harold Polland e ... a <b>Nassau.</b> Vasto temario: Planejamento, Mercado C.L.Americano, Empresas privadas, Combate ao comunismo, etc. Movimento parecido ao do Brasil, visando o combate ao comunismo. Nas conclusões, ao final da conferência, o Brasil ficou isolado, juntamente com a Venezuela (etc) (...) § <b>Glycon = Devemos fazer um filme sobre a "Mater et Magistra".</b> A "1. p/ o Progresso" ainda merece mais, pois prega a transformação e não a conlonização. por isso não deve ser sabotada por uma espécie de conspiração do silêncio. § Polland = Outros países têm instituições semelhantes ao IPÊS. E está provado que um só organismo não é o bastante. O IPÊS DEVE ADOPTAR UMA POSIÇÃO DE COMPLETA INATACABILIDADE. Dou ex. <b>Um levantamento do Cais do Porto.</b> O IPÊS jamais deve aparecer diretamente em tal assunto ou semelhante. <b>Agirá nos bastidores.</b> (...) Dentro do IPÊS estão homens de empresa. |
| 19/2  | RJ   | Glycon da Silva / Miguel Lins / Dario de Almeida Magalhães / Gilbert Hubert / José Luiz Moreira de Souza / Harold Cecil Polland / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera  | Não abordou o tema filmes  |
| 26/2  | RJ   | Sem dados  | Sem dados  |
| 27/2  | RJ   | Sem dados  | Sem dados  |
| 21/3  | RJ   | Cândido Guinle de Paula Machado / Antônio Gallotti / Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares / José Luiz Moreira de Souza / Miguel Lins / Guilherme Júlio Borghoff / Harold Polland | Não houve sessão   |
| 27/3  | RJ   | Anônio Gallotti / Candido Guinle Paula Machado / Jose Rubem Fonseca / OT / Gilberto Hubert / Antônio Carlos Osório / José Luiz Moreira Souza / RGA / Miguel Lins   | § <b>Contribuições de empresas estrangeiras - sem recibo, via PUC, Light, VW, General Motors, Brahma, Bancos (via Sindicato) ... - Gordon</b>  |

|      |    |   |  |
|------|----|---|--|
| 3/4  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Harold Polland / Gilberto Hubert / Cândido Guinle de Paula Machado / Guilherme Borgoff / Oswaldo Tavares / LCMS  | Não abordou o tema filmes  |
| 10/4 | RJ | Cândido Guinle de Paula Machado / A. Antunes / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares / Ruy G. Almeida / José Luiz Moreira de Souza / Miguel Lins / Guilherme Borfogg   | Não abordou o tema filmes  |
| 11/5 | RJ | x Cândido Guinle de Paula Machado / Gilberto Hubert / Jorge Oliveira de Melo Flores / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares Ferreira / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Ney P. do Valle / Garrido Torres                          | <b>Oswaldo Tavares Ferreira = Reuniões com empresários.</b> Explica seu trabalho, junto com empresários, visando <b>adestrá-los</b> e transmitir uma correta imagem do IPÊS, etc. <b>Filme.</b> Integração do empresário com o IPÊS. § Oswaldo Tavares Ferreira = (...) queremos chegar a 10 milhões mensais. § José Rubem Fonseca = Elogiou o trabalho de Oswaldo Tavares Ferreira. § Glycon de Paiva = Considera a campanha de Oswaldo Tavares Ferreira fantástica.  |
| 20/5 | RJ | Gilberto Hubert / Harold Polland / Jorge Oliveira de Melo Flores / José Rubem Fonseca / José Luiz Moreira de Souza / Oswaldo Tavares Ferreira   | Gibert Hubert = Fala sobre programa de TV. (...) Lembra-se da Denison Propaganda. Idéia Básica: presença do IPÊS na opinião pública. (Idéia é de um programa por semana até a eleição. Faltariam 14 semanas até ela. A premissa era abordar diversos temas: "Fortalecer o sentimento democrático da população para que cheguemos às eleições em paz". Gilberto Hubert se encarregou de conseguir a lista com quatorze a vinte nomes para o referido programa. Nomes elencados: Carvalho Pinto - Carlos Lacerda - Juracy Magalhães - Men de Sá - Michaelsen - Daniel Faraco - Loureiro da Silva - Lobo Coêlho - Raul Pila - Milton Campos - Gilberto Freire - Raquel de Queirós - Guilherme Borghoff - Lélío Toledo Pizza - Miguel Vita (Frotelli Vita) - Otávio Marcondes Ferraz - Clemente Mariani - Deputado João Mendes - Reitor da Univ. de São Paulo - Dom Helder Câmara - Dom Vicente Scherer - Dom Fernando (Goiás) - Dom José Tavor - Padre Ávila - Camilo - Fernando Sabino - Hélio Beltrão - Álvaro Americano - Otávio Bulhões - Edgard Teixeira Leite - Júlio Mesquita Filho - Frederico Heller - Ruben Berta (...) |
| 29/5 | RJ | Gilberto Hubert / Harold Polland / Jorge Oliveira de Melo Flores / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares Ferreira / Ney P. do Vale / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera   | Não houve sessão   |
| 5/6  | RJ | Augusto T. A. Antunes / Glycon de Paiva / José Luiz Moreira de Souza / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares / Miguel Lins / Harold Polland / Cândido Guinle de Paula Machado / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / Glycon de Paiva           | Era pra ser decidido assunto sobre programa de TV segundo agenda.  |
| 12/6 | RJ | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / Harold Polland / Cândido Guinle de Paula Machado / Antônio Carlos Amaral Osório /   | (O Grupo de Opinião Pública trabalha no programa de tv que deve durar 14 semanas)  |
| 19/6 | RJ | Glycon de Paiva / José Luiz Moreira Souza / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Cândido Guinle de Paula Machado / Harold Polland / Dario de Almeida Magalhães / Antônio Carlos Amaral Osório | Não abordou o tema filmes  |

|      |    |   |  |
|------|----|---|--|
| 3/7  | RJ | Gilberto Hubert / Glycon de Paiva / Harold Polland / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira / José Luiz Moreira Souza / Cândido Guinle de Paula Machado                        | Trataram dos programas de TV   |
| 10/7 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Antônio Carlos Osório / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / José Luiz Moreira Souza   | Aborda concurso de monografias sobre problemas brasileiros   |
| 17/7 | RJ | Harold Polland / Cândido Guinle de Paula Machado / José Rubem Fonseca / José Luiz Moreira Souza / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / A. Gallotti   | Discutida a relação dos editais para concurso de monografias.  |
| 24/7 | RJ | DAN / Glycon de Paiva / Oswaldo Tavares Ferreira / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland / José Luiz Moreira Souza  | Não abordou o tema filmes  |
| 31/7 | RJ | Antunes / DAN / Glycon de Paiva / José Luiz Moreira Souza / Harold Polland / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira  | Não abordou o tema filmes  |
| 7/8  | RJ | x Glycon de Paiva / Harold Polland / Cândido Guinle de Paula Machado / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / OTF / José Luiz Moreira Souza  | <b>Glycon = Telefonema de São Paulo: 6 filmes preparados por São Paulo estão prontos. Assistir amanhã no 'studio' de Jean Manzon. Hora a ser marcada por Jean Manzon. A melhor hora seria 18 horas. Falar também com Jorge Bhering de Mattos para saber se há semelhança com filmes da Conclap.</b>  |
| 14/8 | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Cândido Guinle de Paula Machado / Oswaldo Tavares Ferreira / José Luiz Moreira Souza / Harold Poland                         | Não abordou o tema filmes  |
| 21/8 | RJ | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / Harold Polland / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira / Hélio Gomide / José Luiz Moreira Souza                         | Não abordou o tema filmes  |
| 28/8 | RJ | x Harold Polland / José Rubem Fonseca / Guilherme Borgoff / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Glycon de Paiva / Oswaldo Tavares Ferreira  | Glycon = Faz perguntas sobre <b>cópias de filmes. Quantas existem no Brasil.</b> (...) - Meu = <b>Oswaldo Tavares Ferreira</b> fica encarregado de <b>arranjar o cinema. Os filmes estão nas mãos de Luiz Severiano Ribeiro.</b> § Oswaldo Tavares Ferreira = Fala sobre <b>cinema ambulante</b> , de sua idéia, <b>pelos bairros.</b> Fala sobre o dinheiro necessário. Pretende-se que a <b>Mesbla</b> dê o aparelho Bell & Hower. |
| 4/9  | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / Guilherme Borgoff / Gilberto Hubert / Oswaldo Tavares Ferreira / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Antônio Carlos Osório / José Luiz Moreira Souza / H. Antunes | Não abordou o tema filmes  |

|       |    |  |   |
|-------|----|--|---|
| 11/9  | RJ | Harold Polland / Cândido Guinle de Paula Machado / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca   | Não houve sessão  |
| 18/9  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Harold Poland / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Não houve sessão  |
| 25/9  | RJ | Glycon de Paiva / Cândido Guinle de Paula Machado / Heitor Herrera / Antônio Carlos Amaral Osório / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland / Gilberto Hubert / José Luiz Moreira Souza  | Não houve sessão  |
| 2/10  | RJ | Harold Poland / Oswaldo Tavares Ferreira / AAT / Giberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / Heitor herrera  | Não abordou o tema filmes   |
| 9/10  | RJ | Jorge Oliveira de Melo Flores / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Antônio Carlos Amaral Osório   | Não houve sessão  |
| 23/10 | RJ | Harold Polland / Heitor Herrera / Glycon de Paiva / Cândido Guinle de Paula Machado / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva   | Não abordou o tema filmes   |
| 30/10 | RJ | Harold Polland / Cândido Guinle de Paula Machado / Jorge Oliveira de Melo Flores / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira  | Não houve sessão  |
| 6/11  | RJ | Harold Cecil Polland / Gilbert Hubert / Oswaldo Tavares Ferreira / Antônio Carlos Amaral Osório / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva  | Não abordou o tema filmes   |
| 13/11 | RJ | José Oscar de Melo Flores / Gilbert Hubert / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Harold Cecil Polland  | Não abordou o tema filmes   |
| 23/11 | RJ | Harold Cecil Polland / Heitor Herrera / Glycon de Paiva / Cândido Guinle de Paula Machado / Gilberto Hubert / CGS  |   |
| 27/11 | RJ | Harold Cecil Polland / Glycon de Paiva / H. Comide / Jd. Goulart / Heitor Herrera / Joaquim Carneiro / M. Villela / J. Geyer / Oswaldo Tavares Ferreira / Gilberto Hubert / Cândido Guinle de Paula Machado / Golbery do Couto e Silva / José Rubem Fonseca / Nelson Parente Ribeiro / Abelardo Coimbra Bueno / Eurico Castanheira / Oscar de Oliveira | Harold Polland = Explica o cado da <b>Assessoria de Brasília</b> (...) Explica o trablaho da rádio e TV antes das eleições. § H. Comide = São cerca de <b>3000 associações e grupos</b> já cadastrados para o trabalho democrático. § J. Carneiro = Preferência: um IPÊS em cada empresa. (...) em cada empresa deve haver um IPÊSINHO, no seu organograma. |
| 4/12  | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / José Rubem Fonseca / HG / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / Oswaldo Tavares Ferreira / Antônio Carlos Amaral Osório   | Não abordou o tema filmes   |

|             |    |  |   |
|-------------|----|--|---|
| 11/12       | RJ | Glycon de Paiva / Jorge Oliveira de Melo Flores / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva/ Heitor Herrera / Hélio Gomide / Gilberto Hubert / Oswaldo Tavares Ferreira  | Não abordou o tema filmes   |
| 20/12       | RJ | Antunes / Glycon de Paiva / ML / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira / Gilberto Hubert / Hélio Gomide  | Glycon = Fala sobre as <b>diferenças</b> de posição filosófica entre <b>Rio e São Paulo</b> . § Antunes = Fala sobre a democratização do capital. <b>Papel do capital e do empresário</b> na sociedade moderna. |
| <b>1963</b> |    |  |   |
| 12/3        | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Divivier Goulart / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Cândido Guinle de Paula Machado  | Não abordou o tema filmes   |
| 19/3        | RJ | Harold Polland / Oswaldo Tavares Ferreira / José Divivier Goulart / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / José Luiz Moreira Souza /   | Não abordou o tema filmes   |
| 2/4         | RJ | ATTA / Glycon de Paiva / Cândido Guinle de Paula Machado / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / José Divivier Goulart / Heitor Herrera / H. Gomide / Oswaldo Tavares Fonseca  | Não abordou o tema filmes   |
| 23/4        | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Prof. Pacheco e Silva / José Ely V. Coutinho / Luiz Cássio Werneck / Gustavo Borghoff / Nivaldo Uchoa Cintra / Oswaldo de Breyne Silveira                                | Não abordou o tema filmes   |
| 23/4        | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / Heitor Gomide / José Divivier Goulart / Heitor Herrera / Oswaldo Tavares Ferreira / José Rubem Fonseca  | Não abordou o tema filmes   |
| 28/5        | RJ | ATTA / Glycon de Paiva / Jorge Oscar de Melo Flores / José Rubem Fonseca / José Divivier Goulart / Heitor Herrera / Cândido Guinle de Paula Machado / Harold Polland / Golbery do Couto e Silva                                  | Não abordou o tema filmes   |
| 11/6        | RJ | ATTA / Harold Polland / Jorge Oscar de Melo Flores / Glycon de Paiva / José Divivier Goulart / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Oswaldo Tavares Ferreira / José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Hélio Gomide | Não abordou o tema filmes   |
| 25/6        | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / Jorge Oscar de Melo Flores / José Divivier Goulart / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Gilberto Hubert                                 | Não abordou o tema filmes   |

|      |    |  |   |
|------|----|--|---|
| 16/7 | RJ | Glycon de Paiva / Cândio Guinle de Paula Machado / Heitor Herrera / José Divivier Goulart/ Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares Ferreira / Harold Polland   | Não abordou o tema filmes   |
| 30/7 | RJ | Harold Polland / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / João José Baptista Tubino / Golbery do Couto e Silva / José Divivier Goulart / Dênio Chagas Nogueira / Joviano Jardim   | Não abordou o tema filmes   |
| 13/8 | RJ | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira / José Divivier Goulart / José Rubem Fonseca / Harold Polland   | Não abordou o tema filmes   |
| 16/8 | RJ | Harold Polland / José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / Antônio Gallotti / Oswaldo Tavares Ferreira / Jorge Oscar de Mello Flores / Miguel Lins / Guilherme Borghoff / José Luiz Moreira Souza  | Submeteu a decisão CPI ao Conselho Orientador.  |
| 27/8 | RJ | Harold Polland / Jorge Oscar de Melo Flores / Glycon de Paiva / José Divivier Goulart / Golbery do Couto e Silva / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Hélio Gomide / Oswaldo Tavares Ferreira   | Não abordou o tema filmes   |
| 10/9 | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / José Divivier Goulart / Dênio Chagas Nogueira / José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Hélio Gomide / Heitor Herrera / Oswaldo Tavares Ferreira  | Não abordou o tema filmes   |
| 24/9 | RJ | Harold Polland / José Divivier Goulart / Heitor Herrera / João José Baptista Tubino / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Gilberto Hubert / Hélio Gomide / Oswaldo Tavares Ferreira  | Não abordou o tema filmes   |
| 8/10 | SP | Antônio Carlos Pacheco e Silva / Luiz Cássio dos Santos Werneck / Adalberto Bueno Neto / Eduardo Garcia Rossi / Gustavo Borghoff / João Baptista Leopoldo Figueiredo / José Ely Vianna Coutinho / Mário Toledo de Moraes / Nivaldo Uchoa Cintra/ Octávio Uchoa da Veiga / Oswaldo de Breynne Siveira / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Salim Chamma / Thomaz Pompeu Borges de Magalhães | Deu ciência sobre a deliberação da Comissão Executiva sobre os <b>pedidos da Comissão Parlamentar de Inquérito</b> . Julgou-se que a Comissão Executiva não era o local competente para decidir dos pedidos formulados pela Comissão Parlamentar de Inquérito. O órgão competente seria o Conselho Orientador e caso esse se julgar incompetente a decisão deveria ser levada à Assembléia Geral. Foram solicitados documentos referentes a contribuições de empresas estrangeiras. João Baptista Leopoldo Figueiredo disse que não forneceria, por decisão própria, como presidente do IPÊS, as informações solicitadas. <b>A decisão da CD foi repassar os pedidos da CPI para o Conselho Orientador.</b> |

|       |    |  |   |
|-------|----|--|---|
| 8/10  | RJ | Glycon de Paiva / PAR / Jose Rubem Fonseca / José Divivier Goulart / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Dênio Chagas Nogueira / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / Garrido Torres / Oswaldo Tavares Ferreira                               | Não abordou o tema filmes   |
| 22/10 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / José Divivier Goulart / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Hélio Gomide / Oswaldo Tavares Ferreira   | Não abordou o tema filmes   |
| 5/11  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / João José Baptista Tubino / Golbery do Couto e Silva / Gilberto Hubert   | José Rubem Fonseca explica os detalhes da impressão do livro "Roteiro para a Reforma Agrária"   |
| 19/11 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / João José Baptista Tubino / Dênio Chagas Nogueira / José Divivier Goulart / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares Ferreira  | Não abordou o tema filmes   |
| 3/12  | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / Jorge Oscar de Melo Flores / José Divivier Goulart / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Heitor Gomide / Oswaldo Tavares Ferreira   | Não abordou o tema filmes   |
| 17/12 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Divivier Goulart/ José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / Hélio Gomide   | Não abordou o tema filmes   |
| 1964  |    |  |   |
| 13/3  | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Jorge Oscar de Melo Flores / Hélio Gomide / José Divivier Goulart / Cândido Guinle de Paula Machado / Oswaldo Tavares Ferreira | Harold Polland = revela sua impressão do comício do dia 13 § Polland = expõe o tema da separação administrativa entre São Paulo e Guanabara |
| 31/3  | RJ | Augusto Trajano de Azevedo Antunes / Harold Polland / Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / José Divivier Goulart / João José Baptista Tubino   | Foram discutidos assuntos de ordem doméstica e administrativa.  |

Fonte: Fundo IPÊS. Arquivo Nacional.

Tabela 04

| TIPO  |      |   |  |
|---|------|---|--|
| x Assunto: Cinema ++++ G = Comissão Diretora e Comitê Executivo / CE = Comitê Executivo / CD = Comissão Diretora      |      |   |  |
| REUNIÕES COMITÊ EXECUTIVO (62-64) (Chefes de Grupos prestam informações ao Comitê Executivo por serem mais imediatos) |      |   |  |
| Data  | Foro | Presentes   | Assunto  |
| 1962  |      |   |  |
| 16/3  | RJ   | Gilberto Hubert / Jorge Oscar de Melo Flores / MHS / JLMS / Dênio / Heitor Herrera / Garrido Torres / José Rubem Fonseca  | Não abordou o tema filmes  |
| 20/3  | RJ   | Jorge Oscar de Melo Flores / Harold Polland / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Antônio Carlos Osório / Oswaldo Tavares Ferreira / José Luiz de Melo Flores | § Tema: "Aliança para o Progresso" (...) como se faz uma revolução sem sangue.   |
| 12/4  | RJ   | José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva  | São Paulo não reconhece o IPÊS-SUL, não toma conhecimento de sua existência.   |
| 14/5  | RJ   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Oswaldo Tavares Ferreira / Heitor Herrera  | Aguarda-se decisão sobre o programa de televisão a cargo do grupo de Opinião Pública   |
| 15/5  | RJ   | Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Liberato / Jardim / Glycon de Paiva / Jorge Oliveira de Melo Flores                            | § O Sr. <b>Jorge Flores</b> fez ampla exposição sobre as disposições a tomar em <b>Brasília</b> com a <b>instalação de sede e o contrato de pessoal</b> , assim como <b>contrato de serviços</b> com a empresa de publicidade <b>Nova Press</b> . (...) Expôs igualmente o problema do <b>apoio à eleição ou reeleição de 15 deputados democratas</b> , prevendo despesa global de <b>300 milhões de cruzeiros</b> para esse fim, dividido em três prestações. § Providenciou para obtenção imediata, em Brasília, dos <b>ante-projetos ou projetos de legislação que merecem reparos</b> . Esses projetos serão <b>analisados</b> sob a direção do <b>Gen. Golbery</b> e concurso do Dr. Garrido Torres, no sentido de serem transformadas, essas análises, em <b>artigos oferecidos ao serviço de publicação</b> . § Ficou bem salientada a necessidade de antecipar ao propósito dos legisladores, <b>retirando-lhes todo o elemento de surpresa que revestem os projetos que fazem</b> . |
| 17/5  | RJ   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Joviano Jardim / Golbery do Couto e Silva / Antônio Carlos Osório   | § Contribuição de <b>Cias estrangeiras (Rel. Gilberto Hubert)</b> . § Heitor Herrera falar com Gallotti sobre Contribuição Belgo-Mineira. § <b>Festival da Liberdade (Filmes)</b> .  |
| 24/5  | RJ   | José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres   | Não abordou o tema filmes  |
| 28/5  | RJ   | José Rubem Fonseca / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / Joviano Jardim  | Entrevista com o Sr. João Baptista Leopoldo Figueiredo   |
| 29/5  | RJ   | José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Joviano Jardim / Glycon de Paiva  | Dotação orçamentária do grupo de Estudos.  |
| 4/6   | RJ   | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Joviano Jardim  | Discute-se temática para os seminários do IPÊS   |

|      |    |  |  |
|------|----|--|--|
| 5/6  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Joviano Jardim / Gilberto Hubert / Garrido Torres  | § Garrido Torres apresenta orçamento do Grupo de Estudos. § Discute-se o assunto TV  |
| 5/6  | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Ferraz / Luis Cássio dos Santos Werneck / José Ely Vianna Coutinho / José Luiz Nogueira Porto / Paulo Edmur de Souza Queiroz / Frans Machado / Paulo Galvão Filho / Luiz Mascarenhas Neto / Geraldo Alonso | Paulo Ferraz = responsável pelo contato com D. Emílio JorDario de Almeida Magalhães para a Escola de Formação de Líderes / Paulo Ayres = Distribuição do livro "Uma escola social" a ser distribuído nas escolas, cerca de 5000 exemplares   |
| 6/6  | RJ | Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Joviano Jardim / Cândido Guinle de Paula Machado / Ney P. Valle   | Decide-se prazo de dois meses para funcionamento do Grupo de Garrido Torres (Estudos). Discute-se a autonomia e funções do grupo. § Glycon de Paiva = "Conduzir o Grupo de Estudos em uma base de programa definido, com preocupação de eficiência e de economia no estabelecimento dos grupos de trabalho, dentro das instruções já entregues a GT, suprimindo-lhe a instrumentação necessária dentro do limite de despesas de Cr\$ 1.000.000,00 de desembolso mensal." |
| 7/6  | RJ | José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Heitor Herrera / Ney P. Vale   | Entregue à Garrido Torres o documento referente a reunião anterior   |
| 8/6  | RJ | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera  | Maneiras de influir na Opinião Pública. § Glycon de Paiva = 3 ou 4 jornalistas profissionais, pagos por empresas, que os incluiriam em suas folhas de pagamentos.  |
| 11/6 | RJ | Heitor Herrera / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Glycon de Paiva / Ney P. Valle / Joviano Jardim   | Discute-se sobre publicações e "leilão" de prioridades e assuntos a serem abordados pela TV. § Glycon de Paiva = Caso da "Aliança Eleitoral pela Família"  |
| 12/6 | RJ | Heitor Herrera / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Joviano Jardim / José Rubem Fonseca / Ney P. Valle  | Discute-se sobre influência na opinião pública acerca de dois assuntos: reforma eleitoral é mais urgente.  |
| 14/6 | RJ | José Rubem Fonseca / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim / Garrido Torres / Gilberto Hubert   | Discutiu-se projetos de Sergio Magalhães sobre desapropriação de imóveis e suas consequências (desemprego, etc) e Lei Anti-truste. Discute-se artigos a serem publicados em jornais ou uma série intitulada "O Brasil quer tranquilidade".   |
| 19/6 | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca / Joviano Jardim / Golbery do Couto e Silva  | Garrido Torres propõe ação mais enérgica na opinião pública acerca do pensamento e das ações do IPÊS. § Garrido Torres = Statements sínteses. Pensaremos sobre o seguinte: Reforma Eleitoral - poucas linhas; Reforma Agrária - poucas linhas; Reforma Bancária - poucas linhas.   |
| 22/6 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim  | Funcionamento do Grupo Opinião Pública. Diretrizes da Reforma Agrária. § Jorge Oscar de Melo Flores = Explica seu papel em Brasília. Caso da Remessa de Lucros. Substitutivo Sergio Marinho. Pensa que será aprovada.  |
| 26/6 | RJ | Augusto Trajano Azevedo Antunes / Harold Polland / Dario de Almeida Magalhães / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Antônio Carlos Osório / Golbery do Couto e Silva / Oswaldo Tavares Ferreira / Miguel Lins / Heitor Herrera / Cândido Guinle de Paula              | Reunião informal   |

Machado

|      |    |   |   |
|------|----|---|---|
| 28/6 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Joviano Jardim / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Ney P. Valle / Garrido Torres                                       | § Glycon = "Festival da Liberdade" (Filmes, artigos, escolhidos, para a praça pública)  |
| 29/6 | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Dario de Almeida Magalhães  | Sobre a presença de Jorge Mieli, chefe de propaganda da Ultragás, vindo de São Paulo, por indicação de João Baptista Leopoldo Figueired   |
| 2/7  | RJ | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Glycon de Paiva / Harold Polland / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Joviano Jardim | Tratam de assuntos diversos em especial assuntos administrativos.   |
| 3/7  | RJ | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera  | § Gilberto Hubert = Fala sobre a "Aliança para o Progresso" e outros assuntos. Viagem aos Estados Unidos - Convocação de N. Rockefeller dos grandes presidentes de Companhias norte-americanas. § Glycon de Paiva = Chefe Geral de Opinião Pública é Golbery do Couto e Silva. IPÊS interessando em concurso de monografia. |
| 5/7  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Joviano Jardim  | Comentários sobre trabalho do grupo de Estudos sobre Reforma Agrária  |
| 10/7 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres   | Discute-se o concurso de monografias. Duas frentes: concurso para jornalistas (democratização do capital) e para estudantes (inflação)  |
| 12/7 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Heitor Herrera / Vale. Golbery do Couto e Silva   | Discutiu-se documento sobre reforma agrária de Ney Peixoto do Vale.   |
| 17/7 | RJ | Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Joviano Jardim  | § Caso da Campanha da Mulher Brasileira - querem liderança. Discutiu-se também Reforma Agrária e encaminhou-se o texto para opinião de São Paulo.   |
| 19/7 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Joviano Jardim / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres  | Discute-se sobre documento entregue por Garrido Torres "Diretrizes para a implantação da Reforma Agrária".  |
| 26/7 | RJ | Glycon de Paiva / Oswaldo Tavares Ferreira / Dênio Chagas Nogueira / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / Joviano Jardim   | § Glycon de Paiva = Levou dois cheques, um de CR\$ 100.000,00 e outro de CR\$ 45.000,00 - para a Campanha da Mulher Brasileira  |
| 31/7 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca   | § <u>Caso do Polland - TV - aprovado.</u> § Caso do Jorge Oscar de Melo Flores - Dinheiro do Centro Industrial - Deixar com JOMF.   |

|      |    |   |  |
|------|----|---|--|
| 7/8  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera  | § Glycon de Paiva = Caso das mulheres - Ida a Brasília - 18.000 cartas. § Glycon = Fala sobre CR\$ 15.000,00 mensais para os escoteiros. § Golbery do Couto e Silva = Lista de 50 chefes para receberem a revista econômica. |
| 9/8  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva  | § Vários assuntos sem importância  |
| 14/8 | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera   | Pedido de texto para João Baptista Leopoldo Figueiredo para publicação. Observações sobre o Grupo de Estudos.  |
| 16/8 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Dênio Chagas Nogueira / PARIBEIRO / José Rubem Fonseca  | Discutiu-se sobre a Reforma Tributária e Reforma Agrária.  |
| 17/8 | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva  | Discute-se documentos sobre reforma agrária e orçamentária.  |
| 20/8 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Oswaldo Tavares Ferreira   | Assuntos: reforma eleitoral, reforma legislativa, Código de Recursos Naturais.   |
| 21/8 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Heitor Herrera / Gilberto Hubert  | Distribuição dos 1000 exemplares de "Cadernos Brasileiros". Golbery propõe 200 para setor militar.   |
| 21/8 | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Mário Toledo Moraes / Paulo Ferraz / Rafael Noschese / Paulo Reys de Magalhães/ André Arantes / Frans Machado / Paulo Edmur de Souza Queiroz / José Ely Coutinho / Luiz Cássio dos Santos Werneck / José Luiz de Anhaia Mello / Palo Galvão Filho | Flávio Galvão = fala sobre programa de televisão. Sugere que sejam realizadas mesas redondas, convidando gente de outros estados. Os outros presentes apresentam sugestões de entrevistados, etc.                            |
| 23/8 | RJ | José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Paulo Assis Ribeiro / Dênio Chagas Nogueira / WBD  | Assuntos diversos. Golbery fala sobre a distribuição do material editado.  |
| 24/8 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / PAR / Garrido Torres  | Discutiu-se o aumento da arrecadação e os contribuintes além do Código de Recursos Naturais (alterado para "Reforma da Política do Uso dos Recursos Naturais)  |
| 27/8 | RJ | Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / PAR / Dênio Chagas Nogueira  | Discute-se sobre documento de Joao Baptista Leopoldo Figueiredo e sobre "positions papers" sobre Reforma Agrária.  |
| 28/8 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / PAR / Dênio Chagas Nogueira   | Discute-se sobre as reformas: administrativa, política, legislativa e eleitoral. Discutiu-se sobre o livro: Nossos problemas e seus remédios"  |

|      |    |   |  |   |
|------|----|---|--|---|
| 28/8 | SP | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Paulo Ferraz / Mário Toledo de Moraes / Rafael Noschese / André Arantes / Frans Machado / Paulo Edmur de Souza Queiroz / Prof. Pacheco e Silva / José Ely Coutinho / Luiz Cássio dos Santos Werneck / José Luiz de Anhaia Mello / José Luiz Nogueira Porto / Flávio Galvão / Paulo Galvão Filho | Luiz Cássio dos Santos Werneck = avisa que <b>cópia dos filmes de 16mm</b> estão prontas e estão na sede de SP. § Werneck = O <b>Jean Manzon</b> vai mandar buscar os "Charts" amanhã para estudar a maneira de filma-los. Paulo Galvão = Sugere mostrar os "charts" ao Silveira Sampaio para sugestões. João Baptista = Enquanto não se resolver os problemas de filmagem é melhor não tentar mais nada. |
| 30/8 | RJ |   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Gilberto Hubert   | Não abordou o tema filmes   |
| 31/8 | RJ |   | Glycon de Paiva / Jose Rubem Fonseca / Joviano Jardim / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera  | Criado o Grupo de Publicações com dotação orçamentária de Cr\$ 500.000,00. Chefe do Grupo: José Rubem Fonseca.  |
| 4/9  | SP |   | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Paulo Ferraz / Mário Toledo de Moraes / Rafael Noschese / André Arantes / Paulo Edmur de Souza Queiroz / Prof. Pacheco e Silva / José Ely Coutinho / Luiz Cássio dos Santos Werneck / José Luiz de Anhaia Mello / Flávio Galvão / Paulo Galvão Filho / Frans Machado                            | Comissão do convênio com a Universidade Católica = Foram escolhidos Golbery do Couto e Silva e José Luiz Nogueira Porto e Paulo Galvão para representar o IPÊS na comissão.   |
| 5/9  | RJ |   | Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / PAR / Denio Chagas Nogueira   | Distribuição dos livros de Glycon de Paiva (Reforma da Política de Uso de Recursos Naturais) e papers: Reforma da Organização Política - Reforma Judiciária - Reforma Administrativa - Reforma Legislativa  |
| 6/9  | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / PAR / Heitor Herrera  | Discutem-se os documentos distribuídos na reunião anterior.   |
| 10/9 | RJ |   | Garrido Torres / PAR / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva  | Discutiu-se as reformas de Base e Legislativa   |
| 11/9 | RJ |   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Garrido Tores / Golbery do Couto e Silva / PAR   | Aprovação do documento sobre Reforma Judiciária   |
| 12/9 | RJ |   | Garrido Torres / PAR / Golbery do Couto e Silva  | Aprovação do documento sobre Reforma Administrativa, Reforma e Participação dos Lucros da Empresa. Adiou-se documento referente a Seguridade Social.  |
| 13/9 | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / PAR / Dênio Chagas Nogueira / Garrido Torres  | Aprovação do documento sobre Reforma Econômica, Reforma Educacional. Reforma Habitacional espera parecer de Harold Polland. Documento sobre Reforma Sanitária também foi aprovado.  |
| 17/9 | RJ |   | Glycon de Paiva / Harold Polland / Oswaldo Tavares Ferreira / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira  | Temas administrativos.  |

|       |    |   |  |
|-------|----|---|--|
| 18/9  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Garrido Torres / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira                   | Discutiui-se o papel do grupo de Estudos. § Golbery do Couto e Silva = Focaliza o problema da falta de livros nas bilbliotecas das faculdades, especialmente sobre Democracia.   |
| 19/9  | RJ | José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Dênio Chagas Nogueira / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim / Heitor Herrera / João Baptista Leopoldo Figueiredo  | Aprovam-se textos sobre Reforma Agrária e Reforma do Mercado de Capitais.  |
| 20/9  | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca / Dênio Chagas Nogueira / Golbery do Couto e Silva / PAR / Gilberto Hubert                              | Aprovaram-se documentos sobre Reforma Anti-Truste, Reforma da Legislação sobre capital estrangeiro e Reforma da Legislação Trabalhista.  |
| 24/9  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / PAR  | Redação final dos seguintes textos: Seguridade Social, Participação nos Lucros, Reforma Educacional, Reforma Sanitária   |
| 25/9  | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / Golbery do Couto e Silva   | Assuntos administrativos.  |
| 27/9  | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva / PAR / Dênio Chagas Nogueira                                  | Continuação do estudo dos papeis do Grupo de Estudos. Reforma da empresa privada foi aprovada com emendas.   |
| 28/9  | RJ | Garrido Torres / PAR / Dênio Chagas Nogueira / Golbery do Couto e Silva   | Aprovação da Reforma da Política Externa   |
| 1/10  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva   | Informações sobre o concurso de monografias  |
| 2/10  | RJ | Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Glycon de Paiva   | § Golbery do Couto e Silva = Propõe Cr\$ 200.000,00 mensais para atender formação de Líderes (Pe. Carvalho) em Campos, e possivelmente em Petrópolis   |
| 8/10  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim  | Pedido do texto "World Communist Moviment. Selective Chronology 18/8/1957. Prepared by the Legislative Reference Service of the Librery of Congress" à Miosótis de Albuquerque Costa. A obra é impressa para uso do Comitê de Atividades Anti-Americanas   |
| 10/10 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim / LCF / FCM / PAR / Dênio Chagas Nogueira / WF / FERNANDA / Funcionários do IPÊS | Não houve sessão do Comitê. Foram entregues os prêmios do Concurso de Monografias. 1º lugar: Konrad Aleksander Kowalewski como Jornalista; 2º lugar: Glauco Carneiro como Jornalista; 1º lugar: Glauco Carneiro como estudante; 2º lugar: Augusto Jefferson O. Lemos como Estudante; 3º lugar: Edmar Lisboa Bacha como estudante, residente em Belo Horizonte. |
| 12/10 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera   | Assuntos administrativos. E eleição de nova diretoria  |
| 15/10 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / LCF  | Reunião informal   |
| 18/10 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Gilberto Hubert / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva  | Assuntos administrativos.  |
| 22/10 | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / Heitor Herrera / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / Gilberto Hubert   | Aprova relatório de atividades.  |

|       |                       |   |  |   |
|-------|-----------------------|---|--|---|
| 29/10 | RJ                    | x | Glycon de Paiva / Harold Polland / Heitor herrera / Golbery do Couto e Silva   | § <b>Projeto Cinema: Compra (Cr\$ 280.000,00)</b>   |
| 30/10 | RJ                    |   | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / Golbery do Couto e Silva   | § Glycon de Paiva = entregou o primeiro volume de "World Communist Moviment" vindo de Washington que fica com Golbery do Couto e Silva.   |
| 5/11  | RJ                    |   | Glycon de Paiva / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland   | Planejamento para os próximos 24 meses.   |
| 8/11  | RJ                    |   | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva   | Assuntos administrativos.   |
| 19/11 | RJ                    |   | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera  | Determinações a serem cumpridas. Assuntos administrativos.  |
| 20/11 | RJ                    |   | Gilberto Hubert / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Glycon de Paiva / Garrido Torres   | Assuntos administrativos.   |
| 22/11 | RJ                    |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera  | Discussão sobre o livro "O Presidencialismo que nos convém"   |
| 26/11 | RJ                    |   | Harold Polland / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Reunião informal  |
| 29/11 | RJ                    |   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Dênio Chagas Nogueira  | § José Rubem Fonseca = Concorda que não há razão para Curso de Planejamento aós um <b>Curso de Atualidades Brasileiras</b> . § Glycon de Paiva = Contratar professores para umas 10 aulas. § Dênio Chagas Nogueira = 2 a 3 cursos anuais. § Dênio = Começaria com um curso para empresários: "O empresário na realidade brasileira".  |
| 3/12  | RJ                    |   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Assunto: Educação Seletiva. José Rubem Fonseca e Heitor Herrera elabora o esquema a ser montado para o grupo.   |
| 6/12  | RJ                    | x | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva  | § Glycon de Paiva = Toma conhecimento da crítica de José Rubem Fonseca ao <b>filme</b> sobre a <b>Marinha de Guerra</b> (carta a Werneck)   |
| 10/12 | RJ                    |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Garrido Torres   | Autoriza o aluguel da sala 2732 para trabalhos.   |
| 11/12 | SP                    | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Reis Magalhães / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / Luis Cássio dos Santos Werneck / Flávio Galvão / Paulo Edmur de Souza Queiróz / Agostinho Cortes                                   | João Baptista informa que a <b>primeira reunião realizada com os associados</b> (do IPÊS) será realizada na sua casa no dia 12 foram convidados 20 associados e 15 não contribuintes. João Baptista solicita ao Sr. Flávio Galvão que organize o roteiro, que servirá para todas as reuniões seguintes. Nessas reuniões os chefes de grupos falarão sobre as atividades do seu setor. Ricardo Cavalcanti de Albuquerque fica encarregado de <b>levar os filmes</b> . A segunda reunião será no dia 13 na residência do Sr. Fuad Luftalla. |
| 13/12 | RJ                    |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca   | Reunião informal  |
| 18/12 | SP C/<br>Ch.<br>Grup. |   | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Alberto Bueno Neto / Luiz Cassio dos Santos Werneck / Flávio Galvão / Paulo Edmur de Souza Queiróz / José Ely Coutinho / Frans Machado / Agostinho Cortes | Apoio a grupos, como o grupo de escoteiros, para a formação de cidadãos.  |

|             |    |   |  |   |
|-------------|----|---|--|---|
| 19/12       | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Dênio Chagas Nogueira / Gilberto Hubert / Heitor Herrera  | Deliberam sobre publicações de jornais (Reforma Administrativa / Reforma Política). Deliberada reunião com Reitor da PUC para seminário (Resposta Cristã ao Brasil em Crise) a ser realizado depois de 7 de janeiro.  |
| 27/12       | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera  | Deliberam sobre publicações em jornais.   |
| <b>1963</b> |    |   |  |   |
| 3/1         | RJ |   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres  | Assuntos administrativos.   |
| 3/1         | SP | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / José Ely Coutinho / Frans Machado / Paulo Edmur de Souza Queiróz / Agostinho Cortes / Flávio Galvão | Designados novos chefes para os grupos. Discute-se as reuniões itinerantes e as com empresários nas residências dos diretores do Instituto. § Relativamente ao item 9, o sr. <b>Jean Manzon</b> comunicou que as empresas <b>Serrador</b> e <b>Paulista</b> querem Cr\$ 500.000,00 para exibir cara documentário do IPÊS em seus respectivos circuitos nacionais. O Dr. Ricardo C. Cavalcanti de Albuquerque se encarregou de entrar em contato com um amigo da empresa Paulista a fim de verificar de que maneira se pode contornar o caso. O Sr. João Baptista pede para que se verifique quais as pessoas conhecidas dentro de ambas as companhias com as quais se pudesse falar. § O Sr. João Baptista pede com urgência o plano do <b>ônibus</b> destinado a biblioteca e <b>exibição de filmes</b> que o Dr. Ricardo Cavalcanti de Albuquerque ficou de apresentar. |
| 8/1         | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva  | Discussões de teses sobre Reformas de Base a serem publicadas no Correio da Manhã. § José Rubem Fonseca = Entrega uma carta da Fed. Nac. dos Círculos Operários, com parecer do Dr. Cândido Guinle de Paula Machado e com despacho do Secretário do Comitê Executivo, José Rubem Fonseca, mandando pagar <b>Cr\$ 2.000.000,00 mensais à FNCO (Pe. Veloso)</b>   |
| 8/1         | SP | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Adalberto Bueno Neto / Agostinho Cortes / Flávio Edmur de Souza Queiros / José Ely Coutinho / Frans Machado / Flávio Galvão                    | § Passando ao item 7, o Dr. Flávio Galvão informa que a <b>regravação do filme sobre os portuários</b> importará numa despesa enorme, ficando resolvido não alterar o texto. Respondendo a uma pergunta do Sr. João Baptista, o Dr. Flávio Galvão informa que a <b>circulação dos documentários</b> continua em todo o território nacional, sendo enviada semanalmente à Secretaria do IPÊS, por <b>Jean Manzon Films</b> , a programação da semana a seguir. § Relativamente ao item 9, o Dr. Flávio Galvão comunica que o Dr. Ricardo Cavalcanti de Albuquerque entrou em contato com um seu amigo da <b>Empresa Serrador</b> , que lhe explicou que <b>os filmes do IPÊS estão isentos de pagamento para exibição por não serem documentários de propaganda comercial</b> , continuando a ser exibidos normalmente.  |
| "           | "  | x | Continuação  | § O Dr. Ricardo Cavalcanti vai entrar em contato, também, com a empresa <b>Paulista</b> . O Sr. João Baptista sugere que se converse também com o <b>Sr. Burlamaqui</b> , possuidor de uma cadeia de cinemas, para que também ele exiba os documentários do IPÊS. O Sr. Adalberto Bueno Neto, que o conhece, se encarregou do assunto. O Dr. Flávio Galvão comunica ainda que os documentários, que tem sido passados no <b>programa de televisão do Silveira Sampaio, porém sem menção do nome do IPÊS</b> , passarão de agora em diante a ter sua procedência mencionada por insistência do patrocinador do programa, que declarou querer colaborar com o IPÊS.   |

|      |         |  |   |
|------|---------|--|---|
| 10/1 | RJ      | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Heitor Herrera / PAR / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland / Mário Henrique Simonsen   | Discute-se sobre o projeto de Reforma Tributária apresentado por Mário Henrique Simonsen.   |
| 14/1 | RJ      | Glycon de Paiva / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva  | Informes gerais. Atividade da Conclap contra a "estatização crescente". § Remeter lista das Associações democráticas subsidiadas pelo IPÊS/Rio capazes de dar recibos para correr por São Paulo.  |
| 15/1 | RJ      | José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres  | Assuntosa administrativos.  |
| 15/1 | SP      | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Aryres Filho / Adalberto Bueno Neto / Prof. Pacheco e Silva / Jorge Queiroz de Moraes / Oswaldo de Breyne Silveira / Eduardo Garcia Rossi / José Ely V. Coutinho / Luiz Cassio dos Santos Werneck / Salim Chamma ; Paulo Edmur de Souza Queiroz / Flávio Galvão / Agostinho Cortes / Frans Machado | § O Dr. Paulo Ayres deseja saber qual a verba com que conta o IPÊS no momento, ao que o Sr. João Baptista informa que conta com 10 milhões mensais. O dr. Paulo Ayres pensa ser necessário arranjar mais 6 milhões mensais, para que não surjam problemas financeiros. Discute-se sobre as reuniões domiciliares com associados.  |
| 17/1 | RJ      | Glycon de Paiva / Harold Polland / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Garrido Torres   | Apresenta trabalho de Paulo Assis Ribeiro sobre Reforma Constitucional.   |
| 21/1 | RJ/SP x | José Baptista Leopoldo Figueiredo / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Luiz Cássio dos Santos Werneck / José Rubem Fonseca / Flávio Galvão / Agostinho Teixeira Cortez / LCF / Paulo Ayres / Adalberto B. Neto / Paulo Reis Magalhães / Paulo Edmur de Souza Queiroz / Jorge Oscar de Melo Flores / Gilberto Hubert                          | Orçamento de 1963. Conjuntura / Comitê de Planejamento. § João Baptista Leopoldo Figueiredo = Já pensamos numa coluna do IPÊS em algum jornal. Mas valeria a pena colocar o nome do IPÊS ou seria melhor o de algum jornalista? § Glycon de Paiva = Não devemos engajar o nome do IPÊS e sim continuar atuando à meia luz. Assessoria de Brasília. Elementos chaves em Brasília: Deputados e Senadores não reeleitos: Mário Gomes (PSD-PR); Jaime Araújo (UDN-AM); Sérgio Marinho (o mais determinado). Contam também com um "alto funcionário da Câmara (PW)". O escritório de Brasília está sob responsabilidade de Jorge Oscar de Melo Flores. § "A Assessoria, em Brasília, seria grande fonte de informações autênticas, de molde a se bem aquilatar e melhor prejulgar os rumos da política governamental. Brasília seria verdadeiramente a MOLA a determinar a dinâmica das ações do IPÊS." Centralização RIO (foto) |
| "    | "       | x  | § <b>Glycon = Lembra a confeção de um filme.</b> § João Baptista Leopoldo Figueiredo = acha que o <b>filme</b> não deve ser o único meio; talvez nem o primeiro. Opta pela imprensa, rádio e TV.  |
| 22/1 | SP      | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Luiz Cassio dos Santos Werneck / José Rubem Fonseca / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / Paulo Reis Magalhães / Agostinho Tavares Cortees / Paulo Edmur de Souza Queiroz / Liberato Freidrich / Flávio Galvão   | Discutiu-se sobre questões referentes a inflação. Aproximação entre Luiz Cássio Werneck e José Rubem Fonseca (ambos responsáveis pelo grupo editorial).   |
| 28/1 | RJ      | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido  | Questões administrativas. Publicação do texto: Mercado de Capitais e Recursos Naturais. Publicação da análise do Plano Trienal do   |

|      |    |  |  |
|------|----|--|--|
|      |    | Torres   | boletim.   |
| 31/1 | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / Joviano Jardim / Harold Polland   | Edição dos "positions papers"  |
| 31/1 | SP | x Cortes   | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Reis Magalhães / Luiz Cássio dos Santos Werneck / Flavio Galvão / Paulo Edmur de Souza Queiróz / José Ely Coutinho / Frans Machado / Agostinho Cortes  |
| 4/2  | RJ | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim / Jorge Oscar de Melo Flores / Gilberto Hubert | § Passando ao item 2 da ordem do dia, auxílio à Universidade Católica de Campinas, disse o Dr. Flávio Galvão que a minuta de convênio por eles apresentada foi considerada insuficiente, sugerindo que seja feita uma nova nos moldes do convênio assinado com a Universidade Católica de São Paulo. (...) este auxílio será dado durante um ano e deverá ser incluída nos "Eventuais" de "outros setores" do novo orçamento. Discutiu-se sobre as reuniões domiciliares realizadas pelos diretores do Instituto com os contribuintes. O Sr. João Baptista Leopoldo Figueiredo sugere começar as reuniões "com um <b>filme</b> , esperando que cheguem todos os convidados". |
| 5/2  | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva  | Assistência de Brasília. Assuntos privativos do IPÊS/SP.<br>Orçamento de 1963. Texto "introdução" dos "positions papers"   |
| 8/2  | RJ | x Silva  | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva   |
| 12/2 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca   | § 1º Assunto: <b>Caso do Filme "Portos Paralíticos"</b> , mostrado aos demais. Deliberou-se também sobre o reajuste do vencimento de Lacerda que passa a ser de Cr\$ 120.000,00 por ser pago em Brasília.<br>§ Propõe um pedido ao IPÊS SUL, à Associação Comercial do Paraná, ao IPÊS de Belo Horizonte e Pernambuco, de um estudo sobre o grau de estatização atingido no Estado, como subsídio para um trabalho deste IPÊS.   |
| 12/2 | SP | Joao Baptista Leopoldo Figueiredo / Luiz Carlos dos Santos Werneck / Adalberto Bueno Neto / Agostinho Cortes / Flávio Galvão                   | § Passou-se ao item 4, o dr. José Ely Coutinho apresentou um projeto de convênio com a Universidade Católica de Campinas que foi aprovado pelos presentes.   |
| 14/2 | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca  | Discute-se documentos relativos à Reforma Constitucional e Reformas de Base.   |
| 19/2 | RJ | José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Harold Polland / LCF  | Telegrama à Paulo Reis Magalhães por ter sido eleito Presidente do Banco do Estado de São Paulo  |
| 21/2 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / PAR / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva   | Aprovação de textos sobre Reforma do Judiciário e Reforma e Participação nos Lucros da Empresa   |
| 28/2 | RJ | x  | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva  |
| 4/3  | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / João José Baptista Tubino                  | § 1º Assunto: Temário da Reunião da Comissão Diretora, dia 5 de março. 1º Retrospecto das atividades de 1962 nos diversos setores: GT - Estudos e Doutrinas; <b>JRF - Editorial e Cinema</b> ; HH: Administração; OTF: Integração. § 2º Assunto: Foi mostrada a <b>carta de Jean Manzon sobre filmes</b> (21.2.62)<br>Separação das entidades do Rio e de São Paulo. Pedido do Pe. Antônio Costa Carvalho de Cr\$ 400.000,00 e a questão da contribuição ao Pe. Veloso. <b>Trocar os futuros recibos de Pe. Veloso pelos recibos de Glycon de Paiva e Dr. Rubem junto a Marinho Nunes.</b>   |

|      |    |   |   |
|------|----|---|---|
| 5/3  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Heitor Herrera   | § Cobrar de Garrido Torres a "Reforma Tributária" de Mário Henrique Simonsen. Sobre a questão do texto da reforma agrária, na distribuição, não aparecer o nome do IPÊS.  |
| 7/3  | RJ | x<br>Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva   | § 2º Assunto: Caso do Projeto de Lei Agrária/Hasslocher. Recebemos o último, juntamente com Mello Flores para combinar o processo de fazer chegar o projeto ao Legislativo. § 7º Assunto: Pedir o <b>filme de Furnas</b> ao Dr. Emerson, de Furnas.   |
| 12/3 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Tratou-se do assunto da Reforma Agrária. Repasse de Cr\$ 2.000.000,00 para Assessoria Brasília, Jorge Oscar de Melo Flores, precisa viajar para São Paulo para acertar os detalhes.   |
| 12/3 | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Adalberto Bueno Neto / Luiz Cássio dos Santos Werneck / Flávio Galvão / José Ely Coutinho / Paulo Edmur de Souza Queiróz / Frans Machado / Agostinho Cortez   | § Tomando a palavra, o sr. João Baptista Leopoldo Figueiredo comunicou que está sendo instalado um auditório destinado a cursos para empresários pelo IPÊS-Rio. Pediu ele ao Sr. Paulo Edmur que se informe sobre a possibilidade de repetir os cursos para empresários do IPÊS-Rio em São Paulo. § Tomando a palavra, o Sr. João Baptista transmite uma sugestão do dr. Glycon de Paiva, no sentido de, alternaDario de Almeida Magalhãesente, um membro do IPÊS-Rio e IPÊS-São Paulo assistir à reunião semanal, que se realiza às terças-feiras em São Paulo e às quintas-feiras no Rio. |
| 14/3 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Harold Polland   | Estudo de obras para publicação.  |
| 18/3 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Estudo de obras para publicação.  |
| 19/3 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera  | Conhecimento da situação dos convites para reunião na casa de Glycon de Paiva no dia 21/3/63.   |
| 19/3 | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / Prof. A. C. Pacheco e Silva / Gustavo Borghoff / Nivaldo Uchôa Cintra / Oswaldo Breyne Silveira / José Ely Vianna Coutinho / Paulo Edmur de Souza Queiroz / Frans Machado / Flávio Galvão / Agostinho Cortez | Deliberou-se que a propósito da participação de membros do IPÊS São Paulo e Rio nas reuniões semanais apresentada na reuniã de 12/3, tendo em vista as exigências estatutárias, fosse condicionada a participação apenas mensal de membros dos dois IPES.   |
| 21/3 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Garrido Torres   | Deliberações sobre visita de representante da Associação Comercial do Pará. Publicações e contratação de José Artur Rios e José Carlos Barbosa Moreira para o Grupo de Estudos.   |
| 26/3 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Frederico Maragliano / Dênio Chagas Nogueira  | Estudos de projeto de Reforma Agrária e assuntos administrativos.   |
| 28/3 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Garrido Torres  | Discute-se sobre publicações, diretrizes para o trabalho do ano.  |
| 2/4  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Joviano Jardim / NRC / Fred. Maragliano / Dep. Carlos A. Werneck  | Dep. Carlos A. Werneck = Presidente da Fed. Nacional de Estabelecimentos de Ensino Superior. Falou da possibilidade de fundarem 2000 associações de pais e mestres.   |

|      |    |   |   |  |
|------|----|---|---|--|
| 2/4  | SP | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Luiz Cassio dos Santos Werneck / Adaberto Bueno Neto  | Tratou-se de um seminário sobre o "estatismo e a livre empresa" que será realizado na Faculdade de Direito e patrocinado por grandes jornais (O Globo, O Estado de São Paulo) em julho / agosto próximos. § O Sr. João Baptista deseja saber em que pé está o <b>filme</b> sobre <b>modificação do conceito do homem de empresa</b> . O <b>filme</b> deverá ser imediatamente feito, se o preço for de <b>2 milhões</b> , pelos quais o Sr. Gilberto Hubert se responsabilizou. O Sr. <b>Werneck</b> explicou que <b>Jean Manzon Filmes</b> praticamente dobrou seus preços, o que considera (ilegível) grande parte de cenas de outros filmes para a elaboração dos do IPÊS. O Sr. <b>João Baptista</b> acha que assim mesmo o filme deve ser encomendado a <b>Jean Manzon, que já fez o roteiro</b> . O Dr. Werneck se encarrega de tratar do assunto. |
| 4/4  | RJ |   | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto Silva / Garrido Torres   | Discute-se sobre publicações e sobre a situação da fala de líderes para assumir responsabilidade da questão das reformas.  |
| 8/4  | RJ |   | João Baptista Leopoldo Figueiredo / P. Ayres / Harold Polland / Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / HRF / Heitor Herrera / Hélio Gomide                  | Exposição dos problemas dos IPÊS de São Paulo e do Rio. A questão da falta de pessoal para as ações do grupo. Os Cursos de formação serviriam para neutralizar os capitalistas. Publicação dos "positions papers" por jornalistas profissionais para atingir o grande público. Tratou-se também da questão da doutrinação dos empresários, da coluna do jornal, do aumento da arrecadação e da Assessoria de Brasília. Propõe-se aproveitar ex-deputados e senadores no escritório. A Federação das Indústrias ficará com a parte administrativa enquanto os grupos Rio e São Paulo contribuirão com dotação de cerca de Cr\$ 1.000.000,00. Curso de formação de líderes para empresários (cerca de 20 por mês)  |
| 16/4 | SP |   | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / Luis Cássio dos Santos Werneck / José Ely Coutinho / Frans Machado / Flávio Galvão | § Tendo os jornais noticiado que o Dep. Paulo de Tarso está colhendo assinaturas para um projeto de lei instituindo uma comissão de inquérito destinada a investigar a origem e aplicações das verbas do IPÊS / IBAD, o sr. João Baptista pensa que se deve estudar o caso a fim de adotar-se uma orientação. (...) Pesa em convidar o deputado Paulo Tarso para um dos programas de televisão do IPÊS para entrevista. Discute-se a carta do Monsenhor Enzo Gusse acerca do convênio realizado com a PUC  |
| 22/4 | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland  | Assembléia Especial - Impossível determinar assuntos pela Ata  |
| 30/4 | RJ |   | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva  | Assuntos Administrativos e visita de Maurício Vilela   |
| 30/4 | SP |   | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Luis Cássio dos Santos Werneck  | Leu-se a seguir a cara do Monsenhor Enzo Gusso sobre o retorno do senhor Santanché.  |
| 2/5  | RJ |   | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland  | Visita do Sr. Arlindo Lopes Corrêa (engenheiro economista). Debate-se a tese apresentada por ele.  |
| 7/5  | RJ |   | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Flávio Galvão   | Assuntos Administrativos.  |
| 9/5  | RJ |   | Glycon de Paiva / Harold Polland / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / Heitor Herrera  | Aprovado o seminário da PUC (Uma resposta cristã para um Brasil em crise) com dotação de Cr\$ 200.000,00. Serão 3 conferências: 1) A História da Crise Brasileira; 2) Sistema sócio-econômicos; 3) Opções com que o Brasil se confronta.   |

|      |    |  |   |
|------|----|--|---|
| 14/5 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca  | Assuntos Administrativos.   |
| 14/5 | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Luiz Cássio dos Santos Werneck / Adalberto Bueno Neto / Agostinho Cortes / Frans Machado / Flávio Galvão / Moacyr Gaya | Questões relativas à reforma do Centro de Documentação criado no convênio com a Universidade Católica sob responsabilidade do Sr. Werneck. Tratou-se também da distribuição de folhetos editados pelo IPÊS para lista de associados. Tratou-se também da mudança da sede para a Rua Estados Unidos. |
| 16/5 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca  | Informe sobre os Seminários da PUC. Assuntos sobre publicações diversas.  |
| 21/5 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Aumento da subvenção ao grupo de escoteiros de Cr\$ 15.000,00 para Cr\$ 30.000,00. Aumento salarial dos funcionários.   |
| 23/5 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres  | Indica análise dos trabalhos de Artur Rio (Análise do Projeto 93 de 1963, do Senado, que dispõe sobre o Estatuto da Terra e Política Habitacional)  |
| 30/5 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca   | Solicitação de 4 bolsas de estudo pelo Pe. Coêlho de Souza. Foram concedidas duas no valor mensal de Cr\$ 25.000,00   |
| 3/6  | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Garrido Torres                              | Harold Polland referá princípios para problema da habitação popular. Aprovadas publicações diversas.  |
| 4/6  | RJ | Glycon de Paiva / Harold Polland / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva  | Assuntos Administrativos.   |
| 6/6  | RJ | Glycon de Paiva / Hélio Gomide / Heitor Herrera / Garrido Torres / João José Baptista Tubino   | Exposição dos membros do IPÊS que já fizeram a democratização do capital em suas empresas: Guilherme Borghoff / Listas Telefônicas / L. Figueiredo / COMAC / Casa Tavares - Em processo: Casa Masson  |
| 11/6 | RJ | Harold Polland / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / João José Baptista Tubino  | Deliberações sobre o Curso de Atualidades Brasileiras   |
| 25/6 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva   | Assuntos Administrativos.   |
| 27/6 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca   | Assuntos Administrativos.   |
| 4/7  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Harold Polland / Garrido Torres   | Assuntos Administrativos.   |
| 9/7  | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva  | Assuntos Administrativos.   |
| 11/7 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / JBT  | Assuntos Administrativos.   |
| 18/7 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Garrido Torres / João José Baptista Tubino   | Assuntos Administrativos.   |

|      |    |   |   |
|------|----|---|---|
| 25/7 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / Garrido Torres / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / PAR                  | Assuntos relacionados ao problema da Reforma Agrária e possível publicação.   |
| 30/7 | RJ | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino             | Assuntos Administrativos e Curso de Realidades Brasileiras.   |
| 6/8  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Jorge Oscar de Melo Flores / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Heitor Herrera | Assuntos Administrativos.   |
| 8/8  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Assuntos Administrativos.   |
| 13/8 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira                                  | Assuntos Administrativos.   |
| 20/8 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Heitor Herrera / João José Baptista Tubino      | Deliberações sobre publicações e assuntos relacionados ao Grupo de Estudos.   |
| 27/8 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Garrido Torres  | Reunidos para decidir sobre o pedido da Comissão Parlamentar de Inquérito. § a) Relação das firmas com capital ou parte de capital estrangeiro que colaborem com este instituto - Decisão: Que o IPÊS informe que <b>nenhuma empresa estrangeira</b> faz parte do seu corpo de associados. Informe ainda não estar habilitado, por desconhecimento da estrutura do capital das empresas, a responder à segunda parte do questionário. Informações desta natureza são disponíveis nos órgãos governamentais competentes (Ministério da Indústria e Comercio e Sumoc).      |
| "    | "  | "   | § b) Relação das empresas, firmas e pessoas que recebem recursos deste Instituto - Decisão: Que o IPÊS forneça, desde logo, a relação dos beneficiários, identificando os objetivos das aplicações; c) Relação dos associados, pessoas físicas ou jurídicas, na forma do artigo 5º, cap II dos Estatutos - Decisão: Que o Comitê Executivo, como tal, não tem alçada para tomar essa decisão. É no entanto favorável ao fornecimento da relação de contribuintes solicitada pela CPI. Sugere que o assunto seja submetido aos órgãos superiores, nos termos estatutários. |
| 29/8 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Harold Polland             | Reforma habitacional, Polland deverá providenciar o Projeto de Lei  |
| 12/9 | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva  | Não houve reunião.  |
| 16/9 | SP | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Adalberto Bueno Neto / Paulo Ayres Filho / Luis Cássio dos Santos Werneck / Paulo Rreis de magalhães  | Reunidos para decidir sobre o pedido da Comissão Parlamentar de Inquérito. § a) Relação das firmas com capital ou parte de capital estrangeiro que colaborem com este instituto - Decisão: Que o IPÊS informe que <b>nenhuma empresa estrangeira</b> faz parte do seu corpo de associados. Informe ainda não estar habilitado, por desconhecimento da estrutura do capital das empresas, a responder à segunda parte do questionário. Informações desta natureza são  |

disponíveis nos órgãos governamentais competentes (Ministério da Indústria e Comércio e Sumoc).

|       |    |  |   |
|-------|----|--|---|
|       |    | "  | § b) Relação das empresas, firmas e pessoas que recebem recursos deste Instituto - Decisão: Que o IPÊS forneça, desde logo, a relação dos beneficiários, identificando os objetivos das aplicações; c) Relação dos associados, pessoas físicas ou jurídicas, na forma do artigo 5º, cap II dos Estatutos - Decisão: Que o Comitê Executivo, como tal, não tem alçada para tomar essa decisão. É no entanto favorável ao fornecimento da relação de contribuintes solicitada pela CPI. Sugere que o assunto seja submetido aos órgãos superiores, nos termos estatutários. |
| 17/9  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva  | Assuntos Administrativos.   |
| 24/9  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino                                   | Assuntos Administrativos.   |
| 26/9  | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca  | Assuntos Administrativos.   |
| 3/10  | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / Dênio Chagas Nogueira / Garrido Torres / PAR                                     | Assuntos Administrativos.   |
| 24/10 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Joviano Jardim | Repasse financeiro de São Paulo para o Curso de Atualidades Brasileiras   |
| 29/10 | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino                                   | Assuntos Administrativos.   |
| 31/10 | RJ | Glycon de Paiva / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / Harold Pollad / Heitor Herrera                       | Assuntos Administrativos.   |
| 5/11  | RJ | Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino                                   | Pagamento por serviços prestados ao Sr. Paulo Assis Ribeiro. Assunto relacionado ao pedido da CPI. Encaminhar para a Comissão Diretora.   |
| 7/11  | RJ | Glycon de Paiva / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino   | Visita dos Sr. Gen. Arauto Esmeraldo / Gen. José Góes de Campos Barros / Sr. Antônio Correa Celestino   |
| 21/11 | RJ | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Dênio Chagas Nogueira / FMC / João José Baptista Tubino   | José Rubem Fonseca em São Paulo para reunião do Comitê Executivo.   |
| 22/11 | RJ | Harold Pollad / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Abelardo Coimbra  | (Extraordinária) Abelardo expõe iniciativa  |

|             |       |  |   |
|-------------|-------|--|---|
| 26/11       | RJ    | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / João José Baptista Tubino  | Cerimônia de encerramento do Curso de Atualidades Brasileiras.  |
| 4/12        | SP    | x<br>João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Reis Magalhães / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / Nivaldo Ulchoa Cintra / Oswaldo de Breyne Silveira / Salim Chamma / Luz Cássio dos Santos Werneck / José Ely V. Coutinho / Paulo Demur de Souza Queiróz / Flávio Galvão   | Questões relativas a reuniões nas casas dos diretores com sócios e não-sócios. § O Dr. Paulo Ayres acha também necessário promover novos encontros com o pessoal de agências de publicidade já anteriormente contactadas, para tratar, especialmente, do <b>filme sobre modificação do conceito de empresa.</b>   |
| 5/12        | RJ    | Harold Polland / João Baptista Leopoldo Figueiredo / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca  | Curso de Atualidades Brasileiras. CPI. Relatório Anual.   |
| <b>1964</b> |       |  |   |
| 6/1         | RJ    | Glycon de Paiva / Heitor Herrera / José Rubem Fonseca / Golbery do Couto e Silva   | Assuntos administrativos.   |
| 18/2        | RJ    | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Luiz Carlos dos Santos Werneck / José Roberto Whittacker Penteadado / Glycon de Paiva Teixeira / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Harold Polland / Moacyr Gaya / Golbery do Couto e Silva / Liberato da Cunha Friedrich   | Admite-se a separação das duas sessões por problemas administrativos.   |
| 20/2        | RJ    | Harold Polland / Glycon de Paiva / Heitor Herrera / Garrido Torres / Golbery do Couto e Silva / João José Baptista Tubino / José Roberto Whittacker Penteadado (SP)  | Assuntos Administrativos. Garrido Torres fala sobre seus contatos na <b>American Economic Foundation</b> . Fala que seus contatos autorizaram que o IPÊS utilizasse qualquer material daquela instituição.  |
| 10/3        | RJ    | Harold Polland / Glycon de Paiva / José Rubem Fonseca / Heitor Herrera / Garrido Torres / João José Baptista Tubino  | Questões relativas ao programa de TV. TV Tupi São Paulo. Questões relativas à assessoria de Brasília. "Ida de PAR à Brasília para fazer entrega de alguns exemplares, conferenciar com deputados e senadores, pedir opiniões e até pronunciar conferências."  |
| 3/4         | RJ/SP | Harold Polland / João Baptista Leopoldo Figueiredo / José Rubem Fonseca / Paulo Aires / Paulo Reis Magalhães / José Roberto Whittacker Penteadado / Gilberto Hubert / Heitor Herrera / JDG / Golbery do Couto e Silva / Glycon de Paiva / João José Baptista Tubino / Joviano Jardim / LCF / Heitor Gomide / Oswaldo Tavares Ferreira / ATAA / Dênio Nogueira / Garrido Torres | § Harold Polland = Cumprimentos aos militares do IPÊS. Cuidados com a vitória. Comparação com a Argentina (Perón). CAMDE - Todo mundo democrático. Papel do IPÊS doravante. Manter as organizações funcionando, fazendo uma obra realmente democrática. § João Baptista Leopoldo Figueiredo = (...) Salientou a atuação dos militares, asseguradora do sentido patriótico e democrático do trabalho desenvolvido, e disse que ainda estamos longe da vitória e que o caminho ainda pode apresentar a necessidade de lutas, dados os sintomas já visíveis com a tomada de posição por parte de certos grupos. § Harold Polland = Agradece e diz que, em face da nova situação nacional, devemos sempre reformular nossa posição como sempre fizemos. "Nosso grande trabalho deve ser sempre de Estado Maior". "Foi a fé das Forças Armadas que nos levou à vitória. Fora da democracia corremos perigo." |

Tabela 05

| TIPO   |      |      |           |   |  |
|--|------|------|-----------|---|--|
| x Assunto: Cinema ++++ G = Comissão Diretora e Comitê Executivo / CE = Comitê Executivo / CD = Comissão Diretora |      |      |           |   |  |
| REUNIÕES GERAIS (62-64)  |      |      |           |   |  |
| Data   | Tipo | Foro | Presentes |   | Assunto  |
| 1962   |      |      |           |   |  |
| 11/9   | G    | SP   | x         | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Reis Magalhães / Adalberto Bueno Neto / Prof. Pacheco e Silva / Frans Machado / Flávio Galvão / José Luiz Aranha Melo / Paulo Edmur de Souza Queirós / Luiz Cassio dos Santos Werneck / José Ely Coutinho |  |
| 4/10   | G    | SP   |           | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Adalberto Bueno Neto / Frans Machado / Paulo Edmur de Souza Queirós / Luiz Cassio dos Santos Werneck / José Ely Coutinho  | Não abordou o tema filmes  |
| 9/10   | G    | SP   | x         | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Reis Magalhães / Prof. Pacheco e Silva / Flavio Galvão / Luiz Cássio Werneck / Frans Machado  | Inicialmente o <b>Dr. Ricardo Cavalcanti de Albuquerque</b> fez uma exposição sobre o trabalho de <b>divulgação de filmes</b> , apresentando relatório escrito que foi aprovado, louvando-se ainda a eficiência com que houve no desempenho de sua missão. A seguir, debateuse         |
| 16/10  | G    | SP   | x         | João Baptista L. Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Prof. Pacheco e Silva / Adalberto Bueno Netto / Paulo Edmur de Souza Queirós / Flávio Galvão / José Ely Coutinho / José Luiz Aranha Mello / Frans Machado                  | <b>1) Jipe</b> devolvido pelo IPÊS Rio. <b>Flávio Galvão</b> deseja saber qual o destino a ser dado; sugere que seja aproveitado no <b>setor de projeção de filmes</b> . Paulo Edmur sugere que seja guardado na garagem do Convívio. Ambas as sugestões são aceitas. Flávio Galvão se |
| 23/10  | G    | SP   | x         | João Baptista L. Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Prof. Pacheco e Silva / Adalberto Bueno Netto / Luiz Cassio Werneck / Paulo Edmur de Souza Queirós / Flávio Galvão / José Ely Coutinho                                     | <b>Filme sobre modificação do conceito de empresa</b> - Joao Baptista - Pedo ao Werneck que se ponha em contrário com David Monteiro sobre a possibilidade das empresas de publicidade patrocinarem o filme.   |
| 30/10  | G    | SP   |           | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis Magalhães / Adalberto Bueno Neto / Frans Machado / Flávio Galvão / Paulo Edmur de Souza Queirós / Luiz Cassio dos Santos Werneck / José Ely Coutinho                             | Não abordou o tema filmes  |

|       |      |       |   |   |   |
|-------|------|-------|---|---|---|
| 20/11 | G    | SP    | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Mário Toledo de Moraes / Paulo Reis Magalhães / Luiz Cassio dos Santos Werneck / José Ely Viana Coutinho / Eduardo Garcia Rossi / Adalberto Bueno Neto / Gustavo Borgoff / Nivaldo Uchôa Cintra / Osw   | O dr. <b>Luiz Cassio Werneck</b> deseja saber se poderá encomendar ao <b>Canal 100</b> os documentários sobre a <b>Marinha de Guerra</b> e o <b>Exército</b> já orçados em <b>Cr\$ 1.700,00</b> a serem pagos num prazo de 4 a 5 meses. Poderá ainda propor o pagamento parcelado num prazo de 10 m   |
| 20/11 | G    | SP    | x | Continuação   |   |
| 21/11 | G    | SP    | x | Lembretes (papéis avulsos)  | Aquisição de cópias dos filmes: <b>Marinha Mercante / Portos do Brasil / Papel da Livre Empresa / Problema Estudantil / FAB / Marinha de Guerra e Exército do Brasil</b>  |
| 27/11 | G    | SP    | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Reis Magalhães / Salim Chamma / gustavo Borghoff / Nivaldo Ulchoa Cintra / Luis Cássio dos Santos Werneck / José Ely Coutinho / Oswaldo de Breyne Silveira / (chefes de grupos de trabalho) Flávio Almeida Prado Galv   | O <b>Dr. Flávio Galvão</b> acha essencial modificar a " <b>imagem</b> " da classe empresarial.  |
| 25/9  | G    | SP    | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo / Paulo Ayres Filho / Paulo Reis de Magalhães / Flávio Galvão / Prof. Pacheco e Silva / Paulo Edmur de Souza Queirós / Luiz Cassio dos Santos Werneck / José Ely Coutinho   | <b>Orçamento da Jean Manzon</b> para <b>dois documentários</b> - Dependendo de verba especial João Baptista já conversou com o <b>Secretário da Fazenda</b> que está interessado no que versa sobre matéria tributária (A <b>Secretaria tem uma verba para publicidade e esclarecimento</b> )   |
| 23/11 | G/CE | RJ/SP | x | João Baptista Leopoldo Figueiredo (pres) / Glycon de Paiva (vice) / José Rubem fonseca (Sec-RJ) / Luiz Cássio dos Santos Werneck (sec-SP) / Heitor Herrera (Coord-RJ) / Antônio Carlos Amaral Osório (Coord-RJ) / Oswaldo Tavares Ferreira (Coord-RJ) / Paulo Ayres Filho (Coord-SP) / Paulo Reis Magalhães (Tes-SP) / Joviano Jardim (Tes-RJ)<br>Continuação | Retrospectiva das atividades. Livros. § <b>Cinema: São Paulo e Rio. Coordenação de esforços.</b> § <b>João Baptista Leopoldo Figueiredo</b> = Temos um projetor da Mc Cann Erickson para transformar em <b>filme</b> , cogitado de <b>educação do empresário</b> . § João Baptista Leopoldo Figueiredo = Pede a ida do Gen. <b>Nelson R. Carvalho</b> para São Paulo logo que seja possível para trabalhar na angariação de novos sócios. Aprovam novos nomes para integrar os grupos: <b>Publicações</b> (compreendendo Teatro, <b>Cine</b> , Rádio e TV): <b>José Rubem Fonseca</b> . Localização dos Grupos: |
| 23/11 | "    |       | x |   | Tesouraria Geral: São Paulo - Secretarias Gerais (Executivas): Independente - Grupo Editorial: Rio - Grupo de Levantamento: Rio - Grupo de Doutrina e Estudos: Rio e São Paulo - Opinião Pública: Rio - Educação: Rio - Sindical: São Paulo - Estudantil: São Paulo - Obras Sindicais: Rio - Obras Econômicas: São Paulo - Assessoria: São Paulo - Integração: Independente (local) - Orçamento: São Paulo - Relações Públicas: Rio. Em São Paulo as "Relações Públicas" estão a cargo de Flávio Galvão, Sub-Secretário de Redação de "O Estado de São Paulo"   |

G  
(CD/C  
E -  
RJ/SP)

Continuação

23/11

" x

§ O Sr. **Werneck** falou sobre os **filmes realizados pelo IPÊS/SP**, num total de **onze** (11), até hoje, **incluindo-se dois** (2) de **Jorge Bhering de Matos**, perfazendo um total de Cr\$ 28.000,00. O Comitê Executivo do Rio adquiriu cópias de filmes do IPÊS (**Marinha Mercante, Portos do Brasil, Papel da Livre Empresa, Problema Estudantil, FAB, Marinha de Guerra, Exército do Brasil**). § Werneck = Quanto aos filmes sobre as F.F.A.A., os respectivos roteiros visão antes do Rio, para serem revistos. **O esforço máximo de projeção** foi feito no mês imediatamente anterior ao da eleição. Também foram e serão passados na TV os filmes do IPÊS/SP. A vida útil de um filme é de 18 meses, tempo para atingir todo o território brasileiro. Um filme, ora em preparo, aborda o problema dos **marítimos e estivadores**. (...) **Os filmes do IPÊS/SP são exibidos em praças, fábricas, colégios, etc.** Tem sido vaiados em alguns lugares, como na Faculdade de Medicina de São Paulo e aplaudido em cinemas públicos.

Anexo F

Carta de Jean Manzon para o IPÊS São Paulo relatando interesse e listando  
assuntos a serem abordados nos filmes

São Paulo, 3 de Fevereiro de 1962.-

Ao Dr.

JOÃO BATISTA LEOPOLDO FIGUEIREDO  
DD. Presidente do  
INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS  
SÃO PAULO

Presados Senhores,

Em resposta à consulta de V.Sas. e como complemento de nossa carta de 18 de dezembro último, vimos apresentar-lhes um plano de produção de filmes documentários a serem distribuídos em todo o Brasil através dos cinemas e das emissoras de televisão.

Deixamos claro que antes de realizarmos os filmes, iremos recorrer a competência do IPES que, através de seus estudos, orientará os rumos de nossos trabalhos.

Tais filmes, destinados ao grande público, deverão transmitir e fazer compreender as idéias que geraram o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, consubstanciadas nos princípios da Encíclica Papal "Mater et Magistra" e da ata da "Aliança para o progresso", conhecida como "Declaração de Punta Del Leste".

Cumprindo a sua principal finalidade, é natural que o IPES depois de realizar pesquisas e equacionar os problemas que o preocupam promova ampla divulgação das soluções apontadas.

O IPES é a máquina. A serviço dessa máquina a técnica de nossos filmes documentários constitui o mais rápido veículo capaz de levantar com a máxima eficiência a opinião pública em favor das teses defendidas pelo IPES.

Pela natureza e diversidade dos temas, pelas exigências técnicas e as responsabilidades artísticas que os mesmos envolvem, torna-se impossível para nós calcular o custo exato de

Fig. 71

cada filme proposto. Pelo exame realizado chegamos à conclusão de que o preço médio de produção para cada filme será de Cr\$.... \$2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) sendo que alguns exigiram menores e outros maiores despesas.

DISTRIBUIÇÃO:- Garantimos, gratuitamente e com exclusividade a exibição do documentário em todo o Brasil, pela rede "Luiz Severiano Ribeiro Jr., U.C.B. e Atlântida", que atinge em média 15 milhões de espectadores, mediante o fornecimento, por V.Sas. de 19 (dezenove) cópias em 35 mm.

PREÇO DE CÓPIAS:- Cr\$18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) em 35 mm.

**- SUGESTÕES PARA DOCUMENTÁRIOS -**

**1) APARECE UMA NOVA IDÉIA NO BRASIL:**

- Combate à demagogia, à mentira, à desmoralização das instituições democráticas.
- União dos homens responsáveis para que ajudem a criar em todos os meios (no campo, na indústria, no comércio, nas escolas e nas próprias casas) e respeito às idéias que o IPES defende.

**2) FORMAÇÃO CIVICA DA JUVENTUDE:**

- a) Não pedir para os filhos facilidades na escola
- b) Proibir a "Cola" que é o mais terrível processo de corrupção social.
- c) Ensinar a criança a não mentir
- d) Desde o Jardim da Infância até os cursos Universitários, ministrar aulas de moral civica.

**3) O ESTUDANTE:**

Indicar ao estudante o caminho certo, mostrando que a sua melhor atividade para servir seu país é a dedicação ao estudo.

Um mau aluno será amanhã um mau profissional, prejudicando criminosamente interesses da coletividade.

Quanto custa para o Estado, para as famílias a formação de um técnico, de um profissional liberal. O aluno deve ter consci-

Fig. 72

ênça de seu dever de aplicar-se nos estudos, pois do contrário estará sendo desonesto para com o Estado, para com a sua família, enfim com todos aqueles que com sacrifícios sustentam seus cursos.

4) CRISE DE PROFESSORES:

Como pode um professor dedicar-se como um sacerdotio ao ensino,  
x <sup>se</sup> não tem os meios materiais de vida, essenciais a sua tranquilidade (salário, casa, saúde etc.)

5) ALFABETIZAÇÃO:-

O analfabete é um mutilado, perdido para ele próprio e para a sociedade.

6) PROBLEMA AGRÁRIO:

Lei não planta

Lei não colhe as safras

x O Homem sim

x Não adianta lotear as terras, sem primeiro atender às necessidades do homem do campo dando-lhe escola, educação sanitária e assistência técnica.

x Facilitar o crédito ao fazendeiro, a longo prazo e juros razoáveis.

Facilitar o escoamento das safras.

7) CASA PRÓPRIA:

A casa própria para moradia da família não é fator de inflação,

x <sup>sim</sup> não um dos principais elementos de equilíbrio social.

8) REMESSA DE LUCROS:

Alguém do Brasil colocaria capital em países que não lhe ofereçam garantias?

Normalização das remessas com justiça.

Fig. 73

### 9) TRANSPORTE MARÍTIMO:

O transporte marítimo é o mais econômico em todo o mundo. No Brasil é o mais oneroso porque o custo do frete é sobre-carregado por um rol de equipagem superior ao dobro das demais fretas estrangeiras.

A ampliação da freta permitirá reduzir o número de tripulantes dos navios atuais, sem a diminuição dos salários e com a   
× redução do frete. Além disso, o marítimo levará uma vida mais confortável nos navios modernos, bem aparelhados.

Os produtos nacionais transportados por nossos navios precisam ser vendidos a preços mais elevados do que se fossem levados por navios estrangeiros. Na competição dos mercados o Brasil perde para outras nações.

### 10) MINÉRIOS:

× Dar ao particular facilidades para explorar as jazidas de minério, de modo a poder concorrer no mercado mundial. Uma severa fiscalização do Estado evitará os exageros.

### 11) REFORMA TRIBUTÁRIA:

A falta de compreensão, consequente da falta de instrução, leva o contribuinte em geral a furtar-se ao pagamento de impostos e taxas ou mesmo reduzir, o quanto possível, tal pagamento.   
× Via de regra o homem considera o imposto uma multa, uma penalidade que lhe é imposta pelo Estado, em vez de uma contribuição indispensável a sobrevivência do Estado para satisfação das necessidades gerais. Eliminando a sonegação, se evita aumento de impostos ajudando o governo a combater a carestia da vida e o desequilíbrio social. Promove-se então a justiça tributária.

### 12) PROBLEMA ELEITORAL:

O que representa o voto; o seu inestimável valor no regime democrático.

Despertar a consciência do eleitor, mostrando sua responsabilidade na escolha dos candidatos.

Fig. 74

**13) DIREITO DE GREVE:**

Que é direito de greve?

Quando é justa a sua aplicação?

**14) IMIGRAÇÃO E CAPITAL ESTRANGEIRO**

Para combater o movimento nacionalista de inspiração totalitária que condena a inversão de capital estrangeiro no Brasil :  
Mostrar a inestimável contribuição do imigrante e do capital estrangeiro para o desenvolvimento nacional num clima de absoluta liberdade de iniciativa.

- × Dar oportunidade ao imigrante de, num prazo determinado, se naturalizar, adquirindo idênticos direitos políticos ao habitante natural de Brasil. Quem não é filho ou decendente de imigrante só pode ser do Indio.

**15) SINDICALISMO:**

Dar liberdade ao sindicalismo, afastando a ingerência do governo. Fortalecimento dos sindicatos pela arrecadação, por eles do imposto sindical e prestação de contas, de sua aplicação, ao tribunal de contas da União.

**16) OS AMIGOS DO TOTALITARISMO:**

A miséria, a exploração, a doença, a ignorância são os melhores aliados do totalitarismo. Como combater esses males.

**17) AÇÃO POLITICA:**

Explicar o que é o Parlamentarismo e Presidencialismo.

Todos os bons cidadãos devem participar da vida política do país para melhorar a situação dos partidos; Elevar o nível da administração pública. A democracia pede a colaboração permanente do verdadeiro cidadão.

**18) DITADURA DA MINORIA:**

Explicar como uma minoria subversiva, ativa, dinâmica, consegue impôr a sua vontade a maioria.  
Como a maioria deve defender-se.

**19) COMBATE AO PERSONALISMO:**

O brasileiro, por absoluta falta de orientação, sempre votou em homens; jamais em idéias. Daí o sucesso dos caudilhos, dos líderes messiânicos, homens de formação reconhecidamente antidemocrática. É preciso mostrar que os homens desaparecem; os líderes passam e as idéias continuam. Exemplo típico é o que nos oferece a igreja católica. Muitos Papas passaram por ela sem que isso alterasse a doutrina religiosa ou abalasse a fé popular.

**20) REGIÕES SUBDESENVOLVIDAS:**

Preservar a Unidade Nacional mediante a integração das regiões menos desenvolvidas na área de produção. O desenvolvimento econômico e social deve ser acelerado para, no menor espaço de tempo, se obtenha o melhor nível de vida.

**21) RELAÇÕES ENTRE EMPREGADOS E EMPREGADORES:**

Integração dos trabalhadores nas empresas;  
Remuneração justa e crescente e acesso aos postos mais altos da direção. Isso significa a prática da democracia social.

**22) IGUALDADE DE OPORTUNIDADE**

A democracia só é viva e atuante quando, além de proclamar a igualdade de direito e deveres, dá a todos a igualdade de oportunidade.

**23) O HOMEM:**

O brasileiro representa o potencial humano da nação. Se ele for bem formado a sociedade será boa.

Fig. 76

A "JEAN MANZON FILMS S/A." que, em síntese, se constitui como que num ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA especializado na defesa de causas ou problemas de toda a natureza através de filmes, pode oferecer, no Brasil, os seguintes serviços, sempre em cooperação direta com V.Sas.

1º) Filmes para orientar a opinião pública e destinados à exibição nos cinemas ou emissores de televisão;

2º) Produção de filmes para orientar platéias especiais (autoridades civis, militares, políticos, técnicos, estudantes etc.);

3º) Produção de filmes especiais para:

- a) treinamento de operários;
- b) treinamento de técnicos;
- c) relações humanas.

4º) Produção de filmes comerciais e institucionais destinados a serem exibidos no exterior.

Permanecemos à inteira disposição de V.Sas. para quaisquer informações que se fizerem necessárias, firmamo-nos nui,

Cordialmente

P.S. Anexamos relação de  
nossos clientes.-

Fig. 77

## Anexo G

Relação de contribuintes do IPÊS que compravam filmes da Jean Manzon (1962)

6

São Paulo, 30 de Outubro de 1962.-

Nº 466/62-GB/AGM

As  
INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS - IPES  
Av. Brigadeiro Luis Antônio, 54 16º andar  
Esta

Prezados Senhores,

Atendendo a sua solicitação, vimos com a presente expor-  
-lhes um resumo geral da situação financeira, referente a con-  
fecção de 110 (cento e dez) cópias em 35m/m do filme "DEPENDE DE  
MIM" e a 17 (dezesete) cópias também em 35m/m do filme "QUE É A DE  
MOCRACIA", de acôrdo com nossas contas 2574/301 e 2577/303, respec-  
tivamente:

Conta 2574/301 = Cr\$2.310.000,00  
Conta 2577/303 = Cr\$ 357.000,00  
T o t a l = Cr\$2.667.000,00

dos quais já foram recebidas as seguintes parcelas:

|   |               |
|---|---------------|
| ORQUIMA - Indústrias Químicas Reunidas S/A. | Cr\$20.000,00 |
| Araripe Campos Rodrigues                    | Cr\$20.000,00 |
| Laboratório Torres S/A.                     | Cr\$20.000,00 |
| Domingos Pires de Oliveira Dias             | Cr\$20.000,00 |
| Jayne Torres                                | Cr\$20.000,00 |
| João Gonçalves                              | Cr\$20.000,00 |
| Serbenlix S/A.                              | Cr\$20.000,00 |
| Rogério Giorgi                              | Cr\$20.000,00 |
| Rubens Maragliano                           | Cr\$20.000,00 |
| Cesare Rivetti                              | Cr\$20.000,00 |
| Mário Calfat                                | Cr\$20.000,00 |
| Edgard Calfat                               | Cr\$20.000,00 |
| Asis Calfat                                 | Cr\$20.000,00 |
| Hermenegildo Martini                        | Cr\$20.000,00 |
| Alvaro Augusto Vidigal                      | Cr\$20.000,00 |

Fig. 78

|  |                        |
|--|------------------------|
| Jeckey Club de São Paulo                 | Cr\$ 200.000,00        |
| Indústrias Textéis Galfat                | Cr\$ 100.000,00        |
| Cia. Incremento de Negócios - C.I.N.     | Cr\$ 740.000,00        |
| Indiana Cia. de Seguros Gerais           | Cr\$ 20.000,00         |
| Vanguard Cia. de Seguros Gerais          | Cr\$ 20.000,00         |
| Editora Abril                            | Cr\$ 20.000,00         |
| Cia. Imobiliária Parque da Mooca         | Cr\$ 20.000,00         |
| Cerâmica São Caetano S/A.                | Cr\$ 20.000,00         |
| João Carlos Rodrigues                    | Cr\$ 20.000,00         |
| Sabrati S/A.                             | Cr\$ 20.000,00         |
| Atilio Flessi                            | Cr\$ 20.000,00         |
| Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais | Cr\$ 425.000,00        |
| Willys-Overland do Brasil S/A.           | <u>Cr\$ 500.000,00</u> |
|  | Cr\$2.425.000,00       |

Assim sendo, resta uma diferença de Cr\$242.000,00 (duzentos e quarenta e dois mil cruzeiros) a nosso favor na presente data.

Sendo o que se nos apresenta para o momento, reiteramos nossos protestos de estima e consideração, mai

Atenciosamente



Fig. 79

## Anexo H

Relação de distribuição de filmes feito pela Jean Manzon Films (1962/1963)

(H)

DISTRIBUIÇÃO DO FILME "DEPENDE DE MIM"  
EM SÃO PAULO

CIRCUITO JOSÉ LUIZ ANDRADE = 30 cópias

Circuitos de Santos, Campinas, Piracicaba, Jundiaí, Araras, Limeira, Americana, Araraquara, Mogi das Cruzes, Catanduva, Ribeirão Preto, e ainda com penetração até Mato Grosso e Goiás.

CIRCUITO EMILIO PEDUTI = 25 cópias

Botucatu, Baurú, Londrina, Maringa, Apucarana e demais Praças do Norte do Paraná que correspondem ao circuito Peduti.

CIRCUITO DE CURITIBA = 12 cópias

Cinemas Avenida, Rivoli, Ritz, Marabá, Lido, Palácio, Opera, Arlequim, São João, Marajó, Flórida, Glória, Guarani, etc.

CIRCUITO DO VERDI NA BAHIA = 10 cópias

CIRCUITO SERRADOR E VERDI SÃO PAULO = 30 cópias

CIRCUITO LIVIO BRUNI = 2 cópias

Cinemas Pigalle e Windsor

Cinema Metro = 1 cópia

|                 |                                      |            |
|-----------------|--------------------------------------|------------|
| <u>RESUMO:-</u> | Cine METRO                           | 1 cópia    |
|                 | CIRCUITO JOSÉ LUIZ ANDRADE           | 30 cópias  |
|                 | CIRCUITO EMILIO PEDUTI               | 25 cópias  |
|                 | CIRCUITO DE CURITIBA                 | 12 cópias  |
|                 | CIRCUITO VERDI NA BAHIA              | 10 cópias  |
|                 | CIRCUITO SERRADOR E VERDI EM S.PAULO | 30 cópias  |
|                 | CIRCUITO LIVIO BRUNI                 | 2 cópias   |
|                 | T O T A L.....                       | 110 cópias |

Fig. 80

São Paulo, 22 de Dezembro de 1962

668/62-GB/AM

Ac  
INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS - IPES  
Av. Brigadeiro Luis Antônio, 54 - 16º andar  
Nesta

Prezados Senhores,

A finalidade da presente é comunicar-lhes que prossegue em todo o Território Nacional a exibição dos filmes abaixo descritos

| <u>Cidade</u>                  | <u>Cinema</u> | <u>data</u> |
|--------------------------------|---------------|-------------|
| <u>CRIANDO HOMENS LIVRES</u>   |               |             |
| Itú                            | Diversos      | 23e24/12    |
| Capital                        | Califórnia    | 24e26/12    |
| Salto de Itú                   | Diversos      | 25e26/12    |
| Jundiaí                        | Diversos      | 27e31/12    |
| São Padre                      | Paroquial     | 30e31/12    |
| Itapetininga                   | Diversos      | 30e31/12    |
| <u>O IPES É O SEQUINTE</u>     |               |             |
| Itatiba                        | Avenida       | 28e29/12    |
| Itapira                        | Rádio         | 29e30/12    |
| Pinhal                         | Eden          | 23e24/12    |
| Andradas                       | Riaco         | 27e28/12    |
| Rib. Pires                     | Brasil        | 29e30/12    |
| <u>NORDESTE PROBLEMA N.º 1</u> |               |             |
| Utinga                         | Diversos      | 28e30/12    |

Fig. 81

| <u>Cidade</u> | <u>Cinema</u> | <u>Data</u> |
|---------------|---------------|-------------|
| P. das Nações | Raf-Roxy      | 28e31/12    |
| Catanduva     | Diversos      | 24e25/12    |

**HISTÓRIA DE UM MAQUINISTA**

|           |          |          |
|-----------|----------|----------|
| São Roque | São José | 23e24/12 |
| Pedreira  | Ypê      | 27e30/12 |
| Capital   | D. Bosco | 27e30/12 |

Oportunamente voltaremos à presença de V.Sas., para in-  
formar a programação das próximas semanas.

Sem mais, firmamo-nos mui,

Atenciosamente



Fig. 82

P.226

(H)

**IPÊS** - INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS  
Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 54 - 16.º Andar - Telefone: 33-5551  
São Paulo

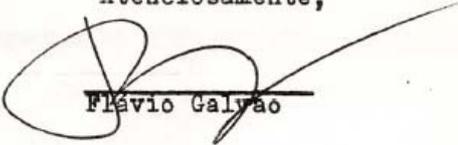
São Paulo, 23 de agosto de 1963

1  
Jean Manzon Filmes S/A  
a/c do Sr. Gilberto  
Rua 24 de maio. 104- conj. 902  
CAPITAL

Prezados Senhores:

Autorizamos o lançamento do filme- documental "Vida Marítima", nas cadeias Serrados e Verdi. Concordamos em pagar o "extra" exigido. Pedimos para que se possível, o lançamento mais rápido e com quantas cópias forem necessárias.

Atenciosamente,

  
Flávio Galvão

lcsw/yip

Fig. 83

p. 280  
Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1963.

Nº 1.217/63-GB/AM

AO  
INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS - IPES  
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 54 - 16º andar  
SÃO PAULO - SP

Prezados Senhores,

Com a presente vimos informar-lhes que o filme documental, objeto de nossa carta nº 1.010/62-JM/ACM, datada de 23 de março de 1962, será distribuído gratuitamente em todo o Território Nacional, através do circuito das Empresas Luiz Severiano Ribeiro, U.C.B. e Atlântida.

No intuito, porém, de melhor servir aos interesses de V.Sas., informamo-lhes que o referido documentário também poderá ser exibido em mais 30 (trinta) cinemas desta Capital (Empresas Sul, Paulista e Serrador).

Essa exibição na Capital poderá ser feita de uma maneira maciça e completada em apenas duas semanas com grande impacto junto ao público.

Para esse circuito complementar, incluindo-se todas as despesas necessárias será cobrada a importância de Cr\$630.000,00 (seiscentos e trinta mil cruzeiros) o qual anexamos o recibo correspondente, para processamento.

Sem mais, firmamo-nos, mui

Atenciosamente



Fig. 84

Anexo I

Carta do IPÊS São Paulo convidando para lançamento do documentária Portos Parálíticos (1963) / Recibo de pagamento para a exibição de Portos Parálíticos (1963)

J

112/63-JB/oa

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1963.

À  
D<sup>ca</sup>. GILDA RIBEIRO  
Moínhos Fluminenses  
Av. Presidente Vargas, 409 - 8<sup>o</sup> andar  
N e s t a

Temos o prazer de convidá-la, bem como sua exma. família, para assistir o filme: "FLOR DE LOTUS", a entrar em exibição no cinema RIAN, no dia 11 do corrente.

Nesta mesma sessão está programado um documentário de nossa produção, intitulado: "PORTOS PARALÍTIÇOS".

Para tal estamos anexando à presente dois ingressos para aquele cinema, válidos até o dia 17 de fevereiro.

Cordialmente.



Fig. 85

238

Pago aos cinemas RIAN e PALACIO a importância de Cr\$ 9.900,00 (nove mil e novecentos cruzeiros), correspondente à aquisição de cinquenta e cinco (55) ingressos, ao valor unitário de Cr\$ 180,00 (cento e oitenta cruzeiros) a fim de serem distribuídos entre nossos clientes e relativos ao documentário patrocinado pelo "INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS": "P O R T O S P A R A L I T I - T I C O S", produção nº 278.

Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1963

A handwritten signature in dark ink, appearing to be 'J. J. J.', with a horizontal line through it.

Fig. 86

Anexo J

Carta do IPÊS autorizando gravação de Deixem o Estudante Estudar (1962)

**IPÊS** - INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS  
Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 54 - 16.º Andar  
São Paulo

São Paulo, 29 de novembro de 1962

À  
Jean Manzon Filmes  
Rua 24 de maio, 104 - 9º andar.  
Em mãos

Prezados Senhores.

Vimos autorizar VV.SS. a fazer a gravação do documentário sôbre os estudantes, conforme nossos entendimentos anteriores.

Subscrevemo-nos, atenciosamente,

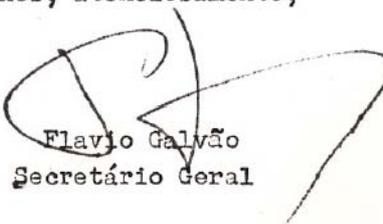
  
Flavio Galvão  
Secretário Geral

Fig. 87

Anexo K

Carta de Jean Manzon para a Universidade do Brasil solicitando locação para gravação de Deixem o Estudante Estudar (1962) (1)

772/62-JB/DAS

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1962.

Ao  
Ilmo. Sr.  
Dr. CARLOS CHAGAS FILHO  
Diretor do Instituto de Biofísica  
Universidade do Brasil  
N e s t a.

Prezado Senhor:

Nossa companhia está realizando um filme documentário sobre a vida e o trabalho dos estudantes do Brasil.

Para tal, solicitamos de V. Excia. se digno facilitar o trabalho de nossa equipe de filmagens, fornecendo ao Sr. Antonio Smith Gámez, portador da presente, as autorizações necessárias ao bom desempenho de sua missão.

Sem outro pormenor, antecipamos nossos agradecimentos, firmando-nos mui,

Atenciosamente.

*ml*

Fig. 88

Anexo L

Mimeo do IPÊS reproduzindo texto sem autoria sobre a UNE e a UIE / Subversão  
(s/d)

# UNE + UIE SUBVERSÃO

A atividade da UNE (União Nacional dos Estudantes) tem sido, nos últimos dez anos, uma preocupação constante dos democratas brasileiros. Por uma razão essencial; é a UNE um foco de atividades anti-nacionais, que atua precisamente no seio da parte mais sensível da juventude, às vezes arrastando-a a posições que contrariam os verdadeiros interesses do País. Pelo mesmo motivo — precisamente pelo mesmo motivo — a entidade jamais saiu das preocupações da agência internacional do Kremlin incumbida de mobilizar a juventude em apoio às maquinações da política soviética. E a verdade é que o Kremlin, através de sua agência, sempre cuidou da UNE com carinho.

Quando os democratas revelavam suas inquietações, não faltava quem gritasse: reacionários. Ali, na Praia do Flamengo 132, está uma Casa da Democracia. Provem que estamos a serviço do comunismo! Pois bem: a própria UNE acaba de prová-lo, ao confessar, com espantosa sem-cerimônia, que **RECEBE DINHEIRO DA UNIÃO INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES, ORGANIZAÇÃO DIRIGIDA PELO KOMSOMOL LENINISTA E COM SEDE EM PRAGA, ONDE HOJE ESTÁ O CENTRO DE IRRADIAÇÃO DA ATIVIDADE SOVIÉTICA PARA O MUNDO OCIDENTAL.**

A confissão está no relatório da Diretoria da entidade ao recente Congresso Nacional de Estudantes; um "acôrdio" com a UIE dá à UNE um lugar na Diretoria daquela organização internacional e mais uma "ajuda" em dinheiro "para passagens, mimeógrafos etc., além da quantia aproximada de dez mil dólares para outras despesas". Que outras despesas? Pergunta que dispensa resposta,

bastando-se olhar para o que faz à UNE. Sim, porque a "obrigação de alfabetizar cinquenta mil brasileiros por ano", assumida pela organização brasileira com a internacional, é algo ridículo. Em primeiro lugar, desde quando alfabetizar brasileiros é uma obrigação assumida com estrangeiros? Em segundo lugar, ninguém ignora que a alfabetização desse tipo sempre foi pretexto de instrumento para a difusão do comunismo. Veja-se a experiência chinesa. Veja-se a experiência cubana. Veja-se a experiência de algumas regiões da África de hoje. **VEJA-A PRÓPRIA EXPERIÊNCIA DA UNE!** O leitor conhece a Cartilha editada pela UNE? Se não conhece, saiba que ela é um verdadeiro manual de difusão das idéias comunistas... Donde se conclue que a UIE não empregaria melhor o seu dinheiro, do ponto de vista do interesse do comunismo, do que o emprega, agora, para esse tipo de "alfabetização"...

Algumas vezes temos chamado a atenção dos democratas para esse foco de subversão, duplamente financiado — por uma agência do Kremlin e pelo nosso Ministério de Educação. Vamos ver se agora, quando eles se sentem com forças para confessar o que sempre esconderam, ainda restarão dúvidas no espírito dos brasileiros de bom senso.



Fig. 89

Anexo M

Recortes de Jornal sobre lançamento de documentários realizados pela Jean  
Manzon Films e IPÊS (1962)

# RECORTE JORNAL

REPORTES DE JORNALIS

Registrado em P. nº 2.5629

O Estado de São Paulo 31 AGO 1963

1963

As sequências relativas ao drama nordestino, juntamente com as dos filmes "primitivos" de Linduarte Noronha, com as de "O Drama das Sêcas", de Rodolfo Nanni, ou mesmo do "A Sêca", de Memolo Jr., estão entre o que de mais expressivo nosso cinema alcançou até hoje nesse assunto. O mesmo sucede no documentário sobre transporte ferroviário, quando expõe os horrores da condução para os subúrbios cariocas. E também com "Formando Homens Livres", o trabalho sobre a urgência da alfabetização, quando, em poucas e cruéis pinceladas, dá uma perfeita idéia do potencial de criminalidade e de dissolução, da monstruosidade que representa o confinamento de milhares de seres humanos nas favelas.

## Cinema

### Quatro documentários

Há um par de dias, na cabana de projeção da "Companhia Cinematográfica Jean Manzon", em sessão que o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) organizou para um grupo de jornalistas, foram apresentados alguns dos curta-metragens realizados para aquele Instituto pela "equipe cinematográfica que funciona sob a orientação de Manzon".

"O IPES é o seguinte", "História de um Maquinista", "Nordeste — Problema n.º 1" e "Formando Homens Livres", os filmes que integraram o programa, também nesse mesmo dia entraram em cartaz em vários dos circuitos exibidores da cidade. Todos os quatro possuem evidentes méritos de realização e tal interesse, força e clareza na maneira pela qual tocam em alguns dos grandes problemas nacionais, que tornam mais do que justa a atenção que lhes dedicamos.

Muito antes de "Água para Milhões" conquistar o "Saci" relativo ao melhor curta-metragem Brasileiro de 1953, já os documentários de Jean Manzon vinham exteriorizando uma qualidade cinematográfica e um poder de síntese e de sugestão indiscutíveis. E isso, não obstante tratar-se de "complementos nacionais" em mídia produzidos sob encomenda de firmas ou administrações, em número excessivo e tempo escasso.

Pois todas essas qualidades de documentarista que Manzon possui e, na medida do possível, transfere a seus colaboradores, estão presentes nos filmes ora realizados para o IPES.

Com uma beleza de imagens que, por momentos, faz lembrar o realismo de Mikio Naruse ou o "marcante" de clássicos de Gustav Ucicky — como "Fluchtlinge" ("Heróis sem Patria") de 33, que tratava do problema dos retirantes da Manchúria — e com uma unidade fotográfica e uma exatidão dramática surpreendentes em obras em parte formadas por fragmentos ou "rodadas" em ocasiões mais diversas, estas quatro fitas do cineasta franco-brasileiro alcançam plenamente seu objetivo.

RAFAEL  
**ITALCO**

TELEGRAMAS PARA TODAS

Serviço no

Recife - Rio de Janeiro  
Tel. 7-811 Tel. 23-1996

E

UNDO.

antos  
29-345

Fig. 90

Anexo N

Documento “Definição de Atitudes” do IPÊS (s/d)

## INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS (IPES)

### DEFINIÇÃO DE ATITUDE

Em agosto de 1961 os países da América, entre eles o Brasil, elaboraram um documento - A Ata da Aliança para o Progresso - conhecida como Declaração de Punta del Este que se pode qualificar como um instrumento perfeito para a concretização, em nosso Hemisfério, dos princípios contidos na Encíclica "Mater et Magistra".

Inspirados nos princípios básicos dessas - dois grandes documentos, definidores e afirmativos da Democracia, e aceitando as teses, promissas e indicações nêles contidos é que nos reunimos, conscientes de nossa responsabilidade na vida pública do país, empresários e democratas para o progresso, na constituição do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES).

Da própria Encíclica "Mater et Magistra" extraímos as sugestões práticas que norteiam o nosso trabalho:

"Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases:- Estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: ver, julgar, e agir. "Nas aplicações destes princípios podem surgir divergências. Quando isto suceder, não falem nunca a consideração, o respeito mútuo e a boa vontade em descobrir os pontos sobre que exista acôrdo, a fim de se conseguir uma ação oportuna e eficaz. Não nos percamos em discussões intermináveis; e sob o pretexto de conseguirmos o ótimo, não deixemos de realizar o bom que é possível, e portanto, obrigatório.

Para ver, julgar e agir, constituimos o IPES.

Nossos objetivos são claros e definidos.

Por meio de pesquisa objetiva e livre discussão, pretendemos chegar a conclusões e recomendações quando a diretrizes das atividades nacionais, no sentido de contribuir para o fortalecimento da Democracia brasileira, através de sua -

Fig. 91

- a - acclerar o desenvolvimento do país;
- b - assegurar uma melhor distribuição da renda nacional;
- c - elevar o padrão de vida do povo; e
- e - preservar a unidade nacional mediante a integração das regiões menos desenvolvidas.

Levaremos, em seguida, essas conclusões e re-  
comendações a todas as camadas do povo brasileiro, a começar  
por nós empresários, a fim de que todos nos tornemos conscien-  
tes e solidários da obtenção de soluções democráticas para os  
problemas do país.

Para atingir êsses objetivos, o IPES adota  
os seguintes postulados, alguns d'êles consubstanciados naqueles  
importantes documentos:

- 1 - O fortalecimento e o aperfeiçoamento das instituições demo-  
cráticas deve ter em vista que: "A história e a experiência  
provam que nos regimes políticos que não reconhecem o direi-  
to de propriedade privada sôbre os bens produtivos, são o -  
primidas ou sufocadas as expressões fundamentais da liberda-  
de; é legítimo, portanto, concluir que estas encontram na-  
quele direito, garantia e incentivo". (Mater et Magistra)
- 2 - O desenvolvimento econômico e social deve ser acelerado a fim  
de, no menor prazo possível, aproximar o nível de vida do  
povo brasileiro dos níveis alcançados pelos povos dos paí-  
ses mais desenvolvidos.
- 3 - É necessária "uma política monetária e fiscal que, sem as  
calamidades da inflação ou deflação, defenda o poder aquisi-  
tivo do povo, garantindo a máxima estabilidade dos preços e  
que seja base adequada para a promoção da poupança". (Alian-  
ça para o Progresso). A legislação tributária deve ser re-  
formada "para exigir mais daqueles que mais possuem, punir  
severamente a evasão de impostos, redistribuir a renda na-  
cional em benefício dos setores mais necessitados e ao mes-  
mo tempo, incentivar as inversões e re-inversões de capi-  
tais e a poupança" (Aliança para o Progresso)
- 4 - A justa remuneração do trabalho, a garantia de adequadas -  
condições para o trabalho, a legitimidade e liberdade de  
representação profissional em sindicatos democráticos cor-  
respondem a interesse direto e profundo da sociedade, porque  
só eles permitem estabelecer sistemas eficientes de relações

Fig. 92

- 5 - Deve-se incentivar, dentro das peculiaridades de cada região, "programas de reforma agrária inteiramente orientada na efetiva transformação, onde se fizer necessária, das estruturas e injustos sistemas de propriedade e exploração da terra com o objetivo de substituir o regime de latifúndio e minifúndio por um sistema justo de propriedade, de tal maneira que, mediante a complementação de crédito oportuno e adequado, da assistência técnica, da comercialização e distribuição dos produtos, a terra venha a constituir para o homem que nela trabalha, base de sua estabilidade econômica, fundamento de seu bem estar progressivo e garantia de sua liberdade e dignidade" (Aliança para o Progresso).

Para assegurar a produtividade e melhoria da produção agrícola em geral, a valorização do homem do campo e o êxito da reforma agrária onde ela se impuser, é indispensável estabelecer para a agricultura, planos, programas e condições que provoquem, aceleradamente, um surto idêntico ao que se verificou, nos últimos anos, no plano industrial.

- 6 - É imperativo nacional a solução definitiva e imediata do problema do analfabetismo, ampliando-se, paralelamente, em grande escala, as oportunidades de educação técnica, secundária e superior, adaptando-se às peculiaridades locais.
- 7-- A execução de programas de saneamento, higiene e habitação, destinados a defender o potencial humano da Nação, exige alta prioridade.
- 8 - Devemos observar que a "cooperação científica, técnica e econômica, entre os países mais adiantados e aqueles que se encontram ainda na fase inicial ou a caminho do progresso, e exige uma expansão maior ainda que a atual" (Mater et Magistra)
- 9 - A atividade privada deve ser estimulada a promover o desenvolvimento do país em ritmo que possa proporcionar oportunidades de trabalho e de progresso para todos.

Para a concretização de tais objetivos o IPES se propõe a lutar, a fim de manter no Brasil um clima em que a liberdade e as instituições de democracia representativa assegurem as melhores condições para satisfazer, entre outros, os anseios de trabalho, teto, propriedade, escola e saúde do povo brasileiro.

Fig. 93

Orgão orientado por empresários democráticos, o IPES convida todos os brasileiros a adotarem os seus postulados e a participarem dos seus esforços pelo bem da Pátria.

|                                   |                               |
|-----------------------------------|-------------------------------|
| A.C. Facheco e Silva              | Jorge Oscar de Mello Flores   |
| Amador Aguiar                     | Jose Erminio de Moraes Filho  |
| Americo Jacobina Lacombe          | José Ferraz de Camargo        |
| Antonio Galloti                   | José Julio de Azevedo e Sá    |
| Antonio Favisate                  | José Luiz Magalhães de Lins   |
| Antonio Carlos Amaral Osorio      | José Luiz Moreira Souza       |
| Angelo Mario Cerne                | José Pires de Oliveira Dias   |
| Augusto Trajano Azevedo Antunes   | José Ulpiano de Almeida Prado |
| Azarias Martins Villela           | José Vasconcellos Carvalho    |
| Candido Guinle de Paula Machado   | Julio Cruz Lima               |
| Camilo Ansarah                    | Lelio Toledo Piza Almeida Fº  |
| Clycon de Paiva                   | Luiz de Moraes Barros         |
| Mario de Almeida Magalhães        | Luiz Toledo Piza Sobrinho     |
| Décio Ferraz                      | Mauricio Villela              |
| Domingos Pires de Oliveira Dias   | Mauro Lindenberg Monteiro     |
| Eudoro Villela                    | Miguel Lins                   |
| Fernando E. Lee                   | Ney Peixoto do Valle          |
| Fernando Machado Portela          | Nicolau Filizola              |
| Gastão Mesquita Filho             | Octavio Marcondes Ferraz      |
| Geraldo Alonso                    | Octávio Pereira Lopes         |
| Gilbert Huber Jr.                 | Oscar Augusto de Camargo      |
| Guilherme Borghoff                | Oswaldo Tavares Ferreira      |
| Guilherme da Silveira Filho       | Oswaldo de Broyne Silveira    |
| Gustav Borghoff                   | Othon Barcellos               |
| Harold Cecil Poland               | Paulo Ayres Filho             |
| Helio Muniz de Souza              | Paulo de Almeida Barbosa      |
| Humberto Monteiro                 | Paulo Reis de Magalhães       |
| Israel Klabin                     | Renato Heinzelmann            |
| Jayne Torres                      | Salim Chamma                  |
| João Baptista Leopoldo Figueiredo | Sergio Mellão                 |
| João Soares do Amaral Neto        | Vicente de Paula Ribeiro      |
| Jorge Behring de Mattos           |                               |

Fig. 94

## Anexo O

Lista da Jean Manzon Films com as produções realizadas para o IPÊS (1962)

F I L M E S   P A R A   O   I P Ê S

- PRODUÇÃO Nº 291 - "APRESENTAÇÃO DO IPÊS"
- PRODUÇÃO Nº 292 - "A FINALIDADE PATRIÓTICA DA UNE"
- PRODUÇÃO Nº 293 - "VAMOS REDIMIR O NORDESTE"
- PRODUÇÃO Nº 294 - "A EDUCAÇÃO": Problema fundamental do Brasil.  
Saber para votar bem:
- PRODUÇÃO Nº 295 - "FERROVIAS" A crise das ferrovias brasileiras  
Deficits e empreguismo.

Fig. 95

Anexo P

Texto do IPÊS "Educação Seletiva" (1962)

EDUCAÇÃO SELETIVA

Comentários sobre a reunião do Comité Executivo  
do dia 29

Glycon de Paiva

Cheguei à conclusão que o Comité Executivo tem pensamento comum a respeito da oportunidade de estabelecimento de mecanismo para a educação democrática não só da elite empresarial, como também dos elementos do meio estudantil e sindical. Essa tarefa, na sua generalidade, é grande e levará algum tempo a estabelecer-se, provavelmente mais de um ano. Poderá ser tão importante que exigirá a constituição de um organismo independente do IPES, um Instituto de Educação Democrática, com vida própria, orçamento, secretaria, tesouraria, serviço de expedição, reprodução de documentos e atividades análogas.

Cheguei à conclusão que o essencial é começar a fazê-lo em ponto pequeno, a título exploratório ou prospectivo, de modo a reconhecer bem as dificuldades, caracterizá-las e dar tempo aos responsáveis a adquirir uma certa experiência para uma atividade nova. O processo de crescimento dessa atividade será o de adição, cursos novos. A presença de vários cursos simultâneos exigirá uma organização e uma hierarquia. O sucesso maior ou menor dos cursos e a sua generalização pelo Brasil dependerão da receptividade deles, da sua utilidade e da atitude que os empresários tomarem em relação a essa atividade educativa.

CURSO INICIAL PROSPECTIVO

Penso que o mês de dezembro poderá ser utilizado para preparar-se a abertura de um curso [Curso de Educação Democrática para Empresários], a iniciar-se em 7 de janeiro, com aulas das 5 as 7 da noite, duas vezes por semana, num total de 15 aulas e uma sessão de encerramento do curso a 7 de março. O objetivo desse curso inicial será o preparo dos empresários para que eles possam, por sua vez, transmitir os conhecimentos adquirido no seio das empresas que possuem ou a que pertençam, fazendo esses curso para a elite da empresa. O mesmo material do curso feito para as elites poderá ser traduzido em linguagem mais popular para ser transmitido ao operariado e ao pessoal subalterno das empresas, em curso interno, na própria fábrica ou empresa, onde as lições seria acompanhadas com projeções cinematográficas de filmes atinentes à matéria.

Fig. 96

### PESSOAL DISCENTE

O 1º grupo de alunos poderão ser membros do atual Grupo de Integração, que se inscreverem ao primeiro curso e que deverão somar não mais de 30 pessoas. Os conferencistas serão escolhidos de acordo com a especialidade das conferências e poderão ser elementos do IPES ou professores especializados apalavrados e pagos para execução das tarefas que lhe forem destinadas. Deverá haver uma inscrição formal e uma explicação prévia sobre os objetivos do curso, assim como um compromisso da parte dos inscritos para um comparecimento ao mínimo de aulas. Todas as conferências serão apostiladas. Entendo que cada sessão deverá ser composta de uns 50 minutos de aula e o restante do tempo para debate e explicação entre professor e alunos.

### FUNDOS PARA O 1º CURSO EXPLORATÓRIO

Os fundos para o 1º curso poderão ser obtidos do próprio IPES. As despesas se resumirão no pagamento das aulas e na reprodução das conferências.

### MATÉRIA PARA O CURSO

A matéria para o curso precisa ser carinhosamente estudada para que cubra, de fato, os pontos essenciais de uma educação de morrática do empresário. A lista anexa contém uma tentativa incompleta de exposição da matéria.

Fig. 97

## Anexo Q

Texto do IPÊS "O Brasil quer tranquilidade" (1962)

©. Ex., 4/6/62

## O. BRASIL QUER TRANQUILIDADE

Todo período pré-eleitoral vem sendo caracterizado no Brasil, através dos anos, por agitações cujo propósito não é qvidentemente facilitar o curso normal do processo democrático. Nesse trabalho anticívico e anti-social, os extremos se encontram.

Entre os fabricantes de desordem estão muitos daquêles aos quais o povo delegou a tarefa de manter a ordem, para que o país possa trabalhar e progredir em paz. Agitando, ôles não servem ao povo, não ajudam a nação a resolver os seus problemas, colocam o país em permanente estado de ebulição. A sanção para essa gente é o voto livre do povo e é esse voto que os forjadores de crises querem evitar.

Cada crise política que o país enfrenta se reflete negativamente na situação já crítica daquêles que vivem <sup>de renda</sup> ~~de renda~~ ~~fixa~~; desanima investidores, intranquiliza aquêles que têm responsabilidade na produção, no transporte e na distribuição. ~~fator emocional age nesses casos de forma semelhante ao de um~~ ~~catástrofe sísmica.~~

O processo de desenvolvimento econômico e social tem íntima relação com o aperfeiçoamento político. Um país sem elites dirigentes é uma sub-nação, incapaz de conduzir-se a si mesmo e de impor respeito externo. É necessário, pois, que os dirigentes dirijam, evitando o nivelamento com os marginais da política, pois ôstes só podem causar danos reais à nação quando os que têm responsabilidades se omitem.

O Brasil está saturado de demagogia e de falsos líderes que manipulam ôste país como se fôsse coisa sua. Pessoas que brincam com a difícil situação nacional com a inconsciência dos irresponsáveis, ciosos de que têm nas mãos todos os cordões e que poderão em qualquer época puxá-los para onde lhes aprou ver.

Fig. 98

*A op. pública est participando da trama dos extremos* 2.

O que está interessando a opinião pública não é a trama dos extremos, felizmente restrita a certas áreas bem conhecidas: O que preocupa, o que está causando danos à estabilidade política e social, é a falta de equacionamento certo de nos seus problemas, a ausência de planejamento sério e de ação.

Há tarefas enormes a desempenhar no país que só poderão ser levadas a bom termo se houver tranquilidade na família brasileira.

Todos os problemas podem ser solúveis desde que haja disposição sincera de vencê-los. As crises, em sua maioria, são artificiais, algumas delas geradas de propósito, num criminoso descaso pelos 70 milhões de brasileiros que querem ordem para trabalhar, paz e justiça e prodiga em recursos e em oportunidades.

No momento em que grande número de Governadores Estaduais se reúnem em Araxá, refletindo os anseios e as preocupações do momento nacional, fazemos um apêlo à união dos brasileiros, no sentido de que se concentrem no esforço comum e desinteressado ~~pele Brasil, pois~~ a Democracia legitimamente exercida ~~é~~ a única opção para os povos conscientes e livres de tutela.

IPES - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais.

Fig. 99

Anexo R

Relatório de informantes da Jean Manzon Films sobre a exibição do documentário  
“Nordeste problema numero um” (1962)

INFORMANTE: *Geraldo Kamasseri*

CINEMA: *Palácio*

DIA: *13-10-62*

DOCUMENTÁRIO? *X*

JINGLE?

JORNAL?

PRODUTOR: *Jean Manzon Films Sa*

PATROCINADOR: *IPÊS*

ASSUNTO: *Nordeste Problema nº 1*

OBSERVAÇÕES: *Das cenas mais chocantes de pobreza, fez com que o espectador respirasse mais baixo e mais profunda*

Fig. 100

INFORMANTE: *Luis Ramirez*

CINEMA: *Galacio*

DIA: *13/10/62*

DOCUMENTÁRIO? *Sim*      JINGLE? —      JORNAL? —

PRODUTOR | *Jean Manzon FILMES*

PATROCINADOR: *I. P. E. S.*

ASSUNTO: *"NORDESTE - PROBLEMA n.º 1"*

OBSERVAÇÕES: *Sessão lotada. Houve uma  
certa reacção de lastima quando focali-  
zada a cena do enterro da criança.  
Causou, mesma, forte impressão.* *Spindley*

Fig. 101